

100 HISTÓRIAS INFANTIS



Sumário

Sobre o Livro.....	6
A Galinha Ruiva	7
O coelho das orelhas compridas	10
Para a Água, Patinho!.....	11
Arco-íris	12
O Cravo e a Rosa	13
A História do Eu, do Tu e do Ele	14
Alice no País das Maravilhas	15
A Galinha dos Ovos de Ouro	21
A Pequena Vendedora de Fósforos	24
O Soldadinho de Chumbo	29
Um Visitante Diferente	36
Zinho, O Detetive.....	37
A Menina e o Vampiro	40
A Galinha Ruiva	42
Ali Babá e os Quarenta Ladrões.....	44
A Festa no Céu	46
A Princesa e a Ervilha.....	49
A Pequena Sereia	51
Rapunzel.....	55
O Gato das Botas	60
A Bela Adormecida.....	64
Branca de Neve	69
Os Dois Irmãozinhos.....	74
Cinderela	77

Cachinhos Dourados e os Três Ursos.....	83
O Pássaro Que Enganou o Gato	89
Os Três Porquinhos.....	90
A Raposa e o Corvo.....	93
O Moinho Mágico.....	96
O Crocodilo	98
Porque É Que Os Galos Cantam De Dia?	99
O Flautista de Hamelin	103
Os Sete Cabritinhos e o Lobo Mau	106
Chapeuzinho Vermelho.....	112
A Fábula do Leão e do Rato.....	116
Saci-Pererê.....	118
A Cama Na Árvore.....	121
A Casa De Adeira	123
A Casa Feita De Sonho	124
A Coruja Julieta.....	126
A Filha da Árvore.....	128
A Mentira Tem Perna Curta.....	133
A Ratita Tita	137
As Coisas Que Mais Gostamos.....	143
As Cores do Outono	145
As Fadas dos Sonhos.....	146
A Noite de Natal do Pequeno Rei	148
Boa Noite, Tita	155
Brincando Juntas.....	158
Castanhas Quentes.....	159

Frutos do Mar	160
Ninguém Gosta da Lua!.....	161
O Autocarro Na Árvore	163
O Avô Faz Batota	164
O Balão Em Forma de Lua	166
O Dragão Violeta	167
O Elefante Com Sede	168
O Gato Que Chora	170
O Menino Sol Que Nunca Queria Ir Dormir.....	175
O Porquinho Dorminhoco.....	177
O Ratinho das Amoras	180
O Urso Mário	183
Obrigado, Tita!.....	184
Os Negociantes de Velharias.....	187
Os Negociantes de Velharias.....	189
Um Urso à Caça.....	191
Uma Noite Barulhenta	195
Uma Nova Casa	199
Uma Visita Fora do Normal	200
A Angústia do Domingo à Noite.....	201
Os Génios do Parque.....	205
Pog e os Passarinhos	207
A Árvore do Avô.....	211
A Boneca e o Cavalo Branco	215
A Criança Que se Aborrece e a Criança Que Brinca Sozinha.....	218
A História do Rapaz Alto e Tímido	223

A Pequena Bruxinha e os Seus Óculos Mágicos	226
As Sereias Não Gostam de Discussões	229
Diz Obrigado à Senhora!	232
Estou Triste.....	236
Estou Zangado.....	238
Laura e o Rato Desgosto	240
O Grande Segredo de Clarisse	243
O Papá Urso Foi Embora.....	247
Quando Eu Tinha Medo do Escuro	250
As Duas Casas de Josefa	252
Ser Irmão Mais Velho.....	255
O Botão de Reduzir Mães.....	256
Onde Está o Jaime?	261
O Coelho da Páscoa	264
Micha e o Mistério da Páscoa – Visita Tardia.....	266
Micha e o Mistério da Páscoa – Conversas Noturna	275
Micha e o Mistério da Páscoa – Em Casa dos Avós	279
Micha e o Mistério da Páscoa – A Favor ou Contra Jesus?	281
Micha e o Mistério da Páscoa – Um Novo Dia	286
Micha e o Mistério da Páscoa – O Último Caminho	289
Um Pequeno Anjo - Natal	292
Um Natal Muito Especial.....	294
Tenho Um Tigre.....	298
Era Uma Vez Um Dia	299
O Sono e o Sonho.....	301
Castelos de Areia	302

Sobre o Livro

Querido(a) aluno(a),

As histórias a seguir não são de autoria da Lívia Alencar. Elas foram coletadas pela equipe de especialistas da Lívia de diferentes sites e estão disponíveis livremente na Internet para qualquer pessoa e, portanto, são de responsabilidade dos sites que disponibilizam as mesmas. As fontes (sites) e autores foram devidamente citados abaixo de cada história.

O objetivo desta coletânea é facilitar para que em um mesmo local nossos alunos possam encontrar um repertório de histórias de qualidade. As histórias a seguir foram escolhidas pois apresentam uma releitura especial, ou seja, são histórias contadas na versão de seus contadores.

Esse é o cenário mais mágico na vida de um contador - quando não só repetimos as histórias, mas damos a elas nossa própria versão.

Esse é o principal objetivo deste material - que você aluno(a) possa se inspirar, aumentar seu repertório e contar suas próprias versões.

Com carinho,

Equipe de Coordenação da Lívia Alencar

A Galinha Ruiva

Era uma vez uma galinha ruiva chamada Marcelina que vivia rodeada de muitos animais. Era uma granja muito grande no meio do campo. No estábulo viviam as vacas e os cavalos; os porquinhos tinham o seu próprio chiqueiro. Havia até um tanque com patos e um cercado com muitas galinhas. Havia na granja também uma família grande que cuidava dos animais, entre eles um gato e um cachorro. Um dia a galinha ruiva, escavando a terra encontrou um grão de trigo.

Pensou que se plantasse o grão de trigo, depois poderia fazer pão para ela e todos os seus amigos.

- Quem vai me ajudar a semear o trigo? Perguntou a galinha.
- Eu não, disse o pato.
- Eu não, disse o gato.
- Eu não, disse o cachorro.
- Muito bem, pois eu plantarei sozinha, disse a galinha.

E assim, Marcelina semeou o seu grão de trigo, sozinha, com muito cuidado. Abriu um buraco na terra e o tapou. Passado algum tempo o trigo cresceu e amadureceu se tornando uma bonita planta.

- Quem vai me ajudar a colher o trigo? Perguntou a galinha ruiva.
- Eu não, disse o pato.
- Eu não, disse o gato.
- Eu não, disse o cachorro.

– Muito bem, se não querem me ajudar, eu colherei sozinha mesmo, exclamou Marcelina.

E a galinha, com muito esforço colheu sozinha, o trigo. Teve que cortar com o seu pequeno bico um a um dos talos. Quando acabou, muito cansada perguntou aos seus companheiros:

– Quem vai me ajudar a debulhar o trigo?

– Eu não, disse o pato.

– Eu não, disse o gato.

– Eu não, disse o cachorro.

– Muito bem, eu debulharei sozinha.

Estava muito chateada com os outros animais, assim que se pôs sozinha a debulhar o trigo. Triturou com paciência até que conseguiu separar o grão da palha. Quando acabou, voltou a perguntar:

– Quem vai me ajudar a levar o trigo para o moinho para convertê-lo em farinha?

– Eu não, disse o pato.

– Eu não, disse o gato.

– Eu não, disse o cachorro.

– Muito bem, eu levarei e amassarei sozinha mesmo, respondeu Marcelina.

E como a farinha fez uma deliciosa e macia barra de pão. Após cozi-

nhar o pão, muito tranquilamente perguntou:

– E agora, quem vai querer comer pão? Voltou a perguntar a galinha ruiva.

– Eu, eu! Disse o pato.

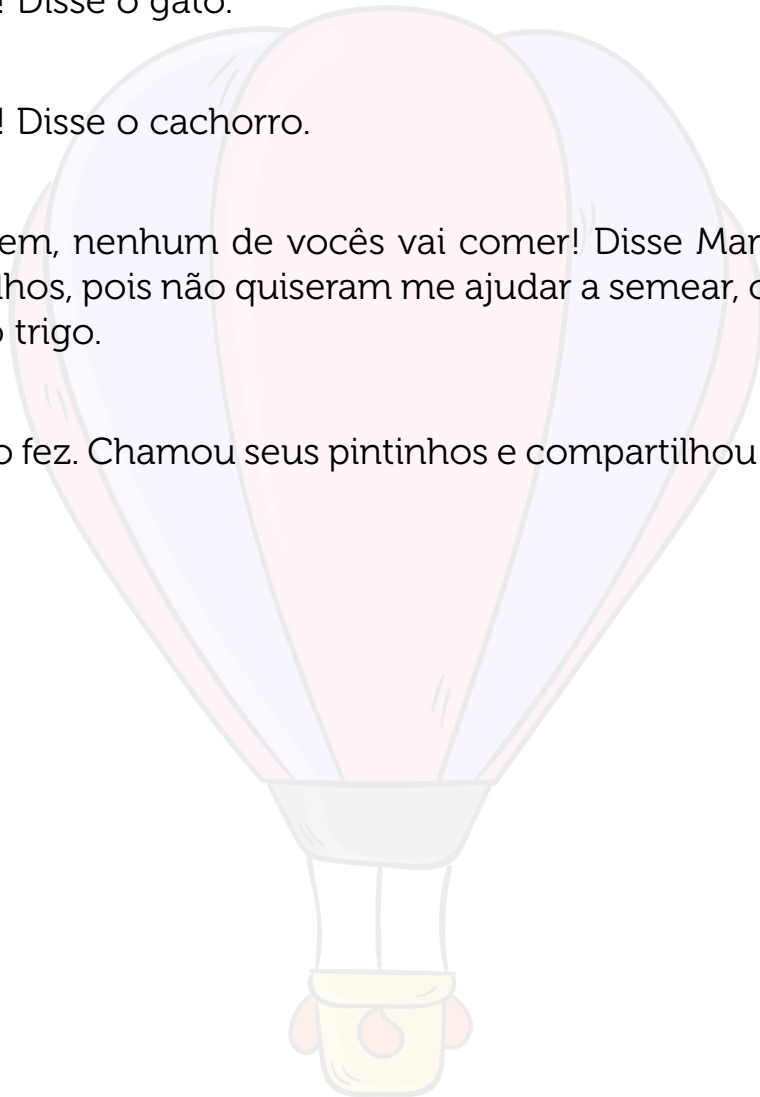
– Eu, eu! Disse o gato.

– Eu, eu! Disse o cachorro.

– Pois bem, nenhum de vocês vai comer! Disse Marcelina. Comerei eu e os meus filhos, pois não quiseram me ajudar a semear, colher, debulhar, nem amassar o trigo.

E assim o fez. Chamou seus pintinhos e compartilhou o pão com eles.

(Byron Barton)



O coelho das orelhas compridas

Amanhecia no bosque quando o coelhinho das orelhas grandes saiu de casa com o seu macacão azul e uma cesta, para comprar legumes e frutas.

Saltando entre pinheiros e amoras, de onde começaram a sair tordos, cães e ratinhos para o ajudar nas compras, logo chegou à feira.

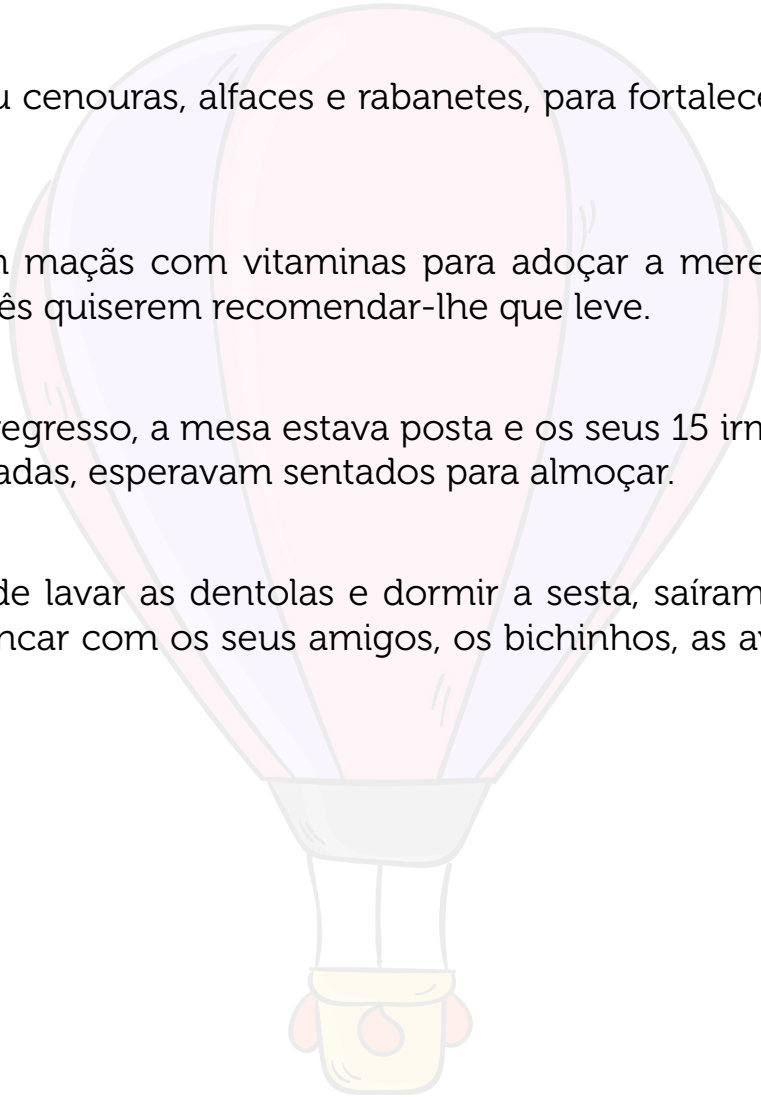
Escolheu cenouras, alfaces e rabanetes, para fortalecer os olhos e os dentes.

Também maçãs com vitaminas para adoçar a merenda e todas as outras que vocês quiserem recomendar-lhe que leve.

No seu regresso, a mesa estava posta e os seus 15 irmãozinhos, com as patinhas lavadas, esperavam sentados para almoçar.

Depois de lavar as dentolas e dormir a sesta, saíram, como recompensa, para brincar com os seus amigos, os bichinhos, as aves e os insetos do bosque.

(Site O meu bebê)



Para a Água, Patinho!

Era uma vez um patinho pequenino, bonito, inteligente e amarelinho, que gostava de brincar, correr, cantar, saltar e nadar.

Mas não gostava de tomar banho.

A sua mamã, preocupada, inventou-lhe uma canção.

Pegando na esponja e no sabão, cantava na banheira:

“P’rà água, patinho, vamo-nos lavar e com o sabãozinho vamo-nos esfregar.”

O patinho ouviu a canção e escondeu-se debaixo da cama, mas a mamã continuava a cantá-la.

O patinho, curioso, quis ver o que fazia a mamã no banho e...

– QUAC!- gritou o patinho.

A mamã brincava e cantava, entretida com a espuma.

Estava mesmo a divertir-se!

O patinho correu a mergulhar na banheira, para cantar a canção e brincar junto com a sua mamã.

(Site O meu bebê)

Arco-íris

Quando chove e aparece o sol, a luz que bate nas gotas de água desenha no céu esse maravilhoso fenômeno semicircular chamado arco-íris, e que é formado por uma família de sete cores.

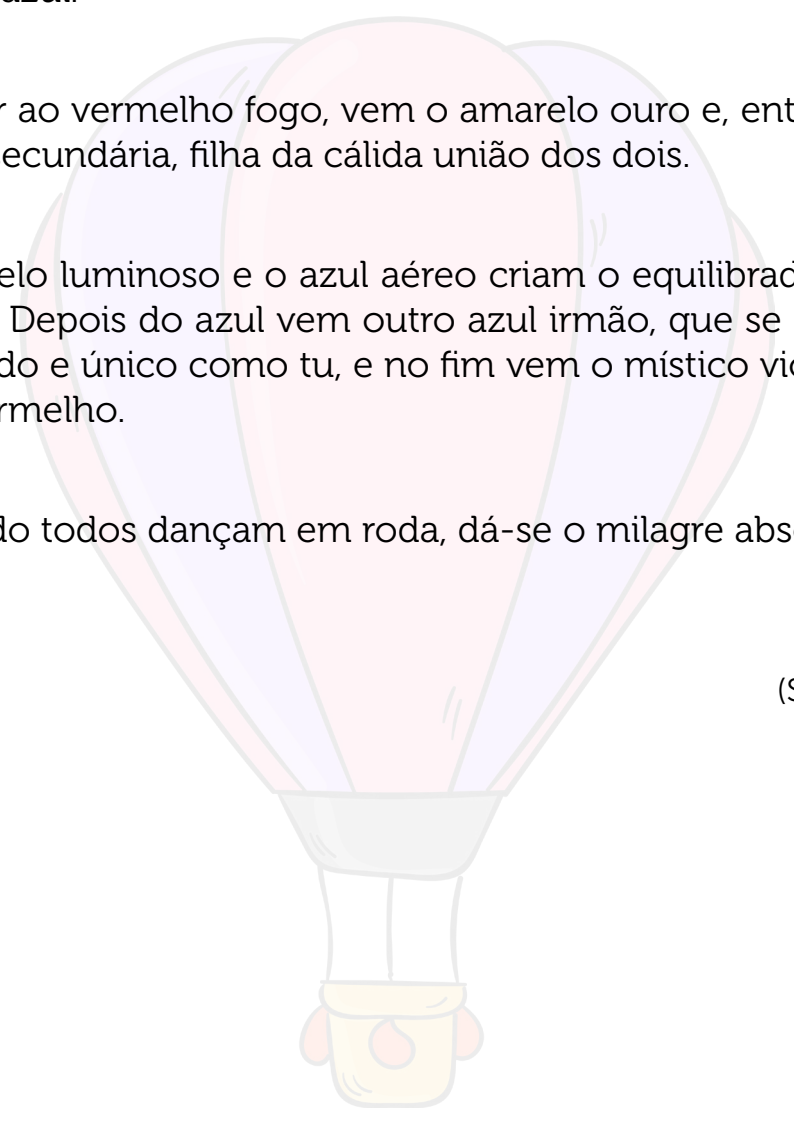
Os pais primários de todas as cores que existem são três: o vermelho, o amarelo e o azul.

A seguir ao vermelho fogo, vem o amarelo ouro e, entre os dois, fica o laranja, cor secundária, filha da cálida união dos dois.

O amarelo luminoso e o azul aéreo criam o equilibrado verde, dono da primavera. Depois do azul vem outro azul irmão, que se chama anil ou índigo, profundo e único como tu, e no fim vem o místico violeta, fusão do azul com o vermelho.

E quando todos dançam em roda, dá-se o milagre absoluto do branco: o arco-íris!

(Site O meu bebê)



O Cravo e a Rosa

Num jardim um aroma chama tenção, este exala por todo jardim

Lá bem no meio a mais bela de todas as rosas vive a sonhar

Um belo dia plantaram bem juntinho dela um cravo

Este se pôs a crescer, tão belo e charmoso cobiçado por todas as rosas.

Mas este se encantou só por uma delas, a mais bela de todas.

Esta por tua vez nem lhe deu bola, coitado do cravo!

Sentiu-se o mais infeliz de tantas flores belas foi logo escolher justo ela!

A rosa mal dava bola mal olhava pra ele, este foi entristecendo e com o passar dos dias foi definhando cada vez mais.

Foi arrancado deste jardim e jogado fora.

Quase sem vida, passou uma pessoa e o viu ali naquele estado.

Pegou-o com muito cuidado e carinho, levou pro teu jardim, e o plantou com todo amor

Passado o tempo este cresceu lindo novamente cobiçado por todas as rosas.

Lá viveu teus dias feliz esquecendo que um dia conheceu a mais bela que amor a ele negou.

Hoje quem vive só é elapois amor lhe negou e igual a este..... ja-mais encontrou.

(Estrela Dalva – Recanto das Letras)

A História do Eu, do Tu e do Ele

Era uma vez o Eu, o Tu e o Ele que moravam na mesma rua, numa pequena cidade.

Cada um deles vivia numa linda casinha, muito confortável, com vista para o mar. Os três tinham uma boa vida pois nada lhes faltava: tinham boa comida, muitos brinquedos e uma caminha muito fofinha onde todas as noites se aconchegavam e sonhavam lindos sonhos.

Mesmo não tendo nada de mau nas suas vidas, o Eu, o Tu e o Ele sentiam que algo lhes faltava, mas não conseguiam descobrir o quê.

Numa linda manhã de sol, cada um deles saiu da sua casinha para dar um passeio, e coincidiu de se encontrarem, os três, à beira mar. Por um instante, ficaram a olhar uns para os outros espantados, pois nunca se tinham visto antes.

Então os três, curiosos em saber quem era cada um deles, começaram a falar todos ao mesmo tempo, perguntando uns aos outros, quem eram, onde viviam e quais eram as suas brincadeiras favoritas.

Depois de muita conversa, gargalhadas e brincadeiras, o Eu, o Tu e o Ele descobriram finalmente aquilo que lhes faltava... Eles precisavam de amigos! Precisavam de outros com quem pudessem partilhar os seus afetos, as suas conversas e brincadeiras.

A partir daí, o Eu, o Tu e o Ele, passaram a ser Nós, um grupo de amigos muito unidos e feliz!

(Autoria: Tania Santos)

Alice no País das Maravilhas

Era uma vez, uma linda menina que se chamava Alice. Seus cabelos eram dourados como a cor do sol, sempre presos por uma faixa preta no alto da cabeça; sua pele era bem clara.

Numa bela tarde, Alice estava sentada no jardim de sua casa, embaixo de uma grande árvore. Gigi, sua gatinha, dormia tranquilamente em seu colo.

– Ah! Se eu pudesse ter meu próprio mundo... Os animais e as flores falariam! Seria tão mágico... – falou Alice, enquanto viajava em seus pensamentos.

De repente, naquele mesmo instante, um coelho branco, vestido de colete vermelho e calça preta, atravessou o seu jardim apressadamente, tirou o relógio do bolso, consultou as horas e disse:

– É tarde, é tarde! Vou chegar atrasado!

Alice, que tinha a mente aberta, não se espantou quando o viu falar.

– Ora, ora! Aonde vai com tanta pressa, Senhor Coelho? – perguntou a menina curiosa.

– É tarde, é tarde! Estou com muita pressa! – falou o coelho, muito afobado.

E assim, o Coelho Branco correu apressadamente em direção a um arbusto, no pé de uma árvore, e desapareceu.

– Hum... Para onde foi o coelho apressado? Por que ele estava vestido e tinha um relógio? Que curioso! – Alice falou enquanto refletia sobre o ocorrido.

Nunca vira isso antes. Depressa, repousou no chão a sua gatinha, que ainda dormia, e caminhou em direção à árvore. Ela estava disposta a descobrir o mistério de tudo aquilo.

Olhou cuidadosamente para o arbusto no pé da árvore em busca de uma resposta. Até que, encontrou uma pequena entrada levemente escondida pelas folhas do arbusto. Para ver melhor, ela afastou os seus galhos cuidadosamente. Vendo que o buraco era grande o suficiente para passar, resolveu entrar e ir atrás do coelho.

Foi engatinhando alguns passos pelo túnel, quando de repente...

– Ui! O que está acontecendo? Estou escorregando! – exclamou surpresa.

Na verdade, o que parecia ser a toca do coelho revelou ser um buraco profundo em forma de poço. As paredes do buraco eram bem-feitas e repletas de estantes de livros, luminárias, quadros e flores. Estranhamente, Alice caía devagar, como se fosse uma pena. O poço era muito longo e a sua descida foi demorada, até que, finalmente, terminou caindo sobre um piso xadrez.

Ela estava agora em uma pequena sala. Nela havia uma janela, uma cortina fechada e uma mesa redonda. Uma pequena chave dourada, frutas e um monte de outras coisas estavam sobre a mesa. Enquanto observava o local, Alice afastou as cortinas e descobriu uma pequena porta branca fechada. Pensou que o coelho teria passado por ali.

A menina tentou abri-la, mas a maçaneta protestou:

– Você é muito grande para passar pela porta! Além disso, a porta está trancada.

– Desculpe-me! Eu preciso sair daqui. Você pode me ajudar? – pediu Alice.

– Em cima da mesa tem um pequeno frasco azul. Beba apenas três goles e será o suficiente para você passar pela porta! Mas antes de passar, use a chave para destrancar a porta. – falou a maçaneta.

Alice seguiu as instruções, porém bebeu além dos três goles e ficou pequena demais para alcançar a chave que estava sobre a mesa.

Vendo o tamanho da menina, a maçaneta recomendou que ela comesse uma banana que estava na fruteira. Por sorte, uma banana estava pendurada na beira da mesa. Alice a comeu e ficou enorme, muito alta!

– Ai, ai! Nunca mais passarei por esta porta! – falou Alice soluçando, enquanto suas lágrimas caíam. Chorou tanto, que suas lágrimas inundaram a sala, atravessando a fresta da porta, atingindo o jardim.

Cansada de chorar, Alice olhou para a janela da sala. Através dela, avistou tartarugas, marrecos, golfinhos e uma foca, que nadavam em círculos no lago criado por suas lágrimas. No momento em que ela observava os animais, ouviu um pequeno estalo. CRAC! Como um toque de magia, uma fina camada de parede se abriu em sua frente e Alice pôde passar por ela, chegando ao outro lado. Ela agora estava no centro do lago, em uma pequena ilha. Assim que os animais estavam próximos, ela lhes disse:

– Olá! Vocês podem me ajudar a voltar ao meu tamanho normal?

– Claro, é muito fácil! Nade conosco! Dê três voltas em círculos e voltará ao seu tamanho normal. – falaram.

E assim ela fez. Enquanto nadava, avistou o Coelho Branco passar correndo do outro lado, deixando cair suas luvas e seu leque.

Quando Alice deu a última volta, aproveitou e deu um mergulho. Quando levantou-se, havia voltado ao seu tamanho normal.

A menina agradeceu aos animais pela grande ajuda, despediu-se deles e apressou-se para alcançar o Coelho Branco. Por sorte, logo ela o avisou. Assim que o coelho notou a presença de Alice, foi em sua direção.

– O que você faz aqui, Madalena? Volte para casa, busque minhas luvas e meu leque! – disse o coelho para Alice, confundindo-a com outra pessoa.

– Ora! Não sou Madalena. Sou Alice! – respondeu a menina, imaginando que o coelho estivesse maluco.

– Chega de desculpas! Vá buscar o que lhe pedi! Depressa, porque estou atrasado! E depois traga-os até mim, não posso esperar! – ordenou o coelho.

Dito isso, o coelho saiu correndo. Alice pensou em dizer a ele que tinha visto seus pertences caídos, mas era tarde demais. O coelho já havia desaparecido.

Ela ainda tentou alcançá-lo, mas, no meio do caminho, deparou-se com uma encruzilhada, cheia de placas que apontavam para todos os lados. Ficou confusa e desapontada, sem saber qual caminho seguir.

Naquele mesmo instante, ouviu uma risada vindo do alto de uma árvore. Mas Alice não viu nada. De repente, um gato roxo apareceu, do nada. Tinha um largo sorriso, cheio de dentes, como ela nunca havia visto antes!

– Olá senhor gato, poderia me dizer para aonde devo ir? – perguntou Alice.

– Depende aonde você quer chegar! – respondeu o Gato Risonho. – Para a direita mora o Chapeleiro e para a esquerda mora a Lebre Maluca.

Em seguida, o gato deu outra risada e desapareceu.

Alice resolveu seguir o caminho da direita. Mais adiante, ela encontrou a Lebre Maluca, o Chapeleiro e o Ratinho, sentados ao redor de uma mesa cheia de guloseimas. O Ratinho estava sentado na ponta. Parecia que eles comemoravam alguma coisa.

– O que vocês estão fazendo? – a menina perguntou assim que se aproximou deles.

– Estamos festejando o desaniversário do Ratinho!

– Desaniversário? O que é um desaniversário? – perguntou Alice.

– Hahahahaha! – riram os dois.

– Festa de desaniversário é um evento que pode ser comemorado em qualquer dia que não seja a data do seu aniversário! – explicou a Lebre Maluca.

– Ah! Entendi!

Eles conversavam animadamente em volta da mesa, riam e pulavam, quando Alice foi surpreendida com o estouro de uma bexiga, provocado pelo Chapeleiro. Chateada com a brincadeira e com o susto que havia levado, resolveu ir embora.

Sem saber o caminho de volta para casa, Alice ficou parada no bosque. Novamente, o gato risonho apareceu e lhe indicou um caminho. Sem pensar duas vezes, ela seguiu por ele. Logo, chegou em um lugar que parecia ser um gigantesco jardim.

– Olá! Pode me dizer que lugar é esse? – perguntou Alice a um jardineiro que, ao lado de outros vestidos como ele, pintava com tinta vermelha todas rosas brancas que encontrava.

– Olá! Este é o jardim da Rainha de Copas! – respondeu ele, olhando com curiosidade para a menina.

– Por que estão pintando as rosas? – perguntou curiosa.

– Porque plantamos rosas brancas por engano. A rainha disse que deveriam ser todas vermelhas! – explicaram.

Neste mesmo instante, soaram os clarins e a Rainha de Copas apareceu, acompanhada do rei. Logo à frente, estava o Coelho Branco, que anunciava a chegada da rainha.

– Ah! Era por isso que o coelho estava sempre com pressa! Ele precisava anunciar a chegada da rainha. – concluiu Alice.

Quando a rainha viu a menina, perguntou-lhe:

– Ei, você! De onde você veio? Para onde vai?

– Quero encontrar o meu caminho de volta para casa! – explicou Alice.

– Seu caminho? Aqui todos os caminhos são meus! – falou a rainha, furiosa.

– Mas... Minha rainha, deixe-me explicar! – falou Alice.

– Basta! Eu já disse que aqui todos os caminhos são meus!

E assim, a rainha ordenou:

– Prendam-na!

– Espere, minha rainha, talvez a menina saiba jogar croquet! – falou o rei.

Croquet é um jogo caseiro, praticado com bolas de madeira que, impulsionadas por meio de tacos, devem passar sob pequenos arcos fincados na grama.

Um pouco mais calma, a rainha suspirou e ordenou que dessem uma bola e um taco para Alice. Quando a rainha percebeu que a menina não sabia jogar, ordenou que seus guardas a tirassem dali.

Alice tentou se defender, mas, quando percebeu, estava sendo julgada pela rainha e por todos do reino. Sua acusação: tentar roubar um dos caminhos da rainha.

Quando tudo parecia perdido, inesperadamente, ela ouviu o miado de sua gatinha Gigi. Estava novamente no jardim florido de sua casa.

– Nossa! Que sonho mais esquisito! – disse Alice espreguiçando-se! A mais pura verdade é que tudo não havia passado de um sonho.

(Escrito por Merari Tavares)

A Galinha dos Ovos de Ouro

ERA UMA VEZ um casal sem filhos que vivia numa pequena cidade do interior. Eles eram conhecidos por serem muito avaros e nunca estarem satisfeitos com nada. Se estava sol, queixavam-se do calor; se estava frio e chuva queixavam-se de viver num sítio onde nem sequer podiam sair de casa...

Para além do mais, eram capazes de tudo por uma moeda de ouro!

Um dia, um duende brincalhão que por ali passava ouviu o que se comentava na cidade sobre esse casal, e decidiu provar se era verdade tudo aquilo que se dizia sobre eles.

Numa tarde em que o marido vinha da floresta carregado com lenha, o duende apareceu-lhe de dentro do tronco de uma árvore e disse-lhe: "Olá bom homem! Sentes-te bem? Pareces cansado e triste... Será que estás com fome ou doente?"

O homem, um pouco assustado com a presença do duende, respondeu: "Não... não estou doente nem cansado, e também não tenho fome... nada de mal se passa comigo. Só estou triste porque eu e a minha mulher somos pobres e não conseguimos ter muitas coisas boas como gostaríamos de ter..."

Então o duende respondeu: "Se não tens fome nem frio nem estás doente, então alegra-te porque não és pobre!".

Mas o homem insistiu: "Sou sim. Um homem que não tem ouro é pobre!".

O duende riu-se e respondeu: "Olha que estás enganado. Eu se quiser posso ter todo o ouro do mundo, pois como sou duende sei onde se escondem todos os tesouros. Mas a mim o que me faz falta é a luz do dia, ter o que comer e uma casa quentinha onde possa dormir descansado. Além disso preciso de ter saúde e ser forte para poder caminhar e apreciar tudo o que me rodeia. E como tenho tudo isso sou muito rico e feliz!"

“Disparate!” Disse o homem, e insistiu “Ser pobre quer dizer que não se tem ouro. E como eu não tenho ouro não posso ser feliz”.

“Tenho muita pena de ti homem” disse-lhe o duende “E para que sejas feliz como achas que deves ser, vou dar-te uma galinha que todos os dias porá um ovo de ouro. Só terás de esperar e recolher todos os dias um ovo. Não tarda nada, terás todo o ouro que sempre desejaste ter e tu e a tua mulher serão felizes para sempre”.

Do tronco onde estava o duende saiu uma galinha que cacarejava alegremente. O homem, espantado, colocou-a rapidamente debaixo do braço e desatou a correr ladeira abaixo direitinho a casa, enquanto o duende ria às gargalhadas.

Assim que entrou em casa mostrou à sua esposa a galinha e contou-lhe tudo o que tinha acontecido.

Marido e mulher ficaram toda a noite à espera que a galinha pusesse o tão desejado ovo de ouro. De manhã cedo, a galinha começou a cacarejar e, pouco depois, surgiu debaixo dela um enorme e brilhante ovo de ouro!

Ao verem o ovo, o casal ficou radiante mas, minutos depois, a mulher comentou: “Que chatice... teremos de esperar até amanhã para termos outro ovo de ouro!”. Ao que o marido respondeu: “Pois é... que azar. Terão de passar muitas semanas até termos ovos suficientes para sermos os mais ricos da cidade. Devia ser por isso que o duende se ria às gargalhadas quando me deu a galinha”.

Então a mulher lembrou-se: “Sempre ouvi dizer que as galinhas já têm dentro delas todos os ovos que vão pôr... Se isso é verdade, porque é que não matamos agora a galinha e tiramos todos os ovos de ouro de uma vez? Seremos bem mais espertos do que o duende pensa!”.

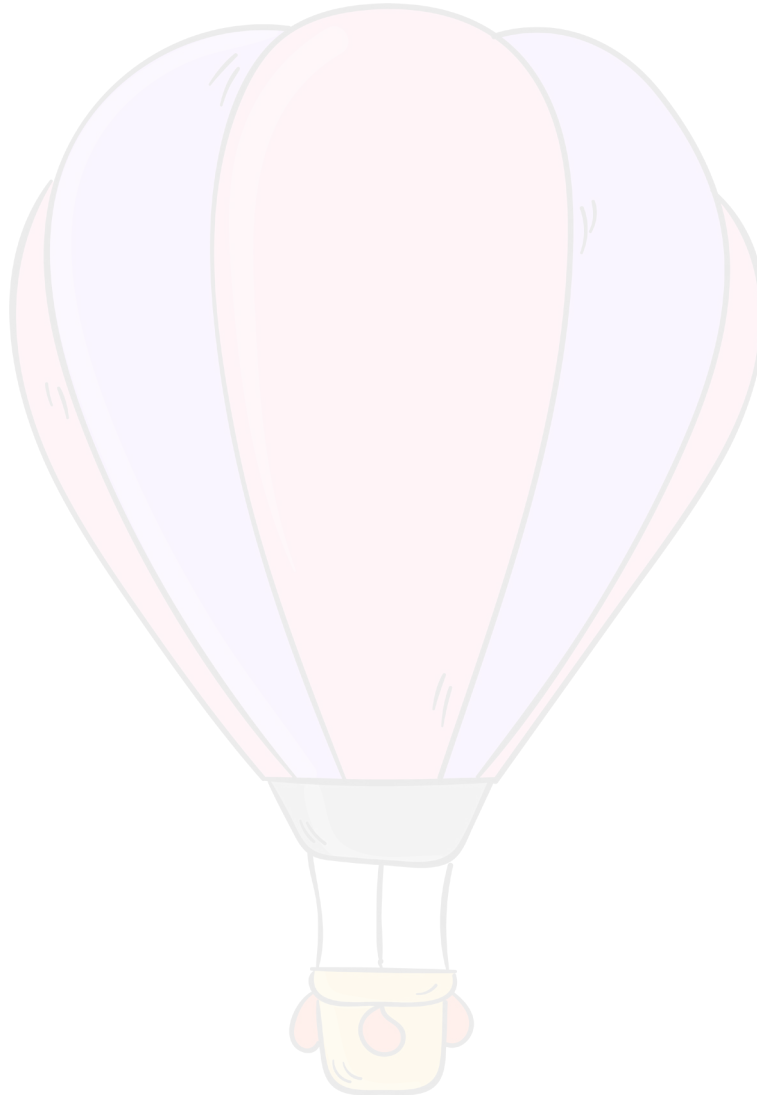
O homem concordou, e sem hesitar, pegaram na pobre galinha e abriram-na para assim poderem tirar todos os ovos.

Mas qual não foi o espanto do casal ao ver que dentro da galinha não havia nenhum ovo de ouro...

Marido e mulher começaram a praguejar e a chorar, lamentando-se da sua sorte, pois por ganância tinham perdido para sempre a galinha dos ovos de ouro.

Espreitando pela janela, o duende ria-se e abanava a cabeça, pensando que a verdadeira felicidade não está em ter ou não ouro mas está sim no coração de cada um.

(Site Bebe Atual)



A Pequena Vendedora de Fósforos

Fazia um frio terrível; caía a neve e estava quase escuro; a noite des-
cia: a última noite do ano.

Em meio ao frio e à escuridão uma pobre menina, de pés no chão
e cabeça descoberta, caminhava pelas ruas.

Quando saiu de casa trazia chinelos; mas de nada adiantavam, eram
chinelos tão grandes para seus pequenos pézinhos, eram os antigos chine-
los de sua mãe.

A menina os perdera quando escorregara na estrada, onde duas
carruagens passaram terrivelmente depressa, sacolejando.

Um dos chinelos não mais foi encontrado, e um menino se apoderara
do outro e fugira correndo.

Depois disso a menina caminhou de pés nus - já vermelhos e ro-
xos de frio.

Dentro de um velho avental carregava alguns fósforos, e um feixinho
deles na mão.

Ninguém lhe comprara nenhum naquele dia, e ela não ganhara se-
quer um níquel.

Tremendo de frio e fome, lá ia quase de rastos a pobre menina, ver-
dadeira imagem da miséria!

Os flocos de neve lhe cobriam os longos cabelos, que lhe caíam sobre
o pescoço em lindos cachos; mas agora ela não pensava nisso.

Luzes brilhavam em todas as janelas, e enchia o ar um delicioso chei-
ro de ganso assado, pois era véspera de Ano-Novo.

Sim: nisso ela pensava!

Numa esquina formada por duas casas, uma das quais avançava mais que a outra, a menininha ficou sentada; levantara os pés, mas sentia um frio ainda maior.

Não ousava voltar para casa sem vender sequer um fósforo e, portanto sem levar um único tostão.

O pai naturalmente a espancaria e, além disso, em casa fazia frio, pois nada tinham como abrigo, exceto um telhado onde o vento assobiava através das frinchas maiores, tapadas com palha e trapos.

Suas mãozinhas estavam duras de frio.

Ah! bem que um fósforo lhe faria bem, se ela pudesse tirar só um do embrulho, riscá-lo na parede e aquecer as mãos à sua luz!

Tirou um: trec! O fósforo lançou faíscas, acendeu-se.

Era uma cálida chama luminosa; parecia uma vela pequenina quando ela o abrigou na mão em concha...

Que luz maravilhosa!

Com aquela chama acesa a menininha imaginava que estava sentada diante de um grande fogão polido, com lustrosa base de cobre, assim como a coifa.

Como o fogo ardia! Como era confortável!

Mas a pequenina chama se apagou, o fogão desapareceu, e ficaram-lhe na mão apenas os restos do fósforo queimado.

Riscou um segundo fósforo.

Ele ardeu, e quando a sua luz caiu em cheio na parede ela se tornou transparente como um véu de gaze, e a menininha pôde enxergar a sala do outro lado. Na mesa se estendia uma toalha branca como a neve e sobre ela havia um brilhante serviço de jantar. O ganso assado fumegava maravilhosamente, recheado de maçãs e ameixas pretas. Ainda mais maravilhoso era ver o ganso saltar da travessa e sair bamboleando em sua direção, com a faca e o garfo espetados no peito!

Então o fósforo se apagou, deixando à sua frente apenas a parede áspera, úmida e fria.

Acendeu outro fósforo, e se viu sentada debaixo de uma linda árvore de Natal. Era maior e mais enfeitada do que a árvore que tinha visto pela porta de vidro do rico negociante. Milhares de velas ardiam nos verdes ramos, e cartões coloridos, iguais aos que se vêem nas papelarias, estavam voltados para ela. A menininha espichou a mão para os cartões, mas nisso o fósforo apagou-se. As luzes do Natal subiam mais altas. Ela as via como se fossem estrelas no céu: uma delas caiu, formando um longo rastilho de fogo.

“Alguém está morrendo”, pensou a menininha, pois sua vovozinha, a única pessoa que amara e que agora estava morta, lhe dissera que quando uma estrela cala, uma alma subia para Deus.

Ela riscou outro fósforo na parede; ele se acendeu e, à sua luz, a avozinha da menina apareceu clara e luminosa, muito linda e terna.

- Vovó! - exclamou a criança.

- Oh! leva-me contigo!

Sei que desaparecerás quando o fósforo se apagar!

Dissipar-te-ás, como as cálidas chamas do fogo, a comida fumegante e a grande e maravilhosa árvore de Natal!

E rapidamente acendeu todo o feixe de fósforos, pois queria reter diante da vista sua querida vovó. E os fósforos brilhavam com tanto fulgor

que iluminavam mais que a luz do dia. Sua avó nunca lhe parecera grande e tão bela. Tornou a menininha nos braços, e ambas voaram em luminosidade e alegria acima da terra, subindo cada vez mais alto para onde não havia frio nem fome nem preocupações - subindo para Deus.

Mas na esquina das duas casas, encostada na parede, ficou sentada a pobre menininha de rosadas faces e boca sorridente, que a morte enregelara na derradeira noite do ano velho.

O sol do novo ano se levantou sobre um pequeno cadáver.

A criança lá ficou, paralisada, um feixe inteiro de fósforos queimados.
- Queria aquecer-se - diziam os passantes.

Porém, ninguém imaginava como era belo o que estavam vendo, nem a glória para onde ela se fora com a avó e a felicidade que sentia no dia do Ano Novo.

Curiosidades

Esse conto nos faz refletir questões importantes como: o abandono, a miséria, a fome, a indiferença, a inveja, a exclusão.

É importante que pensemos nessas questões e no que podemos fazer para ajudar a tornar a vida do nosso próximo e por consequência, a nossa melhor.

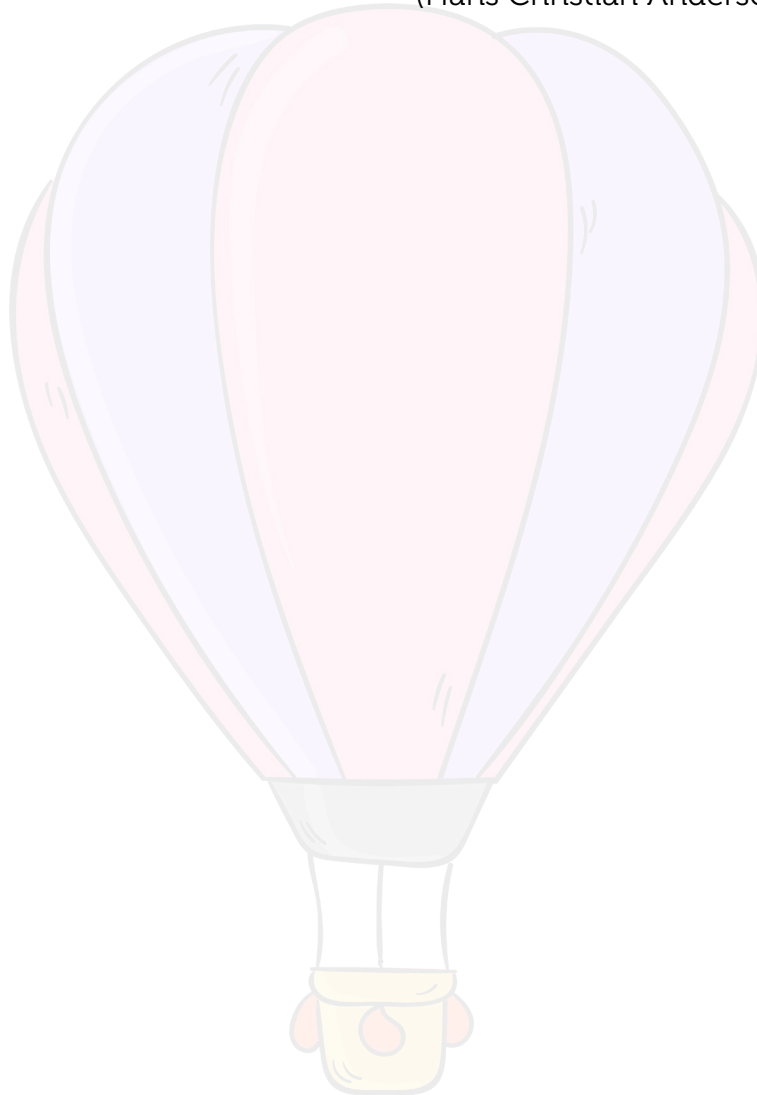
Que as pequenas e os pequenos vendedores de fósforo tenham histórias lindas, cheias de amor, compaixão, ajuda, carinho e felicidade.

Sugerimos algumas atividades para trabalhar esse lindo conto:

- Fazer um mural com recortes de jornais e revistas que retratem situações semelhantes às vividas pelo personagem do conto e discuti-las em classe,

- Propor a produção de um final feliz para o conto,
- Trabalhar o Estatuto da Criança e do Adolescente,
- Promover uma campanha de agasalhos e alimentos para alguma comunidade próxima.

(Hans Christian Andersen, site QDivertido)



O Soldadinho de Chumbo

Numa loja de brinquedos havia uma caixa de papelão com vinte e cinco soldadinhos de chumbo, todos iguaizinhos, pois haviam sido feitos com o mesmo molde. Apenas um deles era perneta: como fora o último a ser fundido, faltou chumbo para completar a outra perna. Mas o soldadinho perneta logo aprendeu a ficar em pé sobre a única perna e não fazia feio ao lado dos irmãos.

Esses soldadinhos de chumbo eram muito bonitos e elegantes, cada qual com seu fuzil ao ombro, a túnica escarlate, calça azul e uma bela pluma no chapéu. Além disso, tinham feições de soldados corajosos e cumpridores do dever.

Os valorosos soldadinhos de chumbo aguardavam o momento em que passariam a pertencer a algum menino.

Chegou o dia em que a caixa foi dada de presente de aniversário a um garoto. Foi o presente de que ele mais gostou:

— Que lindos soldadinhos! — exclamou maravilhado.

E os colocou enfileirados sobre a mesa, ao lado dos outros brinquedos. O soldadinho de uma perna só era o último da fileira.

Ao lado do pelotão de chumbo se erguia um lindo castelo de papelão, um bosque de árvores verdinhas e, em frente, havia um pequeno lago feito de um pedaço de espelho.

A maior beleza, porém, era uma jovem que estava em pé na porta do castelo. Ela também era de papel, mas vestia uma saia de tule bem franzida e uma blusa bem justa. Seu lindo rostinho era emoldurado por longos cabelos negros, presos por uma tiara enfeitada com uma pequenina pedra azul.

A atraente jovem era uma bailarina, por isso mantinha os braços erguidos em arco sobre a cabeça. Com uma das pernas dobrada para trás, tão dobrada, mas tão dobrada, que acabava escondida pela saia de tule.

O soldadinho a olhou longamente e logo se apaixonou, e pensando que, tal como ele, aquela jovem tão linda tivesse uma perna só.

“Mas é claro que ela não vai me querer para marido”, pensou entristecido o soldadinho, suspirando.

“Tão elegante, tão bonita... Deve ser uma princesa. E eu? Nem cabo sou, vivo numa caixa de papelão, junto com meus vinte e quatro irmãos”.

À noite, antes de deitar, o menino guardou os soldadinhos na caixa, mas não percebeu que aquele de uma perna só caíra atrás de uma grande cigarreira.

Quando os ponteiros do relógio marcaram meia-noite, todos os brinquedos se animaram e começaram a aprontar mil e uma. Uma enorme bagunça!

As bonecas organizaram um baile, enquanto o giz da lousa desenhava bonequinhos nas paredes. Os soldadinhos de chumbo, fechados na caixa, golpeavam a tampa para sair e participar da festa, mas continuavam prisioneiros.

Mas o soldadinho de uma perna só e a bailarina não saíram do lugar em que haviam sido colocados.

Ele não conseguia parar de olhar aquela maravilhosa criatura. Queria ao menos tentar conhecê-la, para ficarem amigos.

De repente, se ergueu da cigarreira um homenzinho muito mal-en-carado. Era um gênio ruim, que só vivia pensando em maldades.

Assim que ele apareceu, todos os brinquedos pararam amedrontados, pois já sabiam de quem se tratava.

O geniozinho olhou a sua volta e viu o soldadinho, deitado atrás da cigarreira.

— Ei, você aí, por que não está na caixa, com seus irmãos? — gritou o monstrinho.

Fingindo não escutar, o soldadinho continuou imóvel, sem desviar os olhos da bailarina.

— Amanhã vou dar um jeito em você, você vai ver! - gritou o geniozinho enfezado.

Depois disso, pulou de cabeça na cigarreira, levantando uma nuvem que fez todos espirrarem.

Na manhã seguinte, o menino tirou os soldadinhos de chumbo da caixa, recolheu aquele de uma perna só, que estava caído atrás da cigarreira, e os arrumou perto da janela.

O soldadinho de uma perna só, como de costume, era o último da fila.

De repente, a janela se abriu, batendo fortemente as venezianas. Teria sido o vento, ou o geniozinho maldoso?

E o pobre soldadinho caiu de cabeça na rua.

O menino viu quando o brinquedo caiu pela janela e foi correndo procurá-lo na rua. Mas não o encontrou. Logo se consolou: afinal, tinha ainda os outros soldadinhos, e todos com duas pernas.

Para piorar a situação, caiu um verdadeiro temporal.

Quando a tempestade foi cessando, e o céu limpou um pouco, chegaram dois moleques. Eles se divertiam, pisando com os pés descalços nas poças de água.

Um deles viu o soldadinho de chumbo e exclamou:

— Olhe! Um soldadinho! Será que alguém jogou fora porque ele está quebrado?

— É, está um pouco amassado. Deve ter vindo com a enxurrada.

— Não, ele está só um pouco sujo.

— O que nós vamos fazer com um soldadinho só? Precisaríamos pelo menos meia dúzia, para organizar uma batalha.

— Sabe de uma coisa? — Disse o primeiro garoto. —Vamos colocá-lo num barco e mandá-lo dar a volta ao mundo.

E assim foi. Construíram um barquinho com uma folha de jornal, colocaram o soldadinho dentro dele e soltaram o barco para navegar na água que corria pela sarjeta.

Apoiado em sua única perna, com o fuzil ao ombro, o soldadinho de chumbo procurava manter o equilíbrio.

O barquinho dava saltos e esbarrões na água lamacenta, acompanhado pelos olhares dos dois moleques que, entusiasmados com a nova brincadeira, corriam pela calçada ao lado.

Lá pelas tantas, o barquinho foi jogado para dentro de um bueiro e continuou seu caminho, agora subterrâneo, em uma imensa escuridão. Com o coração batendo fortemente, o soldadinho voltava todos seus pensamentos para a bailarina, que talvez nunca mais pudesse ver.

De repente, viu chegar em sua direção um enorme rato de esgoto, olhos fosforescente e um horrível rabo fino e comprido, que foi logo perguntando:

— Você tem autorização para navegar? Então? Ande, mostre-a logo, sem discutir.

O soldadinho não respondeu, e o barquinho continuou seu incerto caminho, arrastado pela correnteza. Os gritos do rato do esgoto exigindo a autorização foram ficando cada vez mais distantes.

Enfim, o soldadinho viu ao longe uma luz, e respirou aliviado; aquela viagem no escuro não o agradava nem um pouco. Mal sabia ele que, infelizmente, seus problemas não haviam acabado.

A água do esgoto chegara a um rio, com um grande salto; rapidamente, as águas agitadas viraram o frágil barquinho de papel.

O barquinho virou, e o soldadinho de chumbo afundou.

Mal tinha chegado ao fundo, apareceu um enorme peixe que, abrindo a boca, engoliu-o.

O soldadinho se viu novamente numa imensa escuridão, espremido no estômago do peixe. E não deixava de pensar em sua amada: "O que estará fazendo agora sua linda bailarina? Será que ainda se lembra de mim?".

E, se não fosse tão destemido, teria chorado lágrimas de chumbo, pois seu coração sofria de paixão.

Passou-se muito tempo — quem poderia dizer quanto?

E, de repente, a escuridão desapareceu e ele ouviu quando falavam:

— Olhe! O soldadinho de chumbo que caiu da janela!

Sabem o que aconteceu? O peixe havia sido fogado por um pescador, levado ao mercado e vendido a uma cozinheira. E, por cúmulo da coincidência, não era qualquer cozinheira, mas sim a que trabalhava na casa do menino que ganhara o soldadinho no aniversário.

Ao limpar o peixe, a cozinheira encontrara dentro dele o soldadinho, do qual se lembrava muito bem, por causa daquela única perna.

Levou-o para o garotinho, que fez a maior festa ao revê-lo. Lavou-o com água e sabão, para tirar o fedor de peixe, e endireitou a ponta do fuzil, que amassara um pouco durante aquela aventura.

Limpinho e lustroso, o soldadinho foi colocado sobre a mesma mesa em que estava antes de voar pela janela. Nada estava mudado. O castelo de papel, o pequeno bosque de árvores muito verdes, o lago reluzente feito de espelho. E, na porta do castelo, lá estava ela, a bailarina: sobre uma perna só, com os braços erguidos acima da cabeça, mais bela do que nunca.

O soldadinho olhou para a bailarina, ainda mais apaixonado, ela olhou para ele, mas não trocaram palavra alguma. Ele desejava conversar, mas não ousava. Sentia-se feliz apenas por estar novamente perto dela e poder amá-la.

Se pudesse, ele contaria toda sua aventura; com certeza a linda bailarina iria apreciar sua coragem. Quem sabe, até se casaria com ele...

Enquanto o soldadinho pensava em tudo isso, o garotinho brincava tranqüilo com o pião.

De repente como foi, como não foi — é caso de se pensar se o geniozinho ruim da cigarreira não metera seu nariz —, o garotinho agarrou o soldadinho de chumbo e atirou-o na lareira, onde o fogo ardia intensamente.

O pobre soldadinho viu a luz intensa e sentiu um forte calor. A única perna estava amolecendo e a ponta do fuzil envergava para o lado. As belas cores do uniforme, o vermelho escarlate da túnica e o azul da calça perdiam suas tonalidades.

O soldadinho lançou um último olhar para a bailarina, que retribuiu com silêncio e tristeza. Ele sentiu então que seu coração de chumbo começava a derreter — não só pelo calor, mas principalmente pelo amor que ardia nele.

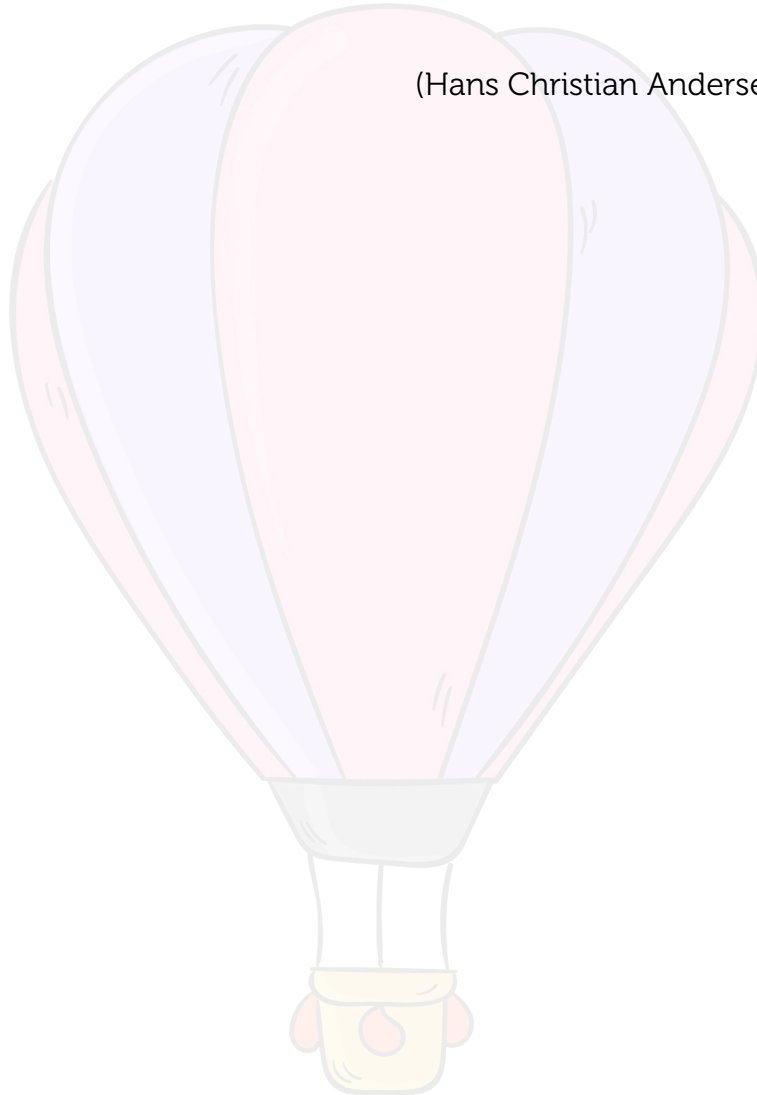
Naquele momento, a porta escancarou-se com violência, e uma rajada de vento fez voar a bailarina de papel diretamente para a lareira, bem junto ao soldadinho. Bastou uma labareda e ela desapareceu. O soldadinho

também se dissolveu completamente.

No dia seguinte, a arrumadeira, ao limpar a lareira, encontrou no meio das cinzas um pequenino coração de chumbo: era tudo que restara do soldadinho, fiel até o último instante ao seu grande amor.

Da pequena bailarina de papel só restou a minúscula pedra azul da tiara, que antes brilhava em seus longos cabelos negros.

(Hans Christian Andersen, site QDivertido)



Um Visitante Diferente

Dispersado de sua terra, passaram-se muitos anos até que o povo de Israel estivesse morando novamente em Jerusalém. Mesmo assim, ele não tinha soberania.

O império romano e sua força militar dominava muitos povos, entre eles, os israelitas que também tinham de pagar impostos aos romanos. Dessa forma, o rei que governava as terras de Israel, era escolhido pelo imperador romano e chamava-se Herodes.

Também havia naquela mesma época, um sacerdote chamado Zacarias, casado com Isabel. Os dois eram pessoas justas e viviam conforme os mandamentos de deus.

Eles queriam muito ter filhos, mas já estavam ficando velhos para ter um bebê.

Além de Zacarias, os israelitas tinham outros sacerdotes que, como ele, cuidavam do templo e faziam tudo o que fosse necessário para prestar culto a Deus.

Estes sacerdotes sempre escolhiam um deles, para entrar no santuário e adorar a Deus.

Certo dia, Zacarias foi escolhido para essa tarefa. E, enquanto cuidadosamente preparava o altar, surgiu de repente um anjo. Zacarias ficou perturbado e também com medo.

(M. M. - site QDivertido)

Zinho, O Detetive

O Detetive Zinho estava em seu quarto arrumando suas coisas de detetive, quando ouviu um grito pavoroso:

- Aaaiiii!

Zinho saltou da cama, pegou sua lupa e seu chapéu, e abriu a porta do seu quarto. Daí ouviu o grito de novo:

- Aaaiiii!

Zinho quase se assustou. Mas aí lembrou-se que um verdadeiro detetive não se assusta. Engoliu o susto em seco e pegou um desentupidor de pia que estava no corredor. Com o desentupidor debaixo do braço ele se sentiu mais confiante para enfrentar aquela ameaça terrível. E pôs-se a investigar de onde viriam os gritos.

- Aaaiiii!

Era o grito pavoroso de novo. Zinho já estava no alto da escada quando decidiu pegar mais uma arma: entrou no quarto da mãe e saiu de lá com um sutiã na mão para usar como se fosse estilingue. Testou o suti-estilingue e... funcionava. Lançou uma bola de meia longe. A bola bateu no espelho do corredor, voltou e bateu na cabeça de Zinho, que ficou meio atordoado. O que mostrava que o suti-estilingue funcionava.

- Aaaiiii!

Quanto mais descia a escada mais pavoroso o grito ficava. E o detetive Zinho resolveu se armar de um tênis largado pelo irmão mais velho bem no pé da escada. O tênis estava muito sujo e Zinho fez a besteira de cheirar o tênis do irmão.

- Arrgghh! Que chulé! – disse Zinho tapando o nariz.

Era mais uma arma perfeita contra o que quer que fosse que estava causando aqueles gritos de medo. E por falar em grito:

- Aaaiiii!

Passando pelo banheiro no corredor o detetive Zinho entrou. Pelo barulho que fez deve ter derrubado um monte de coisas lá dentro. E saiu armado de papel higiênico (pra amarrar o inimigo), uma escova de dentes (caso ele esteja com mal-hálito) e um rodo (que podia ser usado como espada ou coisa assim).

Carregado com todos esses apetrechos o detetive Zinho ouviu novamente:

- Aaaaaahhhhhh!

O grito tinha ficado ainda mais pavoroso. E finalmente Zinho pode identificar de onde vinha o grito: da cozinha.

Aproximou-se com cuidado da porta da cozinha, que estava fechada. O detetive Zinho ainda se lembrou de pegar um espanador que estava numa mesinha perto da porta. Por um segundo ou dois hesitou. Devia mesmo entrar? Que terríveis perigos o aguardavam atrás daquela porta.

- Aaaaahhhhhhhh!

Quando ouviu esse último grito não teve dúvidas: ele ia fazer o que tinha vindo fazer. E chutou a porta da cozinha com tanta força que ela se abriu estrondosamente. Pode ver então sua irmã mais velha em cima de uma cadeira. A irmã olhava para o lado e deu mais um grito horripilante:

- Socorrooooo!

Que terríveis monstros marcianos atacavam a cozinha querendo raptar sua irmã? Que perversos bandidos assaltavam a casa em busca dos doces que sua mãe tinha feito para o jantar? Que cruéis monstros sanguinários

invadiam a casa prontos para sugar todo o leite da geladeira até a morte?

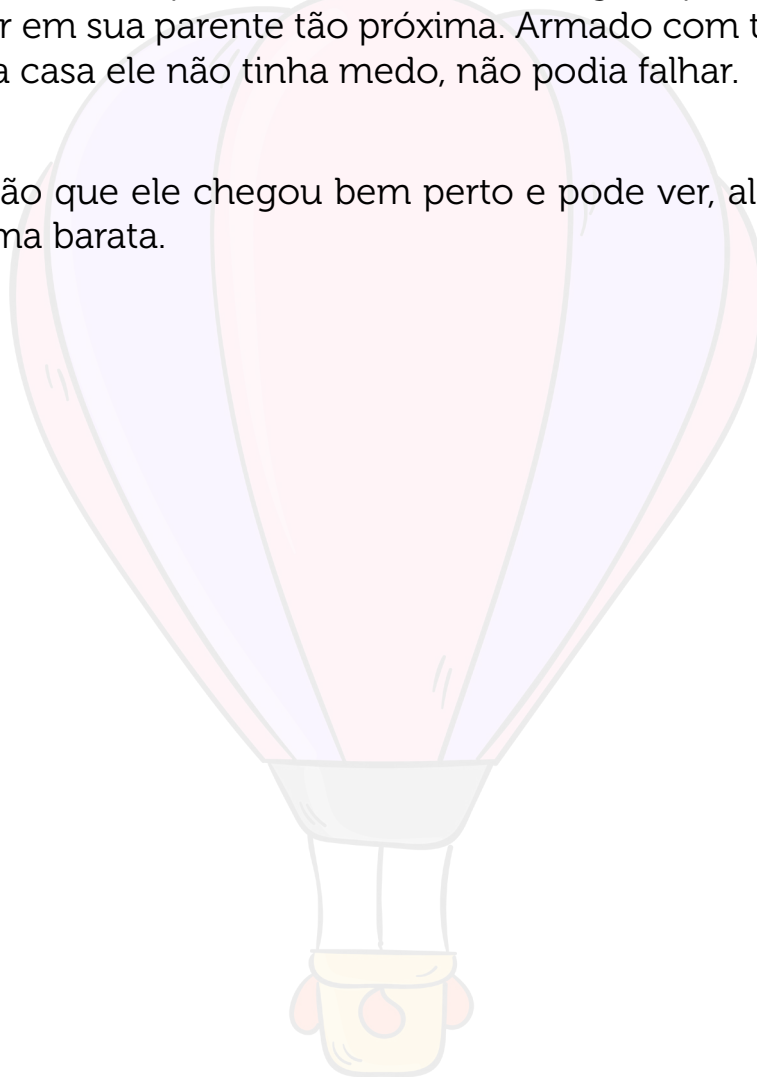
O detetive Zinho tentou manter a calma. E reparou que sua irmã olhava para baixo. Estalou os dedos e concluiu brilhantemente:

- Ahá! O que está assustando minha irmã deve estar no chão!

Então o detetive aproximou-se do ser maligno que estava causando todo esse terror em sua parente tão próxima. Armado com todos os objetos que pegou pela casa ele não tinha medo, não podia falhar.

E foi então que ele chegou bem perto e pode ver, ali no chão limpo da cozinha... uma barata.

(Emílio Carlos)



A Menina e o Vampiro

Era uma vez uma menina chamada Patrícia que adorava sair para brincar na rua longe da sua mãe.

A mãe sempre avisava:

- Patrícia: não vá muito longe.

Mas não adiantava. Patrícia não obedecia.

Começou brincando perto de casa, com os vizinhos de perto. Logo estava brincando no fim da rua. Depois no outro quarteirão. E no outro.

A mãe saía atrás da Patrícia:

- Patrícia! Hora de fazer tarefa!

E às vezes sabe o que a menina fazia? Se escondia atrás de uma árvore ou de um muro para a mãe não vê-la e ela não ter que fazer tarefa.

Um dia Patrícia saiu de casa depois do almoço. Foi brincando e brincando cada vez mais longe. E quando deu por si estava em outro bairro, sozinha, longe de tudo que ela conhecia.

Para piorar estava anoitecendo e a Patrícia longe de casa. Era a primeira vez que ela ia tão longe.

- Deixe-me ver: se eu for reto aqui saio na rua do meu bairro.

E como tinha descoberto o caminho de casa começou a andar lentamente de volta, brincando pelo caminho.

A noite caiu e Patrícia continuava a andar de volta. Passou por um

beco escuro e nem percebeu que dois olhos brilhantes a observavam.

A menina ia calmamente pela rua. E do beco escuro saiu um vulto que ia atrás dela. A menina andava tranquila. E o vulto a acompanhava de perto.

De repente o vulto pisou no rabo de um gato, que gritou. Patrícia olhou para trás e viu pelo rabo dos olhos o vulto se aproximar. E começou a andar mais rápido.

O vulto também começou a andar mais rápido. Patrícia apertou o passo e o vulto também. Patrícia olhou para trás e pode ver o brilho de dois dentes caninos pontiagudos. Agora ela tinha certeza: era um vampiro que estava atrás dela!

Patrícia começou a correr. E o vulto também corria. Só que como ele era adulto corria mais que ela. E estava se aproximando rápido. Rápido. Cada vez mais rápido.

Patrícia corria mas não conseguia fugir. O vampiro estava bem perto dela agora. Patrícia estava quase ao alcance das mãos do vampiro. E corria o mais que podia.

O vampiro até deu uma risada enquanto ia pra cima da menina. Por sorte nessa hora o vampiro pisou numa casca de banana e caiu de cabeça no chão. Ficou meio tonto e Patrícia conseguiu chegar na rua de sua casa.

Entrou em casa como um foguete e fechou a porta atrás dela. Contou toda história para sua mãe e prometeu:

- De hoje em diante só brinco no portão de casa.

(Emílio Carlos)

A Galinha Ruiva

Era uma vez uma galinha ruiva, que morava com seus pintinhos numa fazenda.

Um dia ela percebeu que o milho estava maduro, pronto para ser colhido e virar um bom alimento.

A galinha ruiva teve a ideia de fazer um delicioso bolo de milho. Todos iam gostar!

Era muito trabalho: ela precisava de bastante milho para o bolo.

Quem podia ajudar a colher a espiga de milho no pé?

Quem podia ajudar a debulhar todo aquele milho?

Quem podia ajudar a moer o milho para fazer a farinha de milho para o bolo?

Foi pensando nisso que a galinha ruiva encontrou seus amigos:

- Quem pode me ajudar a colher o milho para fazer um delicioso bolo? - Eu é que não, disse o gato. Estou com muito sono.

- Eu é que não, disse o cachorro. Estou muito ocupado.

- Eu é que não, disse o porco. Acabei de almoçar.

- Eu é que não, disse a vaca. Está na hora de brincar lá fora.

Todo mundo disse não.

Então, a galinha ruiva foi preparar tudo sozinha: colheu as espigas, debulhou o milho, moeu a farinha, preparou o bolo e colocou no forno.

Quando o bolo ficou pronto ...

Aquele cheirinho bom de bolo foi fazendo os amigos se chegarem. Todos ficaram com água na boca.

Então a galinha ruiva disse:

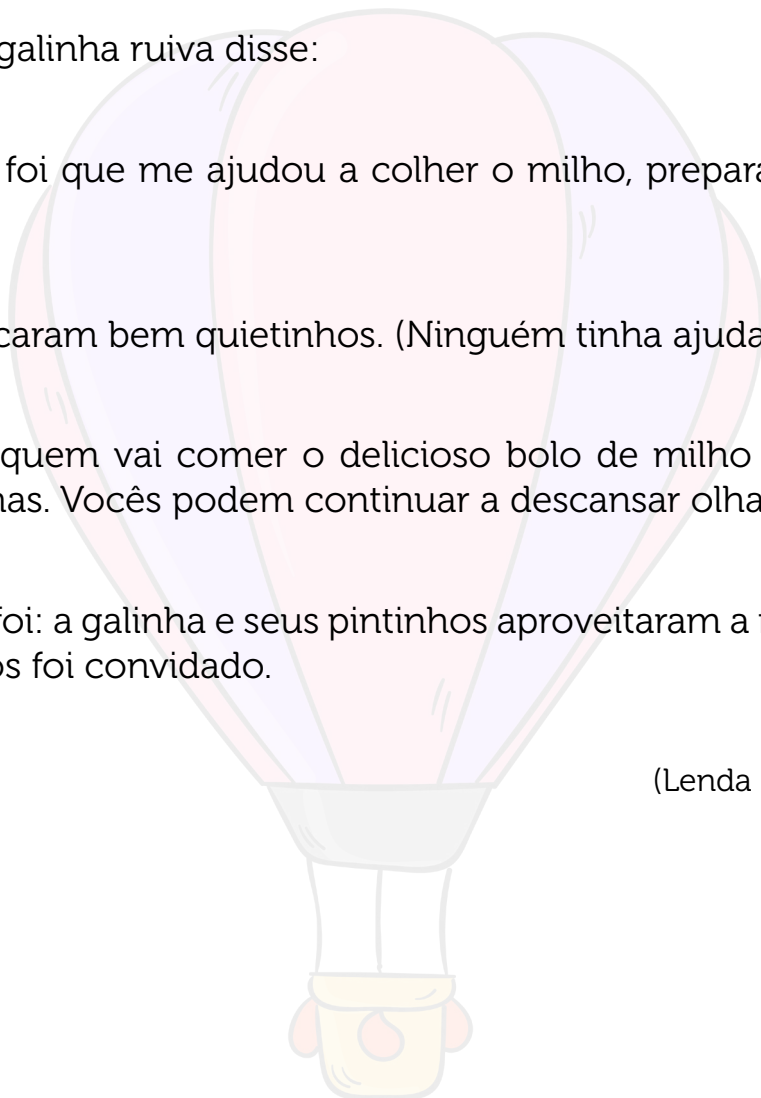
- Quem foi que me ajudou a colher o milho, preparar o milho, para fazer o bolo?

Todos ficaram bem quietinhos. (Ninguém tinha ajudado.)

- Então quem vai comer o delicioso bolo de milho sou eu e meus pintinhos, apenas. Vocês podem continuar a descansar olhando.

E assim foi: a galinha e seus pintinhos aproveitaram a festa, e nenhum dos preguiçosos foi convidado.

(Lenda do Folclore Inglês)



Ali Babá e os Quarenta Ladrões

Era uma vez um jovem chamado Ali Babá. Ele viajava pelo reino da Pérsia levando e trazendo notícias para o rei.

Numa das viagens, enquanto descansava, ouviu vozes. Subiu numa árvore e viu quarenta ladrões diante de uma enorme pedra. Um deles adiantou-se e gritou: "Abre-te Sésamo!"

A enorme pedra se moveu, mostrando a entrada de uma caverna, os ladrões entraram e a pedra fechou-se.

Quando os ladrões saíram, Ali Babá resolveu experimentar e gritou para a pedra: "Abre-te Sésamo!"

A enorme pedra se abriu e Ali Babá entrou na caverna. Viu um imenso tesouro e carregou o que pôde no seu cavalo e partiu direto em direção ao palácio para pedir a filha do sultão, por quem estava apaixonado há muito tempo, em casamento. Quando o sultão viu o dote, aceitou imediatamente.

Ali Babá ficou muito feliz e resolveu contar para todos que ia se casar. Mas para isso precisava comprar um palácio para a sua princesa. Voltou à pedra e falou: "Abre-te Sésamo!"

Um dos ladrões estava escondido e viu Ali Babá sair da caverna carregando o tesouro. O ladrão foi contar aos outros o que viu e decidiram pegá-lo. Com as jóias, Ali Babá comprou um palácio para sua amada e avisou a todos que daria uma festa no dia do seu casamento.

Os ladrões, sabendo da festa, enfiaram-se em tonéis de vinho vazios para atacar Ali Babá à meia-noite, quando estivesse dormindo. A festa foi tão alegre que o vinho acabou. Ali Babá então, foi à adega verificar se havia mais e, sem querer, escutou um susurro: "Já deu meia-noite?" perguntou um dos ladrões.

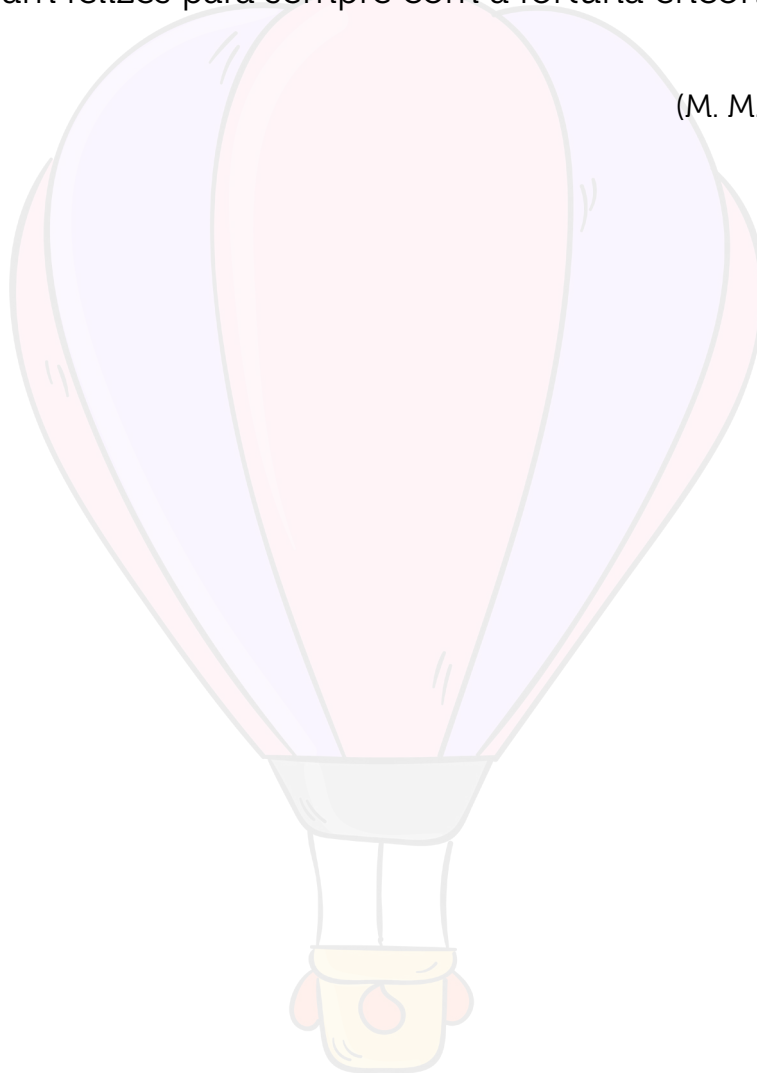
"Já, mas esperem a festa acabar! Aí vamos pegar aquele que está usando o nosso tesouro."

Voltando à festa, Ali Babá disse: “O vinho estragou e preciso de ajuda para levá-lo daqui.”

Alguns guardas ajudaram a levar os tonéis até um despenhadeiro. “Vamos jogá-los lá em baixo”, disse Ali Babá.

Ao perceber que seriam jogados, os quarenta ladrões estregaram-se aos guardas. Com os ladrões presos, Ali Babá ficou com o tesouro. E a princesa e ele viveram felizes para sempre com a fortuna encontrada.

(M. M. – Site QDivertido)



A Festa no Céu

Entre os bichos da floresta, espalhou-se a notícia de que haveria uma festa no Céu.

Porém, só foram convidados os animais que voam.

As aves ficaram animadíssimas com a notícia, começaram a falar da festa por todos os cantos da floresta. Aproveitavam para provocar inveja nos outros animais, que não podiam voar.

Um sapo muito malandro, que vivia no brejo, lá no meio da floresta, ficou com muita vontade de participar do evento. Resolveu que iria de qualquer jeito, e saiu espalhando para todos, que também fora convidado.

Os animais que ouviam o sapo contar vantagem, que também havia sido convidado para a festa no céu, riam dele.

Imaginem o sapo, pesadão, não aguentava nem correr, que diria voar até a tal festa!

Durante muitos dias, o pobre sapinho, virou motivo de gozação de toda a floresta.

- Tira essa ideia da cabeça, amigo sapo. – dizia o esquilo, descendo da árvore. - Bichos como nós, que não voam, não têm chances de aparecer na Festa no Céu.

- Eu vou sim. - dizia o sapo muito esperançoso. - Ainda não sei como, mas irei. Não é justo fazerem uma festa dessas e excluírem a maioria dos animais.

Depois de muito pensar, o sapo formulou um plano.

Horas antes da festa, procurou o urubu. Conversaram muito, e se di-

vertiram com as piadas que o sapo contava.

Já quase de noite, o sapo se despediu do amigo:

- Bom, meu caro urubu, vou indo para o meu descanso, afinal, mais tarde preciso estar bem disposto e animado para curtir a festa.

- Você vai mesmo, amigo sapo? - perguntou o urubu, meio desconfiado.

- Claro, não perderia essa festa por nada. - disse o sapo já em retirada.- Até amanhã!

Porém, em vez de sair, o sapo deu uma volta, pulou a janela da casa do urubu e vendo a viola dele em cima da cama, resolveu esconder-se dentro dela.

Chegada a hora da festa, o urubu pegou a sua viola, amarrou-a em seu pescoço e voou em direção ao céu.

Ao chegar ao céu, o urubu deixou sua viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo aproveitou para espiar e, vendo que estava sozinho, deu um pulo e saltou da viola, todo contente.

As aves ficaram muito surpresas ao verem o sapo dançando e pulando no céu. Todos queriam saber como ele havia chegado lá, mas o sapo esquivando-se mudava de conversa e ia se divertir.

Estava quase amanhecendo, quando o sapo resolveu que era hora de se preparar para a "carona" com o urubu. Saiu sem que ninguém percebesse, e entrou na viola do urubu, que estava encostada num cantinho do salão.

O sol já estava surgindo, quando a festa acabou e os convidados foram voando, cada um para o seu destino.

O urubu pegou a sua viola e voou em direção à floresta.

Voava tranquilo, quando no meio do caminho sentiu algo se mexer dentro da viola. Espiou dentro do instrumento e avistou o sapo dormindo, todo encolhido, parecia uma bola.

- Ah! Que sapo folgado! Foi assim que você foi à festa no Céu? Sem pedir, sem avisar e ainda me fez de bobo!

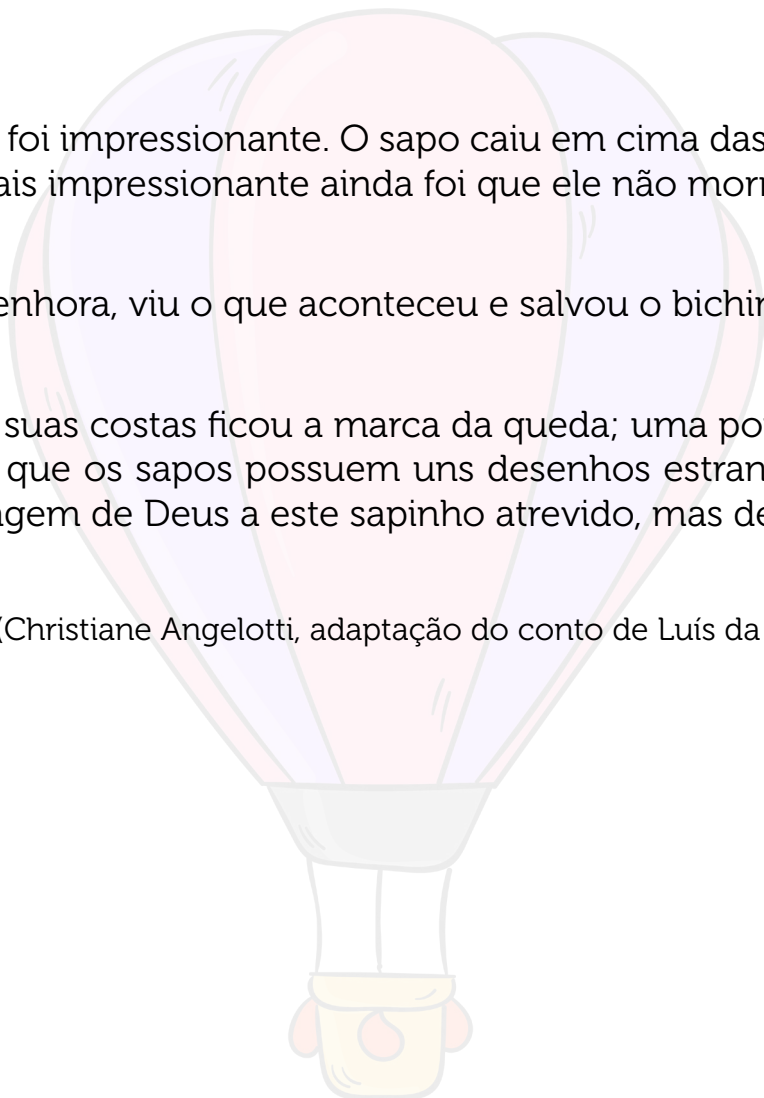
E lá do alto, ele virou sua viola até que o sapo despencou direto para o chão.

A queda foi impressionante. O sapo caiu em cima das pedras do leito de um rio, e mais impressionante ainda foi que ele não morreu.

Nossa Senhora, viu o que aconteceu e salvou o bichinho.

Mas nas suas costas ficou a marca da queda; uma porção de remendos. É por isso que os sapos possuem uns desenhos estranhos nas costas, é uma homenagem de Deus a este sapinho atrevido, mas de bom coração.

(Christiane Angelotti, adaptação do conto de Luís da Câmara Cascudo)



A Princesa e a Ervilha

ERA UMA VEZ um príncipe que viajou pelo mundo inteiro à procura da princesa ideal para se casar. Tinha de ser linda e de sangue azul, uma verdadeira princesa!

Mas depois de muitos meses a viajar de país em país, o príncipe voltou para o seu reino, muito triste e abatido pois não tinha conseguido encontrar a princesa que se tornaria sua mulher.

Numa noite fria e escura de inverno, quando o príncipe já pensava ser impossível casar com uma princesa, houve uma terrível tempestade. No meio da tempestade, alguém bateu à porta do castelo. O velho rei intrigado foi abrir a porta. Qual não foi a sua surpresa ao ver uma bela menina completamente molhada da cabeça aos pés.

A menina disse: “poderei passar a noite aqui no seu castelo, senhor? Fui surpreendida pela tempestade enquanto viaja já de volta para o meu reino. Estou com fome e frio e não tenho onde ficar...”.

O rei desconfiado perguntou: Sois uma princesa? A princesa respondeu timidamente: “Sim, senhor”.

“Então entrai, pois seria imperdoável da minha parte deixar-vos lá fora numa noite como esta!” Respondeu o rei, não muito convencido de se tratar mesmo de uma princesa.

Enquanto a princesa se secava e mudava de roupa, o rei informou a rainha daquela visita inesperada. A rainha pôs-se a pensar e, com um sorriso matreiro, disse “vamos já descobrir se se trata de uma verdadeira princesa ou não...”.

A rainha subiu ao quarto de hóspedes onde ia ficar a princesa e, sem ninguém ver, tirou a roupa de cama e colocou por baixo do colchão uma ervilha. De seguida colocou por cima da cama mais vinte colchões e edredões e, finalmente, a roupa de cama.

Então, desceu a escadaria e dirigiu-se à princesa, apresentando-se, e dizendo amavelmente: Já pode subir e descansar. Amanhã falaremos com mais calma sobre a menina e o seu reino...

A princesa subiu e deitou-se naquela cama estranha que mais parecia uma montanha!

Na manhã seguinte, a princesa desceu para tomar o pequeno almoço. O rei e a rainha já estavam sentados à mesa. A princesa saudou os reis e sentou-se. Então a rainha perguntou: Como passou a noite, princesa?

A princesa respondeu: "Oh, a verdade é que não consegui dormir nada naquela cama tão incómoda... senti qualquer coisa no colchão que me incomodou toda a noite e deixou o meu corpo todo dorido!

O rei levantou-se e, muito ofendido, exclamou: "Impossível! Nunca nenhum convidado se queixou dos nossos excelentes colchões de penas!

Mas a rainha interrompe-o e disse com um sorriso: "Pode sim!" E explicou ao rei o que tinha feito para ver se realmente se tratava de uma princesa ou alguém a querer enganá-los.

A rainha levantou-se e disse a todos:" Só uma verdadeira princesa com uma pele tão sensível e delicada é capaz de sentir o incómodo de uma ervilha através de vinte colchões e edredões!"

O rei e a rainha apresentaram a princesa ao seu filho o príncipe e ele, mal a viu, ficou logo perdido de amores.

Ao fim de alguns dias, o príncipe casou com a princesa, com a certeza de ter encontrado finalmente uma princesa verdadeira que há tanto tempo procurava.

A partir daquele dia, a ervilha passou a fazer parte das joias da coroa, para que todos se lembrassem da história da princesa ervilha.

(Site Bebe Atual)

A Pequena Sereia

No fundo do mar existia um maravilhoso reino em que vivia uma linda e delicada sereia chamada Naria, carinhosamente apelidada de Pequena Sereia. Desde criança, ela era fascinada pelo mundo dos humanos, sempre querendo aprender mais e mais sobre como eles viviam. Seu pai, porém, havia proibido qualquer contato com os humanos. Ele sempre a dizia:

– Cuidado minha filha, os humanos comedores de peixes são muito perigosos!

Em um belo dia, Naria estava nadando com seus amigos quando ouviu uma alegre música vindo da superfície. Curiosa, ela nadou até o local e descobriu que a música vinha de um navio onde acontecia uma grande festa. Observando mais um pouco, a Pequena Sereia percebeu que tratava-se de uma comemoração de aniversário para o príncipe do reino dos humanos, o príncipe Erik. A festa estava muito animada e todos cantavam e dançavam.

A alegria da festa foi interrompida quando, de repente, o céu escureceu e se encheu de nuvens e trovões. Era uma perigosa tempestade que se iniciava! Grandes ondas começaram a sacudir o navio, causando desespero entre os tripulantes. Na bagunça, o príncipe acabou tropeçando e caindo dentro do mar. Por sorte, Naria, que observava tudo de longe, mergulhou para salvá-lo e o levou à beira da praia. O jovem rapaz estava salvo, porém desacordado.

A sereia, preocupada, passou a noite inteira cantando para ele. Ela estava encantada com a beleza do príncipe. De manhã, quando Erik despertava, Naria ouviu o barulho de pessoas que se aproximavam. Logo, soube que as pessoas vinham para resgatar o seu querido protegido. Assustada, pulou de volta no mar e ficou escondida atrás de uma pedra, enquanto o príncipe era carregado de volta para o palácio.

Naria voltou para casa, mas não conseguia parar de pensar no príncipe. Ela daria tudo para poder viver com ele no reino dos humanos! Mas sabia que seu pai jamais iria deixar isso acontecer. Os dias passavam e o sentimento permanecia forte em seu coração. Foi então que decidiu procurar sua tia, a bruxa dos mares, para lhe ajudar.

Quando chegou a gruta da sua tia, a bruxa a recebeu e ouviu o que ela tinha a dizer. Por fim, ofereceu um acordo: faria um feitiço para transformar a sereia em humana por três dias. Se ao fim do terceiro dia o príncipe se apaixonasse por ela, continuaria como humana para sempre. Mas se isso não acontecesse, voltaria a ser sereia e também se tornaria prisioneira da bruxa, obedecendo a sua vontade pela eternidade. Havia também mais uma condição: a bruxa tomaria a sua linda voz e a guardaria dentro de uma concha.

Cegamente apaixonada, Naria aceitou o acordo. Com isso, a bruxa tomou a bela voz da sereia, guardando-a em uma concha, e transformou a sua cauda em duas pernas. Então, ela levou a sereia para a beira da praia e lhe disse:

— Lembre-se, você tem apenas até o pôr do sol do terceiro dia para conquistar o príncipe. Ou então, a sua liberdade será minha!

Naria, que ainda não estava acostumada com as suas pernas e a respirar o ar da superfície, caiu exausta na areia.

Naquele mesmo dia, o príncipe Erik caminhava pela praia. Fazia isso todos os dias, tentando encontrar a moça da linda voz que o havia salvo. Para a sua sorte, finalmente acabou encontrando a jovem sereia deitada na areia e foi correndo ajudar. Ao observá-la melhor, o príncipe ficou encantado com a sua beleza. Quem sabe não era essa a moça que ele estava há tanto tempo procurando?

Mas quando o príncipe perguntou quem ela era, percebeu que ela não tinha voz, ficando muito decepcionado. Mas a moça precisava de ajuda, assim ele resolveu levá-la para o palácio. Lá, ela comeu, tomou banho, trocou suas roupas e descansou.

Após descansar também, o príncipe visitou Naria em seu quarto e a convidou para passear pelo reino. No resto daquele dia, e no dia seguinte, os dois passaram bons momentos juntos. Parecia que, aos poucos, o príncipe estava se apaixonando pela sereia. A bruxa dos mares, que estava acompanhando todos os passos da Pequena Sereia através da sua bola de cristal, começou a ficar preocupada. Ela queria Naria como sua prisioneira. A bruxa, então, se transformou em uma bela donzela e foi até a superfície, levando

consigo a voz da Pequena Sereia.

A feiticeira sabia onde encontrar o príncipe, pois, nos finais das tardes, ele ainda continuava a procurar a sua donzela misteriosa na beira da praia. Ao chegar lá, a bruxa cantou uma bela canção com a voz da Pequena Sereia, enfeitiçando o príncipe que, por sua vez, logo a pediu em casamento.

No dia seguinte, a notícia logo se espalhou pelo reino. Naria estranhou que o príncipe não havia aparecido para vê-la pela manhã. À tarde, quase morreu de tristeza quando soube por uma camareira que seu príncipe iria se casar com outra moça. O casamento estava programado para acontecer naquele mesmo dia, em pouco tempo, no próprio navio do príncipe. A sereia, chorando, saiu do seu quarto em direção ao jardim e, para sua surpresa, viu uma jovem, vestida de noiva, cantando pelos corredores do palácio...com a sua voz! Ela logo entendeu que quem se casaria com o príncipe era a bruxa disfarçada. Naria precisava impedir aquele casamento!

A festa aconteceria em pouco tempo, por isso ela precisava agir rápido. Além disso, teria que ir a pé porque não havia sido convidada. Sem pensar duas vezes, começou a correr em direção ao porto.

Assim que chegou, a sereia entrou escondida no navio onde a festa já havia iniciado. Não foi fácil chegar até o local da cerimônia. O navio era muito grande e muitas pessoas estavam presentes. Por fim, avistou o príncipe e a bruxa no altar. Mas ela ainda precisava chegar mais perto porque tinha perdido a sua voz. Quando Erik estava prestes a beijar a bruxa, Naria se colocou em frente ao altar, ajoelhou-se e implorou, apenas com gestos, para que parassem o casamento.

Mas já era tarde demais. O sol estava se pondo, era o fim do terceiro dia e as pernas da sereia voltaram a ser uma cauda. Os convidados ficaram espantados! A bruxa também se transformou de volta à sua velha forma e pulou no mar, levando consigo a Pequena Sereia.

O rei Netuno, que já havia descoberto todo o plano da bruxa, foi até à sua caverna para oferecer um acordo: sua coroa pela liberdade de sua filha. A bruxa, sorridente, aceitou o acordo e usou todos os seus novos poderes para ficar gigantesca. Seu desejo sempre foi destruir o reino dos humanos e fazer com que todos fossem seus escravos, agora ela tinha o poder para

fazer isso.

Logo, a bruxa provocou o pânico no porto, destruindo navios com as próprias mãos. Mas o corajoso príncipe Erik, livre do feitiço, resolveu agir. Ele precisava salvar o seu reino e a sua verdadeira amada.

Com muita coragem, o príncipe conduziu seu barco em direção à bruxa e quando chegou perto o bastante, atirou com o arpão em direção ao seu coração. O tiro foi certo. Imediatamente a bruxa perdeu seus poderes e virou espuma do mar.

Todos os seus prisioneiros ficaram livres e as pessoas do porto comemoraram o fim da batalha.

O rei Netuno emergiu até a superfície e agradeceu ao príncipe por salvar a todos. Daquele dia em diante, pela primeira vez, ele passou a confiar nos humanos.

Quando recuperou a sua coroa e os seus poderes, Netuno transformou Naria em humana para sempre. Ela finalmente poderia viver no reino dos humanos com o seu príncipe amado.

Os reinos, dos humanos e dos mares, agora estavam unidos, trazendo assim uma nova era de prosperidade e alegria.

(Escrito por Julia Magnoni)

Rapunzel

Era uma vez um lenhador e sua mulher que viviam tranquilos em sua modesta casa. Há muito tempo desejavam ter um filho. O tempo passava e aquele sonho ainda existia.

Num belo dia, a esposa do lenhador foi surpreendida e percebeu que finalmente estava grávida. Ela teria um bebê! Sentada nos fundos da varanda de sua casa, ela observava um lindo jardim, repleto de flores, frutas, legumes e ervas no quintal da vizinha. Porém, havia um muro muito alto que protegia toda a plantação. Além disso, aquela casa pertencia à bruxa que ali morava e era temida por todos.

Ainda espiando o lindo jardim, a mulher observou um lindo pé de rabanete. As folhas eram tão verdes e pareciam estar tão fresquinhas, que abriram o seu apetite. Naquele momento, sentiu um enorme desejo de prová-los, mas sabia que era impossível; ninguém podia escalar aqueles muros tão altos e invadir a propriedade da bruxa.

A cada dia seu desejo aumentava mais e mais, até que foi ficando com o semblante abatido, tristonha e foi adoecendo aos poucos. Preocupado, seu marido perguntou:

– O que você tem, querida? Parece doente...!

– Ah, querido! Há dias tenho observado aquele lindo pé de rabanete no jardim da bruxa. Suas folhas estão tão verdes... Se eu não comer uma salada de rabanetes, sou capaz de morrer! – disse ela ao marido.

– Oh, minha querida! É isso que está te deixando tão abatida? Não se preocupe! Darei um jeito! – ele falou acariciando a cabeça de sua esposa, confortando-a.

E assim, muito preocupado com a saúde de sua esposa, o lenhador começou a pensar em uma forma de conseguir aqueles rabanetes, não podia deixar que sua esposa sofresse ou ficasse ainda mais doente. “Custe o que custar, eu vou dar um jeito!”, pensou.

Ao anoitecer, o lenhador colocou uma escada sobre o muro e terminou de escalá-lo, pulando do outro lado, no quintal da vizinha. Rapidamente, colheu um maço da planta cobiçada e levou para sua esposa.

– Querida, veja o que trouxe para você! – falou ele animado.

– Oh, meu amor! Que bom que conseguiu... Vou prepará-lo imediatamente.

Naquele mesmo momento, ela foi até a cozinha e preparou uma deliciosa salada de rabanetes.

– Nossa! Está uma delícia! Hum... – falou ela enquanto ainda saboreava a salada.

No dia seguinte, a mulher acordou com o desejo ainda mais forte de comer rabanetes. Para tranquilizá-la, o marido prometeu que assim que anoitecesse, buscaria mais para ela.

Assim que o dia escureceu, o lenhador levou novamente a escada, colocou sobre o muro e o pulou. Correu até o jardim e foi até o canteiro apanhar outro maço de rabanetes. Desta vez, aproveitou que já estava lá e colheu uma quantia ainda maior que a outra vez.

– Aham! Muito bonito! Como se atreve a entrar no meu quintal e roubar a minha planta predileta? – perguntou uma voz irritada. Era a bruxa! Tamanho susto o homem levou ao vê-la bem ali parada à sua frente.

– Minha senhora, peço-lhe perdão! Não é por costume... – desculpou-se ele. – Minha esposa avistou os seus lindos rabanetes da varanda de casa e sentiu um desejo irresistível de comê-los. Ela está grávida! Por favor, eu lhe imploro, tenha piedade!

A bruxa abriu um leve sorriso astuto e falou:

– Já que é assim... Pode pegar quantos rabanetes você quiser!

– Oh! Muito obrigado, minha senhora! – agradeceu ele.

– Mas... Com uma condição!

O lenhador a olhou temeroso e falou:

– O que quiser, minha senhora!

– Você poderá pegar quantos rabanetes quiser, desde que me entregue a criança, quando ela nascer!

Apavorado, ele aceitou o trato. Meses depois, nasceu uma linda menina, seus olhos eram azuis bem vivos e seu cabelo, dourado. Como combinado, o casal levou a menina até a bruxa e a entregou.

– Ah! É uma linda menina! Seu nome será Rapunzel! – a velha falou encantada, assim que pegou a menina em seus braços.

Rapunzel cresceu sob os cuidados da feiticeira, tornando-se cada dia mais bela. Quando completou doze anos de idade, a bruxa a levou para a floresta e a trancou numa torre bem alta, que não havia escadas nem portas, apenas uma única janela, sendo o único meio onde ela podia observar tudo o que havia ao seu redor.

Quando a velha desejava entrar, parava embaixo da janela e gritava:

– Rapunzel, Rapunzel! Jogue abaixo suas tranças!

A linda jovem tinha agora os cabelos bem compridos e finos como fios de ouro. Quando ouvia ao chamado da velha, rapidamente abria a janela e jogava as suas tranças, que desciam os quarenta metros da torre. A bruxa se agarrava aos cabelos e escalava a parede de pedra.

Alguns anos depois, enquanto cavalgava pelo campo, o filho do rei, o príncipe Arthur, ouviu uma voz que entoava uma linda canção. Curioso, ele foi se aproximando com o seu cavalo até descobrir de onde vinha aque-

la doce voz. Ficou surpreso ao descobrir que ali, naquela torre, havia uma linda jovem que cantava de frente para a janela. Era Rapunzel, que cantava para espantar a solidão. Imediatamente, o príncipe Arthur rodeou a torre em busca de uma entrada. Procurou por toda parte, mas não encontrou. Aquilo o deixou inconformado e acabou voltando para casa. Porém, aquela linda voz tocou seu coração de tal forma, que ele passou a visitar a floresta todos os dias, apenas para ouvi-la.

E foi num desses dias que, sentado embaixo de uma árvore, viu quando a bruxa apareceu e gritou:

— Rapunzel, jogue suas tranças!

A jovem obedeceu e a velha subiu na torre.

“Hum... Então é por aí que ela sobe! Descobri o caminho!”, falou o príncipe consigo mesmo.

No dia seguinte, quando a noite chegou, ele gritou:

— Rapunzel, jogue suas tranças!

A moça repetiu o gesto que fazia desde os seus doze anos e levou um enorme susto quando se deparou com um belo rapaz à sua frente. Entretanto, foi se acalmando conforme ele falava e lhe explicava o motivo de estar ali.

— Rapunzel, eu me apaixonei por você no momento em que ouvi a sua voz. Quer se casar comigo?

Encantada com tudo o que estava acontecendo, ela aceitou o pedido de casamento e naquele momento eles fizeram um juramento: assim que o príncipe conseguisse tirá-la dali, eles se casariam. Ansiosos para ficarem juntos, passaram a se encontrar todas as noites, sempre pensando numa forma de saírem dali. Até que um dia Rapunzel teve uma ideia e pediu para que ele trouxesse um novelo de seda, sempre que viesse visitá-la, pois assim, ela poderia tecer uma escada e ir embora com ele.

Dias depois, numa das visitas, a bruxa encontrou o capuz que o príncipe esquecera em cima da cama. Ela ficou furiosa com aquilo.

— Você vai pagar caro por isso! Você se encontrou com um rapaz...! — vociferou a bruxa que, no momento de fúria, cortou as tranças de Rapunzel e as prendeu num gancho da janela. Em seguida, levou a jovem até o deserto, onde a abandonou.

Quando o príncipe veio e chamou por Rapunzel, a malvada deixou as tranças caírem para fora e ficou esperando. Quando o jovem subiu foi surpreendido por ela:

— Veio buscar sua amada? Ela nunca mais cantará!

PLIM!

A bruxa jogou um feitiço sobre o príncipe que o deixou cego. Desesperado e com muito sacrifício, ele bateu a parede até que finalmente conseguiu descer a torre. A bruxa nem se importou.

O príncipe caminhou por muitos anos naquela floresta, triste pela perda de sua amada. Até que, certo dia, ouviu o som de uma bela canção, que o levou ao deserto, onde Rapunzel vivia. Com muita dificuldade a encontrou. Ela o reconheceu imediatamente e se atirou em seus braços, derramando duas lágrimas sobre os olhos dele. Naquele mesmo instante, o príncipe recuperou sua visão e contemplou ali a sua amada. O reencontro foi lindo.

O príncipe Arthur voltou para o palácio, onde se casou com Rapunzel em uma belíssima festa. Naquele mesmo palácio, viveu ao lado de sua amada esposa e seu lindo casal de gêmeos, que nasceram anos depois e viveram felizes para sempre!

(Escrito por Merari Tavares)

O Gato das Botas

Era uma vez um velho lenhador que tinha três filhos. Meses antes de morrer, reuniu em sua pequena sala os seus herdeiros e dividiu os seus bens com cada um deles.

O primeiro herdou uma madeireira; o segundo, um cavalo; e o terceiro, um gato.

Os dois primeiros filhos ficaram muito felizes com a herança. Porém, o rapaz que herdou o gato andava triste e pensativo.

– De que me vale este bicho? É apenas um gato! Um gato! – falou o jovem.

– Compre-me um lindo par de botas, um belo chapéu e um simples saco! Você verá do que sou capaz de fazer! – disse uma voz misteriosa.

O rapaz levou um grande susto, quando se deu conta de que seu gato havia acabado de falar.

– Ai, meu Deus! Será que estou sonhando?

– Não, meu amo! Isso é real! Confie em mim! Eu ainda o farei o homem mais rico do mundo!

Ao ouvir aquelas palavras, como não tinha muito que perder, o jovem resolveu atender ao pedido do seu animal e lhe comprou as botas, o chapéu e o saco, conforme pedido, e lhes entregou. Cuidadosamente, o gato calçou as botas, colocou o saco nas costas e pôs o chapéu na cabeça. Agora, ele não era mais um animal qualquer. Ele havia se tornado o Gato de Botas.

– Agora, se me der licença, vou colocar meu plano em prática – disse o Gato de Botas.

Muito astuto, o bichano foi até um bosque ali perto e armou uma armadilha com o saco que ganhou de seu amo. Minutos depois, havia caçado um coelho branco.

O gato foi então até as portas do castelo da cidade de Kent e dirigiu-se aos guardas, pedindo permissão para falar com o rei. Os guardas, que ficaram muito impressionados por ver um gato vestindo botas, aceitaram o seu pedido. Na presença do rei, o Gato de Botas disse:

– Vossa majestade, o Marquês de Carabrás manda os seus cumprimentos e lhe oferece esse belo coelho selvagem.

O rei, que gostava muito de coelho assado, aceitou.

No dia seguinte, o gato presenteou o rei mais uma vez, levando dessa vez um trio de codornas, também oferecidos em nome de seu amo.

No terceiro dia, o gato ofereceu uma delicioso par de perdizes.

O rei ficou muito agradecido pelos presentes recebidos. Sendo assim, pediu para que preparassem sua carruagem e, acompanhado de sua filha, a princesa, saiu à procura da casa do Marquês de Carabrás.

Avistando a carruagem real se aproximar, o gato ordenou ao seu amo que fosse com ele até o lago, pois ele tinha uma ideia em mente.

– O que você vai fazer? – perguntou o jovem.

– Confie em mim! Vai dar tudo certo! – tranquilizou o gato.

Assim que a carruagem do rei chegou, o gato gritou:

– Socorro, socorro! Os ladrões roubaram as roupas de meu amo!

Imediatamente, o rei ordenou que seus servos voltassem ao castelo

e trouxessem roupas novas, das mais nobres, para o rapaz. Quando os seus servos retornaram com as roupas em mãos, o rapaz foi vestido por eles e, então, convidado para subir na carruagem. Em seguida, seguiram viagem rumo ao castelo.

Enquanto isso, rapidamente, o gato corria bem à frente da carruagem real e, durante o trajeto, encontrou alguns lavradores trabalhando na terra. Ele não perdeu a oportunidade e ordenou:

– Se alguém passar por aqui e perguntar de quem são essas terras, digam que elas pertencem ao Marquês de Carabrás! Se vocês não me obedecerem, vocês serão punidos pelo rei!

Mais adiante, o gato encontrou outros lavradores e ordenou:

– Se não disserem para todos que passarem aqui que esse canavial é do Marquês de Carabrás, suas terras serão tomadas pelo rei!

Na curva seguinte, o gato ordenou a outros lavradores:

– Se vocês não disserem que esse cafezal é do Marquês de Carabrás, o café de vocês será queimado!

E assim, a cada resposta que o rei recebia das pessoas que ele conversava e perguntava sobre as terras, mais ele ficava impressionado.

Muito sábio e habilidoso, o bichano chegou a um palácio das terras vizinhas, onde vivia um feiticeiro tirano, dono das terras.

– Olá, grande feiticeiro! – cumprimentou o gato.

– Fale logo o que tem a dizer ou saia daqui – respondeu o feiticeiro mal-educado.

– Venho porque muitos falam que você é capaz de se transformar no que quiser. Isso é verdade? – questionou o gato astuto.

– Sim, sei me transformar até em um leão!

– Hum... – disse o gato pensativo. – Transformar-se em um animal muito grande não me parece tão difícil assim. Quero ver você se transformar em um animal pequenininho, como por exemplo, um rato!

– Você está duvidando das minhas habilidades? – questionou o feiti-ceiro, que imediatamente se transformou em um rato, provando do que ele era capaz.

Num impulso felino, o gato avançou sobre o pequeno rato e o devo-rou de uma vez só. Sendo assim, o seu amo, o Marques de Carabrás se tor-nou o grande dono de todas as terras. Não somente das terras, mas também do belíssimo palácio.

Como prometido, o Gato de Botas fez de seu amo o verdadeiro Mar-ques de Carabrás, tornando-o o homem mais rico do mundo. Para comple-tar a felicidade do rapaz, o rei concedeu a mão da princesa, sua filha, ao filho do falecido lenhador.

O casamento foi realizado ao ar livre, numa festa linda, no lindo cas-telo real, à luz de velas, acompanhado de uma bela orquestra, regida pelo mais famoso maestro do reino. Todos os lavradores foram convidados e fi-caram muito honrados com o convite.

Anos depois de casados, o grande Marques de Carabrás e sua lin-da princesa tiveram um lindo filhinho, o Juninho, que até hoje corre pelos corredores do palácio, brincando de esconde-esconde com o seu grande amigo, o Gato de Botas!

(Escrito por Merari Tavares)

A Bela Adormecida

Era uma vez, um rei muito bondoso e uma rainha muito bela que se apaixonaram ainda muito jovens e se casaram. Viviam no majestoso castelo real e eram muito ricos. No castelo havia muita fartura e pessoas que lá trabalhavam para servi-los.

Havia também belíssimos cavalos, de todas as cores, que pertenciam ao reino. Ao redor do grande castelo cresciam lindas árvores e flores das mais belas espécies. A rainha era apaixonada por rosas e havia muitas delas pelo jardim. Sempre que possível, a rainha caminhava pelo jardim para contemplar a beleza das flores.

Tudo parecia estar indo muito bem no reino, mas o rei e a rainha estavam tristes, o grande sonho deles era ter um bebê.

– Ah se tivéssemos um bebê...! – suspirava o rei.

– E se fosse uma linda menininha...? – sonhava a rainha.

– Seria perfeito, meu amor! – falou o rei beijando a mão de sua esposa.

– Nosso sonho irá se realizar, meu amado! Você vai ver! – falou a rainha esperançosa.

Longos meses se passaram após aquela conversa.

Num belo dia, enquanto a rainha caminha pelo seu lindo jardim e contemplava as rosas, uma linda borboleta amarela pousou em seu ombro e falou:

– Minha rainha, espere apenas mais um pouquinho, seu sonho em breve se realizará! Você terá uma menina!

E após dizer aquelas palavras, a borboleta amarela voou para longe e a rainha sorriu ao ouvir as palavras daquela profecia.

Meses depois, nasceu uma linda menina. O rei e a rainha colocaram seu nome de Aurora. A alegria no reino era tão contagiante, que o rei e a rainha resolveram organizar uma grande festa para comemorar a chegada da linda princesa.

Foram convidadas seis fadas para serem madrinhas, que abençoariam a pequena menina com muitas dádivas.

Na noite da grande festa, os amigos e parentes mais próximos do reino marcaram presença. Uma orquestra, composta por violinos, flautas, trompetes e um piano, entoava lindas melodias que eram ouvidas pelos corredores do grande castelo.

Assim que as fadas chegaram ao castelo, imediatamente foram direto ao quarto da princesa, onde a primeira fada a abençoou:

– O meu presente para você será a beleza! Você será a mais bela em todo o reino. – falou a primeira fada estendendo a sua varinha mágica.

– O meu presente para você será a inteligência! Sua inteligência brilhará como o sol. – falou a segunda.

– O meu presente para você será a riqueza! Você será muito rica. – falou a terceira.

– O meu presente para você será a bondade! Não existirá moça mais bondosa que você. – falou a quarta.

– O meu presente para você será a felicidade! Você será muito feliz. – falou a quinta.

Antes que a última fada a abençoasse, um vento muito forte entrou pela janela, assustando a todos. Uma nuvem muito escura se abriu no teto

do quarto de Aurora e, junto a ela, uma figura com chapéu pontudo na cabeça e capa preta desceu da vassoura naquele momento.

– Ohhhhhh!!! – as pessoas exclamaram.

– Ha Ha Ha Ha Ha!!!

Aquela risada fez todos estremecerem. Era a fada malvada, que estava muito irritada por não ter sido convidada.

– Vejo que estão dando uma festa! Convidaram todas as fadas para o nascimento da princesa, mas se esqueceram de mim. Eu também tenho um presente para a menina!

Todos fizeram absoluto silêncio, arregalando os olhos, temerosos por saber que tipo de presente a fada malvada daria à linda princesa Aurora.

– Quando completar quinze anos, a princesa se ferirá em uma rosa de espinhos e morrerá! – decretou a fada malvada.

Sua expressão era muito sombria e ameaçadora. Assim que lançou o feitiço, foi embora em seguida, deixando todos muito alarmados.

Então, aproximou-se a sexta e última fada, que devia ainda oferecer seu presente.

– Infelizmente não posso desfazer a maldição! A princesa não morrerá; apenas dormirá por cem anos, até a chegada de um príncipe, que se apaixonará por ela e a acordará com um beijo verdadeiro.

Todos ficaram um pouco mais aliviados com o último presente, fazendo passar o grande susto. Mas ainda assim, o rei ordenou aos servos do palácio que retirassem todas as rosas do castelo e as queimassem, para evitar o pior.

Os anos passaram...

Quando a princesa completou quinze anos, o rei e a rainha resolveram dar uma grande festa no palácio para comemorar o aniversário de Aurora. Enquanto seus pais verificavam os últimos detalhes da festa, a princesa resolver caminhar pelo jardim do castelo.

Atravessou o jardim principal onde havia um lindo chafariz e continuou a andar, observando cada detalhe da natureza. Foi andando, andando, até que encontrou no final do corredor um lindo portão dourado com pedras preciosas.

Delicadamente, virou a maçaneta e entrou. Ficou deslumbrada com tudo o que viu ao seu redor. Era um jardim secreto, cheio de rosas, da mais linda espécie!

– Que jardim mais lindo! Nunca o tinha reparado. Que rosas mais belas...! – falou a princesa.

A beleza das rosas atraiu tanto a princesa, que ela não conseguiu apenas olhá-las sem tocá-las. Diante de tanto esplendor, a princesa Aurora caminhou até uma das rosas e a tocou. Naquele momento, seu dedo foi ferido no espinho, que a fez adormecer ali mesmo, no gramado do jardim.

As horas foram passando e a grande festa estava prestes a começar. O rei e a rainha ficaram preocupados com a demora da princesa, ela não costumava se atrasar. Também não a encontraram dentro do palácio. Sendo assim, pediram para que seus servos a procurassem em todo canto.

Minutos depois, os seus servos retornaram com a princesa nos braços. Ela estava adormecida.

– Vossa Majestade, encontramos a princesa adormecida em um jardim secreto, repleto de rosas!

– Jardim secreto? De rosas? – o rei perguntou confuso.

– Sim, Majestade! É isso mesmo. – confirmou o servo.

– Como isso foi acontecer? – a rainha perguntou preocupada.

– Não sei, minha amada! Ordenei que todas as rosas fossem retiradas e queimadas. – falou o rei com o semblante entristecido.

A festa de aniversário foi cancelada.

Infelizmente a maldição se cumpriu. Um sono profundo fez com que Aurora e todas as criaturas do palácio adormecessem.

Após cem anos decorridos, um formoso príncipe, do reino vizinho, ficou curioso quando lhe contaram a história da princesa Aurora, que ficou conhecida como Bela Adormecida. Sendo assim, preparou o seu cavalo e cavalgou até o palácio, em busca da princesa.

Ao atravessar os grandes portões que protegem a entrada do castelo, encontrou os guardas dormindo. Cavalgou mais um pouco e percebeu que todos que ali moravam também estavam adormecidos. Desceu do seu cavalo e entrou pela porta principal, atravessando os corredores do palácio, até chegar ao quarto onde a princesa dormia.

Assim que a viu, encantou-se com sua beleza e apaixonou-se perdidamente. Não resistindo tanta formosura, tocou-lhe a face e deu-lhe um beijo em seus lábios, que a fez despertar.

Imediatamente, Aurora abriu os olhos e sorriu para o príncipe parado à sua frente. Naquele mesmo instante, todos do reino acordaram do sono profundo.

Emocionados, o rei e a rainha agradeceram ao príncipe por tê-la acordado após o longo sono de cem anos.

Apaixonados um pelo outro, o príncipe e a princesa se casaram dias depois, no jardim do palácio, e viveram felizes para sempre.

(Escrito por Merari Tavares)

Branca de Neve

Era uma vez, num reino bem distante, uma linda rainha que vivia em um magnífico castelo. Ela era muito bonita e amorosa. Todos do castelo a amavam, principalmente o rei, que era apaixonado por ela. Nada faltava no castelo, havia muita fartura. O rei e a rainha eram muito felizes.

Em uma noite fria de inverno, a rainha estava sentada no sofá da sala, com a lareira acesa, lendo um livro enquanto a neve caía do outro lado da janela. Naquele momento, ela fez um pedido: seu desejo era ter um bebê, cuja pele fosse branca como a neve.

E assim, após alguns meses, o seu desejo se realizou. Nasceu uma linda menina, cujos olhos eram azuis como um diamante, cabelos bem pretinhos como a jabuticaba e a pele bem branquinha como a neve. O rei e a rainha ficaram ainda mais felizes com o nascimento da menina e lhe deram o nome de Branca de Neve.

Porém, a felicidade não durou muito tempo. A rainha ficou muito doente e acamada e veio a falecer. Todas as pessoas que moravam no castelo choraram muito com a morte da rainha, pois ela era muito querida e amada por todos.

O rei ficou muito triste com a perda da esposa. Entretanto, meses depois, preocupado com a filha que ainda era pequena, o rei decidiu se casar novamente, pois precisava encontrar alguém que o ajudasse a cuidar de sua filha. E assim, ele viajou por alguns dias até que encontrou uma mulher para ser sua esposa e ocupar o lugar da rainha.

Ela era alta, muito bela e também muito vaidosa. Seus cabelos também eram pretos e longos. O rei ficou encantado com a sua beleza. E assim, o rei a pediu em casamento. O casamento aconteceu poucos dias depois em um belo domingo ensolarado. O reino agora tinha uma nova rainha.

O que poucos sabiam é que, além de vaidosa, a nova rainha era também muito invejosa e guardava muitos segredos. Quando se mudou para o castelo, trouxe consigo um espelho mágico que podia falar!

Certo dia, toda vaidosa, a rainha foi até o quarto e ficou em pé diante do espelho mágico e lhe perguntou:

– Espelho, espelho meu! Existe alguém mais bela do que eu?

– Minha querida rainha, não há ninguém mais bela do que Vossa Majestade!

– Obrigada, Espelho Mágico! – a rainha sorriu e agradeceu ao espelho.

O tempo passou e Branca de Neve cresceu e se tornou uma linda menina. Todos a admiravam pela sua simplicidade e beleza. O rei precisou viajar a negócios e, novamente, a rainha tornou a perguntar ao espelho:

– Espelho, espelho meu! Existe alguém mais bela do que eu?

– Minha querida rainha, Branca de Neve é mais bela que Vossa Majestade!

– O quê? Branca de Neve?! – a rainha repetiu furiosa. – Não pode ser! Vou dar um jeito nisso. – ela falou e saiu batendo os pés.

Naquele mesmo instante, a rainha se encheu de fúria e foi ao encontro do seu melhor caçador e lhe deu uma ordem:

– Encontre Branca de Neve e traga-me o seu coração! – a rainha lhe ordenou, entregando-lhe uma caixa com cadeado.

– Às ordens, Vossa Majestade! – falou o caçador, curvando-se em reverência antes de se pôr a caminho.

O caçador foi até o jardim do castelo, onde encontrou Branca de Neve sentada em frente ao chafariz, observando as lindas aves que ali cantavam.

TRÁ LÁ LÁ LÁ LÁ...

Ele gostava muito de Branca de Neve e vendo o coração tão puro e tão bondoso da linda menina, não teve coragem de cumprir a ordem dada pela rainha. Ele caminhou até ela e lhe contou que corria perigo. Assustada, Branca de Neve pediu que ele a ajudasse. E assim, o caçador a levou até a floresta e a escondeu em uma caverna. Em seguida, caçou um cervo, tirou seu coração e o entregou à rainha, como se fosse o de Branca de Neve.

Branca de Neve ficou ali na caverna preocupada, pensando em como faria para comer e se abrigar do frio. E foi naquele momento que apareceu um lindo coelhinho e a levou até uma pequena casinha, onde ela pudesse ficar. A casinha era tão pequenininha, que Branca de Neve teve que se agachar para passar pela porta da casa. Estava tão bagunçada, que imediatamente ela resolveu organizar todas as coisas que estavam jogadas pela casa.

– Ufa! Está tudo limpinho! – falou Branca de Neve assim que terminou a organização. Como estava exausta, subiu as escadas que davam para o quarto à procura de uma cama para dormir. Todas eram muito pequenas, mas ela encontrou uma que foi o tamanho ideal e ali adormeceu.

Horas depois, os donos da casa retornaram do trabalho. Eram eles: o Mestre, o Dengoso, o Atchim, o Feliz, o Zangado, o Dunga e o Soneca. Eram os Sete Anões. Assim que abriram a porta da casa levaram um grande susto: a casa estava limpa e organizada. Cuidadosamente, foram caminhando pela casa e subiram as escadas. Abriam a porta do quarto e viram Branca de Neve dormindo.

– Ora, ora! Tem uma menina dormindo em sua cama, Zangado! – falou o Atchim.

– Silêncio! Ela está dormindo. – falou o Mestre. Naquele momento, o Zangado, já irritado por ter alguém dormindo na sua cama, tropeçou no pé do Feliz e acabou acordando Branca de Neve que levantou assustada.

Todos a olhavam curiosos. Educadamente, Branca de Neve lhes contou sua história e explicou que estava em perigo e que precisava de um lugar para ficar. E assim, os Sete Anões fizeram um trato: Branca de Neve

poderia ficar se, em troca, ela cozinhasse e cuidasse da casa. Ela aceitou prontamente e passou a viver ali com eles, feliz da vida.

– Branca de Neve, não abra a porta para estranhos! Tome cuidado!
– os Sete Anões a aconselhavam todos os dias antes de sair para trabalhar.

Em uma tarde, enquanto Branca de Neve lavava a louça, uma velhinha que passava no bosque e a viu pela janela perguntou:

– Bom dia, querida! Será que você pode me dar um copo de água? Estou muito cansada. – vendo que a velhinha carregava uma cesta nas mãos e parecia bem cansada, Branca de Neve abriu a porta para que entrasse e lhe entregou um copo de água.

Assim que bebeu a água, a velhinha falou:

– Muito obrigada, querida! Pegue essa maçã como agradecimento. Vamos, experimente! – e entregou a ela uma maçã viçosa, bem vermelha, que Branca de Neve mordeu um pequeno pedaço e desmaiou em seguida.

– Isso! Muito bem! Agora sou a mulher mais bela em todo o reino! – disse a velhinha que, na verdade, era a rainha disfarçada.

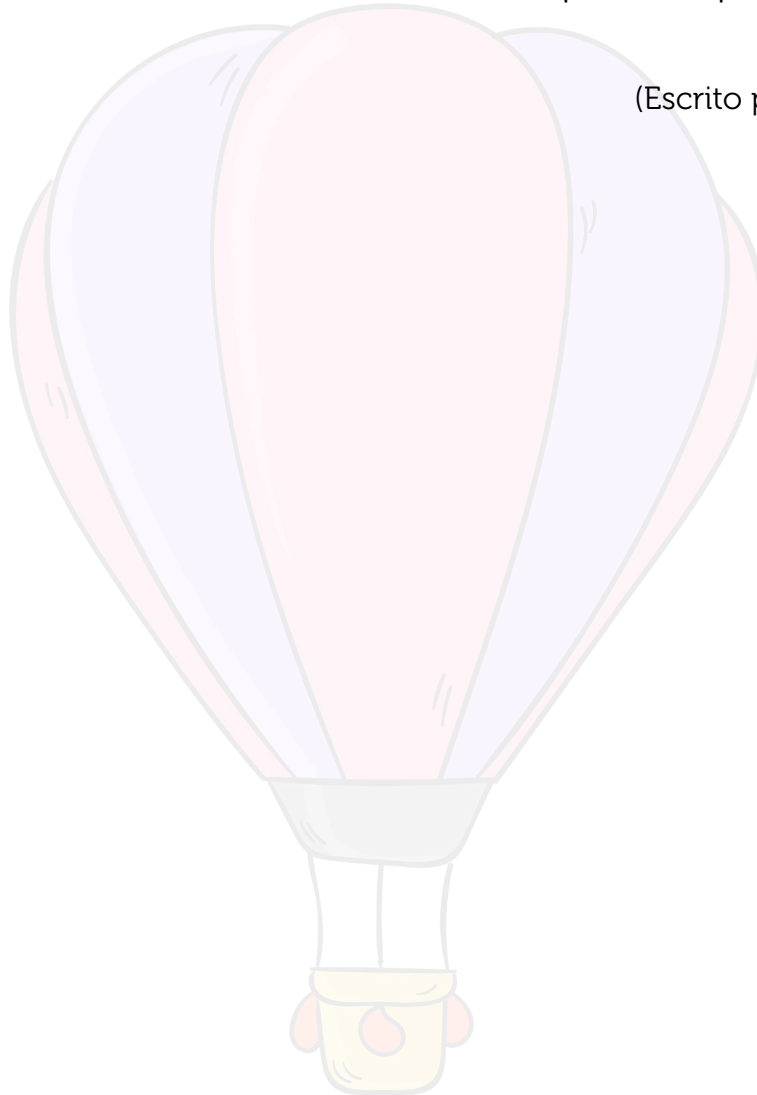
Quando os Sete Anões chegaram do trabalho encontraram um pedaço de maçã e Branca de Neve caída ao lado, dentro da cozinha. Logo descobriram que a fruta estava envenenada. Desesperados, tentaram acordá-la a todo custo, mas todo sacrifício foi em vão. Tristes com a partida da querida Branca de Neve, resolveram colocá-la no caixão de vidro e levá-la até o bosque para que todos os amigos da floresta pudessem vê-la. Ela só poderia acordar ao receber um beijo apaixonado.

Um príncipe de um reino vizinho cavalgava por ali naquele exato momento quando a avistou. Imediatamente desceu do seu cavalo e caminhou até ela. Quanto mais perto ele chegava, mais se encantava com a beleza de Branca de Neve. Educadamente, pediu licença aos Sete Anões, que choravam inconsoláveis, retirou o vidro, acariciou o rosto dela e a beijou carinhosamente.

Naquele instante, Branca de Neve acordou e contemplou a presença do lindo príncipe que sorria para ela. As lágrimas de tristeza se transformaram em lágrimas de alegria e ambos foram aplaudidos por todos.

Assim que o rei voltou de viagem e descobriu tudo o que havia acontecido, pediu para que os guardas prendessem a ex-rainha nas masmorras para sempre. Dias depois, Branca de Neve e o príncipe tiveram um casamento mágico no magnífico castelo, na presença do rei, dos Sete Anões e dos animais que viviam na floresta e viveram felizes para sempre.

(Escrito por Merari Tavares)



Os Dois Irmãozinhos

ERA UMA VEZ dois irmãos, uma menina e um menino, chamados Joana e João que viviam na floresta com a sua madrasta. Como ela era muito má para eles, as duas crianças decidiram fugir, assim que tivessem uma oportunidade.

Esse dia chegou e, numa manhã, bem cedo, enquanto a madrasta ainda dormia, saíram de casa sem fazer barulho.

Depois de muito andarem e já cansados, resolveram parar junto a um ribeiro para descansar um pouco. O que eles não sabiam é que a sua madrasta já os tinha encontrado e os seguia silenciosamente, através da floresta...

Como estava um dia muito quente, João perguntou à sua irmã:

- Posso beber um pouco de água deste ribeiro Joana?

Ao que a Joana respondeu, sem suspeitar que a madrasta feiticeira tinha lançado um feitiço sobre as águas daquele ribeiro:

- Claro que sim! Andamos muito, está muito calor e deves estar com sede...

O irmão de Joana, assim que bebeu o primeiro gole de água, transformou-se numa corça!

- Oh! Meu querido irmão, que te aconteceu? Não te preocupes, vamos de arranjar uma solução. Para já, temos de fugir daqui!

Depois de andarem mais um pouco, e já quase de noite, encontraram uma casa abandonada e decidiram passar lá a noite. Os dias foram passando e, longe da madrasta, João e Joana acharam boa ideia ficar a viver ali.

Todos os dias o menino-corça gostava de correr pela floresta, deixando a sua irmã muito preocupada.

- Joãozinho, sabes bem que não gosto que andes por aí sozinho, pois tenho medo que um caçador te encontre e te leve!

Mas o menino corça era muito jovem e curioso e não resistia a fazer o mesmo todos os dias.

Um dia, já perto da hora do almoço, o menino corça chega a casa ferido, pois tinha sido atingido pelo tiro de um caçador.

Joana, muito aflita, leva o irmão para dentro de casa e começa a tratar-lhe a ferida.

O caçador que perseguia o menino corça era muito persistente, e seguiu as pegadas da corça até à casa dos dois irmãos. Quando lá entrou, viu Joana ao lado da corça.

A irmã ao ver o caçador, exclamou:

- Por favor, não mates a minha corça! Mas o caçador já nem sequer olhava para a corsa, maravilhado com a beleza de Joana...

O jovem caçador, apaixonado por Joana, pergunta-lhe se quer casar com ele e ir morar para o seu castelo, juntamente com o menino corça. Esta aceita com alegria e o jovem caçador, Joana e João dirigem-se para o castelo, onde o casamento de Joana e do jovem caçador, que afinal é um príncipe, é celebrado com uma grande festa.

Um ano mais tarde, Joana e o príncipe tiveram um lindo menino, a quem chamaram Bernardo, e todos viviam radiantes naquele reino.

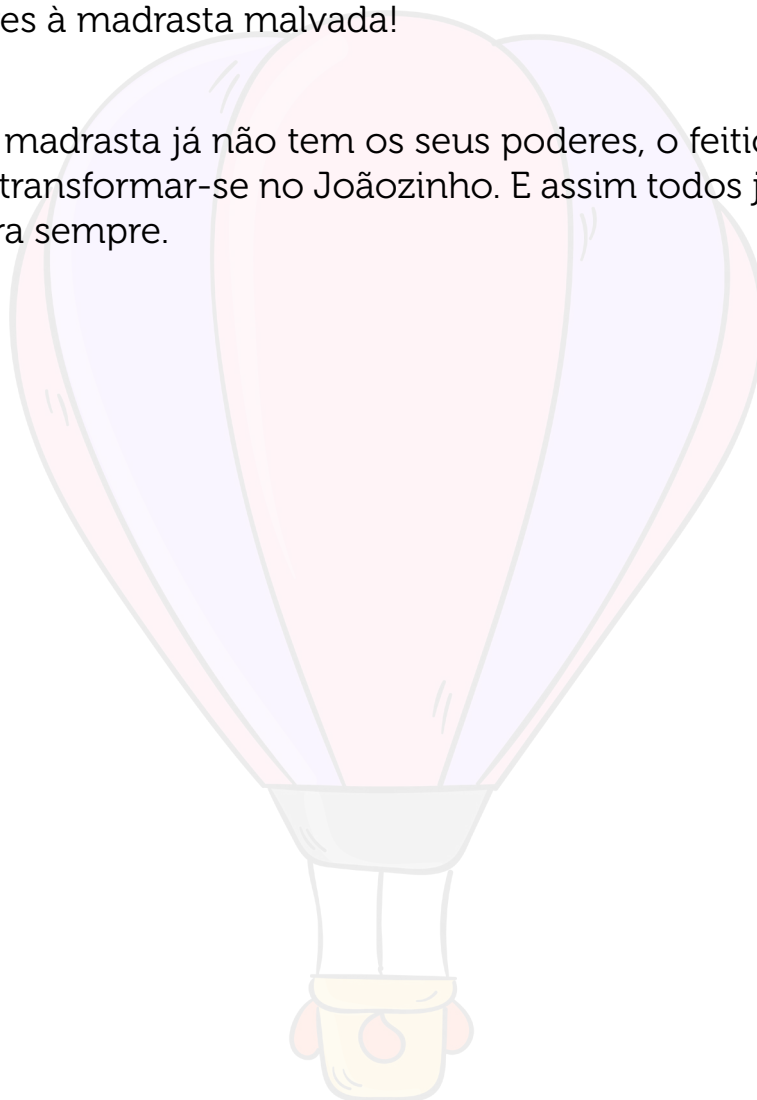
A notícia do nascimento do menino e de como eram felizes, Joana e

o menino corça, chega aos ouvidos da cruel madrasta, deixando-a furiosa!

A madrasta decide então castigá-los a todos, roubando-lhes Bernardo, o filho de Joana.

A malvada feiticeira entra no quarto do Bernardo, disfarçada de criada, e prepara-se para levar o menino, mas eis que chega o príncipe e, apercebendo-se da intenção da madrasta, saca da sua espada mágica e retira todos os poderes à madrasta malvada!

Como a madrasta já não tem os seus poderes, o feitiço é quebrado e a corça volta a transformar-se no Joãozinho. E assim todos juntos, puderam viver felizes para sempre.



(Site Bebe Atual)

Cinderela

Era uma vez, um viúvo muito rico, que morava com sua única filha, Cinderela. Ele se preocupava muito com o futuro dela e, por isso, resolveu se casar novamente. Casou-se com uma mulher que também era viúva. Ela também tinha duas filhas.

O homem, após algum tempo casado, ficou seriamente doente e veio a falecer. A madrasta e suas filhas, que tinham inveja da beleza e alegria irradiante de Cinderela fizeram dela a sua criada. Cinderela foi obrigada a vestir roupas velhas e rasgadas. A pequena menina passou a trabalhar de manhã até o anoitecer, todos os dias. Ela lavava, passava, varria, costurava e cozinhava, enquanto a madrasta e as irmãs se divertiam e passeavam, esbanjando as riquezas do falecido homem.

– Vamos, Cinderela! Ande logo com isso! Está demorando demais. – dizia a madrasta.

– Já estou indo! Estou quase terminando. – respondia Cinderela com o suor escorrendo pela face.

Cinderela andava sempre suja, pois vivia trabalhando. Suas irmãs e madrasta até lhe deram o apelido de Gata Borralheira.

Do outro lado do bosque havia um lindo castelo, onde moravam o rei, a rainha e o príncipe. O rei lamentava a falta de uma esposa para seu filho e teve um ideia: resolveu dar uma grande festa, um baile, convidando todas as moças do reino, pois assim, seu filho teria a oportunidade de escolher uma delas para ser sua esposa.

E assim, os mensageiros do rei distribuíram muitos convites, convidando todas as moças do reino. Dentre elas estavam Cinderela e suas duas irmãs.

Assim que ficou sabendo da grande festa, Cinderela pegou um antigo vestido rasgado de sua falecida mãe e o reformou. Ela estava muito ansiosa para a festa, pois sempre ficava sozinha em casa trabalhando, enquanto suas irmãs e madrasta passeavam. Essa seria a grande oportunidade de se divertir

um pouco e, até mesmo, quem sabe, conquistar o coração do príncipe.

Cinderela trabalhou em suas poucas horas vagas reformando aquele pedaço de pano, até que finalmente conseguiu concluí-lo.

– Uau! Ficou melhor do que eu esperava! – falou Cinderela emocionada ao contemplar o seu vestido recém-reformado.

O dia do baile finalmente havia chegado. Todos na casa estavam agitados.

– Cinderela, passe o meu vestido, agora! – ordenou sua irmã mais velha.

– Cinderela, limpe o meu sapato! – ordenou sua irmã mais nova.

– Cinderela, penteie o meu cabelo! – ordenou a madrasta.

– Já estou indo! – falou Cinderela enquanto corria pela casa, sem saber quem atendia primeiro.

Cinderela ajudou uma a uma. Quando terminou, correu para o quarto para se aprontar. Abriu o guarda-roupa e retirou do cabide seu lindo vestido e, em seguida, vestiu-se. Desceu as escadas e encontrou suas irmãs na sala.

– Estou pronta! – falou Cinderela.

– Pronta? Ha ha ha ha ha... – a madrasta gargalhou.

– E quem disse que você vai? – perguntou sua irmã mais nova.

– Cinderela, você não vai! – falou a irmã mais velha enquanto olhava o vestido dela com olhos invejosos.

– Mas todas as moças do reino foram convidadas! – falou Cinderela.

– Quase todas, menos você! – retrucou a irmã mais velha que, em seguida, rasgou o vestido de Cinderela de cima a baixo. Cinderela não podia fazer nada senão chorar.

As irmãs e a madrasta saíram alegremente para o baile, enquanto Cinderela ficou chorando por não ter mais nenhum vestido que lhe servisse e que pudesse usar para ir à festa.

Naquele exato momento, um brilho muito forte invadiu o ambiente e uma mulher surgiu entre a luz. Ela tinha um olhar carinhoso e vestia um belo manto azul.

– Não chore, minha filha! Estou aqui para ajudá-la.

– Quem é você? – perguntou Cinderela enquanto admirava a bela mulher à sua frente, notando que ela segurava uma varinha mágica.

– Sou sua fada madrinha! Não se preocupe, vou dar um jeito nisso! – falou ela assim que olhou para o vestido de Cinderela. Imediatamente apontou sua varinha mágica em direção ao vestido rasgado, transformando-o em outro deslumbrante.

– Uauuu! Nossa, que vestido maravilhoso! – exclamou Cinderela encantada com o resultado.

– Que bom que gostou! Ande, venha comigo! – pediu a fada madrinha, enquanto levava Cinderela até o jardim.

Em seguida, apontou a varinha mágica para uma abóbora e a transformou em uma linda carruagem.

– Prontinho! – disse a fada. – Agora você já pode ir ao baile no castelo. Porém, com uma condição: quando o sino soar meia-noite, você deve sair imediatamente.

– Oh, muito obrigada, querida fada madrinha! – agradeceu Cinderela.

A carruagem a levou até a entrada do baile. Assim que desceu a escadaria do palácio, contemplou o lindo salão decorado. Estava lotado, havia jovens de todo o reino. Assim que viu o príncipe dançando com uma das candidatas, Cinderela ficou tão encantada com ele que passou a observá-lo a cada passo, desejando a todo instante estar em seus braços, dançando. Quando ele finalmente a avistou, foi paixão à primeira vista. Aproximou-se dela e a tirou para dançar. Cinderela ficou radiante. A partir daquele momento, o príncipe só dançou com ela durante todo o restante da noite. Suas irmãs e a madrasta ficaram furiosas quando viram que Cinderela estava no baile, ainda por cima, dançando com o príncipe.

Ao ouvir os sinos soarem meia-noite, Cinderela falou:

– Preciso ir embora!

– Embora? Por quê? – perguntou o príncipe.

– Não tenho tempo para explicar, me desculpe! – respondeu Cinderela enquanto corria em direção às escadas. Assim que ela se foi, o príncipe ficou perdido, sem nada entender.

Ele ficou desesperado, pois precisava encontrá-la. Cinderela havia mexido com o seu coração. O problema é que ele não sabia seu nome.

– Vossa Alteza, encontramos um pé de sapato perdido no salão, próximo às escadas. – falou um dos guardas do castelo.

– Oh, muito obrigado! – agradeceu o príncipe, já pensando na possibilidade de encontrar a sua amada.

Ele analisou cuidadosamente o lindo sapato de cristal por algum tempo, até que ordenou que procurassem em todo o reino o pezinho que servisse naquele lindo sapato. A dona daquele sapato seria a escolhida para se casar com o príncipe. Para ele, o baile havia acabado.

No dia seguinte, o mensageiro do príncipe visitou todas as casas das jovens que foram ao baile naquele dia. Porém, não havia encontrado nenhum pezinho que servisse naquele sapato de cristal.

Chegou à última casa, a casa de Cinderela. Assim que suas irmãs ouviram o recado do mensageiro do príncipe, correram para ver quem seria a primeira a experimentar o sapatinho.

– Ai, esse sapato tem que servir em mim! – disse a mais velha espremendo o pé para caber no sapato.

– Esse sapato não serve em você! Eu vou experimentá-lo agora. – falou a irmã mais nova, arrancando o sapato do pé da sua irmã.

E assim, as duas experimentaram o sapato, mas ele realmente não serviu em nenhuma das duas. O mensageiro então perguntou se não havia mais nenhuma moça que morasse ali. A madrasta olhou para as filhas e disse:

– Não, não existe mais ninguém.

– Esperem! Deixe-me experimentar. – disse Cinderela, que havia escutado a conversa de longe.

Cinderela se aproximou, sentou e experimentou o sapato, que serviu como uma luva assim que ela o calçou. Quando a madrasta viu que o sapato havia servido, imediatamente fez com que ele caísse e se quebrasse.

– Oh! Me perdoem, foi um acidente! - fingiu a madrasta, mal conseguindo esconder um sorriso.

– E agora, como irei provar ao príncipe que o sapato serviu nesse jovem moça? – o mensageiro perguntou preocupado.

– Não se preocupe, senhor! Espere um momento, por favor! – falou Cinderela enquanto foi até seu quarto e voltou com o outro pé do sapato,

entregando-o ao mensageiro, provando ser a verdadeira dona.

Assim que recebeu o outro pé do lindo sapato de cristal, o mensageiro, agora sorridente, agradeceu à Cinderela e voltou para o palácio, onde se encontrou com o príncipe e lhe contou as boas novas.

– E então, encontrou a dona do sapatinho de cristal?

– Sim, Vossa Majestade, encontrei!

– Que ótima notícia! Qual o nome dela?

– Seu nome é Cinderela, Vossa Majestade!

– Muito bem! Reúna todos do castelo e preparem um grande banquete. A festa será amanhã, ao pôr do sol.

O príncipe ordenou que buscassem Cinderela e a trouxessem para o castelo para que se preparasse para o casamento.

No dia seguinte, ao pôr do sol, Cinderela e o príncipe herdeiro se casaram na varanda do palácio e foram felizes para sempre.

(Escrito por Merari Tavares)

Cachinhos Dourados e os Três Ursos

Era uma vez três ursos: mamãe Ursa, papai Urso e o filhinho Ursinho, que moravam em um lindo bosque. Eles viviam em uma casinha, que foi construída pelo próprio papai Urso.

Nas noites frias, o papai Urso acendia a lareira e se sentava confortavelmente em sua grande poltrona, onde lia seus livros sobre grandes aventuras. Mamãe Ursa também se reunia na sala e se sentava em sua poltrona média, onde lia seus romances. Já o filhinho Ursinho, sentava-se em sua pequena poltroninha, própria para o seu tamanho, onde lia seus contos de fadas.

Nas noites mais quentes, os Três Ursos convidavam os amigos do bosque para visitá-los e faziam uma linda festa musical. A mamãe Ursa tocava piano; o papai Urso, o tambor e o pequeno Ursinho, seu pequeno violino. Os convidados adoravam as músicas tocadas pelos ursos.

Nas manhãs ensolaradas, a família de ursos gostava de fazer passeios no bosque. Nesses passeios, o Ursinho adorava aprender coisas novas, como o nome dos animais e das mais belas flores.

Em um lindo dia ensolarado de outono, enquanto o papai Urso varria as folhas secas no quintal, mamãe Ursa preparava um delicioso mingau para o café da manhã.

— Mamãe, preciso de ajuda para me aprontar para o passeio que faremos pelo bosque! — o pequeno Ursinho chamou sua mãe lá do seu quarto.

— Filhinho, a mamãe está ocupada, estou preparando o mingau para o café da manhã. Peça ao seu pai!

E assim, o pequeno Ursinho chamou pelo seu pai:

— Papai, venha até aqui, por favor! Preciso de ajuda para me vestir.

– Estou ocupado recolhendo as folhas secas que caíram no quintal. Peça à sua mãe! – falou o papai Urso.

– Mamãe, papai não quer me ajudar! – reclamou o pequeno Ursinho.

– Ora, se vocês não colaborarem comigo, não consigo terminar o mingau que iremos comer depois do nosso passeio! – falou mamãe Ursa, enquanto corria com as tarefas na cozinha.

E assim, o papai Urso subiu as escadas e foi até o quarto de seu filho para ajudá-lo a se vestir. Lá na cozinha, mamãe Ursa despejou o mingau, que havia acabado de preparar, em cada tigelinha para esfriar, enquanto faziam o passeio pelo bosque.

Enquanto os Três Ursos passeavam pelo bosque, uma menina de cabelos dourados, cacheados, também passeava pelo bosque, quando encontrou uma linda casinha. Curiosa, resolveu dar uma espiada. Olhou em volta da casa e não viu ninguém por lá. Espiou pela fresta da janela e avistou três tigelinhas em cima da mesa ainda quentes, pois a fumaça subia pelo ambiente. Naquele momento, a fome bateu forte e ela resolveu entrar de mansinho.

TRAC TRAC TRAC...

A porta rangeu no momento em que ela a empurrou.

– Hum... Que cheirinho delicioso! – falou a menina de cachinhos dourados assim que entrou na cozinha.

Ela achou as cadeiras da mesa muito interessantes, pois cada uma era de um tamanho. Como era muito curiosa, resolveu experimentar cadeira por cadeira. Sentou-se na primeira cadeira, que era mais alta e espaçosa.

– Aiii! Que cadeira mais dura! – falou a menina enquanto se sentava na cadeira do papai Urso e aproveitava para experimentar o mingau que estava naquele tigelão.

– Aiii! Queimei minha boca! – o mingau estava muito quente.

Ela se levantou e sentou-se na próxima cadeira para experimentá-la.

– Nossa! Que cadeira macia demais! – ela falou enquanto observava a cadeira mediana, a cadeira da mamãe Ursa.

Em seguida, experimentou o mingau da tigela mediana.

– Nossa! Que mingau frio!

E assim, a menina de cachinhos dourados resolveu experimentar a última cadeira.

– Oba! Essa cadeirinha não é muito grande, nem muito pequena. É própria para o meu tamanho. – a menina falou animada, sentando-se confortavelmente na cadeira.

– Hum... Este mingau está delicioso! – falou enquanto saboreava o mingau que estava servido numa tigela nem muito grande, nem muito pequena.

TRAC TRAC TRAC...

A menina escutou um pequeno estralo. A perna da cadeira do pequeno Ursinho não suportou o seu peso e se quebrou, derrubando a menina ao chão.

Assustada e, ao mesmo tempo, satisfeita com a comida, a menina resolveu subir as escadas e verificar o que havia no andar de cima. Assim que terminou as escadas, encontrou uma porta e resolveu abri-la. Ali era o quarto onde os Três Ursos dormiam. Havia três camas. Como havia caminhado bastante pelo bosque, a menina estava muito cansada. Resolveu experimentar as três camas para escolher uma para descansar.

– Ai! Que cama dura! – reclamou a menina, enquanto experimenta-

va a cama do papai Urso, grande e espaçosa.

Levantou-se e experimentou a cama mediana, a cama da mamãe Ursa.

– Nossa! Que maciez exagerada!

E por fim, deitou-se na última cama que não era nem muito grande, nem muito pequena. Era própria para o seu tamanho e também confortável. A menina gostou tanto da cama que acabou dormindo ali mesmo.

Ali perto, os Três Ursos já haviam feito o passeio matinal e voltavam para casa, famintos, pensando no mingau que haviam deixado em cima da mesa para esfriar.

– Quem deixou a porta aberta? – perguntou papai Urso.

– Você! Quem foi que saiu por último? – falou mamãe Ursa.

– Vamos entrar! – sugeriu o pequeno Ursinho.

– Tenham cuidado! Pode ter alguém aqui. – falou papai Urso.

Os Três Ursos entraram e caminharam pela cozinha, observando o ambiente.

– Hum... Alguém sentou na minha cadeira! – falou papai Urso.

– Alguém também sentou na minha cadeira! – falou mamãe Ursa.

– Alguém também sentou na minha cadeirinha e a quebrou em pedaços. – choramingou o Ursinho.

– Hum... Alguém provou o meu mingau! – falou papai Urso.

– Alguém também provou o meu mingau! – falou mamãe Ursa.

– Alguém também provou o meu mingau, comeu tudo e até lambeu a tigela. – choramingou o Ursinho, vendo que não havia mais mingau para comer.

– Vamos subir as escadas! – sugeriu papai Urso.

– Eu vou logo atrás! – falou mamãe Ursa.

– Eu vou ficar na retaguarda! – falou Ursinho.

Assim que chegaram no quarto, o papai Urso logo avistou a colcha de sua cama desarrumada e falou:

– Alguém deitou na minha cama!

– Alguém também deitou na minha cama! – falou mamãe Ursa, observando seu travesseiro desarrumado.

– Alguém também deitou na minha caminha e ainda está dormindo aqui! – exclamou o Ursinho ao ver a menina de cachinhos dourados descansando em sua cama.

– Ohhh! – exclamaram mamãe Ursa e papai Urso surpresos com a presença da menina, que acordou em seguida, assustada.

Os Três Ursos a olhavam curiosos.

– Oh! Quem são vocês? – perguntou a menina, assustada.

– Somos os Três Ursos. – respondeu a mamãe Ursa.

– Donos desta casa! – explicou o papai Urso com o seu vozeirão.

– E eu, o Ursinho!

Envergonhada, a menina de cachinhos dourados levantou-se da cama e desceu as escadas, fugindo dali.

– Ei, espere! – pediu o Ursinho. – Não corra!

A menina olhou para trás desconfiada e parou de correr.

– Qual seu nome? – perguntou o Ursinho.

– Meu nome é Cachinhos Dourados! – respondeu a menina.

– Você não quer brincar comigo?

Cachinhos Dourados, deixando a vergonha de lado, aceitou o convite do Ursinho. No restante do dia, eles brincaram. Mamãe Urso e papai Urso aproveitaram para explicar a ela que era muito feio entrar na casa das pessoas sem ser convidada. A menina ouviu os conselhos, pediu desculpas e prometeu nunca mais entrar na casa de desconhecidos, nem mexer nas coisas dos outros.

No final do dia, os Três Ursos levaram a menina para a casa dela, onde se encontrou com os seus pais, que a esperavam com o sorriso no rosto.

A partir daí, Cachinhos Dourados aprendeu a lição e nunca mais entrou na casa dos outros sem ser chamada, e ainda ganhou um novo amigo para brincar sempre que tivesse saudade.

(Escrito por Merari Tavares)

O Pássaro Que Enganou o Gato

Certo dia, um gato muito sabichão caminhava sobre o telhado de uma casa, quando avistou um canarinho assobiando, em um fio da rede elétrica.

“Ei! Belo pássaro cantor, já sabe da novidade?” Disse o bichano olhando para o alto.

“Que novidade?” Perguntou o passarinho, já desconfiado.

“Uma nova lei foi aprovada... Agora todos os bichos terão de ser amigos, não haverá mais rivalidade, nem presas, nem predadores e todos terão que viver em harmonia”.

“Sério?!!” Questionou o canário.

“Sim, e para comemorar, voe até aqui e venha-me dar um abraço, sejamos amigos!”.

“Tudo bem” disse o canário, “Vou pousar próximo à casinha do Rex, aquele grande pastor alemão ali no quintal e então nos abraçaremos e comemoraremos os três juntos”.

Ouvindo isto, o felino saltou tentando agarrar o pássaro, que voou rapidamente e gargalhou do gato.

“Lei nova... ha, ha, ha, ha!!!”

O gato saiu frustrado e resmungando, pois não contava com a astúcia do pequeno pássaro.

(Enviado por Wallistein – Site Bebe Atual)

Os Três Porquinhos

Era uma vez uma linda casa de tijolos que ficava no alto de um morro. Nessa casa vivia uma família de porcos. Moravam lá a mãe porca e seus três filhos porquinhos. Eles viveram muito felizes na casa durante um longo tempo.

Com o passar do tempo, os porquinhos cresceram, até que ficaram muito grandes. Por causa disso, a mãe porca ficou muito preocupada. A casa tinha ficado pequena para os porquinhos. Por isso, ela lhes disse “Vocês logo terão que construir as suas próprias casinhas”. E num belo dia de sol, os irmãos partiram.

Os três porquinhos eram bem diferentes entre si. O porquinho caçula se chamava Cícero e só pensava em tocar flauta e brincar pelos bosques. Não gostava de trabalho pesado.

O porquinho do meio se chamava Heitor. Ele gostava muito de comer maçãs e dormir, por isso preferia passar seus dias relaxando embaixo das árvores ao invés de trabalhar.

Já o porquinho mais velho, que se chamava Prático, era muito trabalhador. Ele sabia que primeiro devemos cumprir com nossas responsabilidades para depois aproveitar o dia.

Cada porquinho construiu uma casinha para si. Assim como os porquinhos, as casinhas eram bem diferentes umas das outras.

Cícero não quis perder muito tempo trabalhando na sua casa. Também não quis machucar as suas mãos porque gostava muito de tocar flauta. Por isso, resolveu construir uma casa de palha. Ela ficou pronta em pouco tempo e logo ele pôde brincar e tocar a sua flauta pelos bosques.

Heitor também não quis perder muito tempo trabalhando. Ele encontrou uma região com muitas árvores e resolveu usá-las para fazer a sua casa. Logo a sua casa de madeira estava pronta e ele estava livre para cochilar na rede que ele colocou em sua varanda.

Prático, porém, sabia que ter uma casa forte e segura era muito importante. Por isso, resolveu construir sua casa de tijolos. Construir a casa deu muuuito trabalho e demorou muuuito tempo, mas Prático ficou feliz com o resultado.

Os porquinhos viveram felizes em suas novas casinhas por um bom tempo. Mas certo dia, um viajante passou ali perto... ERA UM LOBO!! Ele estava com muita fome e havia descoberto que porquinhos viviam nas redondezas. Por isso, decidiu procurá-los.

Depois de muito procurar, enfim o lobo encontrou a casa de palha de Cícero. Ele foi até a porta do porquinho e disse "Porquinho, porquinho, estou com fome. Deixe-me entrar ou essa casa vou derrubar!". Cícero, que não era tão bobo, não abriu a porta. Furioso, o lobo deu um sopro forte em direção à casa. A casa era muito leve e voou pelos ares. Cícero, assustado, saiu correndo para a casa de Heitor!

O porquinho conseguiu chegar a salvo na casa de seu irmão Heitor. "Rápido! Feche a porta que o lobo está vindo!", disse Cícero apavorado. O lobo chegou logo em seguida. Quando estava próximo à entrada da casa de madeira, bateu na porta com força e disse "Porquinhos, porquinhos, estou com fome. Deixem-me entrar ou essa casa vou derrubar!". Os porquinhos não abriram a porta.

O lobo, então, começou a soprar. Soprou uma vez e a casa balançou, mas resistiu. Soprou uma segunda vez e a casa de madeira foi arrastada, quebrando-se logo em seguida!

Cícero e Heitor correram para a casa de Prático e conseguiram chegar antes que o lobo. Prático os recebeu e fechou a porta. Assim que o lobo chegou na casa, disse "Porquinhos, porquinhos, estou com fome. Deixem-me entrar ou essa casa vou derrubar!". Mas os porquinhos não abriram a porta. Ele começou a soprar novamente. Soprou uma vez, duas vezes, três vezes, mas não adiantava. O lobo não conseguiu mover nem um tijolo da casa de Prático. Ela estava muito bem construída.

Foi aí que o lobo teve uma ideia. Ele resolveu subir no telhado da casa para então descer pela chaminé! Mas o porquinho Prático era mais esperto que o lobo. Quando escutou os passos no telhado, Prático pegou uma pa-

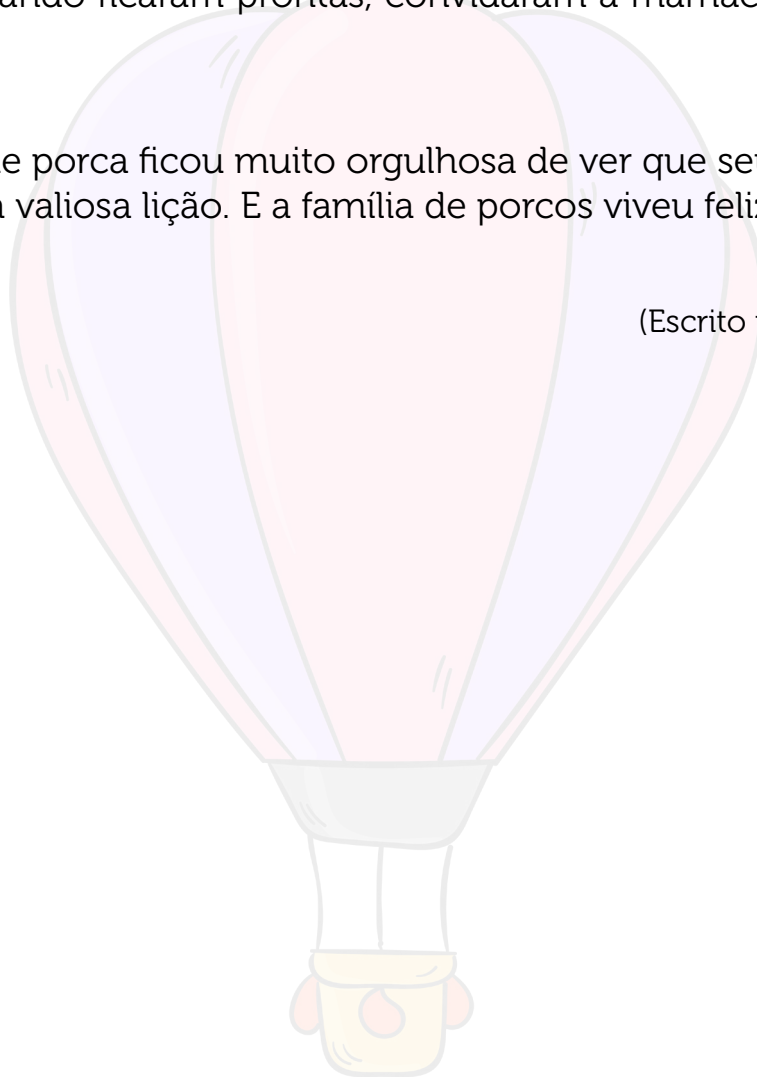
nela com água quente e colocou embaixo da chaminé.

Quando o lobo desceu pela chaminé, caiu direto na panela e queimou o seu rabo! A dor foi tão grande que ele saiu voando pela chaminé! Os porquinhos comemoraram que agora estavam livres do lobo!

No fim, todos os porquinhos entenderam a importância de ter uma casa forte e segura. Prático ajudou seus irmãos a construírem suas casinhas de tijolos e, quando ficaram prontas, convidaram a mamãe porca para festejar.

A mamãe porca ficou muito orgulhosa de ver que seus filhos haviam aprendido uma valiosa lição. E a família de porcos viveu feliz para sempre.

(Escrito por Julia Magnoni)



A Raposa e o Corvo

Certo dia, quando surgiram os primeiros raios de sol, um corvo preto voou pelas campinas à procura de alimento. Mais adiante, encontrou um apetitoso pedaço de queijo amarelo, próximo à estrada que ia em direção à fazenda que estava ali perto.

– Hum... Este queijo parece estar maravilhoso! Não vejo a hora de saboreá-lo. – falou para si mesmo.

Ele diminuiu a velocidade de seu voo e pousou em terra seca, abocanhando o alimento que tanto procurava.

E assim, com o pedaço de queijo preso em seu bico, sobrevoou novamente, desta vez, à procura de um local para que pudesse se abrigar e saborear o alimento conquistado.

O sol começava a ficar mais forte, precisava encontrar o quanto antes um local fresco e aconchegante.

Após alguns minutos de voo, avistou uma grande árvore, do outro lado da montanha. Parecia ser ideal, por isso foi até lá.

– Agora sim! Finalmente poderei descansar e saborear o meu queijo, que parece estar delicioso.

Mal sentou-se no galho da grande árvore, quando uma linda raposa amarela, de focinho comprido e uma cauda longa e peluda se aproximou.

Ela estava escondida entre as campinas, observando-o de longe. Quando avistou o corvo com um bom pedaço de queijo, sentiu uma enorme inveja e desejou comê-lo a qualquer custo.

Ao colocar-se diante do tronco da árvore, disse ao corvo:

— Bom dia, Sr. Corvo!

Surpreso com a presença, ele respondeu:

— Bom dia, Dona Raposa! –disse o corvo com cuidado para que o queijo não caísse de seu bico.

— Parece que encontrou uma bela sombra para descansar.

— Sim, é verdade! O sol está muito quente hoje.

— Tenho que concordar com você! E parece-me que encontrou também um ótimo pedaço de queijo.

— É verdade, encontrei faz pouco tempo. Estava me preparando para saboreá-lo.

— Poderia me oferecer um pedaço?

—Na-na-ni-na-não! – falou o corvo balançando a cabeça, quando abocanhava o primeiro pedaço.

— Só um pedacinho! – insistiu a raposa.

— Hã, hã! – repetiu o corvo.

Entristecida, a raposa virou as costas e caminhou pelas campinas, ainda pensando no pedaço de queijo que havia deixado de ganhar.

— Que corvo orgulhoso! Sequer quis dividir um pedaço de queijo comigo... – falou a raposa ainda pensando no assunto. — Mas isso não vai ficar assim!

A raposa deu meia volta e foi novamente ao encontro da ave, que

permanecia em cima do tronco, segurando o alimento. Tinha ela uma ideia para tentar conseguir aquele queijo.

– Você voltou, Dona Raposa! O que a traz de volta? – o corvo perguntou surpreso.

– Ora, Sr. Corvo, antes de ir embora eu gostaria de lhe dizer algo. Sabia que você é um pássaro magnífico? Possui uma beleza estonteante. Só falta cantar para combinar com a sua beleza. Não há dúvidas de que se tornará o rei dos pássaros, com tantas qualidades.

Ao ouvir aquelas palavras, o corvo encheu-se de vaidade diante de todos aqueles elogios. Naquele mesmo instante, levantou o pescoço para cantar. Assim que abriu a boca, o queijo caiu.

A raposa apanhou-o e foi-se embora, feliz da vida.

Moral da história 1: Cuidado com aqueles que fazem elogios exagerados.

Moral da história 2: A ganância pode fazer você perder aquilo que é muito importante em sua vida.

(Escrito por Merari Tavares)

O Moinho Mágico

O moinho mágico é a adaptação de uma lenda muito popular na Noruega que nos conta porque é que a água do oceano é salgada. Talvez os seus filhos já tenham perguntado alguma vez porque é que a água do mar sabe a sal. Uma boa forma de lhes responder de forma criativa é através desta curiosa lenda. Depois terão tempo de aprender no futuro a explicação real. De momento, vamos deixá-los sonhar acordados. Além disso, esta fantástica história vai ajudar os seus filhos a perceber a importância de não agir de forma orgulhosa e ambiciosa.

Conta a lenda que, há milhares de anos, vivia no norte da Europa um capitão que se divertia percorrendo o mundo com o seu barco e a sua tripulação, embora também gostasse de ganhar muito dinheiro a vender e a comprar produtos em muitos portos de diferentes países.

Certa vez o capitão ancorou num porto da Noruega e viu um enorme mercado cheio de peixe fresco, muito animado. Tal foi a sua admiração que decidiu aproximar-se para negociar.

Enquanto passeava pelo mercado, deu de caras com o homem de barba branca que vendia grandes blocos de sal e, como não eram muito caros, o orgulhoso marinheiro decidiu comprá-los todos.

O capitão pensava que esses blocos tão pesados podiam ser muito bem vendidos noutros países, e isso era a única coisa que lhe importava. No entanto, nessa mesma noite, caiu uma tempestade muito forte que inundou o barco mas, por sorte, todos conseguiram chegar a uma pequena ilha e abrigarem-se até a tempestade passar. Nem imaginavam o que ali iam encontrar...

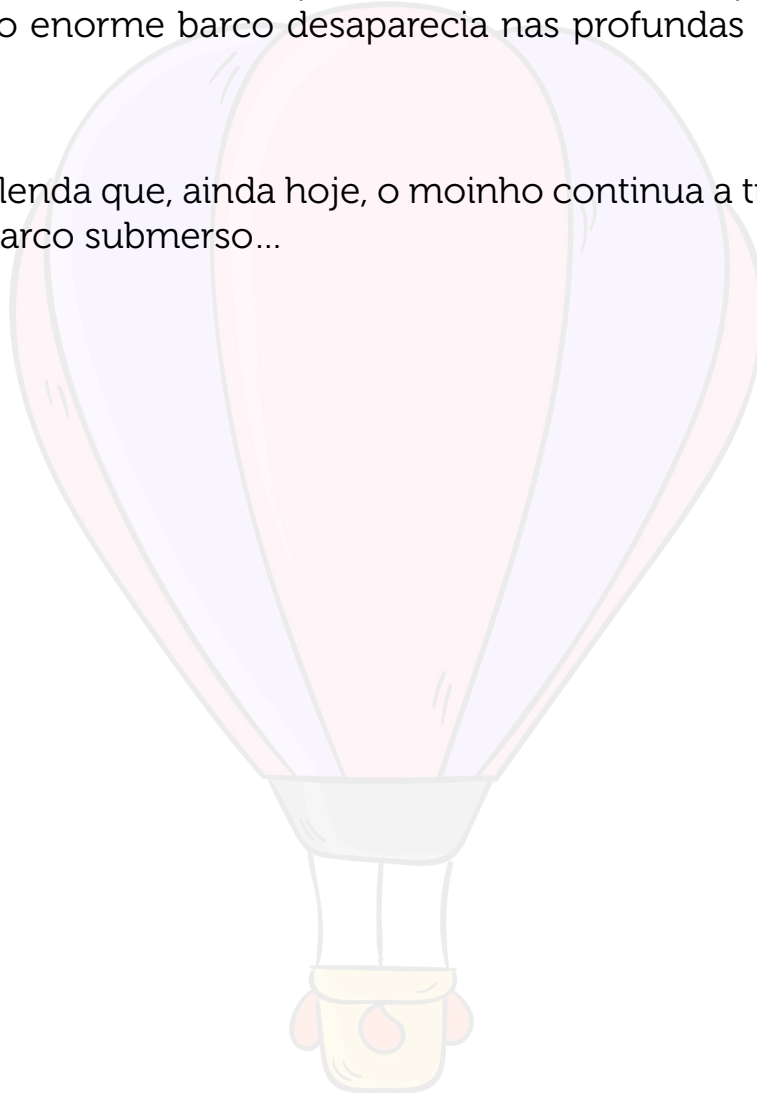
Enquanto andavam à procura de uma gruta no bosque da ilha descobriram um feiticeiro que estava a trabalhar com um estranho artefacto que triturava as pedras. A única coisa que tinha de dizer para que este se pusesse a funcionar era: "Mói que mói! Mói que mói! Mói que mói!".

O capitão disse aos seus tripulantes para, quando o feiticeiro estivesse distraído, lhe roubarem esse curioso moinho. Então, no meio da noite,

embarcaram de novo com a máquina e o capitão começou a pronunciar as palavras mágicas para triturar os blocos de sal que tinha comprado.

Passadas algumas horas, o porão do barco estava tão cheio de sal que não havia mais espaço para nada. O convés também já estava repleto de finos grãos de sal e o moinho não deixava de triturar. O capitão não sabia quais as palavras que tinha de dizer para parar o artefacto, pois não tinha perguntado ao feiticeiro. O barco começou a ficar tão pesado que se começou a afundar. Então todos os tripulantes decidiram saltar para a água e nadar, enquanto o enorme barco desaparecia nas profundas e escuras águas do oceano.

Conta a lenda que, ainda hoje, o moinho continua a triturar blocos de sal dentro do barco submerso...



(Site O Meu Bebe)

O Crocodilo

O Crocodilo é uma lenda infantil de origem africana que nos conta porque é que a pele dos crocodilos é tão rugosa. É, sem dúvida, muito útil para os seus filhos perceberem que a vaidade não é boa e que tem consequências negativas. Quer conhecê-la?

Há muitos, muitos anos, em África, os crocodilos eram animais que tinham uma pele lisa e dourada. Um deles vivia na Namíbia, num lago onde se escondia para se refrescar e para se camuflar no barro do fundo. À noite, no entanto, o crocodilo saía da água para não ter frio, e a lua refletia os seus raios na sua linda pele, iluminando tudo ao seu redor. Os animais noturnos aproximavam-se à noite para observar a sua tão grande beleza. Nunca tinham visto um animal tão magnífico como esse crocodilo de pele dourada!

A admiração que os animais sentiam pelo crocodilo fez com que ele se sentisse cada vez mais orgulhoso. Por isso, e para despertar mais inveja, decidiu sair também durante o dia. Os animais apareciam a qualquer hora do dia para o poderem contemplar...

- "Essa pele é uma maravilha!", diziam alguns.

- "Nenhum outro animal brilha tanto ao sol como esse crocodilo. Vejam todos!", diziam outros enquanto apontavam para ele com um olhar de espanto.

Mas o crocodilo tanto quis brilhar que, com o tempo, a sua pele se foi estragando com o sol. Depressa se tornou feia a enrugou-se, encheu-se de escamas escuras, e todos os animais deixaram de o ir ver.

- "Que pele tão feia que tem o crocodilo! Antes era bonita, mas agora é escamosa e escura!"

Por este motivo, desde aquele momento, o crocodilo transformou-se num animal orgulhoso e ameaçador e, consciente da sua imagem, decidiu que só ia sair do lago quando ninguém estivesse a ver. Então, para poder ver o exterior, os olhos tornaram-se salientes.

(Site O Meu Bebe)

Porque É Que Os Galos Cantam De Dia?

Esta antiga lenda das Filipinas explica porque é que, todas as manhãs, os galos acordam e cantam

. Esta breve história vai ajudá-la a explicar aos mais pequenos a importância de não ser preguiçoso e de se dedicar com responsabilidade às tarefas domésticas.

Conta a lenda que, no princípio dos tempos, viviam no céu três peculiares irmãos: o quente e reluzente sol, a formosa e clara lua, e um galo charlatão que passava o dia a cantar.

Os três dividiam os trabalhos de casa. O sol estava encarregue de iluminar e aquecer a terra. Enquanto isso, a lua e o galo realizavam as tarefas domésticas como passar a ferro, cuidar das plantas ou cozinhar.

Um dia, a lua pediu ao galo para levar as vacas para o estábulo, pois o sol já estava quase a chegar e começava a fazer frio. O galo, preguiçoso, negou-se a fazê-lo.

- Não vou levar as vacas ao estábulo! Já fiz muitas coisas hoje, estou cansado e quero dormir.

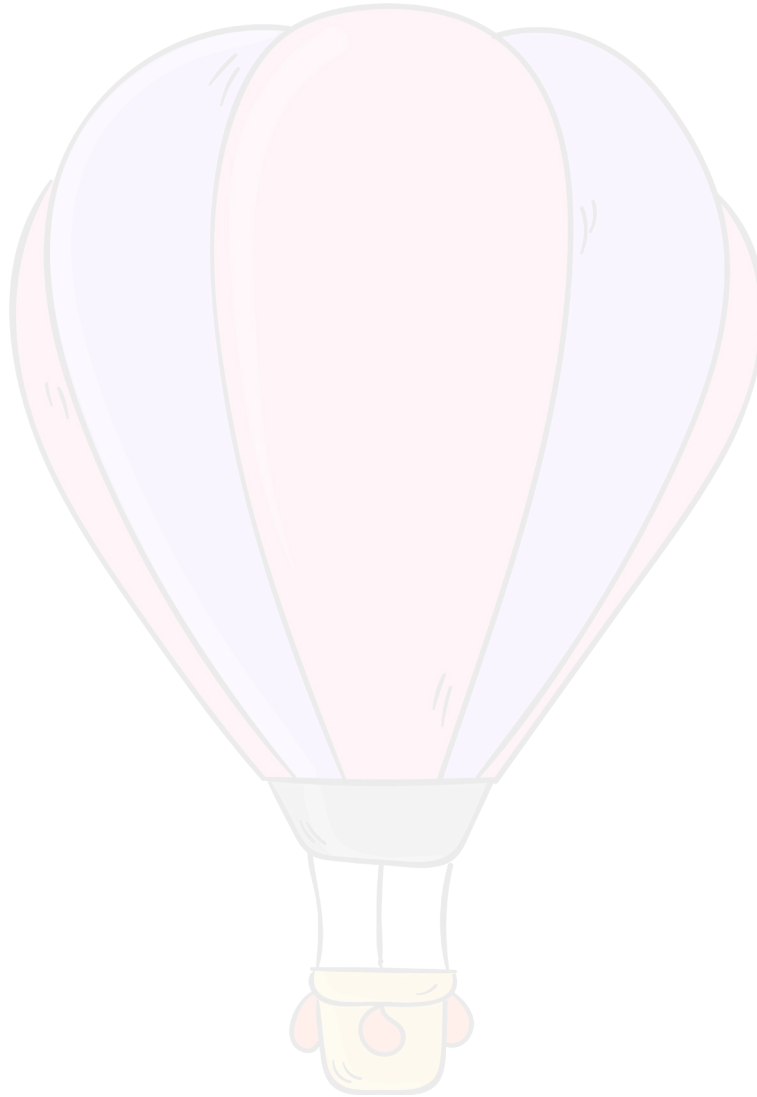
A lua, ao ouvir o que tinha dito o seu irmão, zangou-se muito a sério e voltou a insistir, mas o galo não quis ir. A lua então irritou-se tanto que atirou o galo com toda a força para o espaço, em direção à Terra.

Quando o sol voltou para casa e encontrou a sua irmã perguntou-lhe onde é que estava o galo. Ela respondeu dizendo-lhe a verdade. O sol não deu crédito ao que ouviu e zangou-se muito:

- Como é que pudeste expulsar o nosso irmão de casa? Estou muito chateado contigo e não quero saber mais nada de ti! O que acabaste de fazer não tem perdão. A partir de agora, eu vou trabalhar durante o dia e tu vais sair durante a noite. Assim, não vamos ter de nos ver mais. Além disso, vou falar com o galo e vou pedir-lhe que me acorde todas as manhãs desde

a terra com o seu canto para eu voltar ao trabalho, mas também lhe vou dizer para ir dormir no seu galinheiro à noite para não ter de te ver a ti.

A partir desse momento, o sol e a lua começaram a trabalhar por turnos. Quando o sol regressava, a lua já se tinha ido embora com as estrelas para dar brilho à noite escura. Nunca mais se voltaram a cruzar, graças ao canto do galo, que se habituou a viver na quinta e a acordar todas as manhãs o seu irmão sol.



(Site O Meu Bebe)

O Cervo e o Seu Reflexo

No final da tarde, quando o sol estava prestes a ir embora, um lindo cervo, muito veloz, corria pelas montanhas com os seus amigos, quando sentiu sede.

– Estou com muita sede! – disse aos amigos.

– Também, pelo tanto que você correu deve estar mesmo! – falou o outro cervo.

– Vou procurar água para beber! Nos vemos depois.

– Certo. Mas tenha cuidado! – os amigos falaram ao cervo, que já se afastava.

Muito cansado, após ter andado bastante pelas campinas, finalmente encontrou um lago. Parou ali mesmo, feliz por ter encontrado um pouco de água para beber.

Aproximou-se do lago e viu a si mesmo refletido na água cristalina. Ficou admirado com a sua beleza e com o quanto havia crescido.

Realmente, o cervo possuía uma beleza admirável! Era forte, veloz, seus pelos eram marrons, mesclados com tons mais claros, que o diferenciava dos outros. Possuía também lindos chifres em formas de arcos, que eram o seu maior orgulho.

– Uauuuu! Como cresci! Fui agraciado com lindos chifres. Os mais belos de todos! – o cervo falou, enquanto admirava seu reflexo nas águas.

– Ah! Por outro lado, estou decepcionado por ter essas pernas tão magrinhas... – disse o cervo envergonhado enquanto ainda observava suas pernas miúdas.

Ele saciava a sede, quando ouviu um ruído vindo do fundo das campinas e assustou-se! Logo sentiu o cheiro da onça que se aproximava e saltava dentre as folhas e avançava em sua direção.

Imediatamente começou a correr. Estava desesperado, sabia que corria muito perigo. Pegou vários atalhos para que pudesse se livrar da onça, que teimava em segui-lo.

Apesar de ser mais rápido que a onça e conseguir abrir certa distância dela, em um momento de descuido, o cervo não viu uma árvore repleta de galhos que estava bem à sua frente. Para piorar a situação, seus belos chifres se enroscaram nos galhos emaranhados da árvore, impedindo-o de fugir.

A onça o alcançou com facilidade e, assim que estava próxima o suficiente, mordeu a sua coxa.

O cervo, que não havia desistido, começou a se debater. Após fazer muita força, suas pernas, das quais tanto havia se envergonhado, foram capazes de ajudá-lo a se libertar dos galhos e da mordida da onça. Livre, ele aplicou um forte coice na onça que, zozna com a pancada, acabou fugindo.

– Ufa! Essa foi por pouco! – falou o cervo aliviado, assim que se viu longe do perigo.

No fim, os seus belos chifres colocaram em risco sua própria vida, enquanto suas pernas finas, o salvaram do grande perigo!

Moral da História: Com frequência, nos preocupamos mais com a aparência das coisas inúteis e deixamos de lado aquilo que é importante.

(Escrito por Merari Tavares)

O Flautista de Hamelin

Era uma vez uma pequena e rica cidade chamada Hamelin. Lá, seus moradores aproveitavam todos os luxos da vida. Eles faziam enormes festas e banquetes maravilhosos, onde sempre sobrava muita comida. Todos viviam tranquilos e gordinhos, sem uma preocupação sequer.

Eis que, em um belo dia, a cidade foi invadida por milhares de ratos. Os roedores gulosos, atraídos pelo cheiro das deliciosas comidas, começaram a infestar as ruas e as casas, devorando tudo que viam pela frente. Os moradores tentaram de tudo para se livrar deles, mas, a cada dia que passava, mais e mais ratos apareciam.

Desesperados, os moradores foram procurar o conde para pedir uma solução. O conde, muito preocupado com a situação da cidade, convocou imediatamente uma reunião do conselho de líderes. Quando reunidos, os conselheiros começaram a discutir ideias para expulsar os ratos, mas nenhuma delas parecia que funcionaria.

Foi então que um dos conselheiros falou de um homem, conhecido pelo seu poder de encantar ratos, usando uma flauta mágica com poderes maravilhosos. Todos concordaram que ele devia ser chamado imediatamente.

No dia seguinte, o flautista, que era um jovem, de cabelos bagunçados e sorriso fácil, apresentou-se ao conselho. O conde, sem cerimônias, lhe disse:

— Caro flautista, se você livrar Hamelin da infestação de ratos, vou lhe pagar 100 moedas de ouro! Essa é minha proposta.

O flautista respondeu:

— Caro conde, fico muito honrado com a sua proposta. Amanhã resolverei o seu problema, lhe garanto! Depois disso, virei para receber a recompensa prometida.

Por fim, ele despediu-se do conselho educadamente e retirou-se.

Na próxima manhã, ao chegar na cidade, o flautista foi para o ponto mais alto que pode encontrar. Ele tirou a sua flauta da bolsa e começou a tocar uma linda melodia. Os ratos, ao ouvirem o som, ficaram parados por um breve tempo. Depois, inexplicavelmente, começaram a caminhar em direção ao flautista. O jovem, que continuou tocando sua flauta mágica, começou a conduzir os ratos para fora da cidade.

Depois de passar os portões de Hamelin, ele seguiu por mais um tempo. Quando finalmente estava tão longe, num lugar em que não era possível avistar a cidade, começou a caminhar em direção a um rio que passava ali perto. Os ratos, ainda hipnotizados pela música, entraram nas águas sem hesitar. Todos foram carregados pela correnteza. Hamelin estava livre da praga!

No outro dia, o flautista foi ver o conde para pegar sua merecida recompensa. Mas o conde, que era muito ganancioso e agora se via livre do problema dos ratos, lhe disse:

– Ha ha ha ha! Você acha mesmo que vou lhe dar 100 moedas de ouro por uma coisa boba como tocar uma flauta? Vá embora daqui antes que eu mande os guardas lhe prenderem!

O flautista, furioso, saiu do palácio e jurou que o conde iria se arrepender de não lhe pagar o que haviam combinado.

Naquela noite, o conde fez uma enorme festa para todos os habitantes da cidade, para comemorar a saída dos ratos. Enquanto todos estavam comendo e bebendo ao som de música, o flautista, que havia retornado para a cidade, tirou novamente sua flauta da bolsa e começou a tocar uma linda melodia. Mas essa música era diferente. Ela somente podia ser ouvida pelas crianças que, hipnotizadas, saíram atrás daquele som.

O flautista continuou tocando enquanto todas as crianças da cidade o seguiam pelas ruas. Da mesma forma que com os ratos, o flautista as conduziu para fora da cidade. Dessa vez, ele se dirigiu para dentro de uma grande gruta.

Quando ele voltou para Hamelin, os cidadãos já haviam percebido a ausência das crianças e estavam desesperados procurando por toda parte. O flautista chamou todos e lhes disse:

— Vocês me pediram ajuda e eu os ajudei, mas agora seu conde não quer me pagar o que é justo, quebrando a sua promessa. Por isso, levei todas as crianças como pagamento. Me paguem as 100 moedas de ouro que são minhas por direito e eu devolverei as crianças sãs e salvas.

Os cidadãos ficaram furiosos quando descobriram o que o conde havia feito. Todos foram imediatamente para o castelo exigir que o flautista fosse pago. O conde, assustado com a raiva dos habitantes, pagou ao flautista imediatamente tudo que devia a ele.

O flautista, fazendo o que prometeu, trouxe todas as crianças de volta para Hamelin. Depois ele seguiu seu caminho para as próximas cidades que precisavam de sua ajuda.

O conde, envergonhado pelo que havia feito, fugiu da cidade de Hamelin e nunca mais voltou.

Os habitantes da cidade aprenderam uma importante lição: promessas são feitas para serem cumpridas.

(Escrito por Julia Magnoni)

Os Sete Cabritinhos e o Lobo Mau

Na bela Floresta Encantada morava a Dona Britinha, mãe de sete jovens cabritinhos. Todos eles eram branquinhos e tinham pêlos macios e bem cuidados. Viviam caminhando e brincando pelo pasto, sempre na companhia de sua mãe. Dona Britinha era muito cuidadosa com seus filhos, pois sabia que não muito longe, lá no fundo da floresta, morava o Lobo Mau.

Certo dia, pela manhã, Dona Britinha abriu os armários de casa e percebeu que a comida estava acabando. Mais que depressa, reuniu seus filhos e disse:

– Filhinhos, venham cá!

– Béééé! – responderam todos eles.

E correram para sala ao encontro da mãe.

– Meus filhos, a mamãe precisa ir até o outro lado da floresta comprar comida. Se alguém bater à porta, por favor, não abram! Poderá ser o Lobo Mau que virá para devorá-los.

– Mamãe, estou com medo! – falou a cabritinha mais nova.

– Não fique, querida! Vocês estão protegidos aqui dentro de casa. É só não abrirem a porta para os estranhos.

– Como ele é, mamãe? Você já viu o Lobo Mau? – perguntou preocupado o cabritinho mais velho.

– Sim, querido! Ele é bem grande! Possui uma cara enorme, unhas e dentes bem afiados, patas pretas, um bocão gigante e uma voz bem grossa. Além disso, é muito esperto.

– Vamos ficar aqui dentro, mamãe, quietinhos! Não vamos sair! – fa-

lou o cabritinho do meio.

– É bom que não saiam mesmo até que eu volte! E não abram a porta para ninguém. Está bem?

– Bééééé! – responderam os cabritinhos balançando as cabecinhas concordando.

Dona Britinha deu um beijo em cada um de seus filhos, pegou uma cestinha e foi em direção ao mercado, do outro lado da floresta. Enquanto isso, muito astuto, por trás de uma grande moita, o Lobo Mau se escondia e observava tudo o que acontecia na casa da Dona Britinha. Assim que ele percebeu que os cabritinhos estavam sozinhos, correu em direção a casa deles e bateu na porta.

– PAM! PAM! PAM!

Ao ouvirem as batidas, os cabritinhos se entreolharam assustados.

– Abram a porta, cabritinhos! – falou uma voz grossa.

– Não podemos abrir! Lembrem-se do que a mamãe nos falou. E se for o Lobo Mau? – falou o cabritinho mais velho aos seus irmãos.

– É ele, o Lobo Mau! Tem a voz grossa... – concordou um dos cabritinhos.

– Vá embora! Não vamos abrir! – o outro cabritinho falou ao Lobo Mau.

O Lobo Mau deu meia volta e voltou novamente à casa dos sete cabritinhos. Em seguida, bateu à porta.

– PAM! PAM! PAM!

– Abram a porta, cabritinhos! – falou o Lobo Mau com uma voz macia.

– Mostre suas patas! – falou uma das cabritinhas.

E assim, o Lobo Mau mostrou suas patas por baixo da porta.

– Vejam! Não podemos abrir! É o Lobo Mau novamente! – falou a cabritinha mais nova, assustada.

– Vá embora! Não vamos abrir a porta para você! – o outro cabritinho falou.

Sendo assim, vendo que os cabritinhos não lhe abririam a porta, rapidamente, o Lobo Mau correu para sua toca.

– Hum... Já sei como poderei enganar os cabritinhos! – falou ele.

Já em sua casa, ele foi até a cozinha e pegou um pacote de farinha bem branquinha e passou em suas mãos, que ficaram tão brancas como se fossem de uma cabrita. Aprontou-se novamente e foi até a casa da Dona Britinha.

– PAM! PAM! PAM! – bateu novamente na porta.

– Quem é? – os cabritinhos perguntaram.

– Sou eu, a mamãe! Abram a porta! Trouxe muitas coisas gostosas para comermos.

– Vamos abrir, é a mamãe! – uma das cabritinhas falou animada.

– Espere! Vamos ver se é ela mesma! – falou seu irmão.

– Mostre suas patas! – o cabritinho mais velho ordenou.

O Lobo Mau obedeceu ao pedido e enfiou suas patas por baixo da porta, mostrando-as.

– Vejam! É a mamãe! – falou uma das cabritinhas feliz ao ver as patinhas bem branquinhas.

E assim, eles abriram a porta... Mas para surpresa deles, não era a mãe.

– Ah, ah, ah! Enganei todos vocês! Eu sou o Lobo Mau! – falou ele, doido para devorá-los.

Desesperados, os cabritinhos começaram a correr pela casa, tentando escapar do Lobo Mau, que rapidamente avançou no primeiro cabritinho que viu a sua frente e o devorou. Pegou o segundo, o terceiro, o quarto e com as suas mãos enormes agarrou os outros três cabritinhos que faltavam.

– Hum... Que delícia! – falou o Lobo Mau lambendo os beiços.

Um pouco depois, Dona Britinha voltava feliz das compras. Porém, não imaginava o que havia acontecido.

– Queridos... A mamãe chegou! – chamou ela enquanto se aproximava de sua casa.

Subiu os primeiros degraus de sua linda casinha, quando notou que a porta estava bem aberta. Tamanho susto levou.

– Oh, meu Deus! O que será que aconteceu aqui?

Naquele momento, a mãe dos cabritinhos ficou muito preocupada.

– Cadê vocês, meus filhos? – perguntou ela já imaginando o pior.

Começou a vasculhar em todos os cômodos da casa à procura de seus filhos, porém não os achou. Caminhou até o fim da varanda, no fundo da casa, quando avistou o Lobo Mau dormindo próximo ao lago que ficava atrás da casa. Horrorizada, tapou a sua boca para abafar o grito de tanto espanto.

– Que horror! Que barriga enorme é essa? Tenho certeza de comi meus filhinhos! – falou com lágrimas nos olhos.

Aproveitando a oportunidade que ele dormia, ela correu até a cozinha, trouxe uma tesoura e lhe abriu a barriga. Por sorte, lá estavam os seus sete cabritinhos, vivos!

– Meus filhos! Vocês estão vivos! – falou Dona Britinha abraçando e beijando um a um, conforme saiam da grande barriga do Lobo Mau.

– Mamãe! – disseram eles aos prantos e, ao mesmo tempo, felizes ao vê-la novamente.

– Esperem um momento! Preciso costurar a barriga desse malvado. Vão e tragam algumas pedras para enchermos a barriga desse Lobo Mau! Tragam também meus materiais de costura.

Os cabritinhos saíram em disparada e logo voltaram com tudo que foi pedido. Em seguida, Dona Britinha pegou as pedras e recheou a barriga do Lobo Mau que dormia profundamente. Pegou uma agulha e uma linha e costurou a barriga dele.

– Aham! Desta vez fui muito mais esperta que você, seu Lobo Mau! – disse Dona Britinha assim que terminou de dar o último nó.

Minutos depois, o Lobo Mau acordou. Sentia muita sede. Levantou-se para beber água no lago, mas assim que começou a andar, sentiu a barriga pesada. Agachou-se para beber um pouco d'água e acabou escorregando e afogando-se no lago.

Dona Britinha, que vira tudo por trás das folhagens, voltou para casa

muito feliz e abraçou carinhosamente todos os seus cabritinhos, aninhando-os em seu colo.

— Meus filhos, agora vocês não precisam ter mais medo do Lobo Mau!

— Por que, mamãe? — perguntaram curiosos.

— O Lobo Mau se foi. Nunca mais irá nos incomodar!

— Ebaaaa! — os cabritinhos gritaram felizes, batendo cascos e fazendo festa em volta de Dona Britinha.

A partir daquele dia, a Floresta Encantada ficou ainda mais bela, repleta de paz e ainda mais animada com o canto dos pássaros que passaram a habitar naquela região.

— Bééé! Bééé! Bééé! — brincavam os sete cabritinhos.

Dona Britinha e seus filhos agora podiam passear e brincar pela floresta afora, sem nenhuma preocupação. O Lobo Mau se foi para sempre e a alegria reinou na grande floresta.

(Escrito por Merari Tavares)

Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma linda menina chamada Chapeuzinho Vermelho, que vivia em uma casinha com sua mamãe. Todos a chamavam assim porque ela sempre usava um capuz vermelho que a sua vovó havia lhe dado de presente.

Um belo dia, a mamãe de Chapeuzinho Vermelho lhe chamou e disse:

– Chapeuzinho, como você sabe, sua vovó está muito resfriada. Estou preparando uma cesta com doces para você levar para ela.

– Sim, mamãe! – respondeu a obediente menina.

Quando a cesta ficou pronta, a mamãe de Chapeuzinho disse:

– Aqui está filha! Leve esta cesta para a casa da vovó. Mas tenha muito cuidado no caminho pela floresta. Lembre-se: não saia da estrada e não fale com estranhos.

Chapeuzinho vestiu sua capa vermelha, pegou a cesta, deu um beijo em sua mamãe e foi alegremente em direção à casa da vovó.

Quando caminhava na floresta, Chapeuzinho Vermelho viu lindas flores na beira da estrada. Ela pensou em voz alta:

– Que flores bonitas! Tenho certeza que a vovó irá adorar. Mamãe falou que eu não deveria sair da estrada, mas acho que não faz mal sair um pouquinho para colher flores.

Chapeuzinho colhia as flores tranquilamente, mal sabia que ali perto passava um lobo. Ele viu a menina sozinha e pensou que ela seria um lanche delicioso. Assim, chegou mais perto e falou:

– Olá, linda menina. O que faz por aqui?

Esquecendo que a sua mãe lhe disse para não falar com estranhos, Chapeuzinho respondeu ao lobo:

– Estou colhendo flores para a minha vovó. Ela está muito resfriada.

– E onde mora a sua vovó, menina?

– Bem ao lado da floresta, no final da estrada.

O lobo, que sabia que alguns lenhadores cortavam árvores ali perto, resolveu não tentar devorar a menina naquele momento. Se fosse esperto e paciente, poderia comer a vovó e a menina de uma vez só. Assim, o lobo se despediu de Chapeuzinho e começou a colocar o seu plano em prática. Para dar certo, ele precisava chegar na casa da vovó antes que Chapeuzinho, por isso pegou um atalho.

Ao chegar na casa da vovó, o lobo logo bateu na porta.

– Quem é? – perguntou a vovó.

– Sou eu vovó, a sua Chapeuzinho! – respondeu ele, tentando imitar a voz da menina.

A vovó, que não ouvia mais tão bem, respondeu alegremente:

– Ah! Entre querida, entre!

Quando o lobo entrou na casa, a vovó levou um grande susto! Não era a neta dela que estava ali. O lobo deu um pulo e tentou pegar a vovó, mas ela conseguiu escapar e se trancou dentro do banheiro. Por enquanto, ela estava a salvo.

O lobo sabia que logo Chapeuzinho chegaria na casa, por isso preci-

sava ser rápido. Ele vestiu a camisola, a touca e os óculos da vovozinha. Por fim, fechou as janelas e se deitou na cama.

Logo que ficou pronto, ouviu: "TOC TOC TOC".

— Quem é? – disse o lobo, agora imitando a voz da vovó.

— Sou eu vovó, Chapeuzinho! Estou trazendo doces e flores para você!

— Ah, entre querida!

Quando Chapeuzinho Vermelho entrou na casa, tudo estava muito escuro. Ela conseguiu ver a vovó deitada na cama, mas ela parecia tão diferente...

Chapeuzinho chegou mais perto da cama e, achando aquilo tudo muito estranho, começou a perguntar:

— Vovó, que olhos grandes você tem...

— São para lhe ver melhor, querida!

— Vovó, e que orelhas grandes você tem...

— São para lhe escutar melhor, querida!

— Vovó, e que nariz grande você tem...

— É para lhe cheirar melhor, querida!

— Vovó, e que dentes grandes você tem!

— São para lhe comer mais rápido!

O lobo deu um pulo da cama e tentou pegar Chapeuzinho. Depressa, a menina começou a correr e a gritar por socorro. A vovó, que ouviu os gritos, abriu a porta do banheiro. Chapeuzinho entrou e as duas se trancaram lá.

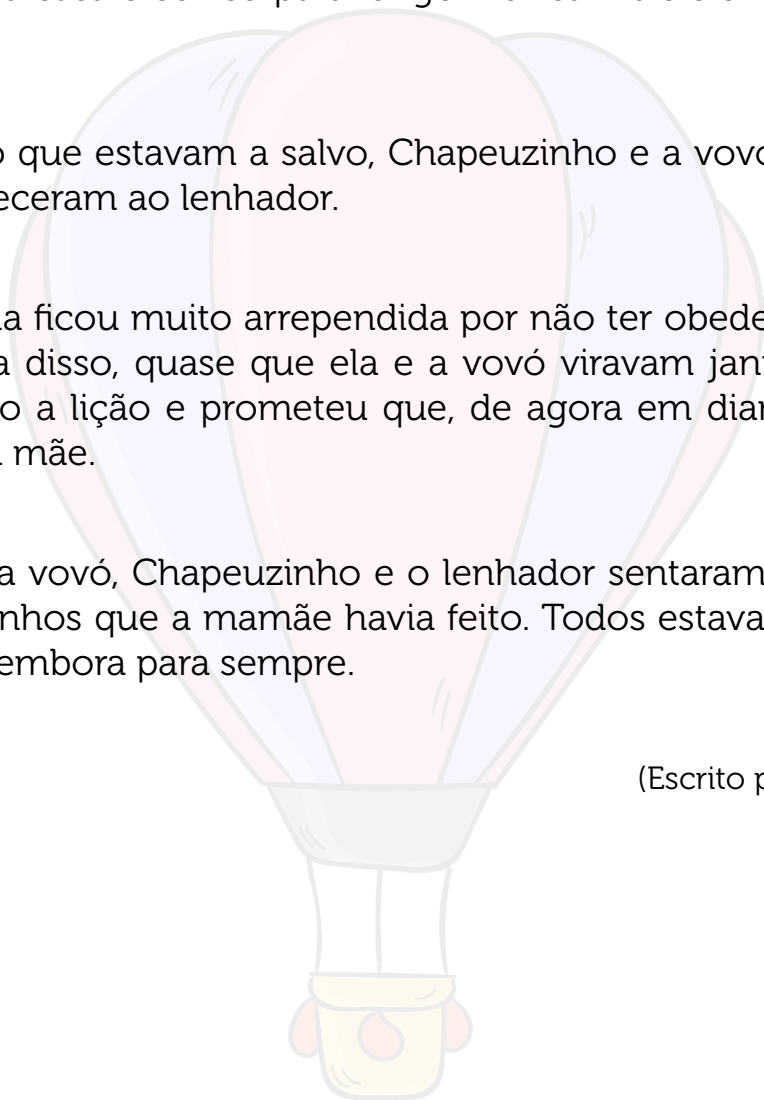
O lobo começou a bater na porta, gritando para elas saírem. Ele fez tanto barulho que um dos lenhadores, que estava ali por perto, escutou e veio correndo para ajudar a menina e a sua vovó. O lobo, com medo do lenhador, fugiu da casa e correu para longe. Nunca mais ele foi visto naquela região.

Sabendo que estavam a salvo, Chapeuzinho e a vovó saíram do banheiro e agradeceram ao lenhador.

A menina ficou muito arrependida por não ter obedecido a sua mãe. Por causa disso, quase que ela e a vovó viravam jantar do lobo. Ela havia aprendido a lição e prometeu que, de agora em diante, sempre iria obedecer à sua mãe.

No fim, a vovó, Chapeuzinho e o lenhador sentaram para comer os deliciosos docinhos que a mamãe havia feito. Todos estavam felizes que o lobo havia ido embora para sempre.

(Escrito por Julia Magnoni)



A Fábula do Leão e do Rato

Certo dia, o leão Leônidas estava dando o seu passeio da tarde quando sentiu muita vontade de tirar um cochilo. Ele logo encontrou uma árvore muito grande e com muitas folhas que faziam uma bela sombra. Leônidas deitou-se embaixo dela para descansar.

Acontece que o lugar onde Leônidas se deitou foi bem na frente da casinha do rato Honorato. Não foi de propósito, claro. Era difícil um leão daquele tamanho ver um buraquinho de rato tão escondido no pé de uma árvore.

Honorato, que estava se arrumando para ir buscar frutas para o jantar, colocou o nariz para fora da toca e levou um susto. Um leão estava bloqueando a sua saída! E agora, como ele faria? Não queria se atrever a acordá-lo, afinal, todos sabem que nada deixa um leão mais chateado do que ser acordado do seu cochilo.

Honorato já estava com fome. Ele precisava sair para buscar aquelas frutas! O ratinho, então, tomou coragem, respirou bem fundo e saiu correndo sobre aquela montanha de pelos que estava deitada ali.

Mas o pobre Honorato não deu sorte. Seu rabinho passou perto do focinho de Leônidas. O leão sentiu uma vontade muito grande de espirrar e acordou do seu cochilo para ver o ratinho quase em cima do seu focinho. Furioso por ser acordado, ele pegou o ratinho entre suas patas e disse:

— Quem você acha que é para me acordar da minha soneca? Não sabe o que posso fazer com você?!

— Me desculpe, leão! Eu não queria lhe acordar, mas estava atrasado para buscar o meu jantar! Por favor, me deixe ir sem me machucar! Eu prometo que algum dia posso retribuir esse seu gesto de bondade.

Leônidas começou a rir.

— Como um ratinho do seu tamanho poderia ajudar um leão como eu?

— Oras, eu posso ser pequeno, mas eu também sou esperto!

Honorato já estava ficando chateado com a falta de educação do leão. Ele franziu a testa e pediu mais uma vez:

— E então, temos um trato?

Leônidas olhou para aquele pequeno ratinho e ficou com pena. Como não tinha nada a perder, resolveu soltá-lo. Honorato seguiu seu caminho e Leônidas voltou para sua toca do outro lado da floresta.

Num outro dia, durante um de seus passeios da tarde, Leônidas parou para investigar um punhado de cordas muito esquisito que estava no chão da floresta. Quando tocou a corda com a pata, foi puxado para o chão com força. Era uma armadilha! Quanto mais Leônidas tentava se soltar, mais preso ficava no meio das cordas. Ele caiu no chão desesperado. Com muito medo, começou a rugir pedindo ajuda.

Honorato estava passando ali por perto. Ele escutou os rugidos de Leônidas e correu para ver o que estava acontecendo. Honorato subiu no focinho do leão e disse:

— Pare de se mexer! Você está apertando as cordas! Eu vou soltar você!

E rápido como só um ratinho pode ser, Honorato roeu todas as cordas até que conseguiu soltar o leão. Os dois correram dali o mais rápido possível. Quando já estavam bem longe, Leônidas parou e falou para o ratinho:

— Eu preciso lhe pedir desculpas. Eu ri de você naquele dia, mas agora eu sei que até um pequeno ratinho é capaz de fazer grandes coisas. Obrigado por salvar minha vida!

Daquele dia em diante, Leônidas e Honorato se tornaram grandes amigos. Quase todos os dias eles saiam juntos para passear, conversar e olhar as flores da floresta.

A lição havia sido aprendida: nunca julgue alguém pelo seu tamanho.

(Escrito por Julia Magnoni)

Saci-Pererê

Era uma vez dois garotos: Pedro e Hugo, que moravam no “Sítio Dona Benta” e estudavam na mesma escola. Tinham eles dez anos. Pedro era o mais estudioso, usava óculos e adorava ler; Hugo era o mais calminho, porém muito medroso. Eram amigos desde a infância, pois suas casas ficavam uma ao lado da outra desde sempre. Eram casas de barro, com cobertura de cipó. Apesar de simples, eram muito bem feitas e limpinhas.

Era um dia muito quente e o sol estava muito forte. Hugo, Pedro e o seu cão trilhavam o caminho da escola para casa. Os dois meninos carregavam consigo estilingues em seus bolsos.

Durante o caminho, quando passavam por um atalho no meio da mata, Pedro comentou com Hugo que havia perdido o seu livro favorito e não conseguia encontrá-lo. Hugo falou que isso devia ser coisa do Saci, que é um menino negro, que usa gorro vermelho na cabeça, cachimbo na boca, está sempre sorrindo e tem apenas uma perna. O amigo explicou ainda que o Saci vive pregando peças nas pessoas e escondendo os seus pertences. Além disso tudo, ele é conhecido por defender a natureza com ajuda dos seus poderes mágicos.

“Tolice” disse Pedro. “Eu não acredito em Saci. Isso é história para crianças”. Foi quando um som surgiu da mata “ROAAAR! ROAAAR! ROAAAR!”. “O que foi isso?” perguntou Hugo. “AU AU AU!” latiu o cão de Pedro. “Onçaaa!” gritou Hugo. E os meninos saíram correndo para as profundezas da mata.

De repente, os dois meninos tropeçaram em um cipó que estava esticado sobre a relva e caíram no chão. Ao levantarem, deram de cara com um menino negro, de uma perna só. Usava um gorro vermelho e fumava um cachimbo. Era o Saci! “Peguei vocês!” disse ele, rindo da cara dos meninos.

“Saci? É você?” perguntou Pedro muito surpreso ao vê-lo diante de seus olhos. “Eu sabia que ele existia!” exclamou Hugo impressionado.

“O que faz por aqui?” perguntou Pedro ainda não acreditando no que via. “Não tenho tempo para conversas. Notei que alguns pássaros, amigos

meus, estão sumidos! Vocês estão por trás disso?” disse-lhe ele apontando para os estilingues que estavam nos bolsos dos meninos. “Não, senhor! Usamos os estilingues apenas para atirmos em latinhas!” explicaram os dois.

De repente, outro barulho veio da mata. Um menino pequeno, de cabelos vermelhos como o fogo e pés invertidos, saltou de uma moita. “Saci, encontrei os pássaros perdidos. Eles estão presos aqui perto, próximo da Toca do Tatu Gigante!”.

“Obrigado, amigo Curupira, irei até lá!” respondeu o Saci. Os meninos não conseguiam acreditar no que viam! O Curupira! Foi então que uma forte corrente de vento começou a envolver o Saci, formando um redemoinho ao seu redor e fazendo-o flutuar! Era uma das magias do Saci.

Flutuando, o Saci foi ao lugar indicado. Ele logo encontrou as aves engaioladas e começou a soltá-las. Os meninos, que o seguiram correndo, chegaram depois e começaram a ajudar.

Quando estavam quase terminando de soltar as aves, algo começou a se aproximar do grupo. Era um homem, de cabelo comprido, usando um chapéu de caçador. Levava consigo um facão que usava para abrir caminho pela mata.

O homem parecia furioso. Seus passos pesados quebravam os galhos pelo caminho. Hugo, medroso por natureza, tentou se esconder entre as folhas de um arbusto, mas o homem o agarrou pelas costas e o ergueu. Em seguida ordenou “Parem de soltar as minhas aves!”.

Inesperadamente, o Saci sumiu. Ficou invisível, diante dos olhos de todos ali presentes, que ficaram impressionados com o seu desaparecimento. “Apareça logo!” bradou o caçador, pedindo para que o Saci aparecesse.

“ROAAAR! ROAAAR! ROAAAR!” soou o feroz rugido de uma onça, assustando o caçador. Mas os meninos sabiam que aquilo era coisa do Saci e não se apavoraram! Neste exato momento, o cão de Pedro aproveitou a oportunidade e saltou em direção à perna do caçador para mordê-la.

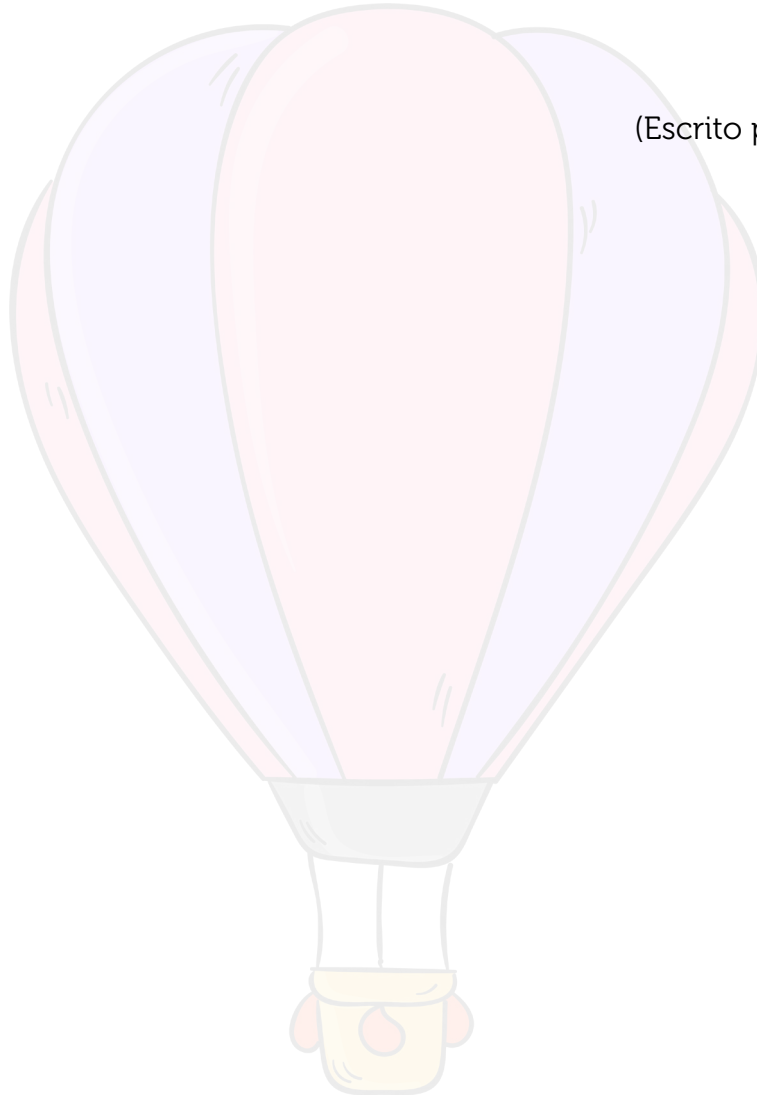
“Cão atrevido!” gritou o caçador ferido e assustado. Foi quando ele

fugiu, arrastando-se pelas trilhas da mata, para nunca mais voltar.

Os garotos, já tranquilos, voltaram a soltar os pássaros e, como uma mágica, Pedro acabou encontrando o seu livro dentro da última gaiola.

Durante o trajeto de volta para casa, ainda impressionado com tudo que havia acontecido naquele dia, Pedro perguntou para si: "Será que voltaremos a encontrar o Saci? Ou será que tudo isso foi coisa da minha imaginação?".

(Escrito por Merari Tavares)



Histórias de 3 – 5 anos

A Cama Na Árvore

A casa do ursinho Matias era uma árvore na margem de um lago. Morava lá há muito tempo, e dantes já pertencera a um texugo. Era uma casa muito aconchegada, que, além do mais, tinha três quartos confortáveis por debaixo da terra, entre as raízes da árvore. Assim, era fresquinha no Verão e quente no Inverno.

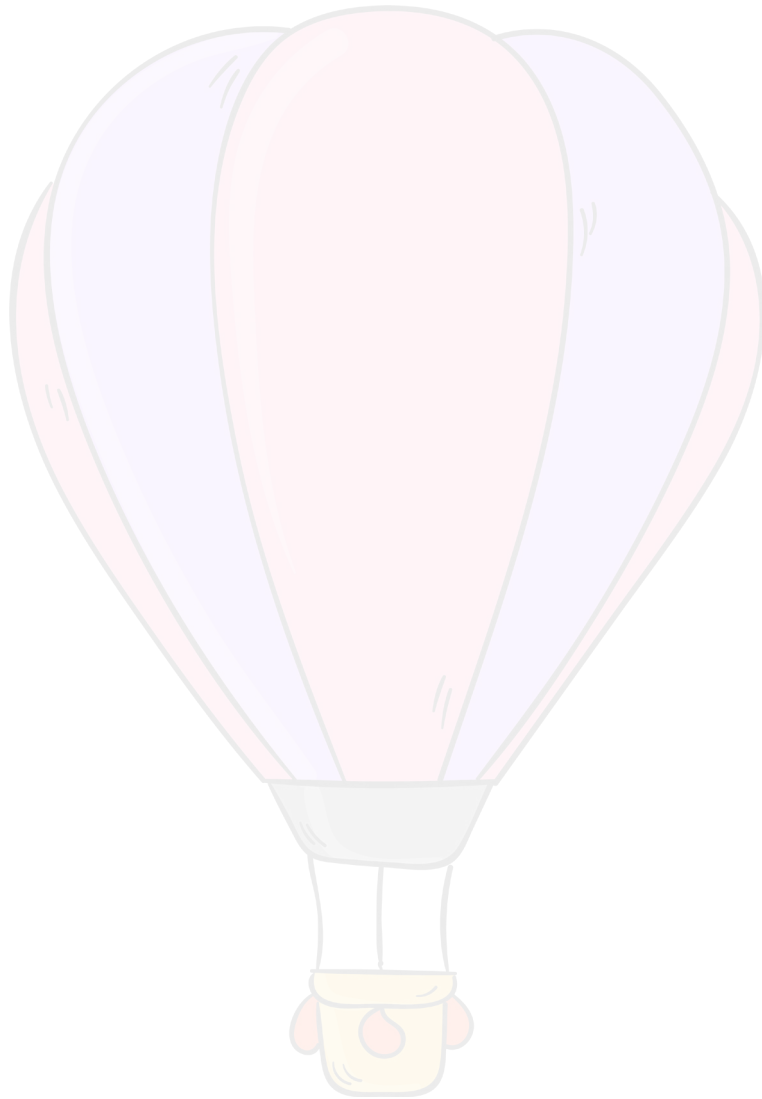
Certo dia, Matias recebeu visitas da Austrália! Era Curtis, o coala com quem ele se correspondia há muitos anos. Curtis ficou alojado num dos quartos debaixo da terra e achou tudo muito interessante.

Havia muitas coisas que eram completamente diferentes da Austrália. Todos os dias, Matias ia dar uma volta com ele para lhe mostrar as redondezas. Davam longos passeios pelo bosque e casa mas conversavam com todos os animais que lá viviam. A floresta agradou particularmente a Curtis, que apreciava o cheiro penetrante das bétulas e dos abetos. Uma vez, subiram a um monte e fizeram uma breve visita à família dos ursos castanhos. Depois foram visitar, mais acima, as marmotas, com quem Curtis simpatizou especialmente.

Quando se estava a aproximar o dia da partida, Matias quis fazer-lhe uma surpresa especial. No penúltimo dia de estadia de Curtis, Matias desmanchou a sua cama e montou-a entre os ramos da árvore. Curtis ajudou-o e não parava de perguntar a Matias o que estava a fazer, mas Matias guardou segredo e não disse nada. À noite, colocou na árvore dois recipientes com mel e pendurou uma lanterna na copa. Em seguida, convidou Curtis a subir e a deitar-se na cama ao lado dele. Cobriram-se e ficaram à espera.

Passado pouco tempo, começaram a chegar as primeiras borboletas. A luz e o cheiro doce do mel tinham-nas atraído. Matias e Curtis observavam, quietos e em silêncio, as maravilhosas borboletas.

Foi uma bela surpresa. O coala nunca tinha visto tantas borboletas e tão de perto!



A Casa De Adeira

Pelo Outono, a rata Alina ouvira dizer que o seu bom velho amigo, o texugo Norberto, morava agora numa casa algures na montanha. Há muito tempo que Alina não via Norberto. Nos últimos dias, desde que a neve começara a cair, Alina pensava muito nele, na sua agradável voz resmungona, na sua presença calorosa e reconfortante e na sua grande colecção de livros, que ele muitas vezes lhe lera.

“A casa do Norberto, lá na montanha, de certeza que agora tem luz, é quente e confortável”, pensou a ratinha, e naquele momento a sua toca começou a parecer-lhe apertada e abafada. No dia seguinte, tomou uma decisão:

– Vou ter com o Norberto! Não sei ao certo onde mora, mas não deve ser assim tão difícil de encontrar.

Alina calçou as botas quentes de ratinha, vestiu um casaco grosso de lã e pôs-se a caminho. Foi subindo a montanha, cada vez mais para cima, pela neve funda. Por pouco não dava com a casa do texugo! A noite já estava a chegar e ela ainda à procura do caminho através do bosque. E, para mais, começara a cair um nevão! Mas a ratinha não era medrosa.

“Se não encontrar hoje a casa do texugo, cavo um buraco fundo na neve”, pensou ela, “e assim não fico gelada...”

Mas, por fim, lá acabou por encontrar o caminho para fora do bosque, e viu à sua frente, num declive, a casa do texugo!

Era de madeira. Nas janelas brilhava uma luz amarela e quente e, da chaminé alta, saía um longo rasto de fumo que balançava ao vento.

Alina juntou as últimas forças e correu em direcção à casa. Claro que o texugo se alegrou imenso com a sua chegada. E ambos passaram um Inverno maravilhoso e confortável na casa de madeira, longe de tudo, lendo e conversando...

A Casa Feita De Sonho

Leve como uma pluma,
alta como uma torre,
quente como um ninho
e doce como o mel,
assim imaginei
desde pequeno
a minha casa...

Mais tarde, quando me encontrei só no mundo, como não tinha dinheiro, resolvi construí-la com as próprias mãos. Fiz primeiro a minha casa de papel, que é um material barato.

E assim que ficou pronta, vieram todos os ventos da Terra e levaram a minha casa de papel, leve como uma pluma...

Fiquei sem casa, mas não desisti. E fiz a minha casa à beira-mar, com areia da praia, que é um material barato.

Mal estava pronta, vieram todas as marés do mundo e levaram a minha casa de areia, alta como uma torre...

Deu-me vontade de desistir, mas eu precisava de uma casa, e sobretudo não podia abandonar o meu sonho.

E resolvi fazer a minha casa de madeira, que é um material barato. Cortei-a dos bosques, com as próprias mãos!

Ficou linda!... Escondida entre a folhagem...

Mas ainda mal a tinha acabado, vieram todos os fogos do céu e queimaram a minha casa de madeira, quente como um ninho... Chorei sobre as cinzas, como se chora uma pessoa querida que morreu.

Mas, mesmo assim, não desisti. E resolvi fazer a minha casa de açúcar...

Mas o açúcar não é um material barato! Pois não...

Mas eu precisava de uma casa, e sobretudo, não podia abandonar o meu sonho.

Trabalhei, lutei, passei fome, para juntar o açúcar suficiente...

E quando a minha casa estava pronta — eram de açúcar as paredes, o chão, o tecto, os móveis, as portas e as janelas — vieram todos os bichos da Terra e devoraram a minha casa de açúcar, doce como o mel...

REPORT THIS AD

Fiquei sem casa. E desisti de construí-la com as próprias mãos...

Perguntam-me onde moro... Onde moro eu? Sei lá!... Vou pelo mundo, aqui, além, no bosque, à beira-mar... Perguntam-me se não tenho casa... Tenho, sim! Eu podia lá abandonar o meu sonho!...

Resolvi imaginá-la. Num sítio onde não chega o vento, nem o mar, nem o fogo, nem os bichos da Terra.

Fiz a minha casa com o meu próprio sonho. Ficou linda!

Leve como uma pluma, alta como uma torre, quente como um ninho e doce como o mel...

Adaptação
Ricardo Alberty
A casa feita de sonho
Melhoramentos de Portugal, 1991

A Coruja Julieta

Julieta, a coruja, é teimosa como mula e só segue o que lhe manda o seu nariz. Por isso os seus pais passam a vida a dizer-lhe que ela faz tudo de pernas para o ar. Ao contrário das outras corujas, dorme de noite e brinca de dia.

O pai e a mãe bem se cansaram de lhe explicar que ela é um animal “noctívago” e por isso, como qualquer coruja que o seu nome não suja deve descansar enquanto o sol alumia para, mal a lua vem para a rua, estar alerta para a presa caçar, de garra crua.

Mas Julieta não quer saber e amua.

Os ponteiros do seu relógio trocaram o passo e quando os pais chegam da caçada, arcando no corpo muita maçada, para descansar, no tronco oco do velho salgueiro, é a vez de a Julieta largar o ninho, indo embora com a aurora.

A corujinha tem mais amigos em toda a floresta que pernas tem uma centopeia.

O papá e a mamã até arrancam as penas quando descobrem que a Julieta se dá muito bem com uma família de arganazes recém-instalados num extremo da floresta.

Uma desonra para uma coruja honesta!

É que toda a gente sabe que as corujas caçam os tais de arganazes, mais os musaranhos e outros animais dos mesmos tamanhos. Mas não, a menina Julieta só segue o que manda o seu nariz. Ela prefere contentar o bico com magros insectos e minúsculos vermes da terra, tornando-se companheira de brincadeira dos pequenos animais do campo. Uma vergonha maior que cegonha.

Ontem, alguém a viu num voar rasteiro ao prado, esvoaçando uma comprida fita presa nas suas patas, à qual se agarravam os pequenos arga-

nazes da família Roiganaz, rindo a bandeiras despregadas. Que figura mais tola!

Até os laparotos do senhor e senhora Coelho quiseram fazer o seu baptismo do ar servindo-se da fita presa nas patas da coruja. Toda a gente levou as mãos à cabeça.

— Três caçapos para levantar voo é muita areia numa avioneta! — exclamou a Julieta, rindo.

REPORT THIS AD

Hoje de manhã, enquanto os seus pais rersonam no ninho, a Julieta toma um banho na companhia dos seus amigo musaranhos, enquanto escutam as lérias da pega Amélia.

De tarde, vamos encontrar a nossa amiga em grande tagarelice com a família Ratónio, que comenta comicamente o movimentado baptismo do ar dos intrépidos caçapos.

— Podemos fazer montanhas de amigos quando saímos de dia! — diz ela para os seus pais.

Ah! Deus assim quis: que Julieta só siga o seu nariz!

Os animais nossos amigos
Porto, Editora Asa, 2000

A Filha da Árvore

No alto de uma colina erguia-se um castanheiro.

Faziam-lhe companhia os animaizinhos da floresta e, em baixo, a cidade enviava para o céu nuvens de fumo azulado.

Porém, nas noites de Verão, quando a mãe arganaz embalava na cauda um dos seus filhotes, a árvore era invadida por uma grande tristeza.

“Só eu é que não tenho meninos para acarinhar”, pensava ela.

E pensou nisso com tanta força que, uma bela manhã, um dos seus ouriços desprendeuse bruscamente.

Caiu, rolou e abriu-se.

Era uma menina.

Bem, estava um bocadinho pálida.

“Mas o sol há-de dar-lhe uma linda cor!”, disse a árvore, que até brilhava de contente. Passou a chamar-se Florina.

A árvore fez-lhe um bercinho minúsculo de ervas e sentiu-se muito feliz.

Mas nem sempre era fácil.

Florina queria ser campeã de piruetas.

— Tem cuidado, meu rebentinho querido! — dizia, preocupada.

Florina brincava ao bichinho da fruta.

— Come tudo como deve ser!

E também fazia o pino.

— Tu pões-me a cabeça à roda! Cansa, ser pai!

Mas afinal até se davam bem. Às primeiras neves, todos os bichinhos prepararam um ninho fofinho para passarem o Inverno. Cada um escavou um buraco à sua medida no meio do feno e a árvore bocejou:

— Boa noite, Florina. Bons sonhos!

Em breve, tudo ficou em silêncio.

Florina virou-se para um lado.

Depois para o outro.

— Papá, não consigo dormir!

Mas ninguém respondeu, estava tudo branco e adormecido. Florina deixou-se escorregar para a neve e estremeceu.

Ao longe, a cidade acendia as luzes e brilhava calmamente. Florina encheu-se de coragem e desceu a colina.

Era um lugar estranho.

Tudo estava em movimento, à volta de Florina.

Empurravam-na.

— Sai daí! — disse alguém.

— Não fiques no meio da rua! — disse outra pessoa.

Florina começou a tremer.

De repente sentiu que alguém a levantava de cabeça para baixo.

— Larga-me! — gritou ela.

— Desculpa! — respondeu o macaco. — Julguei que eras uma castanha. Às vezes dão-me castanhas.

— Não tenhas medo! — disse uma senhora velhinha a sorrir. — O Gil é um macaco muito simpático.

Depois, cobriu Florina com um xaile.

— É noite — disse ela suavemente. — Temos de voltar para casa.

Levou Florina para o quarto das águas furtadas, deitou-a numa cama fofinha, aconchegou-lhe a roupa, deu-lhe um beijo e não disse mais nada porque a menina já tinha adormecido.

De manhã, Gil abanou Florina:

— Eh, castanha! Não vais passar o Inverno a dormir!

— Penso que não... — suspirou Florina.

— Veste roupa quente — aconselhou a velha senhora. — Está muito frio no parque.

— Olha bem para mim! — gritou Gil.

E subiu a toda a velocidade pela árvore mais próxima.

— Admirável, não?

— Qualquer pessoa pode fazer isso! — replicou Florina.

— E isto é que tu nunca fizeste! — Gil arremessou-se, saltando de árvore em árvore.

Mas, de repente, um ramo coberto de gelo partiu-se e Gil caiu de uma altura de vários metros.

Florina foi logo a correr.

O macaco já não se mexia.

Muito tristes, levaram-no para casa.

A velha senhora embrulhou-o num xaile, mas Gil tinha uma pata partida e continuava desmaiado.

— Deve haver alguma coisa que se possa fazer por ele! — soluçou Florina. — O meu pai deve saber...

Na colina, o castanheiro dormia profundamente.

— Papá — murmurou Florina — estou com um pequeno problema, ajuda-me! Um amigo meu está doente...

Então uma coisa extraordinária aconteceu. A árvore fez crescer uma folha, em pleno Inverno, uma folha pequenina, na ponta de um ramo.

E murmurou mesmo a dormir:

— Um chá! Um chá de uma das minhas folhas faz sempre bem quando se está mal disposto!

Florina colheu a folha. E levou também algumas avelãs para comer pelo caminho. A árvore continuava a ressonar.

Mal bebeu a primeira colher de chá, Gil sentiu-se logo muito melhor.

— Felizmente que há árvores! — disse Florina.

Dia após dia, o macaco recuperava a sua boa disposição e Florina esperava pela chegada da Primavera.

Finalmente, o vento trouxe um rebento verdinho e perfumado.

— A minha árvore acordou — anunciou Florina.

— Nós vamos acompanhar-te — propôs Gil.

A árvore assobiava baixinho, muito atarefada a fabricar folhas e gomos.

— Onde é que passaste a manhã? — perguntou a árvore muito admirada.

— Depois conto-te — disse Florina. — Dormiste bem?

— Como um cepo.

— Bom dia! — disse o macaco.

— É curioso, tenho a impressão de que já o conheço — admirou-se a árvore.

Florina ria-se, tapando a cara com as mãos.

— Mais tarde explico-te tudo... — disse ela. — Agora podemos ir jogar às escondidas?

Magali Bonniol
La fille de l'arbre
Paris, L'école des loisirs, 2002
tradução e adaptação

A Mentira Tem Perna Curta

Costuma-se dizer que as mentiras têm pernas curtas, cabeça de pêra, pescoço comprido, corpo coberto de pêlos e os olhos tortos, que são grandes e metediças ou pequenas e mal-educadas.

— Depende — pensava Adalgisa com os seus botões. — Podem ser isso tudo e muito mais!

Ela era uma especialista em mentiras, das quais possuía uma coleção interminável.

Eram tantas e tantas as suas mentiras que já não sabia onde havia de as guardar.

No começo, ela escondia-as apenas no seu quarto: debaixo do tapete, no fundo do guarda-vestidos, atrás do aquecedor...

No fundo do armário, então, tinha uma prateleira repleta de frascos cheios de mentiras.

Mas rapidamente as mentiras encheram o quarto, começando então a saltar para fora, espalhando-se pelos lugares mais impensáveis da casa.

Logo que uma saltava para fora, Adalgisa apressava-se a tapá-la com outra ainda mais gorda.

Quando as mentiras começaram a sair, ela até as achava divertidas, e por isso tentou torná-las suas amigas, mas bem depressa teve de dar o dito por não dito... Não se pode confiar em mentiras!

O problema é que as mentiras não desaparecem logo, quando é preciso, permanecendo ali, à espera do melhor momento para saltarem para fora e causarem uma desgraça! Eis a razão por que a vida de Adalgisa se estava a tornar numa verdadeira tragédia, em vez de ser uma comédia. Ela passava o tempo a vigiar e a prender todas as suas mentiras, e para isso via-

-se obrigada a criar novas mentiras: um círculo sem fim...

— Adalgisa, já lavaste os dentes? — perguntava a mamã, e ela respondia:

— Já, mamã. E também lavei as mãos.

POF!

Mal acabara de falar, eis que a mentira saltava para o ombro da mamã e, a rir-se, soprava-lhe à orelha toda a verdade.

— Sabes, Luísa — contava Adalgisa, cheia de gozo, à sua amiga — que o meu avô tinha uma vaca chamada Celeste e que sabia falar?

Os dois juntos chegaram a actuar nos teatros mais famosos do mundo! O meu avô era um actor famosíssimo!

POF!

Aí vinha outra...

A verdade é que Adalgisa contava as mentiras tão bem e com tanta certeza e segurança que, com o correr do tempo, até ela se convenciu que aquilo que dizia era mesmo verdade. Adalgisa andava, pois, carregada de mentiras, que lhe saíam de toda a parte do corpo.

Trazia-as nos bolsos, no meio dos cabelos, nos sapatos, agarradas aos folhos do vestido...

E as mentiras eram verdadeiramente descaradas e arrelhadoras. Sucedia, por vezes, que, durante uma aula, uma das mentiras se punha a fazer-lhe cócegas e, quando a professora exigia explicações, Adalgisa contava mais uma mentira, que juntava à sua colecção.

Aquele dia começara como tantos outros. Ninguém poderia adivinhar o que dali a pouco iria acontecer.

A Senhora Gina, amiga da avó, quis saber:

— Adalgisa, é verdade que tu dizes mentiras?

E ela respondeu candidamente:

— Nunca disse uma mentira em toda a minha vida. Palavra de honra!

Não acabara ainda de pronunciar a última palavra quando uma enorme, horrenda, nojenta mentira aparece na sala.

Ao vê-la, Adalgisa ficou de tal modo apavorada que desatou a gritar. A mentira era tão assustadoramente grande que quase ocupava toda a sala. E Adalgisa sentia-se deveras pequena, pequenina. Desta vez, fizera uma grande asneira! Dissera uma tal mentira que nunca ninguém vira nada assim, ou antes, ninguém havia jamais imaginado coisa igual!

A avó e a amiga pareciam feitas de pedra. Imobilizadas no sofá, sentadas, olhavam, de boca aberta, para aquela "coisa".

A enorme mentira começou a mover-se pela sala. Babando-se e sujando tudo, mexia e partia cada coisa que ficava ao seu alcance. Depois, aproximou-se de Adalgisa, com ar ameaçador: o soalho tremia, a avó e a amiga também.

Adalgisa não sabia o que havia de fazer.

Ela abraçou com muita força o seu macaquinho de pelúcia, o Tricky, em busca de protecção. A mentira inclinou-se sobre ela. Algumas gotas de baba malcheirosa caíram no tapete. A sombra fixou Adalgisa nos olhos, rindo horrendamente, e, depois, agarrou Tricky, pronta a desfazê-lo em mil bocadinhos...

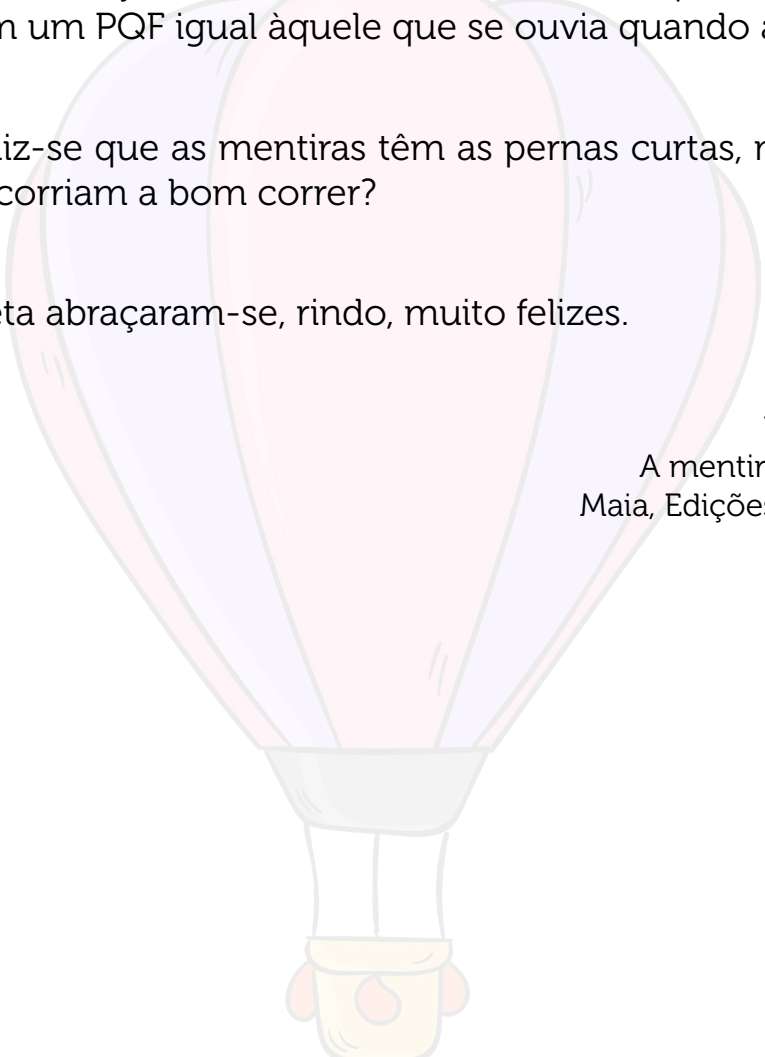
— NÃÃOOOOOO!!! — gritou Adalgisa — Não direi mais mentiras, prometo! — e agora era mesmo uma promessa de verdade.

Imediatamente sentiu-se um estrondo medonho e a sala encheu-se de fumo e um cheiro nauseabundo. Da enorme mentira só restavam algumas gotas de baba nojenta sobre o tapete.

Logo a seguir, por entre milhares de estranhos grunhidos, todas as outras mentiras começaram a correr doidamente, até que, contorcendo-se, explodiram com um PQF igual àquele que se ouvia quando apareciam.

— Avó, diz-se que as mentiras têm as pernas curtas, mas viste como estas mentiras corriam a bom correr?

Avó e neta abraçaram-se, rindo, muito felizes.



Rosy Gadda Conti
A mentira tem perna curta
Maia, Edições Nova Gaia, 2003
Texto adaptado

A Ratita Tita

Tita, a ratita, tem mãos de fada. Ela faz maravilhosas roupas a partir de quase nada. Mas, agora, já todos os ratinhos das redondezas estão servidos com as roupas que precisam. Por isso, Tita ficou sem trabalho.

— Tenho de ganhar a vida! — exclama ela, muito preocupada.

Então, resolve percorrer o campo, em busca de novos clientes. Enfrentando vento, chuva e neve, ela bate de porta em porta.

Que pouca sorte! Nenhum ratinho precisa de roupa nova.

— Tu fizeste-nos um formidável guarda-roupa, no ano passado. Ainda serve perfeitamente para passar outro Inverno.

— Porque é que só fazes roupas para ratinhos? — pergunta-lhe Heitor, o senhor toupeira.— Porque não fazes roupas para os outros animais?

Tita suspira profundamente. — Porque todos os outros animais são demasiado grandes para mim. Além disso, alguns vivem lá no alto das árvores e outros escondidos nas profundezas do solo... E nem vale a pena falar dos que metem medo.

No dia seguinte, a pequena ratita, amargurada, olha a sua máquina de costura, parada, e as suas agulhas de tricô, paradas, quando Heitor, o senhor toupeira, bate à porta.

— Encontrei a solução — diz, todo contente, o Heitor. — Apresento-te o meu amigo Samuel, o esquilo. Ele precisa de uma bela camisola quente. Podes subir para as minhas costas e, assim, tirar-lhe as medidas.

— Excelente ideia!

Tita sobe para as costas de Heitor e daí ela estende a sua fita métrica

dum ombro ao outro do Samuel.

Depois começa a trabalhar. O tlac-tlac das suas agulhas pode ouvir-se durante toda a noite.

No dia seguinte, Samuel experimenta a sua nova camisola, cheio de orgulho. Tomás, o texugo, que anda por ali a passear, dirige-se para eles.

— Isso é o que eu chamo um cobertor portátil. Mas para mim gostava mais de um casaco...

Então, Tita trepa pelas costas de Heitor e Samuel, como se trepasse pelos degraus de uma escada, e consegue tirar as medidas do texugo.

— Ai! Ai! — queixa-se o texugo gordinho.— Pára de me empurrar.

— E tu, pára de te mexeres — ordena a Tita, com a boca cheia de alfinetes.

Tomás, o texugo, veste, agora, o mais espantoso casaco da floresta. E, todo vaidoso, não se cansa de o exhibir para os seus amigos.

Até o lobo parece gostar do casaco... lá de longe.

— Bom trabalho — diz Paulino, o pica-pau, espreitando pelo seu buraco no tronco da árvore. — Se não tivesse as minhas patas tão frias, até vos batia palmas.

— Então encomenda-me um par de luvas — diz a Tita.

— És capaz de mas fazer? — pergunta Paulino, ansioso.

— Claro que sim! Desce daí...

— Não! Não posso descer. Estou habituado às alturas e, quando pouso no chão, fico logo enjoado!

A pequena ratita reúne a sua equipa. Ela trepa pelas costas do Tomás, depois para as do Samuel e, por fim, para as do Heitor, e daí consegue tirar as medidas às patas do pica-pau.

— Então e eu? — pergunta Moniz, o mocho. — Estou a precisar de um novo cachecol, antes que cheguem as noites frias de Inverno. Podeis chamar-me preguiçoso por não me apetecer voar até aí, mas durante o dia tenho de dormir.

— Deixa-te ficar aí! — diz a Tita. — Eu trato de tudo.

Paulino dá impulso à ratita e, assim, ela consegue chegar até ao ramo onde se encontra Moniz, o mocho, a quem pode, então, tirar as medidas.

Agora, a Tita está cheia de trabalho. A sua lista de clientes não pára de crescer. Toda a gente precisa de novas roupas. Até a doninha sonha com um vestido. O rato do campo encomenda um gorro. O tentilhão pede umas meias.

E todos os coelhinhos suspiram por umas calças jardineiras.

Tita trabalha dia e noite. Não lhe sobra um minuto. Ela abre a boca de sono a cada movimento da agulha e acaba por adormecer por entre as roupas.

Castro, o castor, encomenda um par de pijamas quentinhos.

Tita tem de ter muito cuidado para chegar à toca do castor, pois tropeça a cada passo, por causa do sono.

Com cuidado, o pica-pau Paulino estende-lhe um raminho para ela poder segurar-se.

De modo a que o castor Castro ande sempre quentinho e seco, Tita faz-lhe pijamas impermeáveis.

Mas o maior desafio é apresentado pela vaca Lili.

— Eu queria um robe confortável — diz ela —, com grandes botões.

Com a ajuda de Heitor, Samuel e Tomás, Tita sobe para as costas da vaca.

— Como vou medir à volta desta grande barriga? — interroga-se Tita.

— Vamos usar uma corda — diz o Heitor. — A Lili segura uma ponta da corda com os dentes e o mocho Moniz pode voar e puxar a outra ponta.

Mas, azar! A Lili não consegue parar de ruminar e larga a corda. Tita fica a balouçar, pendurada na corda.

Pouco tempo depois, já a vaca Lili pode apresentar-se no prado com o mais elegante robe que alguma vez os animais viram.

Certa manhã, o Heitor, preocupado, vai ter com a Tita.

— Falta-te fazer uma última peça de roupa — diz ele. — É do Lopo, o lobo!

— É impossível! — exclama a Tita. — Ele ainda me comia!

— O Lopo precisa desesperadamente dum chapéu. Se recusares fazer-lho, ele zanga-se e, então, é que te come mesmo!

Heitor tem razão. Por isso, a Tita vai ter com o lobo.

— Vossa Excelência deixa-me tirar-lhe as medidas sem me dar uma

dentada? — pergunta ela.

Lopo acena logo que sim com a cabeça. Ele quer um chapéu confortável, não uma ratita com medo.

Embora a Tita não se sinta lá muito segura, ela acaba por ir chamar a sua equipa.

REPORT THIS AD

A tremer como varas verdes, o senhor toupeira, o esquilo e o texugo deixam-na subir pelas suas costas. O lobo mete tanto medo! Os dentes da Tita rangem à medida que ela trepa ao longo do seu perigoso focinho.

“Se ele tentar comer-me, espeto-lhe a agulha!”, pensa para os seus botões.

O lobo observa Tita com um brilho assustador no olhar enquanto ela lhe tira as medidas.

“Se não paro de tremer”, pensa ela, preocupada, “o chapéu vai sair com as medidas erradas e ele vai ficar furioso.”

A ratita nunca trabalhou em tão difíceis condições!

Finalmente, o chapéu está pronto.

— Deixa-me vê-lo! — diz o lobo, abrindo de tal forma a boca que ela pode ver-lhe os enormes dentes.

O lobo exprimenta, então, o chapéu, mas logo o tira da cabeça.

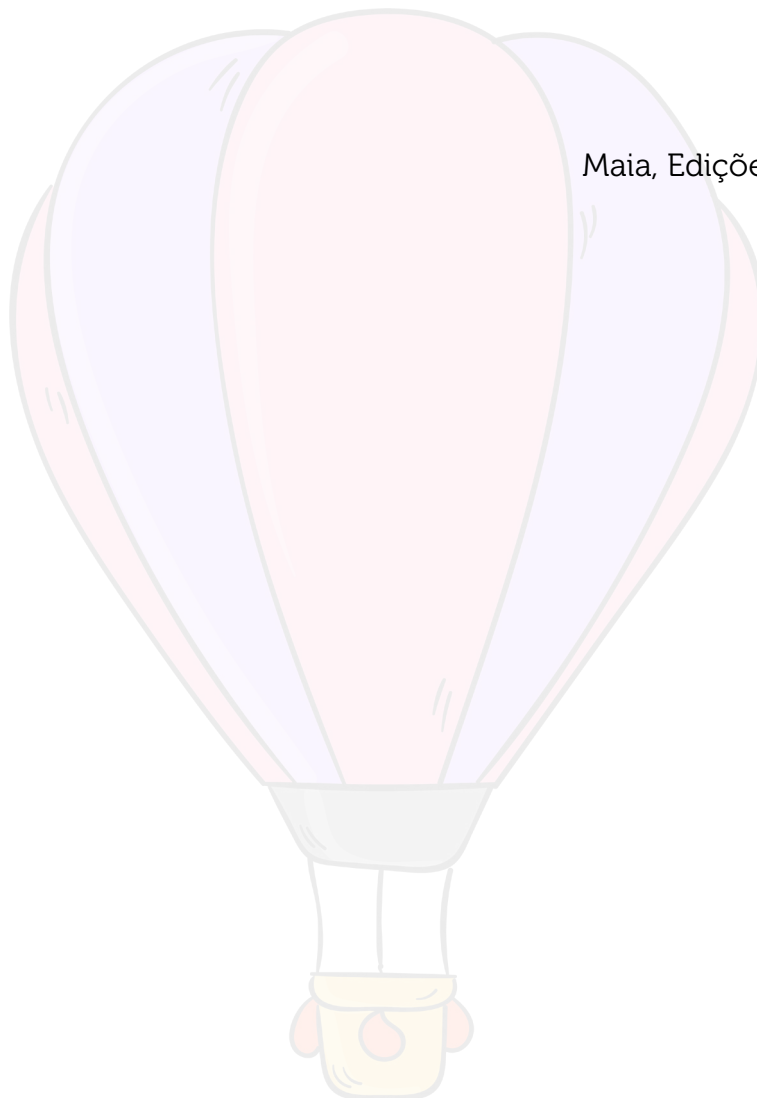
— Oh não! Ele não gosta do chapéu! — diz a Tita, receando a fúria do lobo.

Mas, para sua surpresa, o lobo inclina-se e faz uma vénia. — Os meus parabéns, ratita! — diz o lobo repetidamente. — De agora em diante, serás a minha chapeleira exclusiva!

Os seus amigos rodeiam-na, suspirando de alívio.

Que grande sorte! Graças às suas pequeninas mãos de fada, a ratita Tita ganhou um grande admirador... com um sorriso assustador.

Nadine Walter
A ratita Tita
Maia, Edições Nova Gaia, 2004



As Coisas Que Mais Gostamos

Era um daqueles dias de Verão em que sopra uma brisa suave. As nuvens corriam umas atrás das outras pelo céu, passeando pelo mundo.

Milly e Molly estavam deitadas na relva, com as cabeças juntas. Fazia calor e elas estavam pensativas.

E, se a Pipa e a Beta não as tivessem encontrado, provavelmente teriam adormecido.

O João e o Toni também apareceram.

— Esta é uma das minhas coisas preferidas — disse Molly.

— O quê? — perguntou o João.

— Deitar-me na relva a ver as nuvens — respondeu Molly.

— Qual é a tua coisa preferida?

— Hambúrgueres — disse o João.

— Não, João, não estou a falar disso. Falo de sentimentos — disse Molly.

— Como quando o meu pai me vai ver jogar rãguebi? — perguntou o João.

— Sim — disse Molly baixinho.

— Como o cheiro a pó de arroz da Avó quando me lê histórias — disse a Beta.

— Gosto muito quando o meu pai me deixa pegar na cana de pesca dele — disse o Toni.

— E eu gosto das segundas-feiras, quando os meus lençóis cheiram a sol — disse Milly.

— Eu gosto de me sentar no sofá do meu pai, quando ele se levanta e as almofadas ainda estão quentes — disse Molly.

— E eu gosto de encontrar a minha mãe ao pé dos morangueiros, quando chego da escola — disse João. — Ela dá-me sempre os melhores.

— Eu gosto que o meu pai me ponha um pano frio na testa, quando eu estou na cama, doente — disse a Beta.

— Quando há trovoadas — disse o Toni — gosto de me ir meter na cama quentinha dos meus pais.

— Eu gosto de beber chocolate quente com o meu pai, ao pé da lareira, enquanto ele me conta histórias — disse a Milly.

— Eu gosto do cheiro do bolo de chocolate a sair do forno, quando chego da escola, à sexta-feira — disse Molly.

O Toni pôs-se de pé.

— É sexta-feira, Molly! De que é que estamos à espera?

— Vou chegar primeiro! — gritou o João.

— Vocês são um grupo muito especial — disse a mãe da Molly.

— Gosto quando dizes isso — disse Milly, com a boca cheia de bolo de chocolate.

E todos disseram que sim com a cabeça.

As Cores do Outono

A pintora Rosa Ratinha pintava quase todos os seus quadros no estúdio. Só no Outono é que saía para pintar ao ar livre. O Outono era a estação preferida de Rosa. Havia tantos matizes surpreendentes na paisagem!

Certa vez, num belo dia de Outono, a pintora embalou tela, cavalete e tintas e foi passear para junto de um tranquilo lago não longe de casa. Conhecia um lugar bonito e plano em cima de uma rocha de onde tinha vista para os bosques e montanhas ao fundo. Aí montou o cavalete com a tela e começou a pintar com pinceladas generosas.

Na árvore oca que estava por detrás dela, morava um gnomo da montanha que a observava enquanto pintava.

— Isto é que é um quadro esquisito! — disse ele, quando Rosa acabou de pintar. — Nem se vê o lago nem as montanhas. Como se chama este quadro?

— O quadro chama-se As cores do Outono — disse Rosa Ratinha. — Não se vê o lago nem as montanhas, é verdade. Só pinte o Outono, aquilo que sinto quando olho para esta paisagem.

— Ah, agora entendo — disse o gnomo. — É muito interessante.

De repente, levantou-se um vento forte que arrancou a tela do cavalete. Ela foi pelo ar a voar e desapareceu entre as árvores na margem do lago. Rosa Ratinha desceu a montanha e foi buscar o quadro. Tinha dois rasgões e havia muitas folhas, agulhas de pinheiro e pedrinhas coladas na tinta fresca.

— Que pena — disse o gnomo da montanha. — O quadro agora está estragado.

— De forma alguma! — exclamou Rosa Ratinha. — Agora é que está completo! O vento do Outono também participou na pintura e imortalizou-se no quadro com estes dois rasgões. E as folhas que estão coladas também são bem-vindas. Agora, o quadro tem uma história e só agora começou a viver!

Erwin Moser | Mario der Bär | Weinheim Basel, Parabel, 2005 | Texto adaptado

As Fadas dos Sonhos

Coelhinho e Ratinho estão sentados no jardim de Coelhinho, debaixo de uma macieira.

— Ouvi dizer que as fadas moram nos fundos dos jardins — disse Ratinho.

E chamou em voz alta:

— Fadas, onde estais?

— O que é que as fadas farão durante o dia? — perguntou-se o Ratinho.

— Acho que ajudam as flores dos jardins a crescer e tomam conta das abelhas e dos besouros — respondeu o Coelhinho.

— Fadas, onde estais?

Puseram-se à procura mas não encontraram nem uma.

— Se calhar estão com fome — sugeriu o Ratinho — Vamos apanhar maçãs para elas.

Então os dois amigos juntaram um monte de maçãs brilhantes e gritaram:

— Fadas, vinde buscar as vossas maçãs!

Mas não apareceu ninguém.

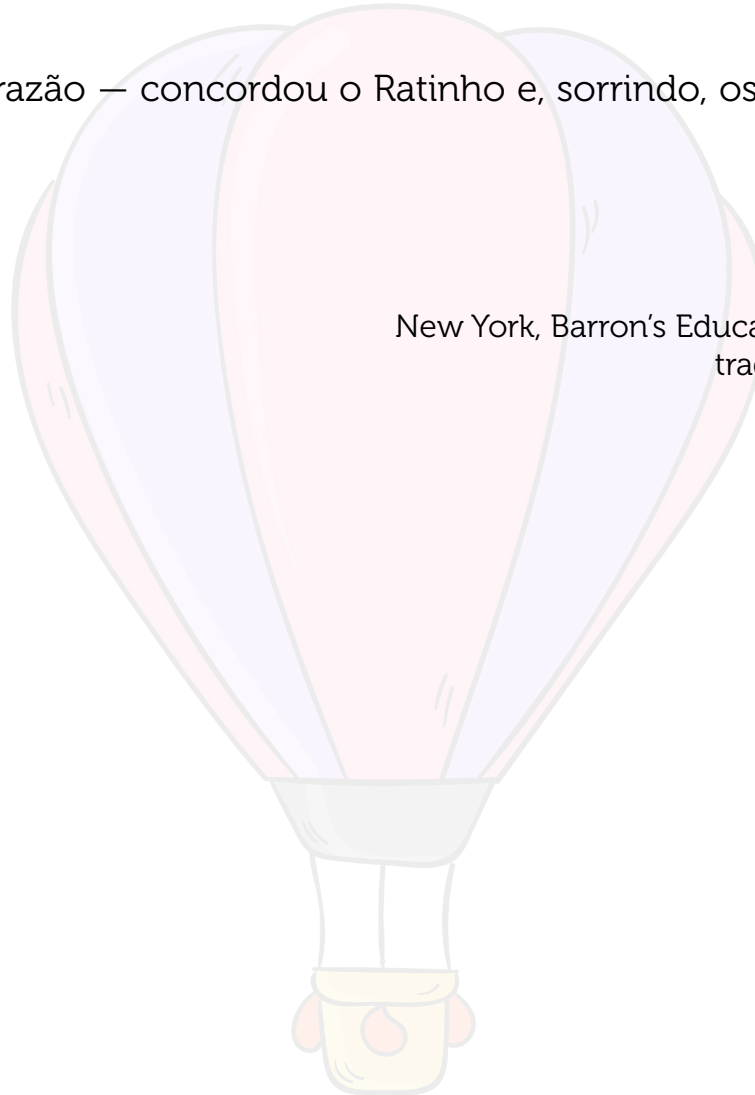
— Se calhar estão escondidas no cimo das árvores — disse Coelhinho. Então, os dois amigos treparam à macieira e começaram à procura.

Encontraram alguns pássaros, algumas borboletas e um escaravelho, mas nenhuma fada. Ratinho e Coelhoinho adormeceram e sonharam com fadas a cheirar flores e a polir maçãs.

Quando acordaram, o Coelhoinho tinha encontrado uma resposta à sua pergunta.

— Acho que as fadas vivem nos sonhos — disse.

— Tens razão — concordou o Ratinho e, sorrindo, os dois voltaram a adormecer.



Moira Butterfield
The Dream Fairies
New York, Barron's Educational Series, 2002
tradução e adaptação

A Noite de Natal do Pequeno Rei

Acorda, pequeno rei!

Estremunhado, o pequeno rei esfrega os olhos e senta-se na cama. Nisto bate com o nariz num lenço atado na ponta de um fio que pende do tecto.

— Ah, o lenço! De que é que não me queria esquecer?

Tu querias abrir a porta, pequeno rei.

O pequeno rei desliza descalço até à porta do quarto.

— Está bem assim? — pergunta, abrindo a porta.

Não, não é uma porta qualquer. É uma especial, a última! Pensa, pequeno rei!

— Já sei! — Corre para a biblioteca e pára em frente de um quadro.

Até que enfim! Estás no local certo.

O pequeno rei abre a última portinha do calendário do Advento, a do número 24. Bate palmas entusiasmado, e já está completamente acordado.

— Oh, que maravilha! Então hoje é Noite de Natal! Será que a árvore já está feita? Vamos lá ver.

Aos saltos de contente, dirige-se à porta da sala e tenta rodar a maçaneta da porta. Está fechada à chave.

O pequeno rei espreita pelo buraco da fechadura.

Nada de espiar, pequeno rei! Esta porta só se abre quando o sino tocar.

— Então ainda tenho de esperar muito tempo! Tempo de mais, até!

O pequeno rei dá meia volta e corre em direcção à porta da entrada.

Ei! Onde é que tu vais? Ainda estás em pijama!

— Está bem, pronto, eu visto-me primeiro.

Após alguns minutos, já está lá fora a esbracejar.

— Estão aqui rastos de trenó! Ah, apanhei-o! Está aqui!

O Pai Natal está aqui, na minha sala!

É possível. De certeza que está a preparar tudo para a Noite de Natal.

— Oh, tenho de ver isso! — exclama o pequeno rei, correndo para a janela. — Talvez consiga ver alguma coisa pelo lado de fora.

Tem paciência, pequeno rei.

— Ora, deixa-me em paz! Eu quero saber tudo, tudinho!

Com cuidado, o pequeno rei põe-se em bicos de pés para chegar ao parapeito exterior da janela. Mais acima! Mais um bocadinho... Zum! A persiana desce.

Aí está! Tem mesmo de ser uma surpresa.

Agora, o pequeno rei sente-se ofendido.

— Assim não, querido Pai Natal! Eu não deixo que me ponham de fora!

Sai dali a correr e desaparece na arrecadação.

Em que é que estás a pensar desta vez? Acalma-te. Até à distribuição dos presentes, o tempo passa depressa.

O pequeno rei não responde. Em vez disso, sai da arrecadação, arrastando pela neve uma escada enorme, que encosta contra o muro do palácio.

Pára com isso imediatamente!

Sobe para o telhado e senta-se diante da chaminé. Também tem uma cana de pesca com ele.

— Agora, vou pescar algumas bolachas de Natal. No meu palácio, eu faço o que quero.

E deixa cair o fio de pesca pela chaminé abaixo. Depois, dá à manivela e volta a puxar.

— Hurra! Uma estrela de canela! humm, destas é que eu gosto. Vamos lá repetir de novo.

O pequeno rei pesca mais bolachas de Natal.

— Oh, uma bolachinha de baunilha! Que maravilha! Que delícia! Este lugarzinho é mesmo um esconderijo calmo e escondido. Um lugarzinho com muitas bolachinhas, ah,ah,ah!

Felicíssimo, o pequeno rei põe-se a dar saltos e a rir.

Isso não tem graça nenhuma, pequeno rei. E não andes assim aos saltos, presta atenção. Cuidado! Oh, não! Escorregou, já não consigo vê-lo!

O pequeno rei escorrega do telhado, cai ruidosamente sobre um monte de neve e, em seguida aterra-lhe em cima neve do telhado. Já não se vê mais nada dele.

Onde estás, pequeno rei? Ainda estás vivo? Responde!

Mas ninguém responde. Em frente do palácio só está um boneco de neve.

Ei, boneco de neve, sabes onde está o pequeno rei?

— Enterrado — responde o boneco de neve. E grita depois: — Ajuda-me, Grete!

Vem aí o cavalo preferido do pequeno rei. Fareja o boneco de neve e empurra-o ligeiramente:

— Hiiii!!

Oh! O pequeno rei está escondido dentro do boneco de neve ! Grete, ele está a bater os dentes! Vai enregelar cá fora na neve.

— E...est... está mm... mui...to fffrio .

Grete agarra o pequeno rei pela ponta das calças e leva-o para o estábulo. Deita o amigo com cuidado na manjedoura e cobre-o com palha.

— Ah, Grete, que amorosa que tu és – suspira satisfeito o pequeno rei.

Olha, vem aí mais alguém. O esquilo Arbustinho trouxe-te uma noz.

— É muito boa.

E o cão Au-Au dá-te o seu osso preferido.

O pequeno rei arregala os olhos.

– Bem, talvez mais tarde, para a sopa.

O gato trouxe-te um cobertor e o Piu Piu vai cantar-te uma canção.

– Que simpático! E é tão natalício!

Muito bonito, até parece um presépio de Natal: palha na manjedoura, o boi e o burro ao lado...

– Como? – o pequeno rei e a Grete fazem uma cara de indignados.

Bem... não: o rei e o cavalo. Ainda tens frio?

– Está melhor. É quentinho e faz coceguinhas boas. É agradável.

Dlim-dlão! Grete e o pequeno rei esticam os pescoços.

O sino de Natal está a chamar para a distribuição das prendas.

Dlim-dlão.

Com um salto, o pequeno rei sai da manjedoura.

– Ah, até que enfim! Agora vai começar.

Com mais calma, pequeno rei.

Corre para o palácio direito à árvore de Natal. Que bonita está! Ainda mais do que no ano passado. Todas as velas ardem, a grinalda reluz, e nos ramos estão penduradas figurinhas de madeira e bolachinhas redondas.

— E aqui estão as prendas.

Há também um prato com bolachas em cima da mesa posta. Hum, que bem que cheira o assado de Natal.

O pequeno rei mete à boca uma bolacha e abre a primeira caixa.

— Estou tão nervoso. O que haverá lá dentro? Oh, um jogo de xadrez novo.

Ei, alguém bate à porta. Ora vê quem está à janela: os teus amigos do estábulo. Eles também estão curiosos.

O pequeno rei abre outra prenda sem prestar atenção ao que lhe dizem.

— Ah, deixa-me em paz, tenho de desembrulhar as prendas.

O que haverá dentro desta caixa? Oh, um lenço com um nó!

— Mas isto não é nenhuma prenda a sério! Será que me tornei a esquecer de alguma coisa?

Com certeza! Afinal querias abrir uma porta! A porta mais importante do Natal. Tu já sabes...

O pequeno rei ri:

— Claro, um rei sabe sempre tudo!

Corre para a porta principal e abre-a. Todos os animais estão na entrada e olham-no com expectativa. Pouco tempo depois, já todos estão sentados a comer debaixo da árvore de Natal.

– Ora prova lá esta bolacha com açúcar!

– Hiii.

– Miaauuu.

– Claro que podes comer as da árvore!

Todos riem, estão felizes e dividem entre si as bolachas e o assado.

Bom, então um feliz Natal a todos!



Hedwig Munck
Der kleine König: neue Geschichten
mit der kleinen Prinzessin
Plauen, Junge Welt, 2002
Tradução e adaptação

Boa Noite, Tita

Estava na hora de Tita ir para a cama e, depois do Avô lhe ler uma história, ela aninhou-se debaixo da sua colcha fofinha. Mas, por muito que andasse às voltas na cama, que se mexesse e voltasse a mexer, que resmungasse e reflasse, não conseguia adormecer.

— Avô! — chamou ela — Tenho medo!

O Avô foi logo a correr ao quarto de Tita para ver o que se passava.

— Não consigo adormecer, Avô! — disse Tita. — Está escuro e lá fora há barulhos que metem medo!

— Não precisas de ter medo, Tita! — sorriu o Avô, fazendo-lhe uma festinha. — O escuro não faz mal a ninguém! Na cama estás protegida e muito quentinha — e, tendo dito isto, voltou a sair do quarto.

Mas, nesse momento, deve ter vindo uma rabanada de vento, pois ouviu-se um barulhento TUM TUM TUM! na janela. Tita deu um salto.

— Avô! — chamou.

Num instante, o Avô apareceu outra vez à porta:

— Que “tum tum tum!” foi este, Avô? — perguntou Tita.

Então o Avô levou Tita à janela e mostrou-lhe o que estava lá fora.

— Olha! — disse Tita. — Afinal o barulho foi só o vento a empurrar o ramo da árvore contra a janela!

E nessa altura, ouviu-se outro som.

Era um HU HU, que se ouvia ao longe. Então, Tita ficou mesmo cheia de medo!

— Não sabes qual é a ave que pia assim, Tita? — perguntou o Avô.

— É a coruja? — perguntou Tita.

— Sim! — exclamou o avô. — Todas as noites a Mãe Coruja sai do ninho para voar pelos campos fora.

Nessa altura ouviu-se outro som.

Era um AU AU AU!

— Conheço este som — disse Tita. — É um cão!

Os barulhos já não eram assustadores, quando se sabia o que eram.

— Não, Tita — disse o Avô. — Isso não é um cão. À noite, os cães dormem. Mas as raposas fazem um som parecido com o dos cães. A raposa sai da toca todas as noites e anda pelos campos. Mas estás em segurança, Tita. Nenhuma raposa vai entrar cá em casa.

— Vamos prestar atenção a ver se ouvimos mais barulhos — disse Tita, e o Avô concordou.

Dentro em pouco, ouviram um valente SPLÁS! que vinha do regato que passa perto da horta.

— Aquilo é um pássaro? — perguntou Tita.

— Oh, não, Tita — disse o Avô. — Quase todos os pássaros estão a dormir, durante a noite. Aquilo é uma lontra. Ela sai da toca dela, todas as noites, e mergulha no ribeiro para tomar uma banhoca.

Agora, Tita já estava a gostar de ouvir os barulhos da noite, mas sentia-se cansada. No entanto, prestou muita atenção e ouviu um TRUC TRUC TRUC! Que vinha da beira da floresta.

— São coelhos? — perguntou ela, a abrir a boca, cheia de sono.

— Ah, não, Tita! — disse o Avô. — Os coelhos abrigam-se nas tocas durante a noite. Aquilo são outros bichos que andam de noite. São texugos. Se olhares muito bem, consegues vê-los, junto à horta.

Tita olhou para os texugos e em seguida voltou para a cama.

Agora, que já sabia o que eram os barulhos, não tinha medo deles.

— Obrigada por teres vindo, Avô! — disse ela.

O Avô fechou a janela e sorriu.

— Está bem, Tita — disse ele. — Não quero que tenhas medo; por isso não te vai acontecer mal nenhum quando eu estiver contigo.

Mas, quando o Avô se inclinou para lhe dar um chi-coração e um beijo de boa noite, o que acham que ele viu?

Ora, viu Tita, muito sossegadinha, a dormir como uma pedra.

— Boa noite, Tita! — disse o Avô. — Dorme bem!

E sabem que mais? Foi exactamente isso que a Tita fez: dormiu a noite toda, sem medo nenhum!

Dugald Steer
Boa noite, Tita
Porto, Ambar, 2004

Brincando Juntas

Júlia está sentada na praia. O pai e a mãe estão deitados nas toalhas às cores, a ler debaixo do guarda-sol.

— Deixa-nos em paz por uma hora — dizem eles.

Júlia vai procurar conchas mas não encontra nenhuma. Preferia estar em casa com os meninos que já conhece e com quem pode falar. Nunca mais acabam as férias!

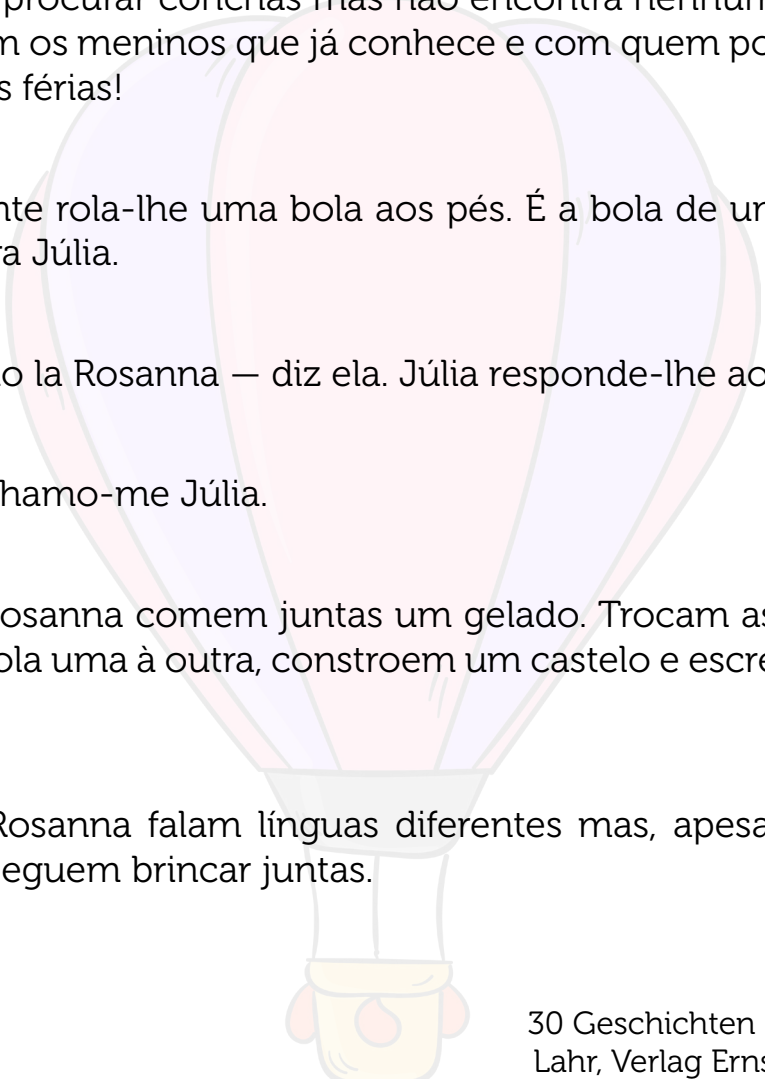
De repente rola-lhe uma bola aos pés. É a bola de uma menina que está a rir-se para Júlia.

— Io sono la Rosanna — diz ela. Júlia responde-lhe ao riso.

— E eu chamo-me Júlia.

Júlia e Rosanna comem juntas um gelado. Trocam as toucas de banho, atiram a bola uma à outra, constroem um castelo e escrevem os nomes na areia.

Júlia e Rosanna falam línguas diferentes mas, apesar disso, entendem-se. E conseguem brincar juntas.



Max Bolliger
30 Geschichten zum Verschenken
Lahr, Verlag Ernst Kaufmann, 1991
Tradução e adaptação

Castanhas Quentes

Tobias, o velho cão, era vendedor de castanhas assadas. Todos os anos, no Outono, apanhava alguns sacos, que assava no forno e ia vender na praça principal da cidade. Tobias sempre se sentira feliz com este trabalho. O único inconveniente era que os pés lhe arrefeciam muito.

“Já estou velho”, pensava ele. “Ainda ganho frieiras por ficar tanto tempo de pé ao frio. Tenho de ter mais cuidado com a minha saúde. O ideal seria poder vender as castanhas e mexer-me ao mesmo tempo!”

Então Tobias teve uma ideia.

“Não serão os clientes a vir ter comigo mas eu a ir ter com eles. Mas tinha de montar umas rodas no carro. Não, o melhor era umas lâminas de patins de gelo. Assim podia levar o assador através da neve!”

Tobias teve então uma ideia ainda melhor...

A cidade tinha um grande lago em cujas margens havia muitas moradias.

“Estes vão ser os meus novos clientes!”, pensou Tobias. Montou patins no carrinho, calçou também ele patins de gelo e assim pôde passar a deslizar por cima do lago gelado, de casa em casa, e oferecer as suas castanhas assadas. Em poucos dias ganhou uma clientela considerável.

Mal Tobias aparecia com o seu carrinho por cima do gelo, toda a gente ficava contente! E tu, não ficarias?

Erwin Moser
Mario der Bär
Weinheim Basel, Parabel, 2005
Texto adaptado

Frutos do Mar

Jessica era uma menina canguru muito fora do normal. Primeiro, porque não tinha medo da água e, segundo, porque, certa vez, tivera a estranha ideia de plantar árvores de fruto no fundo do mar. Foi assim:

Jessica apareceu, certo dia, em casa de duas gatas que também não tinham medo da água. Eram Pia e Larissa, e moravam numa casinha à beira-mar, onde alugavam instrumentos de mergulho. Jessica queria aprender a mergulhar com as duas gatinhas.

Pia e Larissa tiveram primeiro de mandar fazer um fato de mergulho especial para Jessica, pois não tinham no armazém barbatanas tão grandes que servissem a um canguru. Foram depois com ela para debaixo de água pela primeira vez. Jessica mostrou ser uma nadadora fenomenal! Claro que com umas pernas compridas e fortes como as dela, e ainda por cima com umas barbatanas, Jessica movia-se pela água, rápida como um golfinho.

Agora, as três tinham passado a mergulhar todos os dias durante algumas horas.

Deve ter sido durante os meses seguintes que a menina canguru teve a ideia dos frutos do mar. Testemunhas oculares contam como Jessica e as gatas, de cada vez que mergulhavam, levavam consigo plantinhas e arvorezinhas de fruto. Ninguém sabia explicar porque faziam aquilo. Árvores de fruto no fundo do mar? Era impossível. Nunca iriam crescer lá, era um absurdo!

Mas mais tarde, no Outono, o gato Flino e a ratinha Roberta, passaram de submarino pela zona onde a menina canguru e as gatas costumavam mergulhar. E com os seus próprios olhos viram o jardim submerso! Pereiras e macieiras embalavam-se suavemente na corrente, carregadas de frutos maduros, e, no chão do mar, cresciam melancias enormes.

Como seriam estes frutos do mar? Talvez um pouco salgados mas, de qualquer forma, deviam ser muito, muito sumarentos...

Ninguém Gosta da Lua!

Naquela noite, a lua levantou-se mal disposta. Pôs as mãos na cintura e protestou:

— Chega! Já chega! Estou faaaaaarta!!!!

Choramingou tanto, tanto, que acabou por acordar a Noite, que dormia.

— Que algazarra! — disse a Noite escura bocejando. — Se continuas com isso, em vez de ajudares as crianças a adormecer, vais acabar por acordá-las! Mas não estejas triste! O teu trabalho é muito agradável: vês como vai o mundo e se as crianças se portam bem, deitadas nas suas caminhas.

A Lua baixou os olhos tristemente.

— Estou farta de que não gostem de mim. Quando ele nasce, toda a gente olha para o Sol! Mas quando tu desces o teu grande casaco azul e eu apareço...

— Sim, o que acontece? — perguntou a Noite, encolhendo os ombros.

— Acontece que nem me dizem boa noite!

A Noite aclarou a garganta.

— Talvez os adultos te esqueçam, mas quando chegas, as crianças, essas, recebem-te como se fosses uma princesa! Quando chegas, elas exclamam: “Olha, é a Lua!”

— Oooooh.... — suspirou a Lua, que, decididamente, naquela noite não tinha vontade de brilhar. — Nos dias em que estou bem cheia, elas até me confundem com... com um candeeiro!

E a Lua continuava a choramingar.

— Ninguém sabe o quanto eu trabalho... As próprias crianças pensam que não sirvo para nada. Quando me desenharam, é sempre ao cantinho da folha, e a dormir! Mas eu nunca durmo! Olho por elas enquanto dormem. Às vezes até lhes faço uma festinha, mas elas só sentem uma comichãozinha na testa e não imaginam que sou eu!

A Noite ouvia atentamente.

— Também a mim me vêem sempre a dormir. Diz-se “Nasce o dia ” e “Cai a noite”, como se eu caísse em cima do mundo. Mas não é verdade! Sou muitíssimo útil. Sem mim, as pessoas esgotariam as forças a correr ao longo do dia, sem parar nem um segundo. Graças a mim (e a Noite inchou o peito), as pessoas recuperam energia durante a noite e podem tornar a brincar no dia seguinte!

— Não há ninguém como eu — realçou a Lua — para fazer crescer as flores, as sementes e também as crianças! Eu protejo-as, emalo-as, e é durante o sono que elas crescem.

A Noite prosseguiu:

— É verdade. Nada pára durante a noite. Tudo continua, mas mais baixinho. O sangue que circula nas veias, as flores que continuam a respirar, as borboletas que batem as asas...

A Lua abanou a sua grande cabeça redonda.

— Por que é que as crianças protestam no momento de irem para a cama? Fico tão triste! Por vezes, ouço-as dizer: “Não, mamã! Não quero ir para a cama!”

A Lua calou-se e a Noite calou-se também. Ambas sonhavam com um dia próximo, em que as crianças as desenhassem bem no meio da folha e diriam: “Que bom! São horas de ir para a cama! Depressa, mamã! Quero ouvir a minha amiga Lua a cantar-me uma canção de embalar...”

E a Lua e a Noite sorriam no grande céu azul, pensando nesse dia feliz em que as crianças iriam saborear a doçura da Noite e o calor da Lua.

(Site Histórias para os mais Pequeninós)

O Autocarro Na Árvore

Certo dia, os ratinhos Felisberto e Afonso foram apanhados de surpresa por uma tempestade na montanha. Das nuvens caíam raios medonhos, o trovão ecoava terrivelmente entre as paredes da montanha, e começou a chover cada vez com mais força. Felisberto e Afonso encontravam-se naquele momento numa ribanceira íngreme. Não se via nenhum abrigo nas proximidades. Só mais ao fundo é que se erguia uma árvore grande e, por baixo dela, estava qualquer coisa amarela que, vista de longe, parecia ser um abrigo de montanha. Os dois ratinhos desceram a correr tão depressa quanto podiam em direcção à árvore. Ao aproximarem-se, repararam que o objecto amarelo que viram não era uma cabana, mas sim um autocarro velho. À janela estava um gato branco a fazer sinal aos dois ratinhos, muito excitado. Felisberto e Afonso conseguiram chegar ao autocarro mesmo a tempo. Mal entraram, a tempestade desabou.

O gato fechou rapidamente a porta e as janelas. O interior do autocarro estava mobilado como um quarto-cozinha. Ao fundo de tudo estava um fogão estreito, onde o gato tinha feito uma sopa de cogumelos. Felisberto e Afonso sentaram-se no sofá. Enquanto comiam a sopa, o gato contou-lhes como é que o autocarro tinha ido parar àquela árvore.

Há um ano atrás, o gato tinha comprado o autocarro, muito barato, num leilão. Queria ir dar a volta ao mundo de autocarro; este sempre fora o seu sonho. Mas o autocarro já estremecia por todos os lados e os travões não funcionavam lá muito bem. Foi ao passar por aquelas montanhas que se deu o acidente. Numa estrada muito íngreme, os travões falharam, o autocarro saiu da faixa de rodagem e começou a descer a encosta a toda a velocidade. A árvore grande travou-o mesmo antes do precipício. O gato tinha tido uma sorte incrível! O autocarro ficara tão bem preso na árvore, que não saía. Depois de se ter refeito do choque, o gato branco foi dar um passeio e, como gostou imenso da região, renunciou à sua viagem. Decidiu remodelar o autocarro e transformá-lo numa espécie de abrigo de montanha e ficar ali a morar.

Felisberto e Afonso também acharam que o gato tinha tirado o melhor partido da situação. Ficaram no autocarro até a tempestade ter passado.

O Avô Faz Batota

— Anda, vamos jogar qualquer coisa — pede Oliver.

— Por mim... a que queres jogar? — pergunta o avô.

Oliver pensa.

— Ao jogo do assalto.

— Não preferes mostrar-me o teu jogo de computador? — pergunta o avô.

— Tu não percebes nada daquilo, avô!

“E até é bem simples”, pensa Oliver. “Só tem de se carregar nos botões certos.” Simplesmente não lhe apetece explicar tudo uma vez e outra ao velho homem.

— Ao gamão eu sou invencível — gaba-se ele.

O avô está a “armar-se”.

O tabuleiro com as pedras brancas e pretas ainda é de quando o avô era criança!

— É dos jogos mais antigos do mundo — explica o avô. — Já os egípcios o conheciam.

Naquele momento está a fazer um duplo assalto e come-lhe duas pedras.

Oliver faz uma careta mas consegue controlar-se.

— Perdeste — diz-lhe o avô. — Agora vamos à desforra!

De repente, começa a fazer asneira atrás de asneira. Oliver fica radiante. Mas quando, no terceiro jogo, Oliver volta a comer ao avô uma pedra e outra logo de seguida, começa a ficar desconfiado.

— Estás a fazer batota — diz.

— Isso é o que tu pensas — defende-se o avô. — Eu a fazer batota para perder? Só se faz batota para ganhar.

Oliver trepa para o colo do avô e dá-lhe um abraço.

— Queres parar de jogar? — pergunta o avô.

— Não — responde Oliver. — Da próxima vez deixo-te ganhar.

Max Bolliger
30 Geschichten zum Verschenken
Lahr, Verlag Ernst Kaufmann, 1991
Tradução e adaptação

O Balão Em Forma de Lua

Certa noite, o gato Alcides teve um sonho maravilhoso. Sonhou com um balão de ar quente que tinha uma forma muito invulgar e que planava sobre uma imensa planície. Durante semanas, não conseguiu esquecer aquele sonho. Por fim, resolveu construir o balão com que sonhara.

Tinha a forma de uma meia-lua deitada. O gato Alcides construiu uma armação de madeira com a forma de meia-lua e revestiu-a de seda amarela. Entretanto, a mulher fizera o cesto do balão e a filha encheu quatro sacos com areia, de que iriam precisar como lastro. Ao fim de algumas semanas de trabalho, o balão em forma de lua estava pronto.

A família Alcides carregou-o com provisões de comida e sacos de dormir. Encheram a meia-lua de ar quente e a viagem pôde finalmente começar. Os três gatos viajavam sem objectivo e só o vento sabia para onde os levava. No terceiro dia de viagem, chegaram a uma planície exactamente igual à do sonho do gato Alcides.

— Que maravilha! — disse o gato Alcides. — É como se estivesse a sonhar o meu sonho novamente! O que será que vai acontecer em seguida?

Mal tinha dito isto, um grande pássaro azul com um enorme bico pontiagudo veio a voar em direcção ao balão. Aterrou com força no balão meia-lua e, para horror dos gatos, começou a picar um buraco no forro. Será que o pássaro azul tinha tomado a meia-lua por uma banana? Os gatos gritaram e bufaram, mas o pássaro não se deixou afugentar e aumentou ainda mais o buraco. O ar quente começou a sair lentamente e o balão ia perdendo cada vez mais altura. Em breve iriam pousar no chão. De súbito, apareceu na planície à frente deles um palácio curioso. Os habitantes de certeza que haviam de ajudá-los. Ou teria algum dos habitantes do palácio enviado o pássaro azul de propósito? Tudo muito misterioso!

Sonha agora tu esta história daqui para a frente...

Erwin Moser
Mario der Bär
Weinheim Basel, Parabel, 2005
Texto adaptado

O Dragão Violeta

Era uma vez uma floresta enorme e muito antiga, onde moravam muitos animais, e todos viviam satisfeitos. Tinham tudo aquilo de que precisavam e não eram incomodados pelos homens, pois estes ainda não tinham descoberto esta floresta. Só evitavam a parte norte da floresta. Segundo uma antiga lenda, havia aí um terrível dragão cor-de-violeta que comia tudo o que lhe aparecia à frente. Nunca nenhum dos animais vira o dragão violeta mas, mesmo assim, não se aventuravam a ir à parte norte.

Na floresta viviam também muitos ursos com os seus filhotes. Um desses ursinhos era o Nestor. Nestor era mais pequeno do que os outros ursos da sua idade. Não conseguia correr tão depressa como os seus companheiros de jogo, na luta perdia sempre e, na subida às árvores, era sempre o último. Por isso, muitas vezes, os outros ursinhos, não queriam deixá-lo brincar. E, ainda por cima, riam-se dele.

Nestor era mais fraco do que os outros, é verdade, mas era muito corajoso.

Quando, certo dia, os ursinhos voltaram a não querer deixá-lo brincar com eles, saiu dali em direcção ao norte, onde morava o dragão violeta. Mas o ursinho nem estava a pensar no dragão. Após ter corrido muito, Nestor foi parar a uma bela clareira. Sentou-se em cima de uma pedra e pôs-se a reflectir na injustiça dos seus companheiros. De repente, ouviu-se um leve estalar no meio das árvores e a cabeça do dragão violeta apareceu por cima delas. O ursinho apanhou um valente susto ao ver o enorme animal. Mas o dragão violeta tinha uma cara tão amorosa, que Nestor perdeu o medo por completo. Ficaram a olhar um para o outro durante um bocado. Nestor percebeu que o dragão também se sentia só. Ergueu-se e tocou na ponta do nariz do dragão, que fungou baixinho e sorriu. Em seguida, encolheu o enorme pescoço e desapareceu por entre a copa das árvores.

O ursinho regressou a casa feliz. Será que devia contar aos amigos o encontro que tivera com o dragão? O mais certo era não acreditarem numa única palavra...

“Amanhã volto outra vez à clareira”, pensou Nestor. “Será que o dragão violeta vai aparecer?”

Só de pensar no encontro, Nestor já sorria!

O Elefante Com Sede

Num país quente do sul, viviam várias famílias de ratos numa casa muito grande. Aquela era a única casa num raio de vários quilómetros. A região em volta era pobre e seca. Só cresciam algumas árvores mas, em contrapartida, havia muitos cardos. Era uma terra inóspita. Havia também muitos animais perigosos nas montanhas e até mesmo bandos de ladrões que, de tempos a tempos, assaltavam casas e aldeias isoladas.

A casa dos ratinhos tinha paredes muito fortes e uma grossa porta de carvalho. Atrás dela, sentiam-se em segurança.

Certo dia, um pássaro trouxe aos ratos a notícia de que o temível bando de ladrões Lobos Vermelhos vinha a caminho. Os ratos trancaram imediatamente portas e janelas e ficaram à espera. Durante dois dias não aconteceu nada. Ao terceiro dia, aproximou-se um caminhante da casa dos ratinhos, um grande elefante de pele cinzenta-clara, com uma mochila às costas. Os ratos observavam-no da janela, desconfiados.

— Bom dia, pequenos! — disse o elefante. — Não há um lugar à sombra para um caminhante cheio de sede?

— Não te deixamos entrar! — disse um rato. — Como é que sabemos que tu não pertences ao bando do Lobo Vermelho?

— Não pertenço a nenhum bando de ladrões, podeis acreditar. — disse o elefante. — Mas não é preciso abrir a porta. Eu chego-vos as minhas duas garrafas aí acima e vocês fazem o favor de mas encher com água fresca. É tudo o que preciso e depois parto imediatamente.

O elefante tirou duas garrafas da mochila e equilibrou-as habilmente em cima da tromba até chegar à janela. Os ratos gostaram muito.

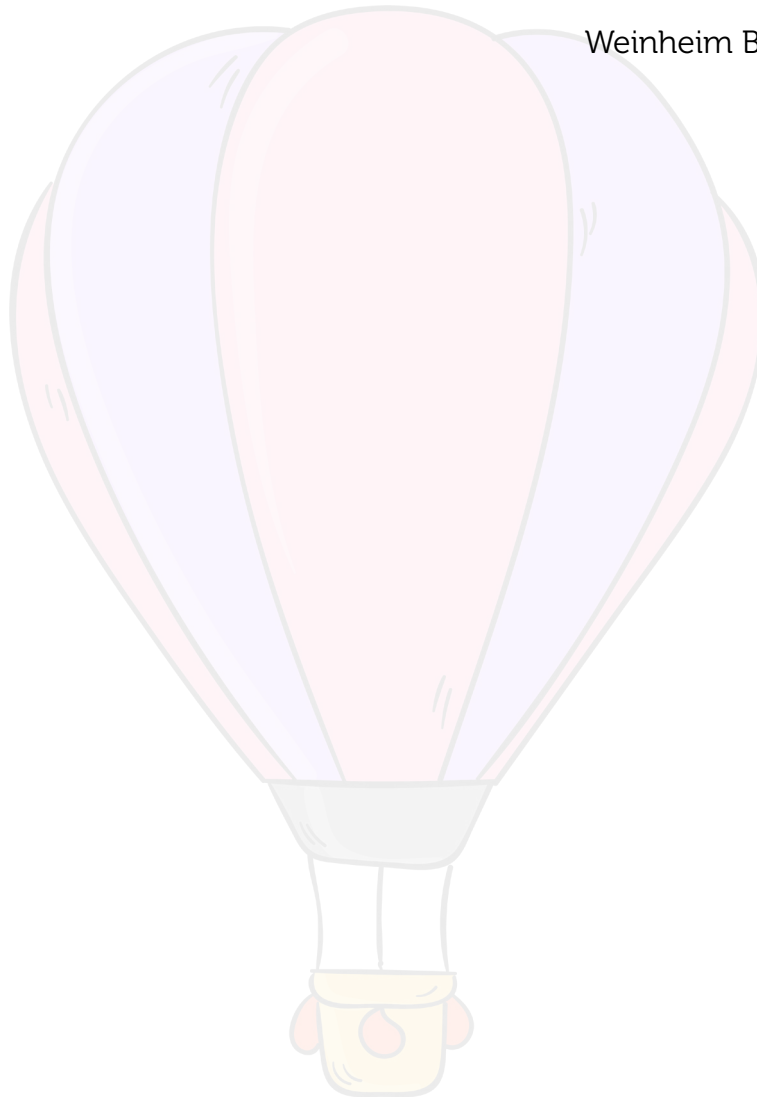
— Sabes fazer mais habilidades dessas? — perguntaram.

— Oh, sim! — disse o elefante. — Estive a trabalhar num circo e aprendi muitas!

Os ratos viram, então, que não tinham nada a temer do elefante e deixaram-no entrar na casa fresca, onde o serviram atenciosamente.

E os ladrões? Esses estavam, de facto, por perto mas, ao verem o grande elefante entrar em casa, resolveram ir rapidamente para outra terra. Acharam preferível não se meterem com um matulão daqueles.

Erwin Moser
Mario der Bär
Weinheim Basel, Parabel, 2005
Texto adaptado



O Gato Que Chora

O Orelha-Longa está deitado ao sol, a descansar. Sente-se preguiçoso. Estamos no Verão. A caça está fechada. Os passeantes só aparecem aos domingos. O guarda foi de férias e levou o seu cão Virgílio. O bosque está belo e calmo, só há folhas, só há silêncio. De repente, o Orelha-Longa espeta a orelha... Está alguém a chorar! Um rato põe a cabeça de fora de um tronco e diz:

— Não há dúvida!... É a voz de um gato.

Tal como os esquilos e os pássaros, o Orelha-Longa desconfia dos gatos. Eles rastejam e sobem às árvores sem o mínimo ruído. O rato acrescenta:

— Quando um gato chora assim, é porque está muito triste!

O Orelha-Longa hesita. O gato que chora talvez tenha caído numa armadilha dos caçadores furtivos.

— Com mil trevos! Este caso é um mistério! — resmungo o Orelha-Longa.

A tribo dos orelhudos tem o seu próprio metropolitano. Escava subterrâneos na areia. Cada toca tem várias saídas. O Orelha-Longa conhece-as todas. Assim ele pode aproximar-se, sem ser visto, do gato que chora.

— Com mil trevos! Eu conheço aquele gato — diz o Orelha-Longa. — É o Patafofa, o gato do criador de cabras.

O coelho aparece e diz:

— Vamos fazer as pazes!

O gato sobressalta-se e depois responde:

— Vamos fazer as pazes!

— Estás doente? — pergunta o Orelha-Longa.

— Não! — mia o Patafofa.

— Então, com mil trevos, porque é que choras?

— Amanhã — choraminga o gato — os meus donos vão visitar uns familiares que moram longe... Resolveram abandonar-me.

O gato não mentia. O criador de cabras e a mulher estão a meter muitas coisas em malas e sacos. Amanhã, muito cedinho, fazem-se ao caminho. Mas que será do gato deles? O Orelha-Longa não está nada contente. Quer ajudar o Patafofa. Um bode, algumas cabras e um cabrito pastam numa cerca.

— Com mil trevos!... Amanhã os teus donos também vão abandonar estas cabeças de chifres e estas tetas de leite? — resmungo o Orelha-Longa.

— Não! — mia o gato de olhos tristes... — Esta noite, as cabras vão para uma quinta do vale... Os meus donos precisam do leite para fabricar queijos...

— Queijos? — repete o Orelha-Longa.

De repente o coelho parece muito interessado.

— Os teus donos dormem com a janela aberta? — pergunta ainda Orelha-Longa.

— Sim, mesmo de Inverno! — diz o Patafofa.

Como sempre, quando quer reflectir, o Orelha-Longa põe-se de cabeça para baixo. Fecha os olhos. Nem um dos seus pêlos se mexe. Parece

uma estaca com quatro patas, um rabo, bigodes e duas orelhas compridas.

O Patafofa está tão espantado, que se esquece de chorar. Acha que deve imitar este coelho acrobata.

Zás!... Atira as patas traseiras na direcção das nuvens. Catrapus!... Um grande trambolhão. O gato dá com o nariz no chão de folhas secas. Já não sabe se há-de rir ou chorar. Até tem uma vontade louca de fugir.

De súbito, o Orelha-Longa abre um olho e diz:

— Com mil trevos! Tenho uma ideia.

Na clareira, o Orelha-Longa reuniu a tribo dos focinhos bicudos e rabos compridos. Estão ali arganazes, musaranhos, ratinhos, e até um rato almiscarado que veio do rio. O Orelha-Longa pôs-se em cima de um montículo e fala. Abana as patas e a cabeça para se explicar melhor. As orelhinhas pardas estão atentas. A um canto, dois coelhos constroem uma escada com ramos descascados e cordel. Um mocho saiu de um buraco... Nunca viu tantos rabos compridos, tantos focinhos bicudos. Os seus grandes olhos fixos brilham de apetite. Gosta de comer ratos. O Orelha-Longa está satisfeito. Todos sabem o que têm a fazer. Só resta esperar pela noite.

Tudo dorme na casa do Patafofa. O criador de cabras e a mulher deitaram-se mais cedo do que é costume. No meio do pátio, o carro está pronto para partir. Os coelhos já puseram a escada debaixo da janela do quarto. A família dos rabos compridos sai do bosque e dirige-se a passos ligeiros para a quinta.

Uns atrás dos outros, os musaranhos, os arganazes, o rato almiscarado, e os ratinhos, sobem pela escada e correm pelo quarto escuro.

O Orelha-Longa foi ter com o Patafofa.

— Vamos sair pelo respiradouro! — diz ele ao ouvido do gato. — Temos de conversar.

De repente acende-se a luz do quarto.

Os donos da casa acordam sobressaltados.

— Hiii!... hiii! — berra a mulher, levantando os braços. — Hiii!...

Ratos!... Ratos por todo o lado!... No chão, em cima da cama, do guarda-vestidos, e da mesa de cabeceira...

O criador de cabras ficou com os olhos arregalados de surpresa. Um rato baloiça na ponta do fio do candeeiro. E além, à janela, dois coelhos fazem caretas... É incrível!

Nesse preciso momento, o gato da casa começa a miar diante da porta do quarto.

— Anda cá, anda cá, Patafofa! — grita a dona da casa.

O Patafofa empurrou a porta. Encurva o lombo e mostra os dentes como um gato zangado. Mas, esta noite, está só a fingir.

Tem mas é vontade de rir.

Tudo se passa como o Orelha-Longa previu. Os arganazes, os musarranhos, os ratinhos e o grande rato almiscarado, fogem pela janela, com os dois coelhos e a escada.

— Tu és um gato formidável! — grita a mulher.

— É verdade! — diz o criador de cabras. — Amanhã vais connosco... De certeza que lá também há ratos!

A dona do Patafofa vai à cozinha. Dá ao gato uma grande fatia de queijo e chouriço.

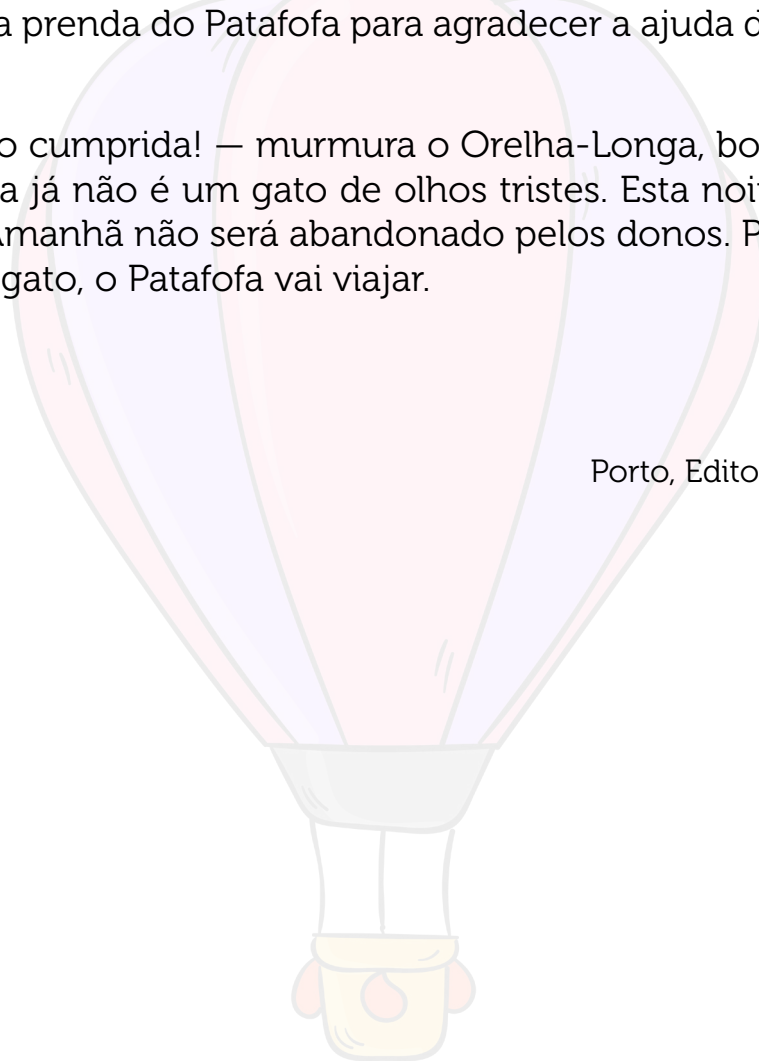
Na floresta, chegou finalmente a noite. No entanto, a clareira está iluminada. O Orelha-Longa trouxe as suas três lanternas e transformou três poleiros em candeeiros.

Os rabos compridos dançam um baile de roda à volta de um grande ouriço.

O mocho nem acredita no que vê. Nunca viu um ouriço tão esquisito. Nos picos estão espetados frutos que os focinhos bicudos vão roendo, todos contentes. Foi a prenda do Patafofa para agradecer a ajuda dos seus amigos.

— Missão cumprida! — murmura o Orelha-Longa, bocejando. Graças a ele, o Patafofa já não é um gato de olhos tristes. Esta noite vai dormir de coração feliz. Amanhã não será abandonado pelos donos. Pela primeira vez na sua vida de gato, o Patafofa vai viajar.

Pierre Coran
O gato que chora
Porto, Editorial Caminho, 1989
(texto adaptado)



O Menino Sol Que Nunca Queria Ir Dormir

Há muito, muito tempo, há milhões de anos atrás, não existia nada à face da terra... Nada de nada! Nem mesmo pessoas ou animais. Em contrapartida, o céu já era habitado: o Sol, a Lua, as estrelas... Já lá estavam todos.

Naqueles tempos, eram ainda muito novos, caprichosos, malucos e, por vezes, mal-educados. Sobretudo o Sol! Passava o tempo a passear os seus raios novos e ofuscantes, todo orgulhoso por ser o mais luminoso, o mais cintilante! Aborrecia toda a gente com os seus raios, o seu calor e a sua luz.

— Para de brilhar! Fazes-nos mal aos olhos! — diziam as nuvens.

— Apaguem-no! Não consigo fechar os olhos! — resmungava a Lua.

— Ah, estes jovens! Julgam que podem fazer tudo! — protestavam as estrelas mais velhas.

— Mas tu nunca estás quieto? — suspirava a Terra, extenuada.

— É sempre de dia! Nem podemos fechar os olhos! — diziam as pequenas estrelas, que, como todas as crianças, precisavam de dormir.

Todos os habitantes do Céu, cansadíssimos, irritados, tristonhos, começaram a pensar no que fazer ao menino Sol para ele brilhar menos: fechá-lo num armário escuro, pôr-lhe graxa preta...

— Isto não pode continuar! — trovejava a Trovoada. — Temos de encontrar uma solução.

E teve logo uma ideia, que contou à Lua e às estrelas.

A Trovoada teve então uma conversa com o menino Sol.

— Solzinho, tivemos uma ideia. Vais brilhar entre nós algumas horas e, depois, ala!,vais brilhar para o outro lado da Terra. Assim, fazes algumas horas connosco e algumas horas com o outro lado. Enquanto lá estiveres, eles divertem-se e nós dormimos. E enquanto estiveres entre nós, eles descansam. Assim, não precisas de parar e toda a gente ficará satisfeita!

O menino Sol saltou de alegria face à ideia de ter duas casas e, sobretudo, amigos em todo o lado.

A partir daí passou a haver noite na terra, para grande felicidade dos seus habitantes, que podem assim repousar. Foi nessa altura, aliás, que os homens apareceram, dizendo que, com um pouco de Sol durante o dia e um pouco de escuro à noite, a vida seria bem agradável na Terra.

Sabe-se que, à noite, o Sol nunca chega a desaparecer totalmente, mas que está simplesmente do outro lado da Terra, a viver a sua segunda vida, na sua segunda casa, à espera de voltar. É por isso que nunca se deve ter medo do escuro.

Sophie Carquain
Petites histoires pour devenir grand
Paris, Albin Michel, 2003
(Adaptado)

O Porquinho Dorminhoco

Era uma vez um porquinho muito dorminhoco.

Fosse pelo que fosse, não conseguia levantar-se de manhã. Todos os seus amigos da quinta lhe falavam da beleza da manhã e lhe explicavam o que estava a perder, mas não adiantava nada.

Não era capaz de sair da cama!

De manhã; o primeiro animal a acordar era o Galo. Voava para cima da casa do porquinho e cantava

Có Có Ró Có Có!

cinco vezes para ter a certeza de que todos o ouviam. Todos os outros animais SALTAVAM imediatamente da cama. Mas o porquinho... continuava a dormir.

Quando o sol se levantava, a Ovelha e a Vaca trotavam pelo prado onde as gotas do orvalho brilhavam na erva, tornando-a doce e boa para comer.

O pato corria para o lago, metia um pé na água e sorria ao ver os primeiros reflexos do dia na superfície da água.

A Galinha corria toda satisfeita pelo terreiro, cacarejando, bicando e arranhando a palha – depois sentava-se...

Tinha posto um ENORME ovo branco!

Ninguém queria perder a manhã. Excepto o porquinho. Todos os dias era a mesma coisa.

O Galo chamava:

“Levanta-te, Dorminhoco!”

O Porquinho abria a boca e BOCEJAVA!

Por fim, lá se levantava e corria para o prado.

“Quem é que está a devorar a erva toda?”, resmungava.

O Porquinho corria para o lago. “Quem é que agitou a água e a tornou lamacenta?”, resfolegava.

Corria para a quinta. “Quem é que pôs este ovo na minha palha limpinha?”, grunhia.

Era a mesma coisa todos os dias. Quando o Porquinho se levantava, já toda a erva tenrinha tinha sido comida, já não havia água limpa no lago nem palha limpa no terreiro, para ele se deitar.

“Só há uma coisa a fazer”, suspirou o Porquinho. “Tenho de levantar-me à mesma hora que os outros.”

Nessa noite, o Porquinho foi para a cama a horas. E, para ter a certeza que acordava ao cantar do Galo, o Porquinho pôs o despertador pela primeira vez na vida.

REPORT THIS AD

O novo dia amanheceu.

Ttrim... Ttrim...

...tocou o despertador do Porquinho.

O Porquinho acordou!

Ficou surpreendido por ver como me sabia bem acordar a horas, para variar. Pôs-se a ver se ouvia o Galo. Mas só escutava o silêncio. Olhou para o céu e viu que o sol estava a começar a levantar-se.

O Porquinho correu para o prado e comeu a erva tenrinha antes de o sol secar o orvalho.

Era a erva mais gostosa que comera em toda a sua vida.

O Porquinho correu para o lago e admirou o seu reflexo na água es-
pelhada e límpida.

E bebeu... bebeu... bebeu.

E então ouviu o canto do Galo!

Voltou a correr para a quinta...

“Quem é que comeu toda a erva fresquinha?” mugiu a Vaca.

“Quem é que bebeu a água toda do lago?”, grasnou o Pato.

“Vejam se adivinham!”, riu-se o Porquinho.

E daí em diante nunca mais ninguém o voltou a acusar de ser dormi-
nhoco!

John Malam
O porquinho dorminhoco
Porto, Ambar, 2001
Texto adaptado

O Ratinho das Amoras

O Ratinho vivia na sua casinha no campo.

Gostava muito dela porque era quente e aconchegada e tinha o tamanho ideal para um ratinho.

Mas, do que gostava mais nela, era o enorme arbusto de amoras que tinha no jardim, e que todos os anos dava uma colheita abundante de belos frutos maduros e sumarentos.

Certo Verão, as amoras do Ratinho ainda eram maiores e mais sumarentas do que habitualmente. Começou a colhê-las e já estava transpirado e cansado quando o Pardal apareceu.

— Que belas amoras! Posso comer algumas? — chilreou o Pardal.

— São todas minhas — respondeu o Ratinho. — Vai-te embora.

— Não precisas de falar assim — disse o passarinho voando para longe.

As patas do Ratinho já lhe doíam devido ao trabalho, quando reparou no Esquilo encostado ao portão.

— Dás-me algumas dessas amoras suculentas? — perguntou o Esquilo.

— Se tas der, ficarei com menos para mim — replicou o ratinho.

Assim o Esquilo foi embora de mãos a abanar.

Tinha o Ratinho parado para descansar das suas tarefas, quando a Coelha apareceu aos saltos.

— Essas amoras têm um aspecto apetitosíssimo — disse ela.

— E são — respondeu o Ratinho. — E vou comê-las todinhas.

— Então é mais que certo que vais ficar doente — respondeu a Coelhoha, virando-lhe as costas.

O sol estava muito quente e o Ratinho estava a ficar estafado.

Daí a pouco começou a cabecear de sono. Não reparara que havia alguém a espia-lo.

Era o Senhor Raposo...

Quando viu que o Ratinho estava a dormir, esgueirou-se pelo portão e avançou devagarinho até conseguir chegar perto do cesto das amoras. Já se afastava quando CRAC ! Pisou um ramo seco.

O Ratinho acordou sobressaltado.

— Essas amoras são minhas — guinchou ele.

— Experimenta tirar-mas — riu-se o Senhor Raposo. — Vão ser-me bem úteis hoje ao chá.

O Ratinho não se surpreendeu por nenhum dos seus amigos o ter avisado de que o Raposo andava por fora naquele dia.

— Afinal — pensou — porque é que haviam de me ajudar, se eu não quis partilhar as minhas amoras com eles?

Então aconteceu uma coisa muito estranha. Uma bolota acertou na cabeça do Raposo!

PIMBA! E mais outra, PIMBA!

E outra e outra e mais outra. PIMBA! PIMBA! PIMBA!

O Raposo largou o cesto das amoras e fugiu a sete pés!

O Ratinho olhou para cima para ver de onde tinham vindo as bolotas.
E quem acham vocês que ele viu no alto do velho carvalho?

Viu o Esquilo e o Pardal e a Coelha.

— Não podíamos deixar o senhor Raposo roubar as tuas amoras —
disse o Esquilo.

— Apesar de não teres querido dividi-las connosco — acrescentou o
Pardal.

O Ratinho sentiu-se muito envergonhado. Depois teve uma ideia...

Nessa tarde convidou todos os amigos para a festa das amoras. Tra-
balhou todo o dia a prepará-la.

Havia sumo de amora, compota de amora, geleia de amora, torta de
amora e muitos outros doces de amora.

Os outros animais disseram que estava tudo delicioso.

— Afinal — disse Ratinho — talvez as amoras saibam melhor quando
as partilhamos.

Matthew Grimdsdale
O Ratinho das Amoras
Porto, Ambar
Adaptação

O Urso Mário

Numa pequena casa no cimo de um monte, um pouco afastada da aldeia, vivia uma família de ursos. Era constituída por Ursão, o pai-urso, Ursolina, a mãe-ursa, e por três ursinhos chamados Úrsula, Úrsica e Ursino.

Certo dia, os papás-ursos souberam que ia haver um concurso de dança para ursos na cidade mais próxima. Ursão e Ursolina não queriam faltar, pois eram uns dançarinos muito bons. O concurso iria durar dois dias, mas quem é que tomaria conta dos ursinhos durante esse tempo?

Nessa noite, apareceu, por acaso, o urso Mário na sua mota nova. Mário era um velho amigo do papá-urso e prontificou-se imediatamente a ficar com as crianças.

Na manhã seguinte, Ursão e Ursolina partiram e Mário ficou sozinho com os ursinhos. As crianças depressa descobriram que Mário era um urso muito benevolente. Os jogos que brincaram com ele foram ficando cada vez mais tumultuosos e, à noite, já tinham a casa virada de pernas para o ar. Os quatro tinham-se divertido imenso. Mário estava muito cansado mas os ursinhos nem por isso. Eles não queriam ir dormir e Mário teve uma trabalhadeira para os meter na cama. Quando, por fim, adormeceram, Mário ainda teve de ficar pela noite dentro a arrumar a casa. Mal caiu na cama, adormeceu imediatamente, tão estafado que estava.

De manhã cedo, os três ursinhos acordaram-no.

"Oh, não!", pensou Mário. "Lá vai recomeçar a confusão!" Mas teve uma boa ideia! Logo depois do pequeno-almoço, Mário levou os ursinhos para a frente da casa e sentou-as no sidecar da sua mota. Ligou a máquina e partiu a toda a velocidade pelo monte abaixo, entrou na aldeia, atravessou-a até ao outro lado, e andou por ali às voltas. Fez este percurso várias vezes até conseguir adormecer os três ursinhos. As crianças tinham acalmado, é certo, mas Mário havia enfurecido todos os habitantes, que resmungavam contra ele e a sua mota infernal, e acabaram por fechar a rua da aldeia.

Mário ficou todo contente quando os papás-ursos finalmente regressaram.

Obrigado, Tita!

Tita adora estar com o avô e com a avó. São sempre tão carinhosos com ela e todos os dias que passam juntos são dias cheios de surpresas.

Às vezes, quando a Tita sai com o avô para o jardim, ele surpreende-a com algumas delícias da sua horta.

Outras vezes, joga à bola com ela no jardim.

Quando a Tita vai para a cozinha, a avó oferece-lhe um tabuleiro de deliciosas bolachas ou um saboroso bolo que ela cozinhou em segredo.

E todas as noites, sem faltar, a avó lê uma bela história, extra-especial, para a Tita adormecer.

Claro que ela nunca se esquece de dizer “obrigada”, mas a avó e o avô são sempre tão simpáticos com ela, que dizer apenas “obrigada” não lhe parece suficiente.

Todos os dias Tita vai passear e, como o Verão está a transformar-se no Outono, repara que os vegetais estão a amadurecer na horta do avô e que as frutas estão a amadurecer nos campos e no pomar.

Tita repara como os animais no bosque andam de cá para lá, a recolher comida para o Inverno, e isso dá-lhe uma ideia.

Então, pede um cesto emprestado e caminha ao longo do bosque até encontrar o Esquilinho, que andava a armazenar avelãs.

“Se eu te ajudar a carregar esse cesto, dás-me algumas avelãs?”, pergunta ela.

“Claro!”, diz o Esquilinho.

E a Tita ajuda-o a carregar o cesto todo o caminho até chegarem à sua toca.

A seguir, encontrou o Coelhoinho, que parecia perdido debaixo de uma macieira.

“Podes ajudar-me, Tita?”, diz o Coelhoinho. “Andava à procura de fruta e encontrei estas maçãs todas, mas agora não consigo encontrar o caminho de volta.

Em troca, ele deu-lhe algumas deliciosas maçãs suculentas.

Assim que se despediram, Tita viu o Pardalinho, que estava empoleirado num arbusto cheio de amoras.

“Será que posso ficar com algumas amoras?”, perguntou ela.

“Claro!”, respondeu o Pardalinho, “mas este arbusto tem muitos espinhos e eu estou preso. Ajudas-me a sair daqui?”

Então, Tita ajudou o Pardalinho a sair do arbusto cheio de espinhos.

E ele deu-lhe algumas amoras e até alguns morangos tardios que tinha encontrado.

No caminho para casa, Tita ouviu alguém a resmungar. Era o Ursinho, que estava sentado debaixo de uma ameixoeira, com ar desanimado.

“Podes ajudar-me, Tita?”, perguntou ele. “Tenho um espinho cravado na minha pata”.

“Claro”, disse a Tita. Com os seus dentinhos, num instante Tita conseguiu retirar o espinho. O Ursinho ficou tão contente que lhe ofereceu algumas cerejas e ameixas.

Agora, o cesto da Tita já estava cheio; por isso, ela voltou para casa dos avós e escondeu tudo no cesto, longe da sua vista.

No dia seguinte, a avó e o avô foram passear. Eles estavam admirados porque Tita não quis ir com eles; mas, quando chegaram a casa, tiveram a maior surpresa da sua vida: à entrada do jardim, viram um grande cartaz no portão, que dizia:

FESTA DE AGRADECIMENTO!

E, no interior da casa, estava Tita, com todos os seus amiguinhos e um cesto cheio de fruta tão grande como nunca viram nenhum.

“É uma festa especial para dizer “obrigado” por todas as coisas simpáticas e carinhosas que vocês fazem por mim”, disse a Tita, toda orgulhosa. O avô e a avó riram-se e deram-lhe um grande chi-coração e um beijo.

“Porque é que fizeram isso?”, perguntou Tita.

“Para dizer obrigado, Tita, claro!”, disseram eles.

E TODOS SE RIRAM.

Dugald Steer; Caroline Anstey
Obrigado, Tita
Porto, Ambar, 2005

Os Negociantes de Velharias

Valdemar Urso-Castanho negociava em velharias. O negócio funcionava em cinco ilhas. Valdemar tinha um barco à vela com o qual ia de ilha em ilha e comprava todos os tarecos velhos que encontrava. Muitas vezes até lhe davam despejos inteiros de barcos. Por vezes, no meio daquilo tudo, havia coisas boas, mas a maior parte desses objectos não tinha grande valor.

O Urso tinha um sócio, um pato chamado Penas. Penas ajudava Valdemar a descarregar as velharias e era ele quem conduzia o barco no mar.

Uma vez por mês, os dois iam, de barco carregado, à ilha principal e vendiam a mercadoria na feira de velharias. Os lucros eram divididos a meias. É certo que não sobrava muito, mas chegava para os dois viverem.

Certo dia, durante uma dessas viagens entre as ilhas, aconteceu uma coisa estranha a Valdemar e a Penas. Era quase noite e não havia vento. De repente, ouviram chapinhar ao lado do barco e viram aparecer à superfície um ser marinho com um aspecto de meter medo. O ser era meio-peixe, meio-homem. Aproximou-se a nado e fazia sinais a Valdemar. Na mão direita tinha uma pérola muito bonita.

— O que queres de mim? — perguntou o urso.

O homem-peixe apontou novamente para Valdemar, depois para si e para a água.

— Eu tenho de ir à água? — perguntou Valdemar.

O habitante do mar disse que não, abanando com força a cabeça. Foi preciso algum tempo até os dois perceberem finalmente o que o estranho homem-peixe queria: era o espelho que estava por detrás de Valdemar! O urso estendeu-lhe o espelho e o homem-peixe deu-lhe a pérola em troca.

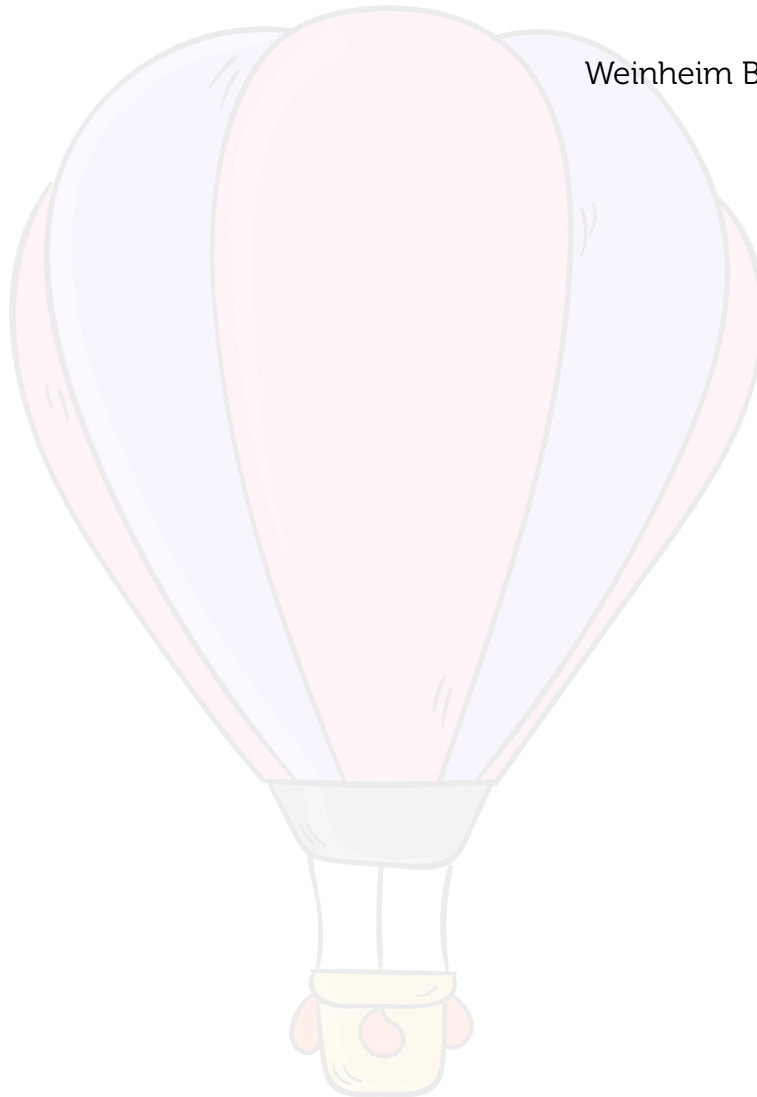
— Não, espere lá! — gritou Valdemar. — A pérola vale muito mais!

Mas o homem-peixe já tinha mergulhado, levando o espelho consigo.

Desde então, sempre que passam naquele lugar, Valdemar e Penas deitam à água todos os espelhos antigos que têm a bordo.

O estranho homem-peixe, esse, nunca mais voltaram a vê-lo.

Erwin Moser
Mario der Bär
Weinheim Basel, Parabel, 2005
Texto adaptado



Os Negociantes de Velharias

Valdemar Urso-Castanho negociava em velharias. O negócio funcionava em cinco ilhas. Valdemar tinha um barco à vela com o qual ia de ilha em ilha e comprava todos os tarecos velhos que encontrava. Muitas vezes até lhe davam despejos inteiros de barcos. Por vezes, no meio daquilo tudo, havia coisas boas, mas a maior parte desses objectos não tinha grande valor.

O Urso tinha um sócio, um pato chamado Penas. Penas ajudava Valdemar a descarregar as velharias e era ele quem conduzia o barco no mar.

Uma vez por mês, os dois iam, de barco carregado, à ilha principal e vendiam a mercadoria na feira de velharias. Os lucros eram divididos a meias. É certo que não sobrava muito, mas chegava para os dois viverem.

Certo dia, durante uma dessas viagens entre as ilhas, aconteceu uma coisa estranha a Valdemar e a Penas. Era quase noite e não havia vento. De repente, ouviram chapinhar ao lado do barco e viram aparecer à superfície um ser marinho com um aspecto de meter medo. O ser era meio-peixe, meio-homem. Aproximou-se a nado e fazia sinais a Valdemar. Na mão direita tinha uma pérola muito bonita.

— O que queres de mim? — perguntou o urso.

O homem-peixe apontou novamente para Valdemar, depois para si e para a água.

— Eu tenho de ir à água? — perguntou Valdemar.

O habitante do mar disse que não, abanando com força a cabeça. Foi preciso algum tempo até os dois perceberem finalmente o que o estranho homem-peixe queria: era o espelho que estava por detrás de Valdemar! O urso estendeu-lhe o espelho e o homem-peixe deu-lhe a pérola em troca.

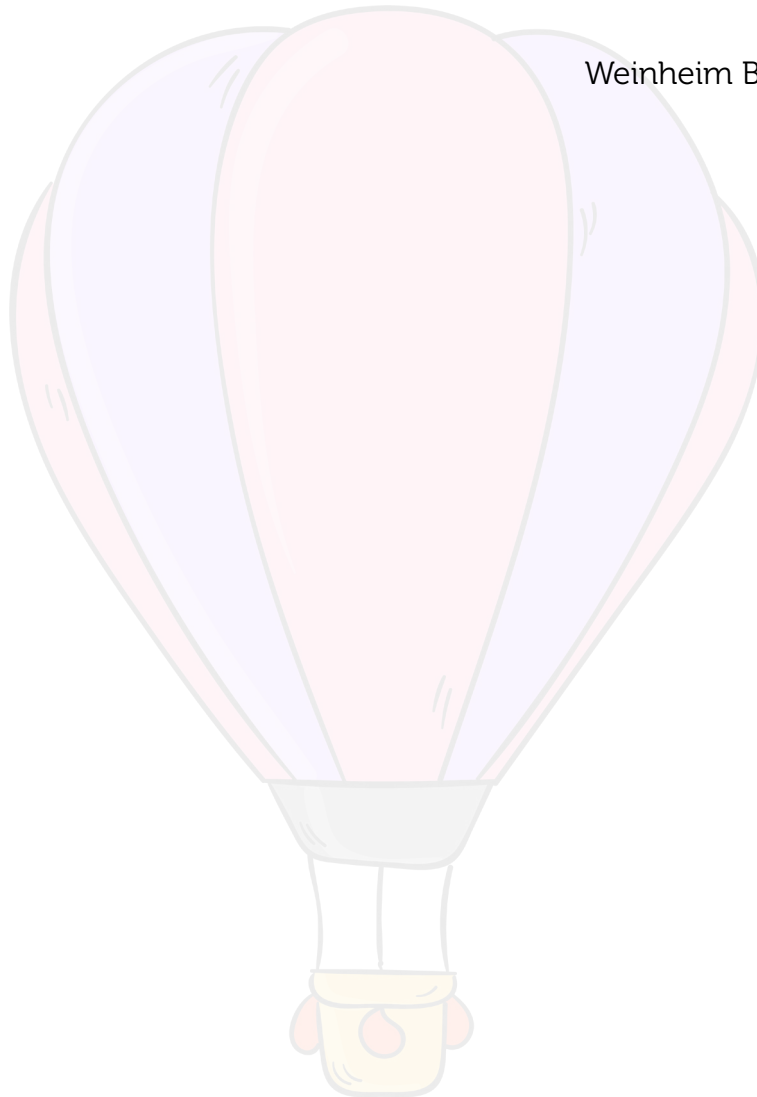
— Não, espere lá! — gritou Valdemar. — A pérola vale muito mais!

Mas o homem-peixe já tinha mergulhado, levando o espelho consigo.

Desde então, sempre que passam naquele lugar, Valdemar e Penas deitam à água todos os espelhos antigos que têm a bordo.

O estranho homem-peixe, esse, nunca mais voltaram a vê-lo.

Erwin Moser
Mario der Bär
Weinheim Basel, Parabel, 2005
Texto adaptado



Um Urso à Caça

Esta história não é nenhum conto de fadas.

Era uma vez um ursinho a quem faltavam pêlos na cabeça.

A sério! Quando o urso veio ao mundo, tinha um pêlo maravilhoso no corpo todo. Só em cima, no cocuruto da cabeça, havia uma mancha redonda e despida.

— Oh, uma careca! — disse o pai. — De certeza que o pêlo ainda vai nascer. Tem tempo.

Mas não cresceu. Nem com o tempo.

Então, a mãe pôs-lhe umas raízes na careca: rábano, raízes de árvores, raízes de dente-de-leão, raízes de acanto.

— É das raízes que tudo nasce — dizia a mãe — portanto, isto há-de ajudar!

Mas não ajudou. A mãe esfregou com água da chuva.

— A água da chuva faz nascer tudo.

Nada.

Esfregou estrume de galinha.

— Os homens também o usam para as plantas crescerem.

Nada.

Então o irmão do urso cuspiu-lhe na pelada.

— Desculpa, mas teve de ser! — disse o irmão. — Onde eu cuspo, medra sempre alguma coisa.

Na cabeça do urso, contudo, não cresceu nada.

— Não é assim tão mau — disse a mãe. — Põe um gorro.

Mas o urso só usava o gorro quando estava frio. No Verão tirava-o, primeiro, porque tinha muito calor, e segundo, porque todos os outros ursos olhavam para ele com um olhar tão esquisito como quando lhe viam a careca.

— Faz tu alguma coisa! Um bom urso sabe sempre tirar-se de apuros — dizia o pai. — Caça um animal, arranca-lhe o pêlo e depois colamos-to na cabeça.

— Com cuspo — disse o irmão.

O urso saiu para o bosque e encontrou um tigre que bufava ferozmente e se preparava para lhe saltar. Zás! O urso saiu dali e foi a correr para casa.

— Não caçaste nada? — perguntou a mãe.

— Não. No bosque só estava um tigre e eu não quis caçá-lo. Não quero ficar com riscas na cabeça.

No dia seguinte, o urso voltou ao bosque para ir caçar e viu vir ao longe um lobo a lambar os beiços.

O urso fugiu o mais depressa que pôde e correu para casa.

— Não caçaste nada? — perguntou a mãe.

— Não, só encontrei um lobo e não quis caçá-lo. Tinha pêlo cinzento e branco e eu não quero parecer assim tão velho.

Na caçada seguinte, apareceu-lhe, de repente, uma raposa, de boca aberta. O urso foi mais rápido e conseguiu chegar inteiro a casa.

— Voltaste a não caçar nada? — perguntou o irmão.

— Não, só vi uma raposa e não quis apanhá-la. Cheirava a carne podre e eu não quero ter maus cheiros na cabeça.

— Esta é a minha última tentativa — disse o urso, no dia seguinte, ao partir para o bosque.

Não encontrou ninguém e foi-se embrenhando nele cada vez mais. Procurava nos matagais, rastejou para dentro dos arbustos, subiu a uma árvore. Aí, na segunda ramificação, estava um esquilinho a dormir, e o seu pêlo era da mesma cor do pêlo do urso.

— Ora aqui está! — disse o urso, esfregando as patas de contente. Levantou-se para fulminar o esquilo com um golpe. O esquilinho abriu um olho e piscou-lho amigavelmente e sem medo.

— Desculpa! — disse o urso. — Não quero que seja assim. Não quero ficar com remorsos.

Baixou a pata, estendeu-a ao esquilinho e desceu do ramo. Sentou-se no musgo, encostou-se à árvore e, como estava cansado, adormeceu também.

Chegou depois junto dele um arganaz, ou melhor, uma mãe arganaz com uma barriga muito gorda. Passou furtivamente pelo urso, rastejou-lhe pelo braço e pelo ombro até que chegou à cabeça.

— Olá! — exclamou ela. — Este lugarzinho parece ter sido feito para mim. Não é lá muito macio, mas à volta é quentinho.

Arrancou algum pêlo seu, com o qual almofadou a pelada, instalou-se e deu à luz os filhotes.

Quando o urso acordou, sentiu uma comichão esquisita na cabeça. Levou a pata à mancha branca – como ele lhe chamava – e viu que se encontravam lá um rato grande e quatro ratinhos que sentiu não terem pêlo. Levantou-se com muito, muito cuidado, e foi para casa pé ante pé.

A mãe, o pai e o irmão ficaram assombrados.

– Agora já tens pêlos na cabeça – disseram.

O urso passou a dormir de costas direitas, sentado numa cadeira, até os pequenos arganazes saírem da pelada, rastejarem atrás da mãe pelos ombros e pelo braço do urso e, passando pela perna dele, seguirem na direcção do bosque.

Aos poucos, o vento fio soprando da cabeça do urso o pelo do arganaz.

– Afinal, estou muito satisfeito com a minha careca – disse o urso. – Talvez alguém mais possa vir a precisar dela.

Hans Manz
Reinhard Michl (org.)
Wo Fuchs und Hase sich Gute Nacht sagen

Uma Noite Barulhenta

Estávamos a meio da noite e o Rato dormia profundamente na sua grande cama.

O Ratinho estava ainda acordado na sua caminha.

“Ratão! Ratão!” chamou o Ratinho. “Estou a ouvir alguma coisa lá fora a uivar e a soprar.”

O Rato abriu um olho e um ouvido.

“É apenas o vento” disse ele.

“Posso ir para a tua cama?” pediu o Ratinho.

“Não,” disse o Rato. “Não há espaço para os dois.”

Virou-se para o outro lado e voltou a adormecer.

O Ratinho ficou deitado a ouvir o vento. Mas, de repente, por entre um uivar e um sopro, ouviu um...

TOC TOC TOC

O Ratinho desceu da cama, abriu a porta — mas só um bocadinho —, e espreitou lá para fora.

UUUuuu! continuava o vento, mas não viu ninguém lá fora.

“Ratão! Ratão!” chamou o Ratinho. “Estou a ouvir passos. Talvez esteja um ladrão no telhado.”

O Ratão levantou-se da cama e abriu as cortinas do quarto. "Olha," disse ele, "é apenas um ramo a bater na janela. Volta para a tua cama."

"Não posso ir para a tua?" perguntou o Ratinho.

"Não," disse-lhe o Ratão, "tu mexes-te muito".

O Ratinho ficou deitado na sua cama a ouvir o uivar do vento e o toc-toc do ramo a bater, quando alguém chamou,

"TUUUUUUU! TUUUUUUU!"

O Ratinho levantou-se outra vez. Desta vez foi espreitar debaixo da cama. Depois foi ver no armário e, sentindo-se muito assustado, gritou: "Ratão! Ratão! Penso que há um fantasma cá em casa, e anda à minha procura. Está sempre a chamar, tuuuuu, tuuuuuu!"

O Ratão suspirou e sentou-se na cama à escuta. "E apenas um Mocho," disse o Ratão, "também está acordado, como tu."

"Posso deitar-me na tua cama?" perguntou o Ratinho.

"Não," respondeu o Ratão, "as tuas patas estão sempre frias."

E o Ratão meteu-se debaixo dos cobertores e voltou a adormecer.

O Ratinho voltou para a cama e ficou ali deitado a ouvir o vento a soprar, o ramo a fazer toc-toc e o mocho a piar.

Mas... chhhiu!

Que barulho foi este?

"Ratão! Ratão! Estou a ouvir pingar. É um pinga-pinga. Deve estar a

chover cá dentro.”

E o Ratinho saltou da cama e foi buscar o seu chapéu de chuva vermelho.

O Ratão levantou-se também da cama. Abriu a porta de casa e disse: “Cala-te, vento. Não faças barulho, ramo. Canta mais baixo, mocho.” Mas nenhum lhe deu atenção. Então o Ratão foi até à cozinha, fechou a torneira que pingava e arrumou o chapéu de chuva.

“Posso ir para a tua cama?” pediu o Ratinho.

“Não, ficas mais confortável e quentinho na tua própria cama, disse o Ratão, enquanto o levava ao colo para o quarto.

O Ratinho ficou deitado na cama a ouvir o vento a uivar, o ramo a fazer toc-toc e o mocho a piar. E quando já começava a sentir muito sono, ouviu de repente...

“ROOONC, ROOONC; ROOONNC!”

“Ratão! Ratão!” chamou o ratinho. “Estás a ressonar.”

Cansado, o Ratão levantou-se. Pôs os seus tapa-orelhas nos ouvidos do Ratinho. Pôs um clip no seu próprio nariz e voltou para a sua cama.

O Ratinho deitou-se e ficou a escutar... Nada! Estava tudo muito, muito, muito silencioso. Não conseguia ouvir o vento a uivar, nem o ramo a fazer toc-toc na janela, nem o mocho a piar e nem sequer o Ratão a ressonar. Estava tudo tão silencioso que o Ratinho sentiu que estava sozinho no mundo.

Tirou o tapa-orelhas dos ouvidos. Levantou-se da cama e tirou o clip do nariz do Ratão.

“Ratão! Ratão!” gritou, “sinto-me muito só!”

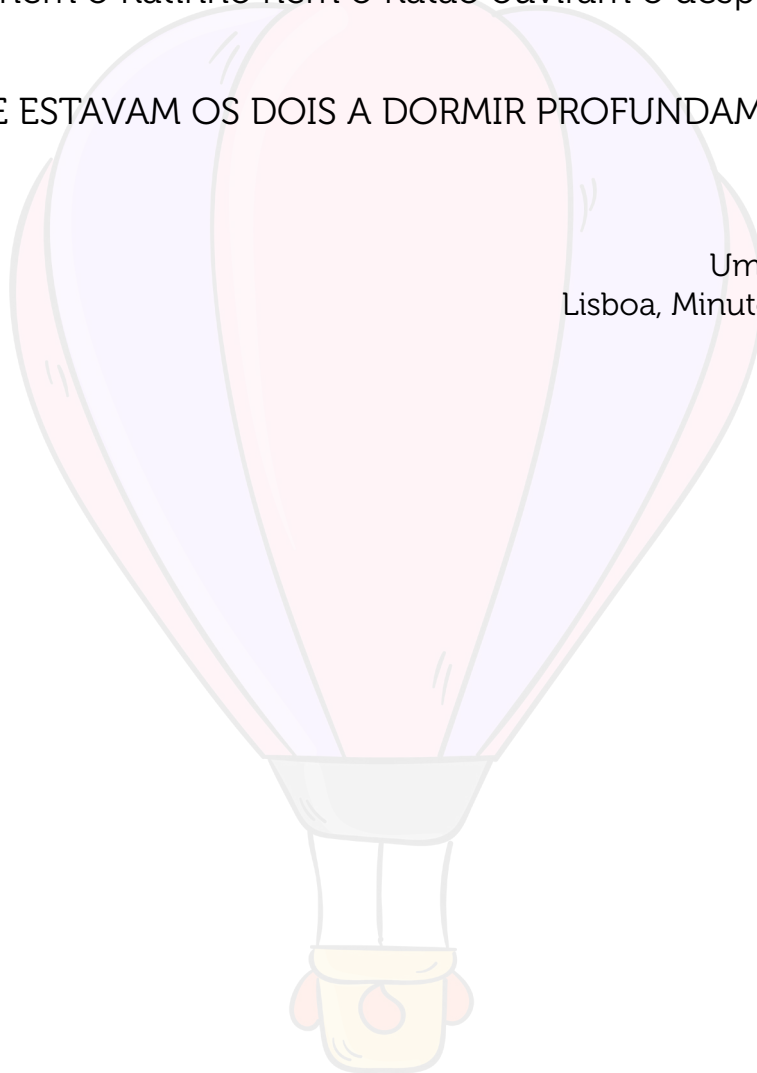
O Ratão afastou os cobertores.

“Está bem, vem lá para a minha cama,” disse ele. Então o Ratinho deitou-se junto dele. As suas patinhas estavam muito frias... e precisou apenas de umas poucas voltas na cama para adormecer profundamente.

O Ratão ficou ali deitado a ouvir o vento a uivar, o ramo a fazer toc-toc, mocho a piar e o Ratinho a fungar, e, pouco depois, ouviu os pássaros a acordar. Mas nem o Ratinho nem o Ratão ouviram o despertador tocar...

PORQUE ESTAVAM OS DOIS A DORMIR PROFUNDAMENTE!

Diana Hendry
Uma noite barulhenta
Lisboa, Minutos de Leitura, 2001



Uma Nova Casa

— Daqui a pouco vais voltar a sentir-te em casa — diz a professora, sentando Lisa ao lado de um rapaz de cabelo encaracolado.

Ele chama-se Ali.

— O Ali também está a habituar-se a nós. Ele é marroquino.

Lisa não consegue deixar de pensar no lugar vazio na sua antiga escola e tem de fazer um esforço para não começar a chorar.

Ainda bem que a professora não lhe pergunta nada e a deixa em paz toda a manhã.

Durante o caminho para casa sente medo e foge dali o mais depressa que pode. De repente, Ali aparece ao lado dela.

— Onde moras? — pergunta ele.

— Na Rua da Montanha, no prédio amarelo, no quinto andar.

Lisa aprendeu a morada de cor.

— Então somos vizinhos — diz Ali a rir-se.

Lisa não diz nada e Ali não se preocupa com isso.

Ao abrir a porta de casa, Bali, o gato, vem ao seu encontro. Começa a esfregar-se contra as pernas e a lamentar-se.

— Ele também está a tentar habituar-se ao novo local — diz a mãe.

Uma Visita Fora do Normal

Lá muito para cima, perto do Pólo Norte, morava Ulisses, o urso polar. Não havia muitos animais que morassem tão a norte, por isso Ulisses passava a maior parte do tempo sozinho. Nos últimos tempos, aliás, tinha recebido uma série de visitas interessantes. Primeiro, tinham chegado num navio três pinguins e, mais tarde, outros dois. Vinham de longe, do outro lado do mundo, mais precisamente do Pólo Sul, onde tudo também é gelado, como no norte.

Nos dias anteriores, Ulisses tinha andado a mostrar a sua terra aos pinguins e todos tinham gostado muito. É certo que o urso polar não podia mostrar-lhes muita coisa, porque muito não havia, mas os pinguins sentiam-se bem, e isso era o mais importante.

Certa noite, chegou um terceiro barco à pequena baía onde Ulisses tinha a sua toca. Seriam mais pinguins? Ulisses e os cinco pinguins correram para a praia e puxaram o barco para terra. Curiosamente, não estava ninguém na coberta. O urso abriu a porta gelada do camarote. Lá dentro, enrolado num cobertor fino, encontrou um porquinho. Vestia umas calças com quadrados às cores e estava a dormir profundamente. Aquilo era muito estranho. Como teria chegado até ali, tão só? Teria ele estado em perigo de naufragar e sido arrastado para o Pólo Norte?

Ulisses tomou o porquinho nos braços e levou-o depressa para a sua toca. Deitou-o na sua própria cama e cobriu-o muito bem. Em seguida foi fazer-lhe uma sopa de peixe, pois o porquinho de certeza que teria fome quando acordasse.

Ulisses e os cinco pinguins já estavam curiosos por saber o que o visitante teria para lhes contar...

Erwin Moser
Mario der Bär
Weinheim Basel, Parabel, 2005
Tradução e adaptação

Fim das Histórias de 3 – 5 Anos

A Angústia do Domingo à Noite

Naquele fim de tarde, o ar estava cálido no Jardim dos Pássaros. O sol a pôr-se parecia uma bola de fogo laranja. Era um espetáculo soberbo, um quadro que dava aos tentilhões vontade de assobiar. Contudo, nessa tarde, o tentilhão Turlutu não tinha nenhuma vontade de cantar. Um arrepio agitava as suas plumas. Tinha calor, tinha frio, e sentia um nó na garganta, o que o impedia de respirar. Enfiou o bico nas plumas, um comportamento típico dos tentilhões, quando precisam de se tranquilizar. As avestruzes, por exemplo, metem a cabeça debaixo da areia. Fez-se então ouvir uma vozinha, saída daquelas plumas, que murmurava "Mamã"...

Dona Mimi pousou a coberta de gravetos que estava a tricotar com o bico e perguntou:

— O que queres, meu filho?

O pequeno tentilhão respondeu:

— Tenho dores de barriga... Estou com gripe... Estou doente... Não posso ir à escola amanhã e tu não vais poder ir para o escritório.

Dona Mimi envolveu o seu pequenino na grande asa castanha e sentiu o quão assustado ele estava.

— Isto está mal... — comentou.

E apalpou-lhe a testa.

— Estás a escaldar!

Dona Mimi estava a brincar, mas não totalmente. Conhecia o filho como a palma das plumas e sabia bem o que o fazia sentir-se doente. O que lhe dava febre era a ideia de ter de voltar à escola no dia seguinte, segunda-feira. E não será isso normal quando se é um tentilhão minúsculo? Um tentilhão minúsculo que adoraria ficar mais tempo com a mãe, sem que o

viessem arrancar do ninho.

Para dizer a verdade, Dona Mimi também não apreciava as noites de domingo. Após dois dias passados em conjunto, perturbava-a sempre ter de deixar o seu filhote. Às segundas, também ela tinha de ir trabalhar num fabricante de ninhos de luxo. Adorava a sua profissão, mas a separação era-lhe sempre difícil. As separações eram, para ela, a coisa mais difícil da vida, mas ninguém lhes podia escapar. Não era sempre preciso separar-se da mãe para ir dormir, para procurar comida, ou para ir a uma festa de anos? Dona Mimi fingiu uma alegria que não sentia:

— Ora vamos lá a ver. A escola não é uma coisa assim tão dramática. Tens muitos colegas: a andorinha Aninha, o pelicano Palminho, o mocho Coxinho.

Turlutu choramingou:

— Esse já não é meu amigo. Outro dia, fez-me cair da árvore. Estou doente, mamã. Chama o médico.

— Irei falar com a tua professora, para que não te apoquentem mais. O que achas?

— Não chega. Não quero ir à escola. A escola é grande e fria. Ficamos sentados no nosso ramo o dia inteiro. E a professora não nos faz festinhas quando queremos.

— Isso não me parece justo, de facto. Penso que a tua professora devia dar-vos um pouco mais de mimo. Mas sabes que, quando cantas uma canção nova, decoras um poema, ou aprendes novas palavras, isso funciona como um miminho para mim? E um miminho dos grandes!

— Na escola, não podemos brincar como queremos — resmungou o pássaro. — Não podemos voar como queremos, nem sequer passear.

— Na escola, aprendes a cantar e a voar — retorquiu Dona Mimi. — É muito engraçado e útil. Quando souberes voar sozinho, podes voltar sozi-

nho para casa. Num golpe de asa. Um voo de tentilhão torna a escola e o ninho muito próximos.

— Isso não é mau de todo!

— Mas só pode realizar-se se aprenderes a fazê-lo na escola.

Mimi Tentilhão suspirou de alívio. Pensava no dia em que o filho, já grande, traria as primeiras boas notas para casa: 20 em voo rasante, 20 em voo directo, 20 em apanha de vermes em pleno voo ou em terra...

— Também não gosto da cantina — continuou Turlutu. — Os grãos são secos e as pequenas minhocas não são tão tenrinhas como em casa.

— Então, filho, não inventes desculpas falsas — pediu a mãe, que sabia cozinhar como ninguém. — Vou contar-te um segredo: penso tantas vezes em ti durante o dia que, às vezes, até tenho a sensação de estar a teu lado no teu ramo. É isso que torna menos difícil a nossa separação. Quando uma criança sabe que os pais, onde quer que estejam, pensam nela, fica logo com as plumas quentinhas. Mesmo que tenha discutido com um colega ou que tenha brigado no recreio.

Basta pensar no seu ninho, que é, para ela, o coração do mundo: é tão quentinho e confortável! Nunca se está sozinho. Penso muito na nossa casinha durante o dia e é isso que me dá coragem para trabalhar. E quando chega a noite, fico tão contente de te rever que o meu coração salta de alegria. Às vezes, precisamos de nos separar um pouco para ter o prazer de nos revermos no nosso ninho bem quentinho. Só por isso a ida à escola já vale a pena. Não achas, meu Turlutu?

Virou-se para o filho que, entretanto, tinha adormecido. O seu coraçãozinho batia docemente. Já não tinha calor, nem frio. Sentia-se tranquilo. E, nos seus sonhos, tinha vontade de crescer.

Indicações aos Pais e Educadores

A adaptação ao infantário é dolorosa para crianças e pais. Para ate-

nuar a dificuldade da separação, fale-lhe, logo pela manhã, do dia que o espera, leia com ele o menu da cantina, fale-lhe da pessoa que o vai buscar, das alegrias que o esperam depois da escolinha, do lanchinho que preparou para ele. São rituais que o ajudam a ultrapassar a angústia da separação. Incentive-o a levar para o infantário um livro ou um filme que possa partilhar com a professora.

Faça com que seja ELE a dizer adeus. Ao fazê-lo, está a dar-lhe o controlo da situação. Se forem os pais a dizer adeus, isso pode reforçar nele o estatuto de "vítima". Bem sabe que as crianças não demoram a secar as lágrimas mal se despede delas.

Diga-lhe que também sente pena de o deixar (se for verdade): "É normal, passámos o fim-de-semana todo juntos. É normal que sintas pena. A separação é sempre difícil."

Explique-lhe que só estão separados fisicamente:

"Em pensamento, estou sempre contigo. Sei tudo o que fazes: quando vais comer, quando vais dormir, a que horas estás no recreio. Quando penso em ti, na tua salinha, com a tua professora amorosa, fico muito contente, porque sei que estás bem. E o que vais poder contar-me logo à noite vai ser uma surpresa e uma alegria para mim."

(Site Histórias para os mais Pequeninos)

Os Génios do Parque

O Paulo tivera uma nota má na escola e era o pior aluno da sua turma. Ele queria muito ter boas notas, mas não conseguia aprender o suficiente para isso. Preferia brincar, ver televisão ou simplesmente sonhar olhando para as nuvens.

Ao voltar para casa, o Paulo encontrou um lindo esquilo que lhe pediu se partia uma noz grande. O Paulo partiu a noz com o pé e entregou-a ao esquilo que lhe disse:

— Eu sou um génio do parque e, como tu foste amável comigo, vou ajudar-te com os teus estudos. Esta noite, lerás três vezes a lição e amanhã terás uma boa nota.

O Paulo agradeceu ao esquilo, voltou para casa e, bem sentado na sua secretária, leu três vezes a lição. No dia seguinte leu a lição na escola sem dificuldade e a professora deu-lhe uma boa nota.

No dia seguinte, o Paulo viu uma rã cheia de areia no caminho. Pegou nela e pousou-a delicadamente sobre uma grande folha de nenúfar no lago do parque.

— Eu sou um génio do parque — disse-lhe a rã. — Eu não podia saltar e tu ajudaste-me. Para te agradecer, vou ajudar-te nos estudos. Esta noite, lerás três vezes o texto e amanhã terás uma boa nota.

O Paulo voltou depressa para casa e leu três vezes o texto. No dia seguinte, o Paulo teve a melhor nota da turma e recebeu ainda felicitações por parte da professora.

Alguns dias mais tarde, um pequeno pintarroxo pediu ao Paulo que colocasse no seu ninho um pedaço de pão demasiado pesado para ele. O Paulo assim fez.

— Eu sou um génio do parque — disse-lhe o pintarroxo. — Como foste bondoso comigo vou ajudar-te na tua lição de geografia. Esta noite, lerás

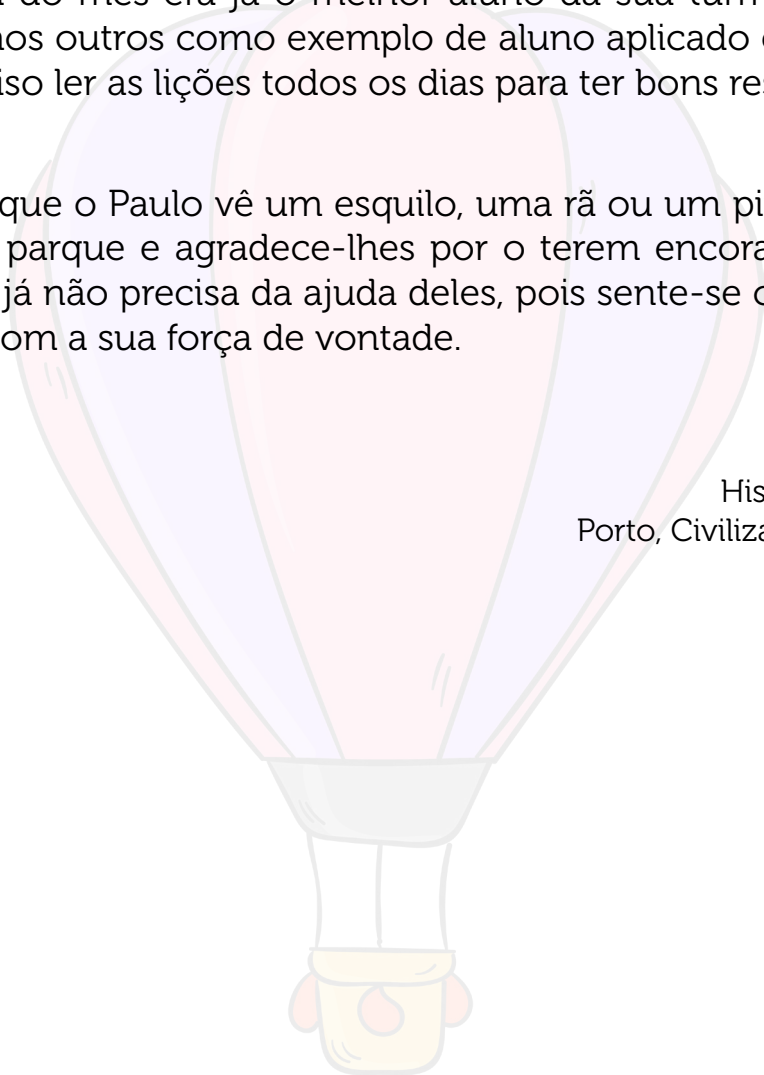
três vezes a lição e amanhã terás uma boa nota.

Como das outras vezes, o Paulo obedeceu ao pássaro e leu três vezes a sua lição e, como de costume, obteve uma boa nota.

Nos dias seguintes, o Paulo continuou a atravessar o parque sempre que voltava para casa, mas não encontrou mais nenhum génio. Apesar de tudo, para lhes agradar, continuou a ler, todas as noites, três vezes as suas lições e no fim do mês era já o melhor aluno da sua turma. A professora apresentou-o aos outros como exemplo de aluno aplicado e explicou a todos que é preciso ler as lições todos os dias para ter bons resultados.

Sempre que o Paulo vê um esquilo, uma rã ou um pintarroxo, pensa nos génios do parque e agradece-lhes por o terem encorajado a estudar. Agora, o Paulo já não precisa da ajuda deles, pois sente-se capaz de ter sucesso apenas com a sua força de vontade.

Mireille Saver
Histórias para sonhar
Porto, Civilização Editora, 2004



Pog e os Passarinhos

Era um dia igual aos outros. O gato Pog estava sentado, quieto como uma estátua, a ver os passarinhos voar.

— Bom dia! — disse Pog, saudando um dos passarinhos.

Este agitou as asas e aterrou junto dele. Pog olhou-o fixamente: nunca tinha visto um pássaro tão corajoso.

O passarinho começou a cantar. Pog achou que aquela melodia era a mais bela que alguma vez ouvira.

O gato fechou os olhos e pôs-se a escutar, deliciado.

Um a um, foram chegando mais pássaros, que começaram a cantar, por sua vez. Em breve, Pog estava rodeado de música.

E estava feliz.

— Olá! — saudou Peg, um outro gato, chegando junto dele. — Queres brincar?

— Está bem — concordou Pog, sorrindo.

— Podemos caçar ratos — sugeriu Peg.

— Não vi nenhuns — confessou Pog.

— Olha um passarinho! — exclamou Peg.

— Este pássaro canta para mim — contou Pog.

— Vamos caçá-lo! Vai ser divertido — propôs Peg.

Pog pensou um pouco.

— Está bem — assentiu, sorrindo.

E saltaram ambos sobre o pássaro, que guinchou e voou dali.

— Isto é divertido — riu Pog.

— Vamos ver se há mais — sugeriu Peg.

E foram em busca dos pássaros. Perseguiram-nos o dia todo.

— Já não vejo mais nenhuns — queixou-se Peg.

— Devem ser horas de ir para casa — disse Pog.

Na manhã seguinte, Pog estava novamente sentado, à espera de que o passarinho fosse cantar para ele.

— Bom dia! — saudou quando o viu.

A avezinha não lhe prestou atenção.

Chamou todos os pássaros, um a um, mas todos passaram por ele sem lhe prestarem atenção.

Quando Peg chegou, Pog estava muito triste.

— Os pássaros já não vêm ter comigo! — exclamou.

— Claro que vêm! — assegurou Peg.

Tentaram chamá-los juntos, mas nenhum apareceu.

— Não passam de pássaros — desdenhou Peg. — Esquece-os e vem brincar comigo.

— Não, não vou. Adoro pássaros e quero que cantem para mim — disse Pog.

E sentou-se de novo quieto como uma estátua.

O sol nasceu e pôs-se e Pog continuava sentado.

Finalmente, o passarinho veio ter com ele. Pog ficou hirto, sem se atrever a mexer.

— Desculpa — disse ao passarinho. — Nunca mais te assustarei.

A ave começou a cantar. Mas, de repente, Peg saltou sobre ela.

— Assustaste a minha amiga — queixou-se Pog.

— Desculpa — disse Peg.

— Ela tinha vindo cantar para mim.

— Achas que ela também pode cantar para mim? — perguntou Peg.

— Talvez, mas tens de ficar quieto como uma estátua — disse Pog.

Peg tentou.

— A tua cauda está a mexer — sussurrou Pog.

— Desculpa — disse Peg.

Finalmente, o passarinho aproximou-se.

— Não te mexas! — murmurou Pog.

A ave começou a cantar.

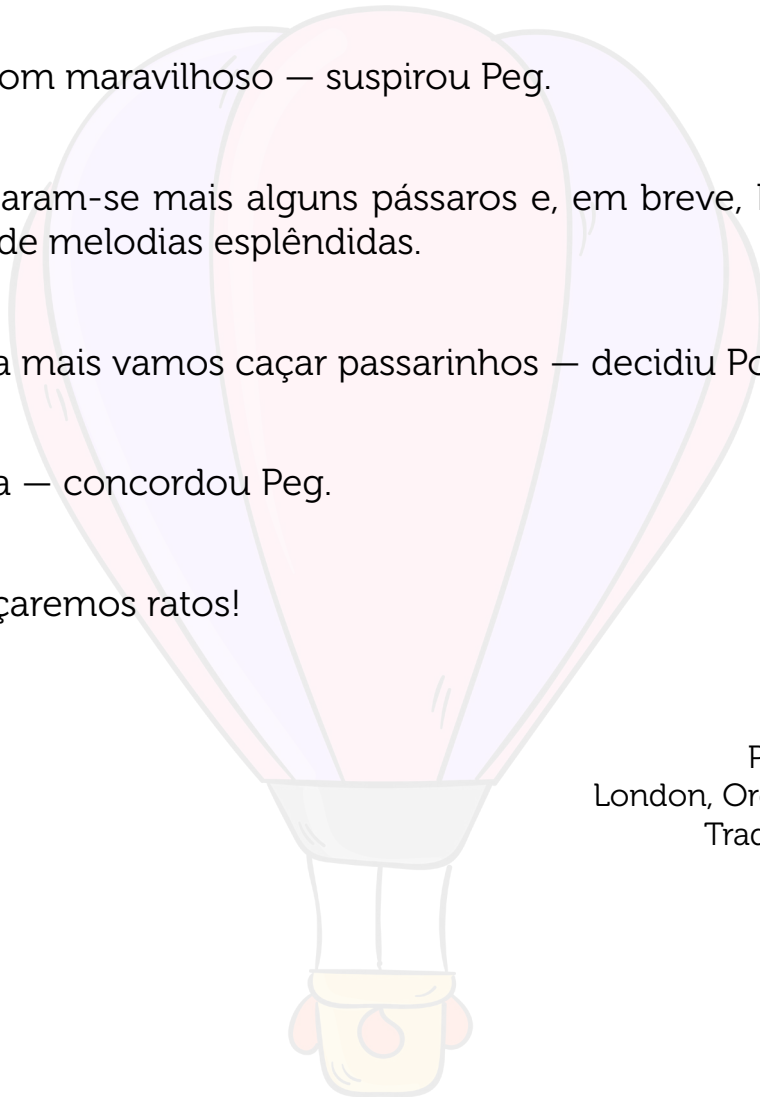
— Que som maravilhoso — suspirou Peg.

Aproximaram-se mais alguns pássaros e, em breve, Pog e Peg estavam rodeados de melodias esplêndidas.

— Nunca mais vamos caçar passarinhos — decidiu Pog.

— Nunca — concordou Peg.

— Só caçaremos ratos!



Jane Simmons
Pog and the birdies
London, Orchard Books, 2004
Tradução e adaptação

A Árvore do Avô

Existe uma árvore

No fundo do jardim da Luísa.

É uma macieira.

O Vítor, irmão da Luísa,

disse que começou como semente

E que cresceu e cresceu.

E disse também

Que essa árvore,

Onde brincavam com o avô,

Há-de lá estar para sempre.

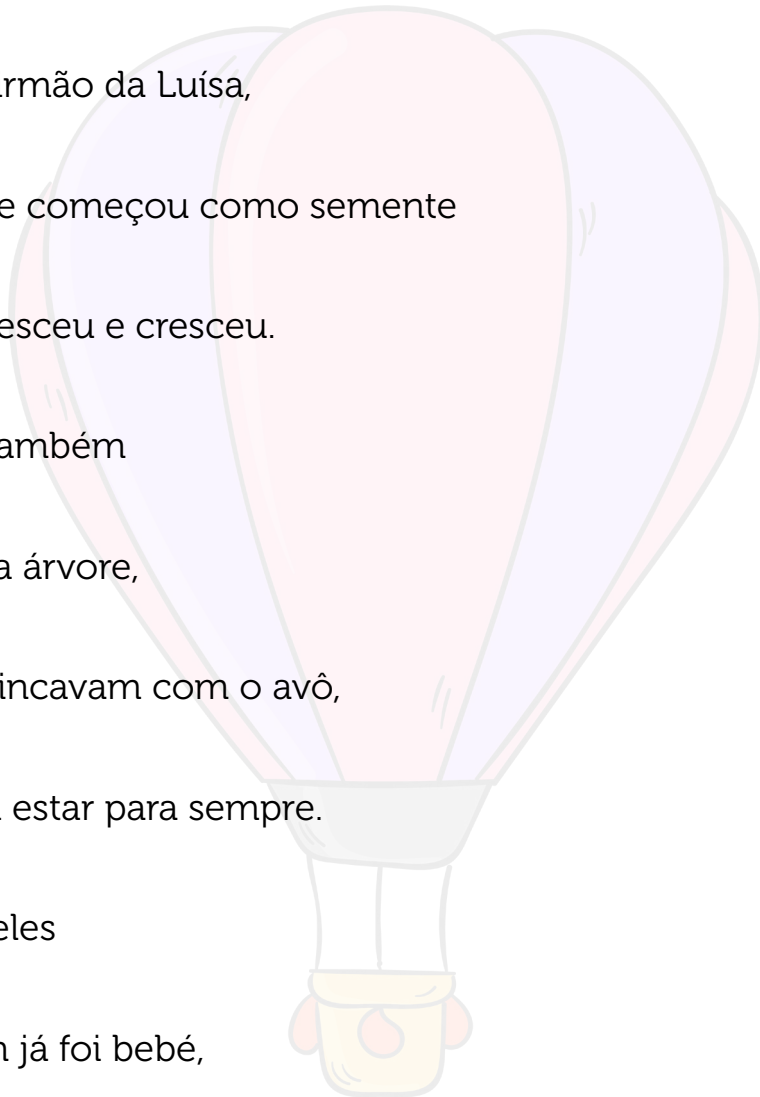
O avô deles

Também já foi bebé,

E cresceu.

O Vítor diz

Que ele ia à escola,



Que trepava aos coqueiros,

E via o mar lá do alto.

Quando já era crescido,

Casou com a avó,

E foi pai da nossa mãe

E da tia Melissa

E do tio Vítor

e nosso avô.

— É a vida — dizia ele.

Na Primavera,

A macieira

Fica coberta de flores.

No Verão,

Crescem as maçãs.

No Outono,

Caem as folhas.



No Inverno,

Fica coberta de neve.

Às vezes, as coisas morrem,

Como as árvores,

Como as pessoas,

Como o avô.

Mas não vão embora

Para sempre.

Permancem...

Porque as recordamos.

A Luísa plantou uma semente,

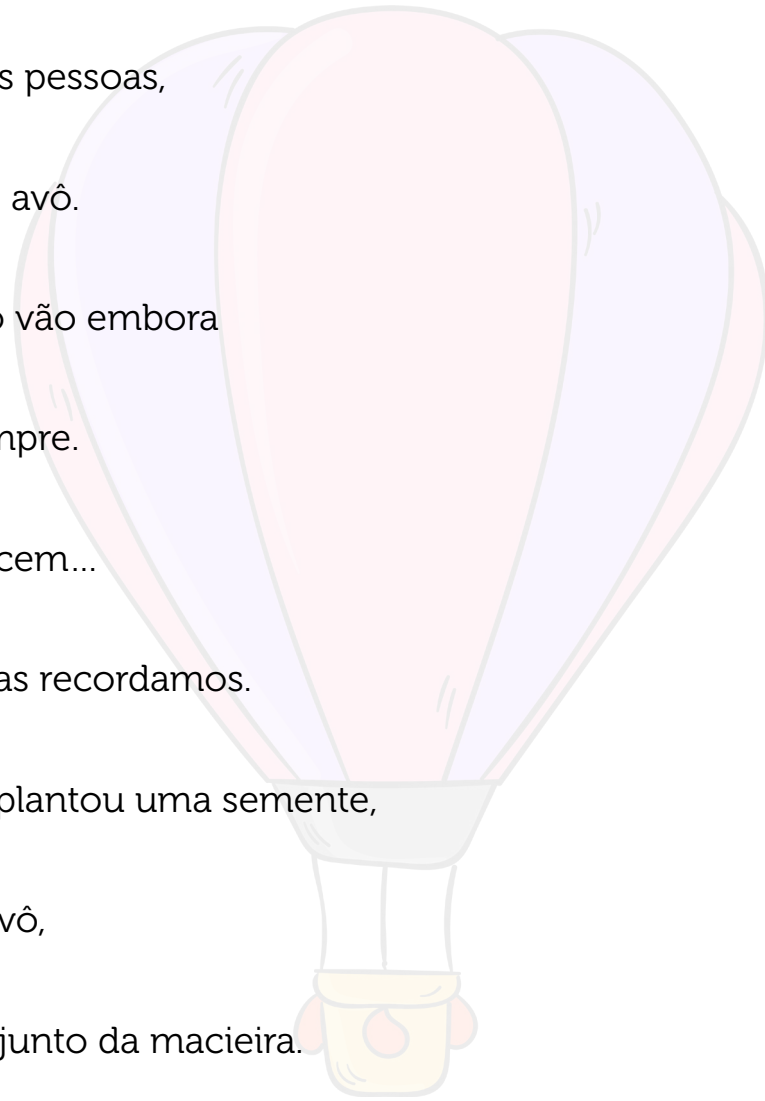
Para o avô,

Mesmo junto da macieira.

Quando está triste,

O Vítor pega-lhe na mão,

E regam juntos a semente.



E a semente há-de crescer,

E crescer,

E mudar,

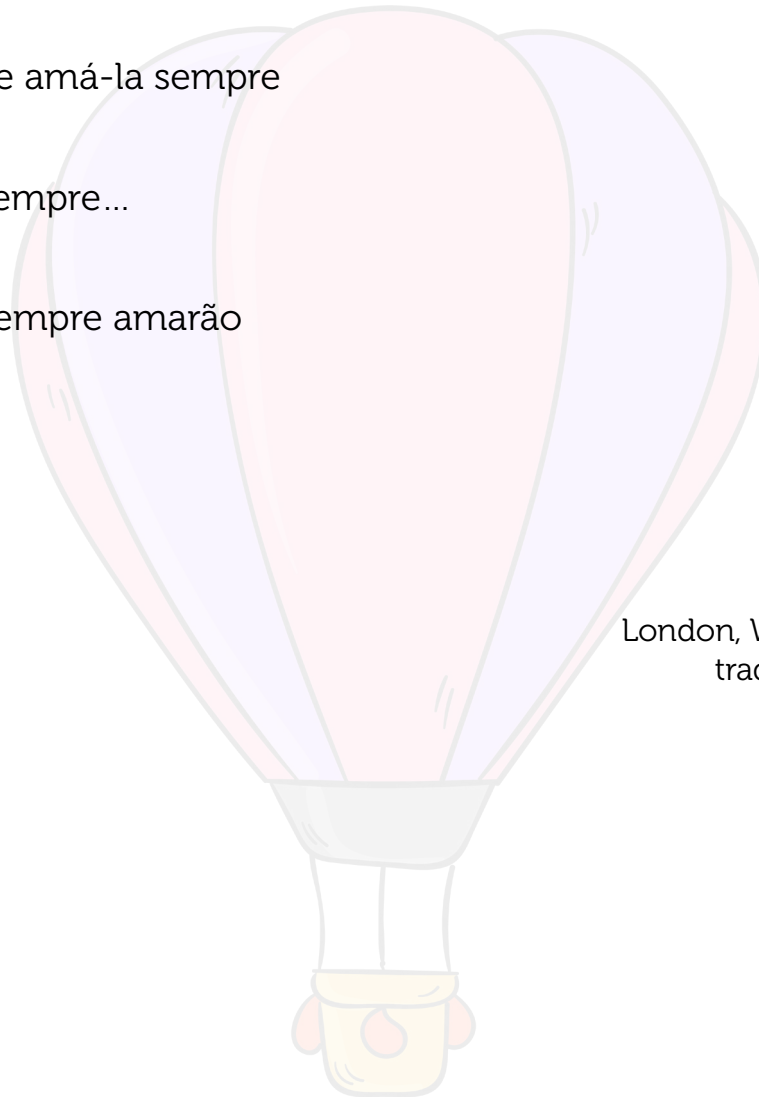
Mudar muito.

E hã-de amá-la sempre

E para sempre...

Como sempre amarão

O avô.



Trish Cooke
The Grandad tree
London, Walker Books, 2001
tradução e adaptação

A Boneca e o Cavalo Branco

Era uma vez uma fada que morava numa casa feita de nuvem por detrás das montanhas brancas. Essa fada apanhava os brinquedos que os meninos deitavam fora.

— Pobre cavalinho — disse, ao descobrir o pequeno cavalo branco caído no chão. — Vem comigo para minha casa. Quero cuidar de ti. Precisas de uma perna nova, de ferraduras, uma sela e arreios novos.

A fada penteou-lhe as crinas e escovou-lhe o pelo até ele voltar a brilhar.

— E agora — disse — tens de conhecer os teus novos amigos.

— Boa tarde! — disse a boneca.

— Boa tarde! — disse também a raposa.

— De onde é que tu vens? — rugiu o urso.

— Um menino deitou-me fora — respondeu o cavalinho branco.

— A mim foi uma menina que me deixou ficar à chuva — disse o urso.

— Eu fiquei esquecida na praia! — exclamou a boneca.

— A mim, um menino perdeu-me na rua — disse a raposa.

Mas a fada sentia-se triste.

“A minha casa não é suficientemente grande para todos os brinquedos do mundo deitados fora, esquecidos e perdidos”, pensava ela.

— Temos de consolá-la! — disse o cavalinho. — Afinal, ela salvou-nos a todos.

— Exatamente! — disseram também o urso, a raposa e a boneca. — Temos de fazer alguma coisa.

— Eu conheço um prado com flores de estrelas — disse o cavalinho branco. — Podemos ir lá colher um ramo para a fada.

— Isso pode ser perigoso — disse a raposa. — O campo das flores é vigiado pela noite negra.

— Eu não tenho medo nenhum — disse o cavalinho branco.

— Eu também não tenho medo — disse a boneca, pondo a capa vermelha. Sentou-se em cima do cavalo e saíram os dois a galope.

A raposa abanava a cabeça.

— Eu conheço a noite — disse ela e, às escondidas, foi atrás deles.

— Eu — disse o urso — prefiro ficar em casa.

No campo das flores, o sol brilhava.

— Oh, que flores tão lindas! — exclamou a boneca, começando a colher o ramo. O cavalo branco descobriu erva tensa e água no ribeiro. Estavam tão entretidos, que se esqueceram do que a raposa lhes tinha dito.

De repente, diante deles, ergueram-se umas grandes asas negras.

— Quem está a tirar as minhas flores? — disse uma voz ameaçadora.

Era a noite.

A boneca e o cavalo branco quiseram fugir, mas já era tarde de mais. A noite tinha engolido não só as flores mas também o cavalo branco.

A boneca desatou a chorar e chamava por socorro. Apareceu então a raposa.

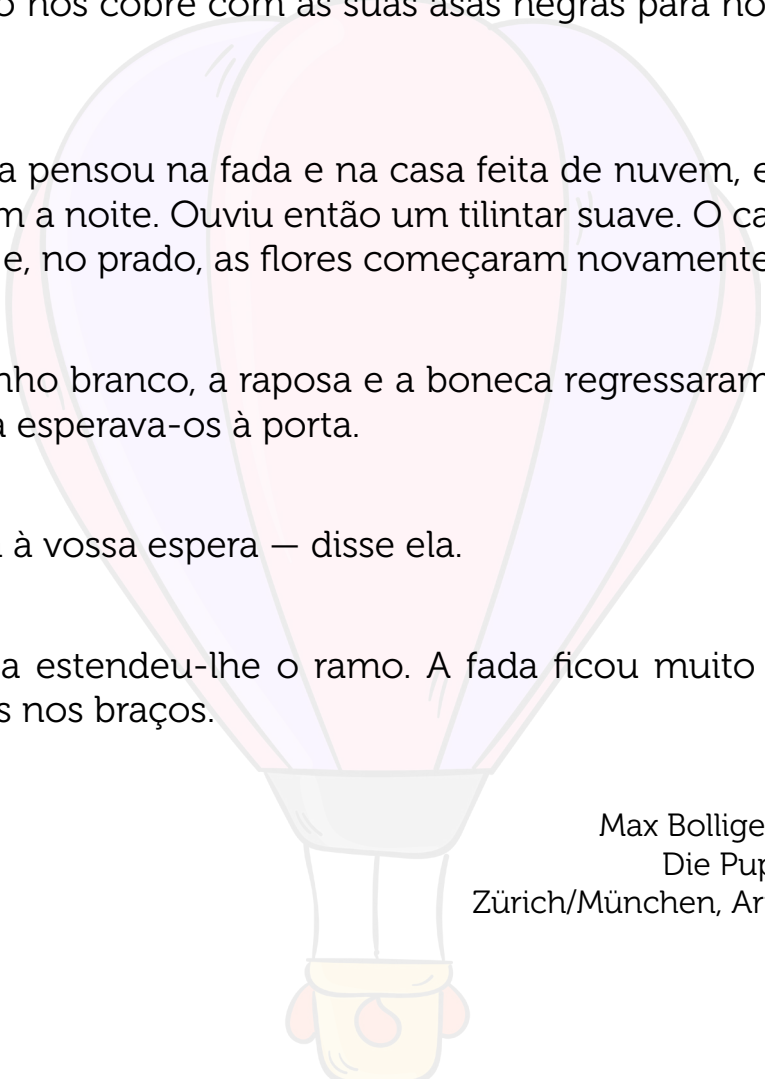
— Não tenhas medo — disse ela. — Eu conheço a noite. Ela parece perigosa, mas nós conseguimos ser mais fortes do que ela. Aliás, nem é preciso ter medo. Ela só nos cobre com as suas asas negras para nos deixar sonhar à vontade.

A boneca pensou na fada e na casa feita de nuvem, e o medo fugiu, juntamente com a noite. Ouviu então um tilintar suave. O cavalinho branco estava de volta e, no prado, as flores começaram novamente a florir.

O cavalinho branco, a raposa e a boneca regressaram a casa de madrugada. A fada esperava-os à porta.

— Estava à vossa espera — disse ela.

A boneca estendeu-lhe o ramo. A fada ficou muito contente e tomou-os a todos nos braços.



Max Bolliger, Helge Aichinger
Die Puppe auf dem Pferd
Zürich/München, Artemis Verlag, 1975
Texto adaptado

A Criança Que se Aborrece e a Criança Que Brinca Sozinha

Era uma vez uma criança que se aborrecia. Aborrecia-se no cinema, na ginástica, na bicicleta, nas férias, na escola, a trincar um biscoito, a chupar um gelado, a jogar xadrez, dominó, Playmobil... Por isso lhe chamavam a criança-que-se-aborrece. Antes de nascer, tinha-se aborrecido num cantinho da barriga da mãe. E tinha amuado, cruzado os braços, feito beicinho. Tinha recusado brincar com o cordão umbilical (que dizem ser o primeiro brinquedo do mundo) e dar cambalhotas na água. Agora, passava-se o mesmo.

A criança-que-se-aborrece ficava num canto do quarto, com os braços cruzados, a suspirar o dia todo. De vez em quando, por surpresa ou por acaso, divertia-se durante um quarto de segundo: quando um robô glutão devorava um exército de seiscentos homens, quando a obscuridade caía sobre o ecrã da sala de cinema, quando um tiranossauro perseguia, com os dentes todos arreganhados, um dinossauro, quando traziam o seu bolo de aniversário cheio de velinhas acesas, sempre que rasgava o papel de embrulho dos presentes de Natal. Eram momentos em que o seu coração batia mais forte. Durante um minuto, não se aborrecia.

Mas, logo que o robô glutão terminava o almoço, quando o dinossauro dilacerava o tiranossauro, depois das velas apagadas, voltava a suspirar.

- Como este robô glutão me aborrece. Como estes animais me enfadam. Quando é o meu próximo aniversário?

Ou então:

- Já não quero estes brinquedos. Quero um carro telecomandado.

E choramingava, a fazer beicinho. Quando uma pessoa se aborrece, o mais fácil a fazer é chorar.

A mãe coçava a cabeça. O que fazer? Tinha tentado tudo: fazer caretas de macaco, usar perucas verdes e azuis. Tinha-se disfarçado de tomate

maduro, de caneta de Coca-Cola, e de bebé amuado. O filho nem tinha sequer sorrido. Levou-o então ao médico. Este, depois de examinar os olhos lacrimejantes, a boca torta e o coração pesado como uma pedra da criança-que-se-aborrece, disse:

- Não vejo nada de especial.

E receitou-lhe livros cómicos, desenhos animados divertidos, jogos hilariantes e desportos violentos.

- Infelizmente, não tenho uma poção mágica que o faça rir como um louco. Leve-o até ao jardim.

E acrescentou, sem convicção:

- Leve-o até ao jardim. Talvez vendo outras crianças...

Mas as outras crianças jogavam às cartas e à bola e a criança-que-se-aborrece achava tudo isso... aborrecido. Um dia, porém, aconteceu algo surpreendente. Quando estava sentada no banco de uma praça, com os braços cruzados, a criança-que-se-aborrece reparou num rapazinho que brincava na relva. Era a criança-que-brinca-sozinha. Os olhos dela brilhavam e tinha um sorriso no canto do lábio. O mais interessante é que brincava com uma caixa vazia. A criança-que-se-aborrece aproximou-se.

- O que estás a fazer? - perguntou, num tom desdenhoso.

- Estou a brincar, estou a divertir-me, não vês? - respondeu a criança-que-brinca-sozinha, que fechou logo a sua caixinha.

- É impossível - tornou a outra, num tom de voz enervado. - Ninguém se diverte com uma caixa vazia.

A criança-que-brinca-sozinha não disse nada e voltou a abrir a caixinha.

- Isso não passa de uma caixa de queijo velha e vazia! Uma caixa nojenta! choramingou a criança-que-se-aborrece.

- Talvez seja uma caixa velha e nojenta, mas não está vazia continuou a outra. Há sete elefantes a guardá-la, porque os Leões vão chegar à Savana.

Fechou a caixa.

- Fechei-a para que eles não fujam. Agora são meus prisioneiros. Também estão lá dentro dez pelicanos. Estás a vê-los com o bico comprido e a sua pequena bolsa? Nunca conseguirás adivinhar tudo o que esta bolsa contém: um cobertorzinho de lã para o Inverno, um despertador para se levantarem de manhã, e três pelicanos bebés!

A criança-que-brinca-sozinha disse para consigo:

- Uma bolsa assim é muito prática. Os pelicanos têm uma bolsa, eu tenho uma caixa. Vou fechá-la agora, porque ouço um exército de leões a aproximar-se.

E revirou os olhos.

- Os leões adoram os pelicanos.

- Ai, sim? perguntou a criança-que-se-aborrece. Sabia que comiam gazelas, veados e girafas. Mas nunca li que comiam pelicanos.

- Eu também não, mas não é difícil de imaginar tornou a outra. Sou eu que invento tudo isto. É preciso proteger os pelicanos a todo o custo.

E fechou a caixa.

- Enganei-os bem! Os leões já se foram embora.

E pôs-se a rir sozinha.

- Se abrir agora a caixa, voarão para o céu. Olha! Já estão a sobrevoar o Oceano, com os bebés dentro da bolsa. Estão todos contentes!

E a criança-que-se-aborrece ergueu a cabeça, maravilhada, embora não visse nada.

- Dentro da minha caixa, ainda há muitas outras histórias continuou a criança-que-brinca-sozinha. Há três milhões de ideias, cento e cinquenta biliões de pelicanos!

E os seus olhos brilhavam.

A criança-que-se-aborrece sorriu. Compreendeu que, com caixa ou sem caixa, havia milhões de brinquedos dentro da cabeça de uma criança. Percebeu isto tão bem que disse à outra:

- Acho que a tua caixa funciona como a tua cabeça. Abre-la e fecha-la, e fazes o que queres com ela.

- Mas tu podes fazer o mesmo! encorajou-a a criança-que-brinca-sozinha. Só precisas de uns pozinhos mágicos.

E, com muita delicadeza, virou a caixa de pernas para o ar, fez um passe de magia, e reabriu-a.

-Dá-me a tua mão pediu.

A outra assim fez.

-Estás a ver, aqui estão uns pozinhos da minha caixa mágica. Deita-os na tua caixa, esperas um dia e uma noite, e aparecem-te fadas, reis, salteadores, dinossauros, tudo o que tu quiseses. Nunca mais te sentirás aborrecida.

E começaram as duas a rir e a inventar histórias.

A autonomia não se adquire num dia. Até aos seis anos, é natural que uma criança interrompa o que está a fazer de vinte em vinte, ou de trinta em trinta minutos.

Se o seu filho está constantemente a solicitá-lo/a, pergunte-se:

- Serei muito diretivo/a?
- Será que ligo a televisão com muita frequência?
- Será que cedo rapidamente às atividades pré-fabricadas?
- Será que o seu filho tem uma "agenda de ministro" durante a semana?

Se assim for, talvez ele se sinta aborrecido se estive um minuto sem fazer nada. A fim de desenvolverem a sua criatividade, as crianças precisam de tempos de lazer e de espaços para sonhar.

Ajude-o a desenvolver a sua criatividade. Não ceda aos seus caprichos. É bom que haja momentos em que brincam em conjunto e momentos em que ele brinca sozinho.

(Site Historias para os mais Pequeninios)

A História do Rapaz Alto e Tímido

Era uma vez, numa escola feita de cartão, um rapaz alto a quem chamavam “o desajeitado”. Chegava todos os dias à escola dobrado, amuado, amarrotado. Não dobrado de riso, antes dobrado como uma folha de papel. Diziam-lhe:

- Desdobra-te! Vais acabar por ter dores de barriga.

Ou então:

- Que tímido que é este desajeitado!

O rapaz alto de papel só ouvia comentários sobre a sua timidez. Também lhe chamavam “simplório”, “fracote”, “mãos de cebola”, “menino da mamã”... Já não sabia ser outra coisa. Quando ouvimos “Que mau que ele é”, só temos vontade de ser maus. Quando ouvimos “Que medroso que ele é”, coramos até à raiz dos cabelos. Nunca ninguém o chamara pelo nome. Diziam sempre: “Olha, lá vem o desajeitado” ou “Olá, grande tímido”.

Como é que uma pessoa se desdobra? Ele bem tinha tentado, mas a sua coluna vertebral era demasiado pesada. Mesmo que sejamos feitos de papel, é difícil. Quem lhe dera fazer como os outros. Aqueles que parecem frisos, porque dão as mãos e ficam todos coladinhos.

Aqueles que sorriem e se desdobram como pedacinhos leves de papel, que voam e volteiam com o vento. Mas continuava dobrado. Na aula de Matemática, dobrava-se em dezoito, na aula de Português em envelope. Durante o recreio, não passava de um quadradinho minúsculo franzido em noventa e oito partes. Quando tinha vontade de rir, levantava-se um bocadinho, mas esse movimento só durava três segundos.

Um dia, alguém disse-lhe:

- Ó grande desajeitado! Tenho a certeza de que te consegues transformar em chapéu.

O rapaz corou e dobrou-se ainda mais sobre si mesmo. Mas aconteceu que Lili, a despachada, ia a passar por ali naquele momento. A rapariga insistiu:

- Anda lá, transforma-te em chapéu. O que esperas para te transformares em tricórnio? Mostra um pouco de coragem...

Surpreendido, o rapaz tentou. Desdobrou um braço, depois o outro e, de repente, tinha-se transformado em chapéu de papel.

- Isso é genial! comentou Lili, a despachada. Tenta agora transformar-te em barco.

- Um barco? Nada de mais simples! disse o tímido, que esticou os braços o mais que pôde e fez da cabeça a proa de um navio.

- É incrível! exclamou o rapaz. Sinto-me tão bem a fazer de navio.

A rapariga despachada aplaudiu.

- Estás a ver? És capaz de ser bem mais do que um tímido.

O rapaz agradeceu-lhe e disse:

- Sinto que posso transformar-me numa tigela, numa cambalhota, numa banheira, num navio pirata, num pontapé no traseiro, e em mil e uma outras coisas.

Nessa noite, o grande desajeitado regressou a casa todo desdobrado. Como a mãe ficou feliz!

Não chame "tímido" ao seu filho. Nunca diga diante dele: "O meu filho é extremamente tímido." O seu filho poderia convencer-se de que é realmente tímido e tentar ajustar-se à imagem que tem dele. A criança, que ainda é muito vulnerável em termos de identidade, tenta tornar-se aquilo que os outros pensam dela.

Se o seu filho continua “agarrado às saias da mãe” e não sai com os amigos, talvez o pai possa falar um pouco com ele, sobretudo se se trata de um rapaz. Pode acontecer que pais muito solícitos reforcem a timidez e a inibição da criança. Se fizermos tudo por eles, de que forma podem os nossos filhos desenvolver a sua auto-confiança?

Talvez a falta de confiança do seu filho derive de uma insegurança afectiva. Talvez ele receie não ser amado incondicionalmente pelos pais. Talvez tenha ouvido comentários do estilo “Se continuares assim, deixo de gostar de ti.”, “Se te tornares insuportável, mando-te para o colégio interno”. Pode acontecer que pais muito dinâmicos, exigentes e dotados, aumentem a timidez dos filhos.

Fale com ele. Pergunte-lhe:

“Tens medo dos outros?”

“Será que gostarias de ir a casa das pessoas, de te abrir, de comunicar, mas, se o fizeres, pensas que vais ser rejeitado?”

“Tens medo do que possam pensar ou dizer de ti? Sabes, filho, não podemos agradar a toda a gente.”

“Pensas, às vezes, que não vais conseguir fazer determinada coisa, que não és suficientemente bom?”

A verdade é que muitos dos nossos fracassos têm origem na nossa falta de confiança, não na nossa falta de capacidades.

(Site Historias para os mais Pequeninios)

A Pequena Bruxinha e os Seus Óculos Mágicos

As bruxinhas são meninas como as outras. Nem sempre estão em forma, nem sempre têm vontade de rir, meter medo às pessoas, ou adormecer belas princesas. Também lhes acontece terem gripe, ou otites, ter dores nos pés por causa de sapatos novos, ou dores de barriga por terem comido demasiado guisado de gato preto ou creme de abóbora. Algumas são muito tímidas; outras roem as unhas, ou têm vertigens quando estão em cima da vassoura. Ninguém fala delas nos livros de histórias, porque estão escondidas em casa.

Conheci uma que era tão míope que não via mesmo nada. Nem sequer um palmo diante dela. Tudo lhe parecia turvo como uma nuvem de fumo. Por causa da sua miopia, esta feiticeirinha já tinha tido acidentes de vassoura terríveis. Um dia, em plena tempestade, tinha-se enfiado num relâmpago e chegou a casa toda pretinha. Numa outra ocasião, tinha falhado uma aterragem e tinha caído em plena sala de aula, em cima da cabeça da professora. Também estivera no centro de um ciclone, enquanto as outras colegas fugiam dele a sete pés.

Por ver tudo nebuloso, mal conseguia ler o Grande Livro de Magia, o que lhe acarretava imensos problemas quando tinha de lançar sortilégios. Tinha transformado o seu fiel gatinho num banco cor de laranja; tinha oferecido à irmã um ramo de cardos a julgar que eram rosas, e os cardos tinham transformado a irmã em pulgão; no Dia do Pai, oferecera uma garrafa de licor mágico ao pai, e o licor transformou-o em sapo. A mãe tinha tido que preparar um antídoto em cinco segundos, antes que alguém o pisasse.

— Já chega! — disse a mãe, um dia. Vou levar-te ao médico e ele vai receitar-te um belo par de óculos.

— Nunca — disse a feiticeirinha que, como todas as bruxinhas, era muito vaidosa. — Vão rir-se de mim na escola. Nunca se viu uma feiticeira de óculos. Nem a feiticeira Camomila, nem a madrasta da Branca de Neve, que era feiíssima, mas tinha olhos de lince. Nem sequer a madrinha má da Bela Adormecida. Eram más, mas viam bem.

— Sofriam de outras coisas. A madrasta da Branca de Neve tinha um torcicolo horrível. A feiticeira Camomila tem o nariz vermelho e é um pouco surda. Tens sorte, tu. Vais ter um belo par de óculos e todos te invejarão. Serás a mais dotada das feiticeiras!

A bruxinha escolheu um bonito par de óculos, amarelos e redondos como dois sóis. Agora até sentia que trazia luz nos olhos. Redescobriu o mundo que a rodeava. Como era muito míope, nunca tinha visto os olhos do seu gato preto a brilhar, o sorriso da sua mãe a cintilar, ou o seu pai a cofiar o bigode. Do alto da sua vassoura, a centenas de quilómetros da terra, conseguia ver tudo até ao mais ínfimo detalhe: as crianças que estudavam, ao mesmo tempo que sonhavam voar como pássaros; a professora que pensava no noivo, enquanto lia um ditado, um velhinho muito triste, porque o seu gato desaparecera.

É que agora a feiticeirinha conseguia ver o que os outros não viam. Até parecia que tinha óculos mágicos... Como era belo o mundo! Aprendeu a fazer coisas fantásticas: devolveu o gato ao velhinho, transformou as lágrimas em sorrisos, as pedrinhas em bombons, as professoras em fadas, e os sapos em príncipes. Tudo isto rendeu-lhe um “Excelente” na caderneta escolar.

As colegas ficaram muitíssimo invejosas. Diziam, despeitadas:

- São óculos mágicos, óculos de fada!

É um facto que as feiticeirinhas só sonham em transformar-se em pequenas fadas. Assim, todas pediram às mães:

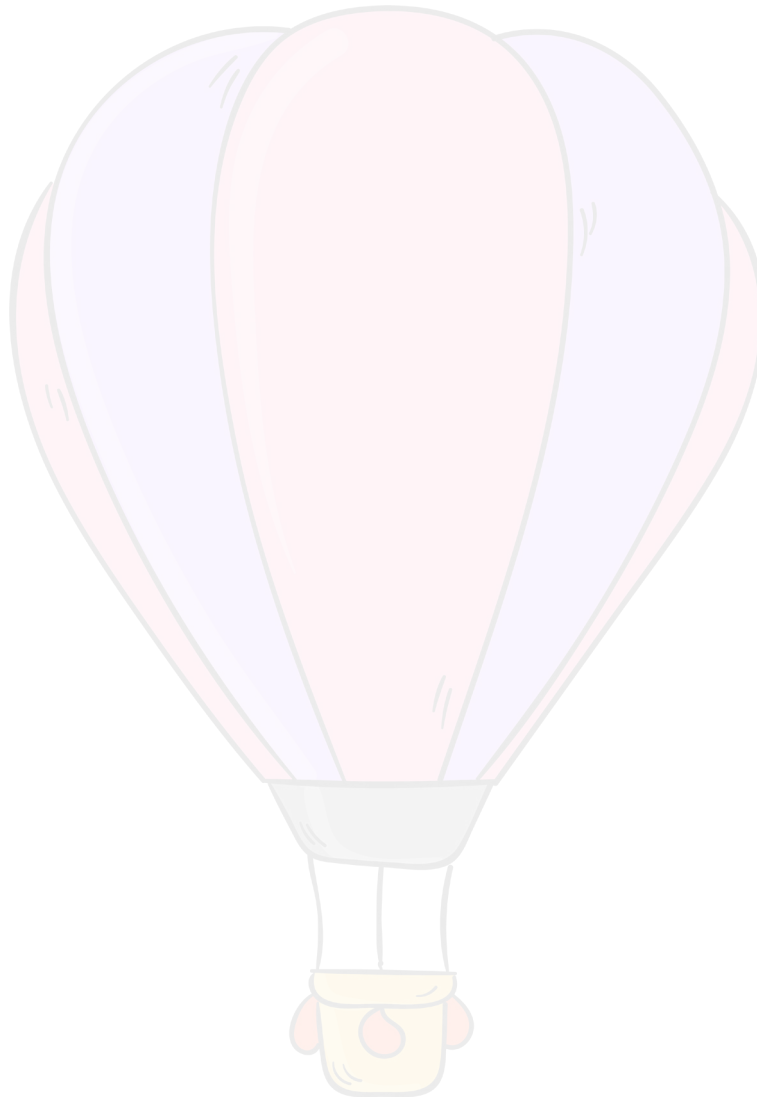
- Compra-me uns óculos! Não vejo nada!

E a feiticeirinha ria à socapa.

Ela sabia que não se tinha transformado em fada. Mas podia compreender tudo e ver tudo o que não compreendera nem vira antes. Tinha olhos de lince e podia agora admirar a beleza do mundo.

Às vezes, tirava os óculos. Tirava-os quando lhe apetecia ficar longe do mundo, repousar, ficar sem ver tudo e sem compreender tudo. Contudo, quando queria transformar-se na melhor das feiticeiras, quando queria aprender truques engraçados que ajudassem as pessoas, voltava a pôr os óculos mágicos. Escusado será dizer que nunca mais aterrou em cima da cabeça das professoras.

(Site Historias para os mais Pequenos)



As Sereias Não Gostam de Discussões

Todas as crianças receiam as cócegas e as discussões. As crianças-fadas, as crianças-feiticeiras, as princesinhas e, sobretudo, as pequenas sereias.

Se as sereias não gostam mesmo nada de ouvir os pais a discutir, é porque a água transmite os sons cinco vezes mais depressa do que o ar e cinco vezes com mais força. É por isso que, em casa delas, uma cena doméstica, uma simples discussão, se transformam num pesadelo aquático.

Na família da sereia Emma, as discussões começavam sempre assim:

- Repete o que acabas de dizer!
- Quem é que julgas que és?
- Não vais recomeçar!
- Estás doida!!

E pronto, depois do rebentar de algumas bolhas, a água começava a agitar-se, a agitar-se... e tínhamos tempestade!

Quando o mar ficava assim revolto, Emma começava a ver tudo desfocado. Os pais apareciam-lhe deformados, horríveis, com o rosto distorcido por causa da turbulência das águas. Era feio, feio, feio.

Então Emma sentia o coração gelar. Punha as mãos nos ouvidos e agradecia aos céus o facto de ter duas mãos e não duas barbatanas. Mas, mesmo tapando os ouvidos, continuava a ouvir: “Detesto-te, detesto-te, não quero voltar a ver-te.”

Estas discussões eram verdadeiras catástrofes ecológicas. Quando se desencadeavam, os cardumes de peixinhos multicores fugiam em debandada para o outro extremo do mar, como se perseguidos por um tubarão. Os

ouriços-do-mar imobilizavam-se, as anêmonas expeliam em silêncio o seu veneno e os polvos lançavam compridos jactos de tinta negra.

“Como é possível”, pensava Emma, “que pessoas adultas, com dois braços, uma cauda de sereia e um cérebro de sereia, gritem na água como se fossem verdadeiros bebês?” E pensava em todos os pais-sereias divorciados, que iam viver longe um do outro, um no mar Adriático, outro no Oceano Atlântico.

E dizia para consigo: “A minha mãe trouxe-me no ventre porque amava o meu pai. Mas se nasci no amor deles, também posso desaparecer!” Era, é claro, um pouco excessivo, mas muito lógico na cabeça de uma pequena sereia. Aliás, quando ouvia os pais agredirem-se, tinha a impressão de que o seu coração se despedaçava como gelo quebrado. Porque as pequenas sereias não são peixes como os outros. São meninas de verdade, frágeis, com sentimentos e muita imaginação.

O que poderia ela fazer? Tinha ouvido falar de uma outra sereia que trocara a cauda por um par de pernas. “Ter pernas ser-me-ia muito útil para fugir para terra, longe dos gritos dos adultos”, pensava.

Para não morrer por causa de todas aquelas discussões, Emma afastava-se para longe daquelas extensões de água cheias de turbulência, daqueles rostos distorcidos, daquelas tempestades aquáticas, e penetrava nas florestas de algas labirínticas. Ia tão longe quanto possível, descendo às profundezas, onde o silêncio é mais forte do que todos os gritos do mundo.

Emma fechava-se dentro de uma concha gigante e ficava sem nada ouvir, nem a mais pequena gota, nem o agitar de uma barbatana de peixe: apenas as pulsações do seu próprio coração.

E quando, à noite, davam conta de que ela tinha desaparecido, o pai, a mãe e todas as suas irmãs sereias iam procurá-la, longe, muito longe, nas águas doces, nas águas tépidas, abrindo, com as mãos, caminho por entre as algas, espreitando dentro das anêmonas, batendo docemente à porta das conchas:

— Emma, estás aí?

Com o coração apertado, pensavam que ela tinha desaparecido para sempre. Porque corria esse risco. Nas profundezas do mar, uma pequena sereia, mesmo experiente, pode muito bem perder o norte.

E os pais perguntavam-se: e se ela foi lançada para terra? Ou engolida por um tubarão? E quando, por fim, a encontravam, curvada dentro da sua concha, com as mãos nos ouvidos, tomavam-na nos braços com muita doçura para a levarem para casa. Sentiam vergonha, acredita. E diziam-lhe:

— Desculpa, sabes, somos dois grandes patetas. Mas já fizemos as pazes, juro-te!

E Emma, com um golpe de cauda, regressava a casa com novas forças. Pensava: “O mundo quase se desmoronou. Cheguei a convencer-me de que iam matar todos os peixinhos pequenos com aqueles gritos horríveis.”

Quanto mais crescia, mais a pequena sereia compreendia que a vida, o cansaço, as pequenas coisas do quotidiano, uma gota de água que cai continuamente em cima de um rochedo, enfim, pequenos nada, podem também desencadear grandes discussões.

Quando se tornou adulta, sorria ao ouvi-los, porque sabia que não tinha nada mais a recear. Que o seu coração não ia congelar nem ficar como gelo desfeito.

E, ao ouvi-los, dizia para consigo: “Daqui a pouco, estão a dizer-me que nunca mais voltarão a discutir. E eu vou fingir que acredito! Porque sei muito bem que é difícil viver-se na mesma água sem discussões. Mas também sei que o mundo não vai desabar por causa disso.”

(Site Historias para os mais Pequeninos)

Diz Obrigado à Senhora!

Francisco segura-se com força ao carrinho de bebé que a mãe empurra. Sob a capota vê, a sair da manta, a ponta do nariz da irmãzinha adormecida.

É sempre assim quando saímos: mesmo que ela grite até ficar roxa, basta embalá-la, ou que o carrinho dê algumas voltas, que ela logo se acalma e recupera aquele arzinho rosa e branco, e fica a pestanejar.

Ainda não chegámos à esquina da rua, e ela já dorme debaixo da sua touca. Um anjo sobre o qual se debruçam os transeuntes com um ar enternecido. Naquele instante, Francisco chega mesmo a sentir que já é grande.

A mão da mãe, de luva calçada, está pousada mesmo ao lado da sua, e do outro lado do carrinho vai Juju, o orgulho de Francisco. É uma cadela grande e preta de quem ele é dono desde o seu aniversário. Ainda é nova e não tem juízo nenhum. Temos de prender a trela ao carro não vá a cadela escapar-se e desatar aos saltos pelo passeio fora. Quando ela puxa com força, é Francisco quem a repreende. E fá-lo exactamente como o pai lhe ensinou: com uma voz calma mas "firme".

É quarta-feira de manhã, o ar frio fustiga, e a sensação é agradável. Até dá a impressão de que temos molas nas pernas.

Infelizmente, chega sempre o momento de as mães irem às compras. Temos de entrar nas lojas e é aí que tudo se complica para o Francisco.

Vejamos, por exemplo, a padeira. Simpática, é como se fosse uma vizinha, quase uma amiga. No entanto, nunca passa sem o arreliar: mal vê o Francisco escondido atrás da mãe, diz-lhe com uma voz estridente.

— Bom dia, Francisco! O que é que me contas hoje?

E é sempre, sempre a mesma coisa.

Apesar de se preparar com antecedência e de fazer esforços, o “Bom dia!” fica-lhe entalado na garganta, comprimida como uma bola de papel.

Às vezes, a mãe debruça-se e diz-lhe ao ouvido:

— Vá, filho, diz “bom dia”.

Outras vezes, Francisco nota que a mãe fica nervosa.

Ele sabe muito bem que tem de ser educado; dizem-lhe isto muitas vezes. Mas não há nada a fazer. Não é capaz de articular uma palavra.

Nessas alturas, baixa a cabeça, olha para os pés, esfrega a sola dos sapatos na tijoleira da loja. A mãe desculpa-o diante da padeira ou então muda de assunto.

Hoje, a mãe zangou-se a valer. É que a senhora da mercearia fez muitas perguntas ao Francisco e ele não respondeu a nenhuma:

— É muito querida a tua irmã. Estás contente por teres uma maninha? Ela ri-se para ti? Não chora de noite? Porta-se bem?

Até parece que a chegada desta irmãzinha é um acontecimento para o bairro inteiro. E, para terminar, estendeu-lhe um bombom por cima do balcão.

E a mãe, naquele tom de voz de quem parece que vai bater:

— Diz obrigado, Francisco!

Atrás deles, uma senhora começou a rir e a dizer qualquer coisa que Francisco não entendeu. E a senhora da mercearia riu-se também, dando-lhe pancadinhas na cabeça.

Então, o Francisco pegou no rebuçado e atirou-o ao chão. Depois,

desatou a correr em direcção à porta, empurrando os clientes que estavam na fila. Desta vez, a mãe gritou:

— Francisco, espera aí!

E lá seguiram os dois lado a lado. A mãe não dizia nada. Olhava em frente, mas com um ar tão severo que parecia uma estátua.

Na esquina, parou de novo no vendedor de fruta e legumes. Daquele, o Francisco até gosta bastante. É um senhor muito alto, magro e de poucas falas. Traz sempre um lápis atrás da orelha, usa uma grande bata azul que lhe chega quase até aos pés, e está sempre à porta, ao lado da balança.

Para escolher a fruta à vontade, a mamã deixa o carrinho travado, à beira do passeio. Recomenda ao Francisco que se porte bem, enquanto ela vai pagar a conta. Francisco segura o carrinho com as duas mãos. O vento levanta-lhe os cabelos e bate-lhe nas orelhas. Para evitar o carrinho, os transeuntes dividem-se em duas filas, e Francisco imagina-se a dirigir uma lancha, entre duas vagas de rostos.

De repente, um enorme cão amarelo surge à sua frente, tão esticado na ponta de uma trela que até parecia que ia ficar estrangulado. Com o focinho a escorrer baba, dirige-se raivosamente para a Juju. Esta, que estava tranquilamente a molhar as patas na água da valeta, assusta-se. Começa a rosnar, estica-se toda e puxa também pela trela, que está presa ao carro de bebé. O outro cão, de fúria redobrada, arreganha os dentes e quase arranca a trela das mãos do dono. Este encosta-se a um candeeiro da rua e puxa para trás com toda a força.

Quase estrangulado, o cão amarelo põe-se a ladrar, de dentes à mostra. Então a Juju fica com medo; salta para o lado com tanta violência que o carro é arrastado e uma das rodas escorrega para valeta. Assim desequilibrado, o carrinho está a ponto de se virar.

Felizmente que o Francisco, agarrado ao carro com todas as suas forças, consegue segurá-lo. Dentro do carrinho, a irmãzinha, que entretanto acordou e se pôs a chorar, resvala para o lado.

Francisco tem tanta dificuldade em segurar o carro que nem se lembra de gritar para avisar a mãe. As pessoas afastam-se, com ar de espanto.

Finalmente, é o ladrar ensurdecedor dos cães que acaba por chamar a atenção da mãe, que dá um grito. Larga logo o saco de papel castanho que o vendedor lhe entregara e corre para o carrinho do bebé.

Num instante levantou o carrinho e acalmou a Juju. O cão amarelo, por fim já dominado pelo dono, afasta-se.

A mãe pegou no Francisco ao colo e aperta-o contra o peito. Diz-lhe obrigado por ter salvo a irmã de um grande perigo. A mãe ri e os seus olhos brilham.

Ao lado um do outro, de novo a empurrar o carrinho de bebé, acabaram de fazer as compras na padaria.

A loja, onde se sente o delicioso aroma dos croissants quentes, está vazia. A padeira, de costas para a porta, ajeita as baguetes no mostrador.

Francisco vai à frente. Sem hesitar, diz bem alto, virado para o balcão:

— Bom dia, minha senhora!

Este “Bom dia”, preso há tanto tempo, voa como um pássaro cuja gaiola acaba de se abrir.

De regresso, na rua, a morder o delicioso croissant ainda morno, Francisco debruça-se sobre a irmãzinha. Os olhos azuis da irmã vagueiam pela beira da capota até se fixarem nele. De repente, todo o corpinho se agita debaixo da manta, e aquela boca minúscula abre-se num grande sorriso.

“Coitada” pensa Francisco, “ainda é muito pequenina para comer um croissant...”

Estou Triste

Quando estou triste sinto-me como... uma flor que precisa de ser regada... um arco-íris que perdeu as cores... um palhaço que não consegue sorrir.

Quando estou triste deixo-me estar deitado na cama; não quero falar com ninguém... escondo-me na casinha de brincar... abraço o meu ursinho.

Há muitas coisas que me põem triste. Quando a minha melhor amiga muda de casa para longe, fico triste. Mas sei que vai ser óptimo receber montes de cartas.

Quando o meu cão não está bom e o veterinário diz:

— Ele está a ficar velho, sabes. — Fico triste. Mas lembro-me de como nos divertimos os dois.

Quando à noite a Mãe e o Pai discutem e eu, lá em cima, os ouço a falar muito alto, fico triste. Mas no dia seguinte eles sorriem e estão outra vez alegres.

— Desculpa, não foi nada. Às vezes até os adultos discutem.

Quando me despeço da Avó na estação e sei que não a vou ver durante uns tempos, ficamos os dois tristes. Então eu dou-lhe um abraço mesmo apertadinho e sentimo-nos logo os dois melhor!

Quando todos os meus amigos são convidados para uma festa e eu não, sinto-me posto de lado e fico triste. Então faço eu uma festa para os meus brinquedos todos!

Quando na escola faço um desenho mesmo bonito e depois outro menino o estraga, fico triste e um bocadinho zangado! Mas penso que da próxima vez vou fazer um ainda melhor.

Quando ando triste, sinto-me melhor se contar os meus problemas ao Avô. Sinto-me melhor se fizer um puzzle ou se vir um programa engraçado na televisão.

Sinto-me ainda melhor se pensar numa coisa boa que vai acontecer.

Sinto-me melhor se puder fazer uma coisa simpática a alguém.

Mas às vezes eu também faço coisas que levam os outros a ficarem tristes...

Se eu chamar nomes aos outros...

Ou se eu for mau e não me ralar com as outras pessoas.

Se eu disser coisas sem pensar, a Mãe ou o Pai podem ficar tristes.

Se eu não deixar um amigo entrar no jogo, ele pode ficar triste.

Toda a gente às vezes está triste. Mas se falarmos do que nos fez ficar tristes e pensarmos nas coisas boas que temos... então se calhar conseguiremos mandar embora a tristeza.

Experimenta este remédio se andas triste, aborrecido: franze a testa ao contrário, verás logo um sorriso!

Brian Moses
Estou triste
Lisboa, Editorial Caminho, 1994
Texto adaptado

Estou Zangado

Quando estou zangado sinto-me como... um vulcão que vai entrar em erupção, uma panela que vai deitar para fora...um touro à solta numa loja de loiças.

Quando estou zangado sinto-me como... um rinoceronte enfurecido, ou um balão prestes a rebentar, ou até como uma bomba a explodir!

Quando estou zangado bato o pé... Mas isso não me faz grande bem.

Atiro os brinquedos pelo ar... mas fico aborrecido se alguma coisa se parte.

Quando estou zangado com o meu irmão digo-lhe que NUNCA mais lhe falo... mas acabo sempre por lhe perdoar.

Quando estou zangado com a minha amiga chamo-lhe nomes e digo que não brinco com ela... mas depois arrependo-me sempre.

Há muitas coisas que fazem as pessoas ficarem zangadas. Quando a Mãe está cansada depois de um dia cansativo no emprego e nós estamos a fazer muito barulho... ela fica mesmo zangada!

Quando a minha irmã está a tentar montar as peças de um modelo e tudo lhe corre mal... ela fica zangada.

Quando o meu amigo João ouve um ralhete por causa de uma coisa que não fez... ele fica zangado.

Mas às vezes eu faço coisas que levam os outros a ficarem zangados.

Se eu me portar mal à mesa.

Se eu for egoísta e não partilhar os meus brinquedos.

Se eu fizer fitas quando perco jogos, ou se fizer troça dos outros quando não conseguem fazer uma coisa.

A minha professora fica zangada se eu me portar mal na escola... e copiar quando não sei as respostas.

Toda a gente às vezes fica zangada. Mas quando eu sinto que estou a ficar zangado... ajuda a passar se eu contar até dez antes de falar.

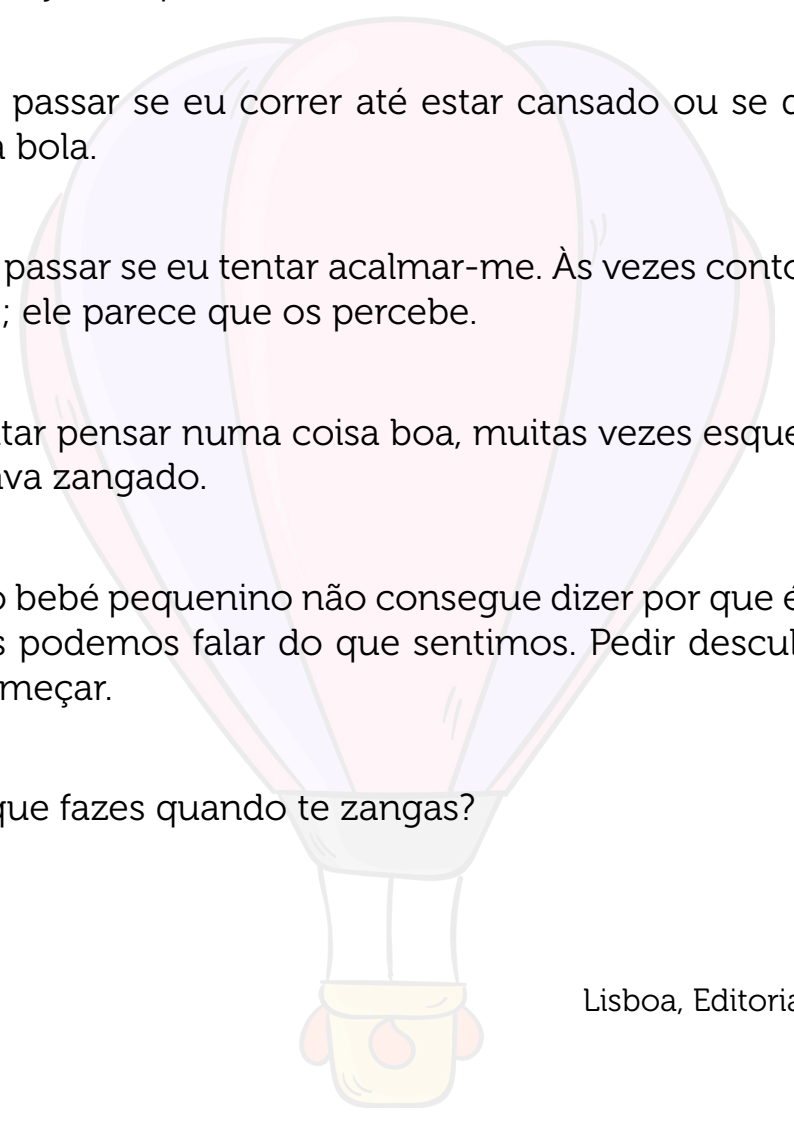
Ajuda a passar se eu correr até estar cansado ou se der um grande pontapé numa bola.

Ajuda a passar se eu tentar acalmar-me. Às vezes conto os meus problemas ao cão; ele parece que os percebe.

E se tentar pensar numa coisa boa, muitas vezes esqueço-me de por que é que estava zangado.

O nosso bebé pequenino não consegue dizer por que é que está zangado, mas nós podemos falar do que sentimos. Pedir desculpa é uma boa maneira de começar.

E tu, o que fazes quando te zangas?



Brian Moses
Estou zangado
Lisboa, Editorial Caminho, 1994
Texto adaptado

Laura e o Rato Desgosto

Como todas as manhãs, Laura abriu o armário para tirar um vestido. Que horror! Adivinha o que encontrou escondido no fundo... Um grande rato dos esgotos, que ria com todos os dentes. Laura quis gritar, chamar os pais, mas o grande ratão preveniu-a, apontando-lhe um revólver à testa:

— Se gritares, mato-te. Se me denunciares, desfaço-te.

Então, Laura fechou a boca a cadeado, assim como o armário e todos os sentidos do seu corpo.

Ela bem queria pôr um cadeado no armário e esquecer, mas, todas as manhãs e todas as noites, o rato gordo dos esgotos batia na porta com a cabeça, até ela a abrir.

À noite, todos os dias, ao abrir a porta para se vestir ou despir, lá estava o rato gordo. Laura despachava-se a tremer, mas não se atrevia a dizer nada. Porquê? Talvez porque o rato grande dos esgotos não fosse criança e se deva obedecer às pessoas crescidas, mesmo que sejam dos esgotos, não é verdade? Era o que Laura pensava.

Uma noite, o rato disse-lhe, com olhos terríveis:

— Quero ser o teu ursinho. Dá-me um beijo de boa-noite, se não, levas uma palmada.

Então Laura chorou, mas deu-lhe um beijo, o que achou horrível. Só que ela já não sabia muito bem o que era horrível e o que era agradável, porque, como já disse, ela tinha fechado, trancado e bloqueado tudo dentro dela. O rato estava, evidentemente, todo satisfeito, e disse, enquanto fumava o seu charuto:

— Todas as noites vens dar-me o meu beijo, minha linda. Assim quero e assim tem de ser.

O grande rato dos esgotos exigia coisas do arco-da-velha.

— Olha — dizia ele — lava-me estas peúgas fedorentas e põe-nas a secar. Quero todas as tuas bonecas. Aborreço-me aqui sozinho dentro do armário.

Um dia, o rato disse-lhe:

— Traz-me um bombom. Traz-me o teu bolo de arroz e as tuas batatas fritas.

E Laura lá lhos levou. Deu-lhe também os seus copos de leite, o lanche, o jantar e tudo o que ela comia de manhã, à tarde e à noite.

Um dia, pediu-lhe o sono, depois, os seus lindos sonhos cor-de-rosa. Quando se é rato de esgoto, só se tem sonhos horríveis. Ele deu-lhe os pesadelos negros e ela deu-lhe os seus sonhos cor-de-rosa.

Os pais de Laura começaram a ficar preocupados porque a viam emagrecer e perder o sono, sem saberem que Laura dava tudo ao rato grande e cinzento dos esgotos. (Laura pusera-lhe o nome de "Rato Desgosto")

Certo dia, quando estava já muito magra por não comer nada e entregar tudo ao rato, Laura soube que, se não falasse, algo de grave lhe podia acontecer. Então disse à mãe:

— Mamã, tenho uma história para te contar. É a história do rato Desgosto.

Contou-lhe toda a história. A mãe ficou horrorizada e chorou todas as lágrimas que Laura tinha contido desde que decidira pôr a carapaça e fechar-se. Fez muito bem às duas.

Naquela noite, quando abriu a porta do armário, Laura viu que o rato tinha desaparecido e só lá tinha deixado as peúgas, aquelas que Laura tinha lavado. Eram tão pequeninas, que Laura franziu o sobrolho.

— Não pode ser! O rato Desgosto tinha uns pés assim tão pequeninos... afinal era minúsculo!

Ela que pensava que ele era tão grande e que nada podia contra ele! Afinal, bastou falar à mãe para ele desaparecer do armário, sem pedir mais nada. Era mesmo um rato nojento, mas que agora já não lhe fazia medo nenhum.

— Vês, Laura — disse-lhe a mãe. — Quando alguém te pedir alguma coisa, tens de te perguntar a ti própria, bem no fundo, se queres. Se alguma coisa em ti te diz que estás a ser forçada, ou que magoam o teu corpo, não deves obedecer, pelo menos antes de falares a alguém sobre isso. Mesmo que seja um Marciano, um rato dos esgotos, um crocodilo... mesmo que seja uma pessoa importante.

E ainda lhe disse:

— Se amanhã vires alguma coisa no armário, por favor, di-lo a um adulto. A mim, ao pai, à madrinha, à professora... a quem quer que seja! E, se alguém te ameaçar na rua, pede socorro a um adulto, entra numa loja ou noutra sítio qualquer. Nenhuma criança deve submeter-se a um rato do esgoto. Percebeste, minha querida?

— Sim — prometeu Laura, tranquilizada com esta promessa.

Nessa noite, Laura recuperou o bolo de arroz, os bombons, o seu ursinho, as batatas fritas. E o seu bom aspecto. Infelizmente durante algum tempo, ainda continuou a ter os antigos pesadelos negros, cheios de ratos dos esgotos, de ratinhos e de ameaças. Porque o ratão Desgosto tinha-lhe roubado alguns dos seus sonhos cor-de-rosa. Precisava de esperar algum tempo para os recuperar.

(Site Histórias para os mais Pequeninos)

O Grande Segredo de Clarisse

Era uma vez uma ratinha chamada Clarisse. Clarisse tinha as faces rosadas e usava um vestido e uns sapatos cor-de-rosa.

Era encantadora, com um pescoço delgado e olhos de gazela. As pessoas costumavam dizer-lhe:

— Como és meiga-linda-simpática! — e ainda: — Um dia vais ser ar-
rasadora! — e, em frente da mãe, as pessoas diziam, abanando o indicador:

— Cuidado com a sua Clarisse! Ela ainda vai despedaçar muitos co-
rações!

E Clarisse baixava os olhos sem compreender lá muito bem o que queriam dizer. Despedaçar corações? Ela, a quem chamavam meiga-linda-simpática? Os adultos tinham ideias estranhas. Às vezes eram incómodos aqueles olhos brilhantes fixos nela, aqueles beijos no pescoço, aquelas carícias nos braços, aquelas perguntas indiscretas:

— Então, tens algum namorado lá na escola?

Clarisse rodava na sua saia cor-de-rosa comprida e fazia uma careta.

— Mais tarde — dizia — vou ser bailarina ou estrela de cinema. Ou cantora de ópera. Hei-de ser sempre a mais linda do mundo!

— Tens muito tempo para pensares nisso — respondia a mãe. — Ainda só tens seis anos.

E dizia às pessoas:

— Deixem-na viver. Só tem seis anos.

Mas elas não deixaram Clarisse viver a vida.

Um dia, num escuro buraco de ratos, agarraram Clarisse e cobriram-na de beijos e disseram-lhe:

— És meiga-linda-simpática!

Eram as mesmas palavras, mas não eram os mesmos gestos. Clarisse sentiu bem a diferença. Viu bem a diferença entre os joelhos daquele senhor e os joelhos dos outros adultos. Entre as carícias que ele lhe fez nas pernas e por todo o corpo de ratinha cor-de-rosa. Aquelas festinhas eram estranhas: misturava festinhas que se fazem aos ratinhos pequenos com as que fazem aos ratinhos grandes. As palavras eram as mesmas mas não eram ditas da mesma maneira: murmurava-lhas ao ouvido, como a uma senhora. Era estranha aquela mistura entre o horror e o prazer que tudo aquilo lhe inspirava. Mas ela não disse que não. Não se diz que não a um senhor de gravata. Não se diz 'não' quando se é "meiga-linda-simpática" e quando se corre o risco de vir a despedaçar corações.

Quando voltou para casa, Clarisse tinha a cabeça às avessas, e o corpo também. Fechou-se no seu buraco de ratinha e enrolou-se sobre si mesma a pensar no que o senhor lhe tinha dito:

— É um segredo só nosso. Se disseres a alguém, a tua mãe morre. Juro-te.

E foi assim que, naquela noite, no buraquinho de ratos, o segredo nasceu no fundo do peito. A princípio, era uma bolinha de nada, que não se podia deixar escapar. Tinha de a esconder, fechar a cadeado, para que nada pudesse acontecer à mãe.

Naquele dia, Clarisse deixou de falar. Tinha medo que o segredo se escapasse e fosse destroçar o coração da mãe. À noite, passou a exigir que fechassem a porta do seu quatinho cor-de-rosa com duas voltas na fechadura, não fosse ela falar durante o sonho. Mas também pediu uma luz de vigia para não ficar sozinha com o seu segredo.

Ela, que sempre saltitara, alegre e cor-de-rosa, passou a ficar parada e lívida. "Nunca se sabe" pensava ela. "Se me mexer, o segredo também se mexe e a bolinha rebenta." Então, enrolou-se sobre si mesma, os braços à

volta dos joelhos, a cabeça caída sobre o peito, com o segredo bem protegido.

O segredo na garganta continuou a engordar. Invadiu a garganta até abafar os risos e os suspiros. Nas aulas, não respondia. Deixou de rir no recreio e, um dia, quando a sua amiga Alice contou, a rir, que tinha visto o papá e a mamã a fazerem festinhas dentro da cama, ela fugiu para o outro lado do recreio, com as mãos a tapar as orelhas cor-de-rosa e o coração a bater.

Clarisse perdeu o hábito de falar. Só ela sabia de quem era a culpa: era da grande bola, que não parava de crescer.

— Vá lá — dizia a mãe. — Tens de comer! Tens de falar, se não, vais morrer.

Atemorizada, Clarisse olhava para ela e pensava: “Mas, se eu falar, quem morre és tu, mãe. Foi o que me disse aquele senhor!”

Quando o médico veio para a examinar, Clarisse encolheu-se ainda mais sobre si mesma, a cabeça caída sobre o peito, numa dor muda.

— Não, não, não — fez ela com a cabeça. E não disse mais nada.

Os grandes segredos são contagiosos, e a mãe de Clarisse também deixou de sorrir.

— Vais matar-me de tristeza — dizia ela — por deixares de falar.

E Clarisse voltava a pensar nas palavras do senhor: “Se falares, a tua mãe morre.” Então qual dos adultos é que tinha razão?

Um dia, Clarisse soube que o senhor do buraco escuro tinha ido para a prisão. Para um buraco ainda mais fundo. Naquele dia, o segredo decidiu sair, e a bola rebentou.

As palavras saíram como puderam, todas ao mesmo tempo, desordenadas e entre gritos. Foi preciso pô-las por ordem: sujeito, verbo, complemento. “Brincaram comigo!” “Faltaram-me ao respeito!”, “Tocaram no meu corpo, nas minhas pernas. Fizeram coisas em mim que eu não queria”, “Ele disse que tu morrias.” E foi a vez da mãe ficar muda, perante aquela terrível revelação.

— Nunca aceites um segredo que não venha de ti! Nunca deves acreditar num adulto que mexe no teu corpo. Há pessoas que são más com as crianças e que as fazem acreditar em coisas incríveis. Se alguém te fizer festas que te perturbem, deves contar a uma pessoa crescida... imediatamente! A mim, ao pai, à tua madrinha, ou mesmo a uma amiga, se não, isso começa a crescer e a inchar dentro de ti como uma bola de tristeza.

Com o tempo, Clarisse começou a pintar, a brincar, a desenhar, a comer, a falar direito: sujeito, verbo, complemento. O corpo e o espírito tinham recuperado a agilidade de uma ginasta. Sentia-se tão leve, sem aquele horrível segredo! Mais tarde, a ratinha cor-de-rosa voltou a ter segredos de rapariga. Os verdadeiros segredos são estes: os que são criados por nós e não impostos à força.

(Site Histórias para os mais Pequenininos)

O Papá Urso Foi Embora

Naquela manhã, quando os três ursinhos traquinas acordaram da sua noite castanha, quiseram, como todos os dias, andar às cambalhotas, às cavalgadas e às cabriolas no lombo do papá urso.

Era para todos uma grande brincadeira ouvirem o pai a fingir que ralhava, meio a rosnar, com a sua voz de urso:

— Ai se vos apanho, seus ursinhos traquinas!

Nós, ursos, só temos o fim-de-semana para dormir. E o pai urso fingia que lhes dava um sopapo, um bofetão e uma grande patada. Os ursinhos traquinas fartavam-se de rosnar e rolavam no chão de tanto rir, o que era até uma maneira de massajarem as vértebras.

Mas, naquela manhã, quando os três ursinhos acordaram, encontraram a cama vazia e a mãe já a pé, olhando tristemente pela janela, como na história da princesa dos cabelos de ouro.

Mas aquilo não era nenhum conto de fadas.

— O vosso pai foi embora — disse a mãe urso fungando.

E foi logo para a cozinha fazer crepes com mel.

— Ai sim? — pensaram os ursinhos. — Deve ter ido buscar o mel e o jornal. E algumas ervas para o almoço. E fazer as compras da semana.

E... esperaram todo o dia... Quando a noite estendeu o seu manto de estrelas, compreenderam que o pai urso não voltaria para casa naquela noite. Teria ido hibernar para outro lado? Para a Sibéria? Para onde o mel é mais aromático? Os ursinhos tinham perdido o ar traquina, à força de tanto fazerem perguntas. Teria encontrado no caminho alguma princesa encantada? É assim que entre os ursos se fala dos pais que se vão embora para seguirem um outro caminho, a Ursa Maior, por exemplo.

— Alguns partem para encontrar um pouco mais de fantasia, outros, para tomar ar durante um ou dois meses. Mas nunca ninguém foi embora por causa de um, de dois ou até de três ursinhos traquinas — responderam-lhes de imediato a mãe urso.

Se ela sentia vontade de dizer mal do pai urso, a verdade é que nunca o fez.

— Ele gosta muito de vós, sente imenso a vossa falta, eu sei — disseram-lhes, olhando-os com os seus olhos castanhos orlados de vermelho.

Os dias continuavam a passar sem voltarem atrás.

Na toca, a vida já não era como dantes. Já não havia aquela voz grossa a acordá-los de manhã, nem aquelas grandes patas que os levavam à escola pela mão. Um pai, quando falta, faz muita falta. Os pêlos da barba mal cortados, as mãos grandes e quadradas, a voz grossa a ralar, a barriga do pai urso que mexia quando ele se punha a rir, o cheiro a tabaco, os seus bocejos ruidosos que faziam tremer as paredes da toca, e até as grandes cóleras e as grandes zangas.

Os três ursinhos teriam dado tudo para receberem as boas palmadas do costume. Com as mães, a vida é cheia de doçura, de carinho, mas falta, sem dúvida, um pouco de força e de surpresa. Ninguém se atrevia a dizê-lo, mas era o que toda a gente pensava. Até que chegou uma altura em que se deixou de falar no assunto. Nunca mais se pronunciou a palavra “papá”. Sobretudo, porque bastava pronunciar uma só palavra iniciada por “pa” para que os olhos da mãe urso comessem a ficar perigosamente vermelhos.

Deixaram então de dizer muitac oisa: “papá”, “papagaio”, “papaia”, “papar”, “paparico”, “paparoca”, mas também a palavra “paradoxo”, “parágrafo” e “passado”. Muitas palavras existiam começadas por “pa”! Na toca, deixou de se pronunciar uma grande parte do dicionário.

De tanto, tanto se esperar, o rosto do pai urso começou a ficar menos nítido aos olhos dos ursinhos traquinas. Nos seus sonhos, ele transformou-se no Peter Pan, no Rei Leão, em muitas outras personagens. O rosto do papá urso que ralhava desvanecia-se pouco a pouco.

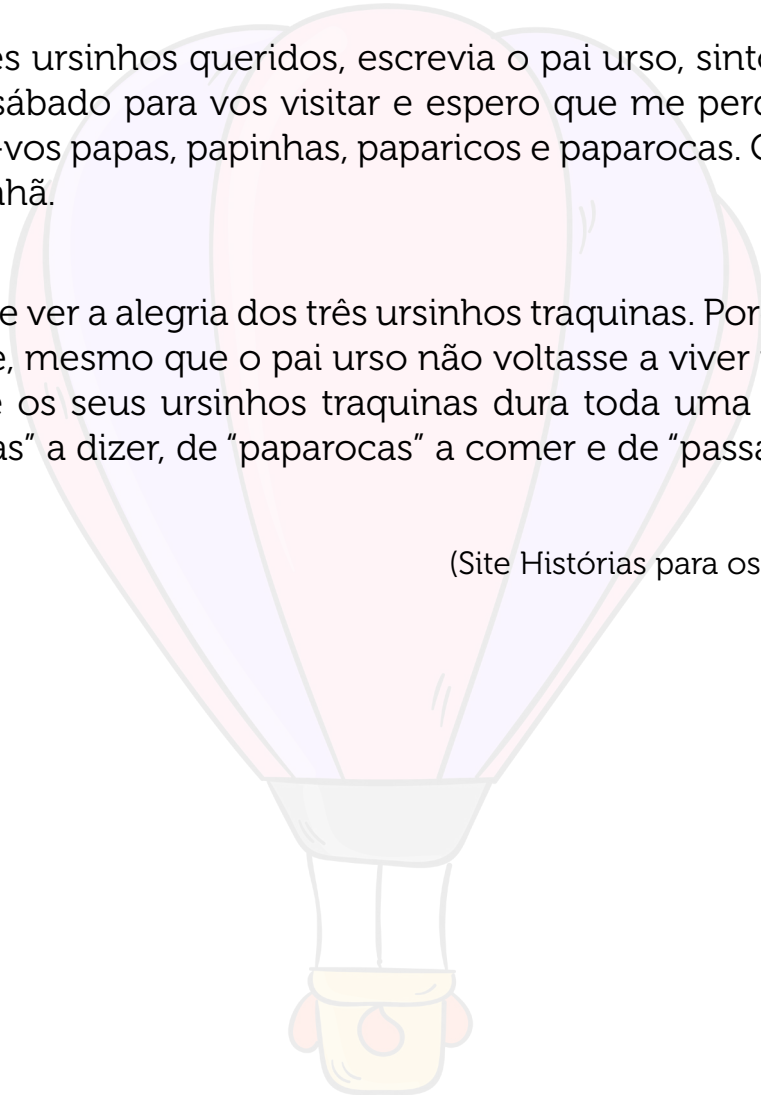
Um dia, contudo, após tão longa espera, chegou uma carta à toca dos ursinhos traquinas. Depois daquela aventura, já havia passado muito, muito tempo, tanto, que um outro pai urso tinha ido viver lá para casa, os ursinhos tinham regressado às suas lendárias travessuras e os olhos da mãe urso nunca mais tinham ficado vermelhos.

— Ursinhos! Venham depressa! Uma carta do vosso pai! — gritou a mãe urso, que conhecia bem a ligação dos três ursinhos ao pai.

Meus três ursinhos queridos, escrevia o pai urso, sinto muito a vossa falta. Apareço sábado para vos visitar e espero que me perdoem. Só quero ver-vos e fazer-vos papas, papinhas, paparicos e paparocas. Contem comigo sábado de manhã.

Havias de ver a alegria dos três ursinhos traquinas. Porque eles sabiam muito bem que, mesmo que o pai urso não voltasse a viver na toca, o amor entre um pai e os seus ursinhos traquinas dura toda uma vida: toda uma vida de “palavras” a dizer, de “paparocas” a comer e de “passados” a refazer!

(Site Histórias para os mais Pequenininos)



Quando Eu Tinha Medo do Escuro

O dia chegou ao fim.

À noite, como habitualmente, a mamã diz ao Roberto:

— Anda! São horas de dormir.

— Já?

Roberto arrasta-se pela escada acima.

— É feio lá em cima. Está muito escuro e há monstros escondidos.

— Não há monstro nenhum — diz a mamã. — Vou deixar a luz acesa no patamar. E deixo também a porta entreaberta. Boa noite, querido.

“Não serve de nada”, murmura Roberto, “eles vêm sempre.”

Crac!

“De onde vem este barulho? De certeza que é do armário.”

Agarrado ao cobertor, Roberto olha e volta a olhar para o armário. Parece-lhe que ele está a mexer-se. Sim, e a transformar-se!... Tem umas patas com umas garras enormes!

Roberto olha para o cortinado. Oh, não! Também começou a mexer-se. Há qualquer coisa por detrás. Parecem serpentes! Lentamente, Roberto vira a cabeça para a cadeira. Também ela está a transformar-se.

— Ursinho, estás aí? — pergunta Roberto num fiozinho de voz. Mas o Ursinho não está na cama. Está ao fundo, a dormir em cima da arca.

— Não saias daí, Ursinho. Eu vou buscar-te.

Roberto chama a si toda a coragem e sai da cama. Contanto que não calque nenhuma serpente!... Aquele pântano devia estar cheio delas...

— Coragem, Ursinho, estamos quase!

Com um salto, Roberto volta a meter-se na cama e levanta o cobertor.

— Depressa, vamo-nos esconder!

— Esconder? — pergunta o Ursinho. — Mas porquê?

— Por causa dos monstros! — grita Roberto.

O Ursinho sorri.

— Queres que te conte um segredo? Ouve. Deitas-te muito sossegado, pegas em mim e apertas-me contra o teu peito. Fechas os olhos e vamos os dois contar muito devagarinho. Vais ver que eles desaparecem.

Roberto deita-se e agarra-se ao Ursinho. Com os olhos fechados, conta lentamente... seis... sete... oito... nove... abre os olhos e...

— Afinal isto dá resultado!! — murmura ele ao ouvido do Ursinho.

— Claro! Dá sempre resultado. E agora vamos dormir.

Mireille d'Allancé
Quando eu tinha medo do escuro
Paris, L'école des loisirs, 2002

As Duas Casas de Josefa

A campainha da escola já tocou. Começaram as férias. No recreio, Manuela, Carolina e Josefa falam do Verão que se avizinha. Qual delas irá ter as melhores férias? Quem irá ter a casa mais bonita?

— Este ano vou para a Bretanha — disse a Manuela. — Vamos andar de barco, e talvez façamos esqui náutico.

— Este ano passamos o Verão no sul de França — conta Carolina.

Josefa fica calada. Este ano, pela primeira vez, irá passar o Verão entre duas casas: a da mãe e a do pai.

A mãe decidira:

— Como o pai e eu já não nos entendemos e estamos sempre a discutir, irás passar este Verão em duas casas diferentes: a casa azul, do teu pai, e a casa amarela, a nossa.

A mãe acariciou docemente os cabelos de Josefa.

— Vou confessar-te uma coisa: apaixonei-me. Encontrei uma pessoa de quem gosto muito.

Josefa suspira e sonha. No ano anterior também ela podia dizer “Vamos. Vamos os três a Itália, a Roma.” Mas, este ano, tudo mudou.

Na casa amarela, cheia de sol, haverá risos e luz, paredes brancas, frescas e grandes, e pás em metal vermelho. E na casa azul? Um pai triste, livros, barcos, e vendedores de sonhos para ajudar a esquecer a mãe. Quando pensa nisso, Josefa fica com o coração pesado.

Carolina acorda-a do seu sonho.

— E tu, Josefa? O que vais fazer este ano?

Josefa sorri.

— Eu? Eu tenho muita sorte! Este ano vou passar as férias em duas casas. Primeiro, vou passar uns dias na casa azul, junto ao mar, na Grécia. Depois, apanho o avião e vou para a casa amarela, onde vive a minha mãe, que está de novo apaixonada. Vou conhecer uma nova amiga: a filha do namorado da minha mãe.

— Duas casas de férias! Dois aviões! Uma nova amiga! Tens muita sorte!

— Lá isso tenho — disse Josefa num tom de voz importante. — E sabem porque tenho ainda mais sorte? Porque faço coisas diferentes com cada um deles. Com a minha mãe, faço escalada, ando de bicicleta, e caço borboletas. Com o meu pai, ando de barco e faço canoagem. O meu pai é um verdadeiro marinheiro.

— Tens mesmo sorte! A Josefa é quem tem mais sorte! — decretou a Carolina.

Josefa sorri. De facto, por que razão não seria ela a mais feliz?

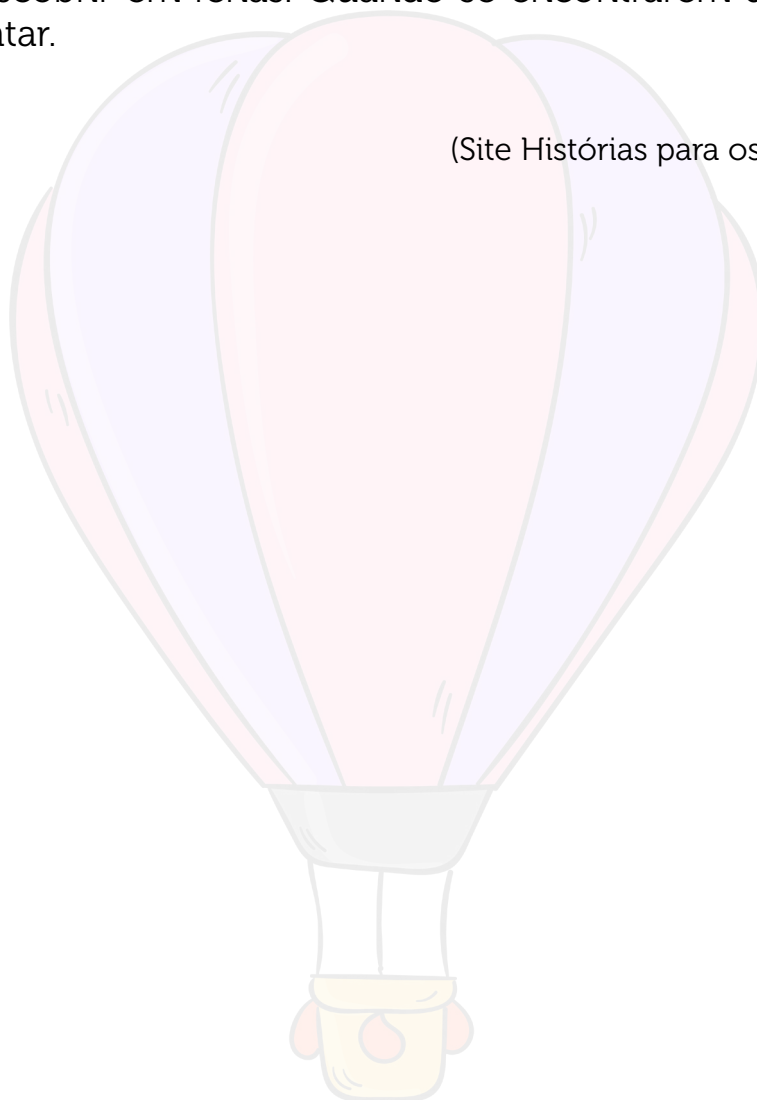
Sonha então com a casa azul e com a casa amarela. E com as duas juntas. Josefa pensa que se misturarmos azul e amarelo ficamos com verde. Verde como a esperança. Ninguém pode tirar-lhe a casa verde que habita o seu coração e na qual Josefa adormece.

Depois de os pais terem decidido separar-se, chegam as primeiras férias passadas em sítios diferentes. A separação faz-se sentir mais nesta altura. Seja claro: se a situação de separação é definitiva, não dê aos seus filhos falsas esperanças. Se a separação não está ainda consolidada, não se admire com perguntas do tipo: “Quando vamos ver o pai/a mãe?” Faça com que a comunicação entre os seus filhos e o pai/a mãe não se quebre. Deixe-os escrever cartas, postais, enviar mensagens de correio electrónico, faxes, etc.

Não tenha ilusões quanto à forma como os seus filhos vão receber os novos companheiros dos pais. Evitem apresentá-los como “substitutos”. Como toda a gente, as crianças precisam de um tempo de adaptação.

Diga-lhe que a decisão de passarem férias separados não teve a ver com ele, que compreendem a sua tristeza. Assegure-lhe que não estará muito longe dele. Combine escreverem-se todos os dias, ou de dois em dois dias. Até podem fazer uma colecção de postais, com os desenhos dele sobre tudo o que descobrir em férias. Quando se encontrarem de novo, vão ter muito para contar.

(Site Histórias para os mais Pequenos)



Ser Irmão Mais Velho

— Vai precisar de fraldas — diz a mãe — camisinhas e fatos de bebé, de uma mesa para mudar as fraldas, de uma banheira, pó-de-talco e creme, de uma chupeta e de um biberão.

O pai vai ao sótão buscar a caminha.

— Essa é a minha cama — diz Félix.

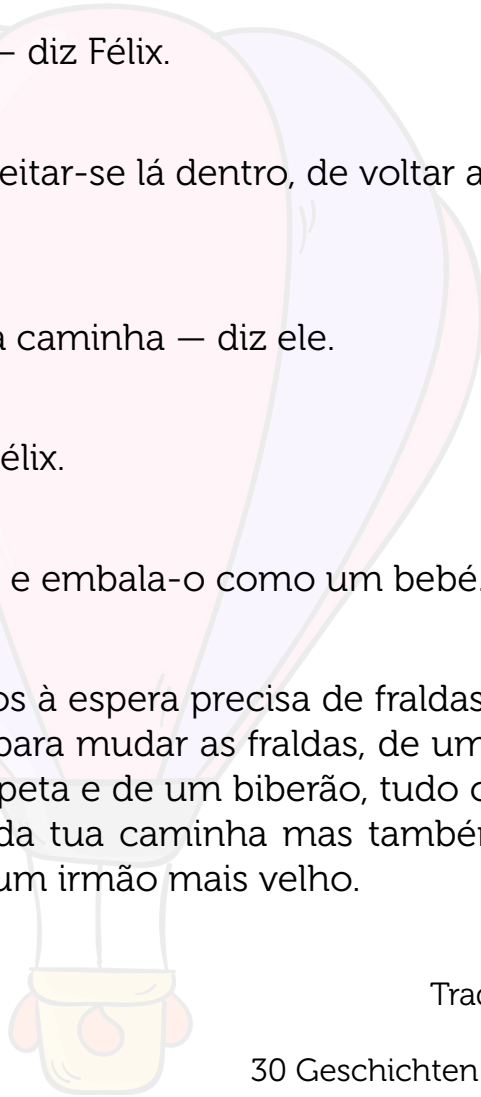
Ele gostava de tornar a deitar-se lá dentro, de voltar a ser pequenino. O pai ri.

— Não há lugar para ti na caminha — diz ele.

— Porquê? — pergunta Félix.

A mãe pega nele ao colo e embala-o como um bebé. Depois diz:

— O bebé de que estamos à espera precisa de fraldas, de camisinhas e fatos de bebé, de uma mesa para mudar as fraldas, de uma banheira, pó-de-talco e creme, de uma chupeta e de um biberão, tudo coisas de que tu também já precisaste. Precisa da tua caminha mas também precisa de ti. Daqui a uns dias, Félix, vais ser um irmão mais velho.



Traduzido e adaptado
Max Bolliger
30 Geschichten zum Verschenken
Lahr, Verlag Ernst Kaufmann, 1991

O Botão de Reduzir Mães

Num dia de grande discussão e de grande insolência para com a mãe, o pequeno Dudu apanhou uma bofetada na cara. Uma bofetada é uma coisa terrível. É vermelha, quente e humilhante. Fica a zumbir como um mosquito durante muito tempo e rebaixa uma pessoa ao nível das larvas. O pequeno Dudu cerrou os punhos e disse à mãe:

— Hás-de ver... Hás-de ver quando tu fores pequena e eu for grande. Vou esmagar-te como se fosses uma mosca. Não! Não brinques! Porque antes de te esmagar, hei-de arrancar-te as patas, os olhos e as asas.

Era, claro, uma frase terrível, mas o certo é que Dudu detestava as bofetadas. Não deixava de ter razão, aliás, mas, por vezes, a mão move-se sozinha e, na maior parte dos casos, os pais acabam por lamentá-lo depois.

Às vezes, o pequeno Dudu tinha sonhos de grandeza. Dizia para consigo: “Quando ela for velha e estiver toda engelhada como uma maçã, já não vai ter força nenhuma e eu hei-de devolver-lhe todas as bofetadas que ela me deu!”

Mas não teve de esperar tanto tempo! Naquela noite, enquanto ele dormia, o génio mau entrou no quarto. Sabes, o génio mau é aquele que se aproveita da cólera ou da tristeza para se meter facilmente na alma das crianças. O génio mau era feio, tinha olhos amarelos, antenas torcidas e maus pensamentos. Sentou-se na beira da cama de Dudu e cruzou as suas patas peludas.

— Hoje — disse o génio mau — graças à electrónica, à Internet e a outras coisas do género, os maus desejos tornam-se realidade. E murmurou: — Não precisas de esperar que a tua mãe fique velha e engelhada para seres maior do que ela!

E o génio mau sussurrou-lhe com ar maldoso:

— Tenho uma máquina de reduzir tamanhos.

— Pode-se reduzir mães? — perguntou Dudu ofegante.

Como resposta, o génio mau passou-lhe para a mão uma pequena máquina do tamanho de uma consola de bolso.

— Está aqui o botão de reduzir mães, que nós reservamos para todas as mães que recorrem a castigos corporais.

— O que são castigos corporais? — perguntou Dudu.

— Bofetadas, puxões de orelhas, palmadas no traseiro — enumerou o génio mau.

— Nunca mais, nunca mais quero ser maior do que tu.

E os olhos amarelos brilharam-lhe de maldade.

— Cuidado, se carregares no botão, a tua mãe diminuirá dez vezes de tamanho, como uma camisola de algodão lavada a 120 graus!

— Ora, ora! — exclamou Dudu com os olhos a brilharem-lhe de medo e de desejo. — Não acredito. É impossível!

Os olhos amarelos faiscaram.

— Só tens de experimentar... Mas previno-te: quando a tua mãe estiver minúscula, terás de a proteger para que ela não desapareça.

E o génio mau despediu-se, gritando:

— Boa sorte, meu GRANDE Dudu!

E desintegrou-se numa nuvem de fumo.

O pequeno Dudu julgou, é claro, que tinha sonhado. Mas, no dia seguinte, quando viu debaixo da travesseira o aparelho de reduzir, com o seu grande botão, teve uma sensação estranha. E todo o dia sentiu dentro dele o peso do grande botão. À noite, quando já era altura de ir fazer os trabalhos de casa, o pequeno Dudu ainda se encontrava diante do televisor, e levou mais um puxão de orelhas.

— Desliga-me já esse televisor e vai estudar! Eu disse JÁ — ralhou a mãe com voz grossa.

Ora acontece que Dudu era maluco por televisão. Tens de compreender o que se passa: as ideias misturam-se; os pequenos e elegantes neurónios, essas células do cérebro que se deslocam ligeiramente, tornam-se de repente gorduchas, e o cérebro fica cheio de papa de televisão. Depois... podes adivinhar o que aconteceu. Dirigiu-se para o quarto, ergueu a travesseira, agarrou no pequeno aparelho e carregou no botão. Ziitiiiiip! De repente, um clarão cegou-o e a mãe entrou na sala pouco mais alta do que uma ratinha.

— O que é que está a acontecer-me? — disse uma voz minúscula, porque agora tudo era minúsculo, até a voz, até os olhos, não maiores do que cabeças de alfinete, até as suas minúsculas mãos, que se agitavam como pontinhas de cotonete.

— É um aparelho de reduzir mãos — disse Dudu, pondo os pés em cima do sofá. — Foi por causa daquela bofetada, percebes? Agora deixa-me ver o fim do episódio e volta para a tua cozinha, por favor.

A mãe aproximou-se, com um olhar furioso. Deu um salto para chegar ao telecomando, mas não conseguiu. Era, de facto, muito pequenina.

— Puff — disse o pequeno Dudu, que continuava a ver o filme. Entretanto, a minúscula mãe dizia para si mesma, num minúsculo murmúrio interior:

“É um pesadelo, façamos de conta que nada aconteceu. Vou acabar por acordar.” Entrou então no quarto de banho para pôr a correr a água da banheira. Saltou para cima da torneira, escorregou e... desapareceu num

jacto de água que saía da torneira.

— Socorro! Uma tempestade! — gritou a mãe. — O mar está bravo!

O pequeno Dudu lembrou-se dos conselhos do génio do mal. Recuperou no último momento a sua pequena mãe e secou-a com um guardanapo. Era a primeira vez que isto lhe acontecia.

— Estou farta! — choramingou a pequena mãe. — Farta de ser pequena! Queria que o teu pai voltasse de viagem. Sinto-me abandonada, sinto-me sozinha, pequena e frágil.

— Porque é que estás a dizer-me isso? — perguntou Dudu, surpreendido, ao ver pela primeira vez a mãe a choramingar. — Não tenho nada que ouvir essas coisas. Sou uma criança, sabes?

A minúscula mãe olhou-o com um ar furioso.

— Muito bem, hoje EU é que sou pequena, portanto eu é que tenho de ser protegida. Se não querias proteger-me, não tinhas nada que me diminuir de tamanho.

E a mãe contou-lhe como, por vezes, se sentia sozinha, abandonada e tão em baixo. O pequeno Dudu tinha vontade de a mandar calar. Perguntava-se se não seria melhor fechá-la no armário dos medicamentos, ao lado do frasco de álcool a 90 graus e da caixa de aspirina, mas receava que ela asfixiasse no escuro. Sim, ele tinha doravante a missão de proteger a sua pequena mãe.

Sentia um peso sobre os ombros. Quem eram os pais? Quem era o filho? No fundo, ele gostava mais do tempo em que a sua mãe era grande e não se queixava tanto. Como fazer, agora? Como quebrar o encantamento? Haveria um aparelho amplificador de mães? Virou a consola em todos os sentidos, mas só havia o grande botão de reduzir, que o olhava fixamente com um ar irónico.

À noite, a mãe jantou um grão de arroz, bebeu uma gota de água e

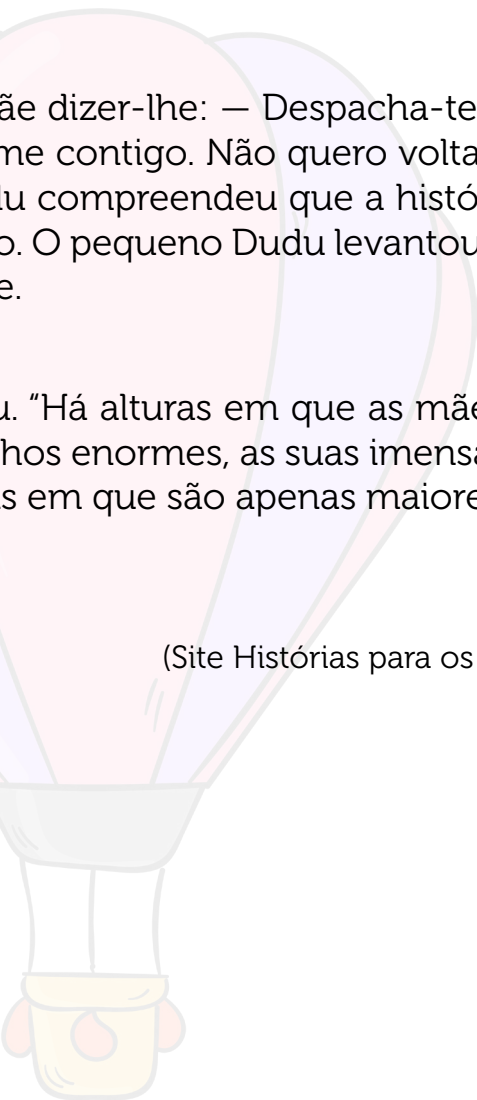
deitou-se numa sapatilha acolchoada. Tristemente, o pequeno Dudu mastigou umas pipocas. Ao voltar para o quarto, desejou que aquela história não tivesse acontecido, e adormeceu rezando para que a sua mãe voltasse a ficar grande. No dia seguinte, a mãe tinha recuperado a sua estatura normal! Um metro e setenta, cinquenta e cinco quilos. Como estava bonita! E Dudu perguntava-se:

— Seria um pesadelo? Ou aquela história da máquina de reduzir tamanhos existiu realmente?

Quando Dudu ouviu a mãe dizer-lhe: — Despacha-te a vestir, por favor. Não quero voltar a zangar-me contigo. Não quero voltar a dar-te bofetadas. Tudo isso acabou! — Dudu compreendeu que a história do botão de reduzir tinha de facto acontecido. O pequeno Dudu levantou-se de um salto e aninhou-se nos braços da mãe.

“É verdade”, pensou Dudu. “Há alturas em que as mães são gigantes, com a sua voz grossa, os seus olhos enormes, as suas imensas sobrancelhas carregadas. Mas há outras alturas em que são apenas maiores do que nós. E assim é bem melhor.”

(Site Histórias para os mais Pequeninos)



Onde Está o Jaime?

Certo dia, na escola, a carteira do Jaime estava vazia.

O Jaime não era desses meninos que ficam na cama por causa de uma gripe ou de uma queda. Não era desses meninos que arranjam desculpas para ficar na cama. O Jaime adorava a escola. Gostava de participar em tudo.

Mas o melhor de tudo era que o Jaime gostava de cultivar plantas.

Tinha sempre alguma coisa a crescer num vaso ou um pacote de sementes no bolso.

Se fosse mandado embora da aula de Matemática, por estar a conversar, escapava-se sempre para ajudar o jardineiro.

Mas o Jaime nunca faltava à escola.

Aquilo era muito, muito estranho.

No dia seguinte, a carteira do Jaime estava outra vez vazia.

... e no outro dia a seguir também.

Quando, no final da semana, a carteira dela ainda estava vazia, Milly, Molly e todos os amigos do Jaime estavam mesmo muito preocupados.

Sentiram-se reconfortados, quando a Professora Adelaide lhes disse que o Jaime devia estar com papeira ou com sarampo. Todos esperavam que ele voltasse depressa para a sua carteira.

Mas, certa manhã, a Professora Adelaide parecia diferente. Sentou-se na pequena cadeira, no meio da sala, e pediu a todos que se juntassem à volta dela.

Explicou com voz suave que o Jaime não ia voltar à escola. Baixinho, contou-lhes que o Jaime tinha sido levado para o hospital e que tinha morrido, em paz, durante a noite.

A Professora Adelaide abriu os braços à volta deles e todos choraram.

A Professora Adelaide não se importou com as lições de Matemática e de Gramática desse dia.

E ninguém teve vontade de cantar ou de brincar durante o recreio.

A Professora Adelaide queria conversar com os seus alunos, responder às suas perguntas e dar-lhes muitos abraços.

Milly e Molly sentiram-se tristes ao ver a carteira vazia do Jaime. Mas também não queriam que a Professora Adelaide a tirasse dali.

Decidiram colocar um ramo de flores na carteira do Jaime e isso ajudou, durante algum tempo. Todos levavam flores dos seus jardins e mantinham o ramo do Jaime sempre muito bonito.

Quando todos estavam preparados, retiraram a carteira do Jaime.

Milly e Molly arrumaram, com muito cuidado, os livros e os objectos do Jaime numa caixa, para a mãe dele levar.

Num cantinho da carteira do Jaime, no meio dos lápis e canetas, Milly e Molly encontraram um pacote de sementes.

Com o acordo da mãe do Jaime, Milly e Molly colocaram as sementes no jardim da escola, num dia quente e cheio de sol.

Regaram e esperaram...

e esperaram e regaram.

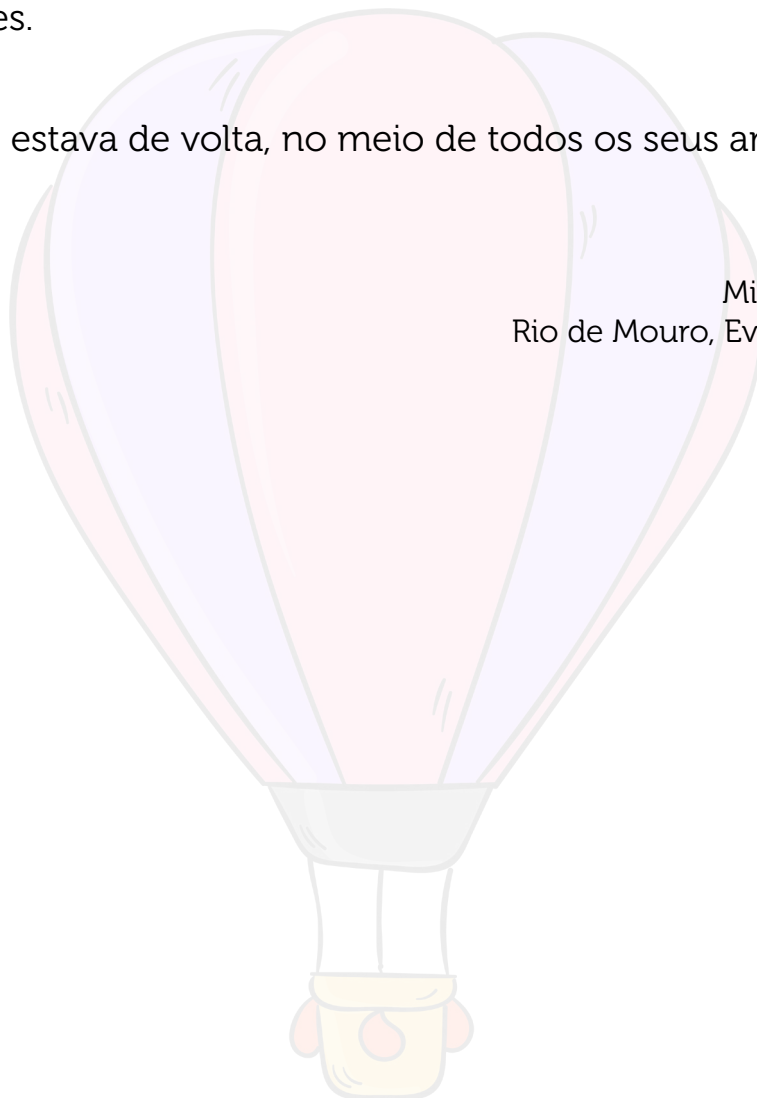
Ao décimo segundo dia, uma fila de pequenas plantas verdes começou a romper o solo. Lentamente, todos os dias iam crescendo.

De repente, a planta do meio tornou-se muito mais alta.

Cresceu tanto, que teve de ser atada à vedação. E depois, como se fosse milagre, de um dia para o outro... floresceu um grande girassol com uma face redonda e risonha! Milly, Molly e todos os amigos do Jaime ficaram muito contentes.

O Jaime estava de volta, no meio de todos os seus amigos.

Gill Pittar
Milly Molly – Tomo II
Rio de Mouro, Everest Editora, 2006



O Coelho da Páscoa

Os coelhos da Páscoa não existem!

Pelo menos é o que muita gente pensa. E dizem:

— Um coelho é um coelho, quer esteja na coelheira ou no campo. E não põe ovos. Então como é que podia trazê-los pela Páscoa?

Além do mais, um coelho não consegue abrir uma porta ou saltar uma vedação. E onde é que ia arranjar um cesto para pôr os ovos, se mesmo assim os tivesse?

Ainda por cima, todos os coelhos têm medo dos homens! É triste, mas é assim!

Contudo, seria maravilhoso se imaginasses um coelho da Páscoa só teu.

Ora aqui está ele! Tem mais ou menos a tua altura e umas belas orelhas compridas.

Já está vestido com um fato de todas as cores e traz às costas um cestinho com todas as tuas prendas.

Vem a tua casa! Atravessa prados, bosques e salta por cima de todos os ribeiros. Oh! Olha uma raposa a tentar apanhá-lo!

Mas o coelho não tem medo nenhum.

— Sou o coelho da Páscoa — diz ele calmamente.

— Oh, as minhas desculpas! — responde-lhe a raposa.

O teu coelhinho chega a uma cidadezinha. Vem um cão a ladrar com toda a força, mas quando vê que é o coelho da Páscoa, abana a cauda alegremente.

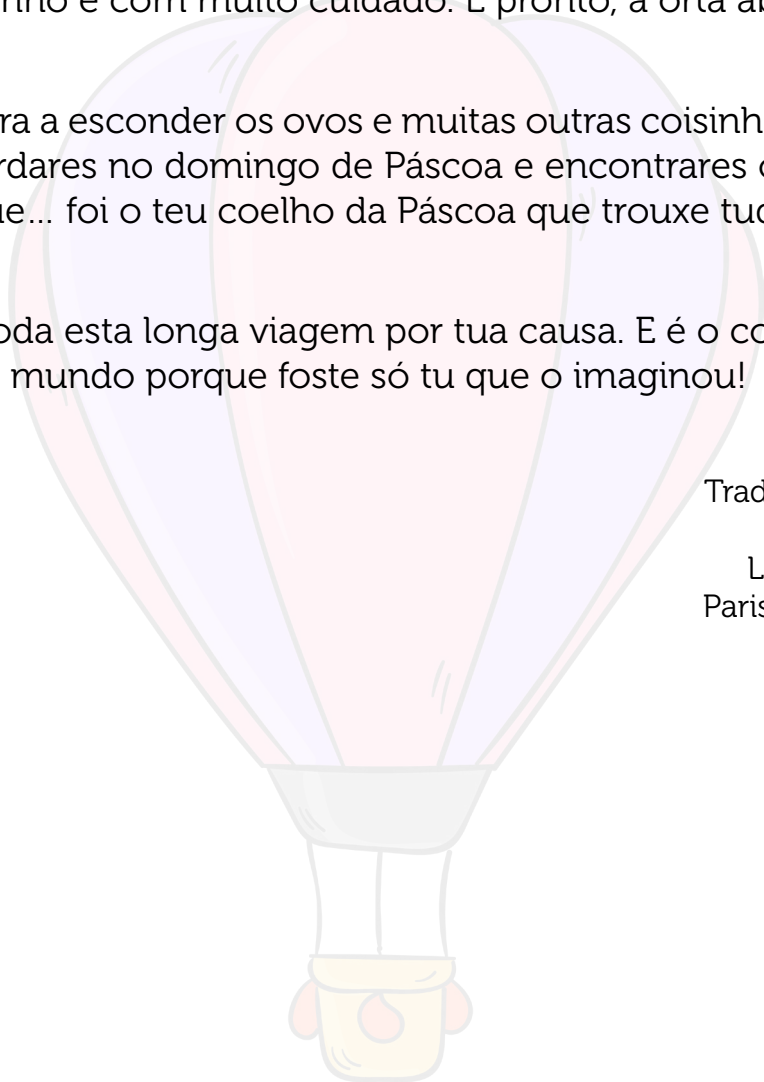
O coelho da Páscoa passa por cima das sebes, atravessa jardins e chega finalmente à soleira da tua porta.

Mete a ponta de uma das suas longas orelhas na fechadura e roda-a muito devagarinho e com muito cuidado. E pronto, a ortá abre-se.

Está agora a esconder os ovos e muitas outras coisinhas que trouxe. E quando tu acordares no domingo de Páscoa e encontrares os ovos, vais ter a certeza de que... foi o teu coelho da Páscoa que trouxe tudo!

Ele fez toda esta longa viagem por tua causa. E é o coelho da Páscoa mais bonito do mundo porque foste só tu que o imaginou!

Tradução e adaptação
Winfred Wolf
Le Lapin de Pâques
Paris, Casterman, 1987



Micha e o Mistério da Páscoa – Visita Tardia

Rute estava a pôr a mesa para o jantar e tinha mandado Micha à cozinha buscar o pão quando bateram à porta de casa, pesada, de madeira. O rapazinho parou por instantes e ia a correr para a porta. Mas um sonoro “Alto!” do pai deteve-o.

— Quando já tiver escurecido lá fora, é melhor ser eu a abrir a porta — diz o pai, levantando-se da mesa. Pegou na lamparina de óleo e seguiu sem pressa pelo vestibulo estreito até à porta.

— Sabe-se lá quem é que anda pelas ruas, tão perto da festa da Páscoa — diz a mãe observando o marido, Jonatan, correr para o lado uma tabuinha da porta e olhar para fora através de uma fresta estreita.

— Não abras — sussurrou-lhe, pondo-se atrás dele. — Quem quiser alguma coisa de nós também pode vir cá amanhã. De manhã, com luz.

Rebeca e Ariel, os irmãos mais novos de Micha, não se tinham levantado da mesa. Observavam o pai, espantados.

Jonatan voltou a correr a tabuinha e preparou-se para correr o trinco pesado.

— Jonatan — disse Rute a medo, agarrando-lhe no braço. Mas Jonatan virou-se ligeiramente para trás com um sorriso comprometedor e fez-lhes um aceno de cabeça para acalmá-los a todos.

— Não acredito, são vocês! — disse para fora ao abrir a porta para deixar entrar uma mulher e duas crianças. — Mas só estavam a pensar chegar amanhã ou depois. O que vos fez vir ainda hoje a Jerusalém e a uma hora tão tardia?

— Queríamos sem falta estar em vossa casa para a festa da Páscoa — respondeu a mulher. — Os outros ainda montaram o acampamento às portas da cidade mas nós queríamos, sem falta, vir ter com vocês ainda hoje.

— Marta! — exclamou Rute, correndo com passos largos para a mulher e abraçou-a.

De seguida cumprimentou as duas crianças que se encostavam à senhora, um pouco amedrontados e tímidos.

— Tu deves ser a Ester, de certeza — disse Rute numa voz calorosa. — E tu deves ser o Daniel. — E quando os dois abanaram a cabeça em sinal afirmativo, perguntou a rir:

— Então, de certeza que sabem quem eu sou.

— A tia Rute — disseram Ester e Daniel em coro.

— Vocês chegaram mesmo a tempo do jantar! — Rute empurrou-os para a mesa onde ainda havia espaço suficiente.

Entretanto, Jonatan tinha fechado e trancado a porta e juntava-se a eles.

— Micha, Rebeca.

Os filhos sabiam exactamente o que o pai queria dizer ao olhar para eles e apontando para as visitas. Saíram e trouxeram duas bacias de água, que colocaram frente das crianças.

— Temos sempre muito tempo — disse Rute. Baixou-se em frente de Daniel e Ester e tirou-lhes as sandálias dos pés. As crianças meteram-nos imediatamente na bacia.

Micha observava furtivamente como a mulher tirava agora as sandálias e lavava o pó dos pés. Era mesmo muito parecida com a mãe.

— Os teus filhos também já estão grandes, Rute — dizia ela naquele momento. E quando Rebeca lhe deu um pano para se limpar, fez-lhe uma festa no cabelo.

— Ainda não tinhas nascido quando fui para Canã — disse em voz baixa. — E o Micha tinha feito dois anos. — Sorriu-lhe com os olhos pretos e Micha viu que ela era lindíssima. — De certeza que já não te lembras de mim.

Então ela era a tia Marta, a irmã da mãe, de quem ela tanto lhes tinha falado. A tia Marta tinha-se mudado para Canã há muitos anos com Tomás, o marido. Tomás viera na altura a Jerusalém para a festa de Passah. Marta e ele tinham-se conhecido e apaixonado um pelo outro imediatamente. Mas depois da festa da Páscoa, ele teve de regressar a Canã, onde moravam os pais e onde tinha o seu trabalho. Mas, passado meio ano, estava de volta e falou com os pais de Marta e o pai consentiu que casasse com ela. Desde o casamento que Marta e Tomás viviam em Canã. Os avós de Micha tinham viajado até Canã para o casamento, mas geralmente moravam com o tio David, apenas algumas ruas afastados da família de Micha.

Desde aquela altura que as irmãs nunca mais se tinham visto. O caminho para Jerusalém era longe e Rute também não tinha saído de Jerusalém. Entretanto, Micha já tinha dez anos e Rebeca oito.

— Tu deves ser um pouco mais nova do que a Ester — disse a tia Marta. — Ela vai fazer nove para a semana.

— Eu já tenho oito há muito tempo — responde Rebeca, com orgulho. — No mínimo, há duas semanas. — Olhou admirada em volta quando todos se riram. Tinha a certeza de que não tinha dito nada engraçado.

— E o Daniel tem a mesma idade que eu — exclamou Ester, agradecendo com a cabeça quando a mãe deitou verdura no prato.

— Isso não é possível! — disse Rebeca abruptamente.

— É — respondeu Daniel. Era a primeira vez que ele dizia alguma coisa. — Claro que é. Nós somos gémeos.

Agora riram-se todos porque Rebeca estava boquiaberta.

— Tenho ainda uma pequena surpresa para todos — a mãe entrava

com uma terrina que colocou no centro da mesa. Assim que levantou a tampa, Daniel exclamou, felicíssimo:

— Peixe!

— Peixe é a comida preferida dele — explicou Marta.

Apressaram-se a repartir o peixe, pois só sabia bem quando comido ainda quente. Todos se serviram e chegou para todos.

— Onde é que deixaram o vosso pai? — perguntou Jonatan depois de comer. — De certeza que não fizeram sozinhos o longo caminho de Canã até Jerusalém!

— Quando é que partiram? — perguntou Rebeca entretanto. — Quanto tempo estiveram a caminho?

— Eles montaram um acampamento aqui pertinho, entre duas aldeias — contou Marta. — O Tomás também lá está.

— Onde? — perguntou Rute.

— Entre Betfagé e Betânia — Marta sorriu. — Mas eu não consegui esperar mais. Queria, sem falta, voltar a ver a minha irmã.

Rute passou imediatamente o braço à volta dela.

— Conheço Betânia — disse Jonatan. — Já lá estive. Mas porque é que Tomás não veio contigo? Já que está tão perto de nós não precisa de ficar a dormir num acampamento. Temos espaço que chegue.

— Queria ficar com o Mestre — respondeu Marta em voz baixa. — E também queriam ainda arranjar um burro para o Mestre. O Tomás vem amanhã, com toda a certeza.

— Já vimos a caminho há muito tempo — informou então Daniel.

Marta confirmou com um aceno de cabeça. — Há mais de três meses.

— Três meses? — Micha não queria acreditar. — É preciso assim tanto tempo para vir de Canã a Jerusalém?

— Nós vimos a seguir Jesus — respondeu Ester em voz baixa. — Ele tinha de parar em todo o lado, porque havia muita gente que lhe queria falar! Foi por isso que demorou tanto tempo.

— Receberam a minha mensagem, não? — perguntava agora Marta.

Jonatan disse que sim com a cabeça.

— Claro. Também avisámos logo os teus pais. Estão à vossa espera amanhã e estão muito contentes por irem ver-vos a todos.

Jonatan olhou pensativamente para Marta.

— Vocês têm andado com esse Jesus de Nazaré? — perguntou, um tanto incrédulo. Quando as crianças acenaram com a cabeça em sinal afirmativo, disse:

— Ouvi falar dele.

— Quem é? — perguntou Micha imediatamente. — Que tipo de pessoa é?

— Jesus é Jesus — respondeu Daniel em poucas palavras.

— E vocês já andam com ele há mais de três meses? — Rute abanava a cabeça, admirada. — E o teu homem deixou simplesmente o trabalho?

A irmã abanou a cabeça. — Não só o Tomás. Outros também.

— E a vossa casa? As galinhas e os gansos? Abandonou tudo, assim sem mais?

— Eu também, Rute.

— Nós os quatro — confirmou Ester e Daniel. — Agora são o avô e a avó que têm de tomar conta de tudo lá em casa.

— José, o irmão de Tomás, prometeu cuidar de tudo — acrescentou Marta. — Também queria ter vindo mas acabou por ficar em Canã.

— Ao menos alguém tem de manter a cabeça no lugar — resmungou Jonatan. — Mas eu não entendo nada disso.

E abanava a cabeça de um lado para o outro, duvidoso.

— Isso não pode ser assim tão simples, sem consequências. Não pode chegar uma pessoa, sem mais, e vocês largarem tudo e segui-lo. Tu, o teu marido e as crianças.

— Bem vêes que foi exactamente assim — respondeu simplesmente a cunhada.

— E de que é que viveram durante esse tempo todo? Têm economias? Já gastaram tudo?

— Por favor, Jonatan — Rute fê-lo calar imediatamente. — Isso agora não é nada da tua conta!

— Juntámos todos o dinheiro, os que andam com Jesus — Marta disse aquilo de forma tão natural como se não houvesse nenhuma dificuldade ou dúvidas. — E chegou sempre para todos.

— Quantos é que foram? — perguntou Jonatan.

— Às vezes vinte, às vezes trinta ou mais. Homens, mulheres e crianças — contou ela. — Judas gere o dinheiro e ele consegue fazer com que tenhamos sempre o suficiente para comer e beber.

— E quando o dinheiro se esgotou? — Jonatan não desistia.

— Então foi Jesus que nos sustentou — Daniel respondeu à pergunta.

— Ah, Jesus... Mas como? Tinha mais dinheiro em caixa?

— Não — desta vez foi Ester que respondeu a rir. Ela ficava admirada como é que os adultos, por vezes, podem fazer perguntas tão parvas. — Ele disse uma oração. Depois repartimos o pão e chegou para todos.

— E primeiro eram só cinco pães — acrescentou Daniel. — Eu vi muito bem.

— Cinco pães e dois peixes — disse Ester.

— E no fim ficaram todos sem fome? — pergunta Rebeca assombrada.

— Eram muitas pessoas a comer — continuou Marta a contar. — Diz-se que mais de cinco mil.

— E todos satisfeitos? — Micha não podia acreditar.

— Sim, todos — disse a tia Marta — Bem, ele é o Messias!

— O Messias? — perguntou Rebeca hesitante.

— O Salvador — a tia Marta abanou a cabeça. — Messias é como muitos o tratam.

Há muito tempo que esperamos este salvador. Já nos livros antigos lhe é feita referência.

— O Messias é uma pessoa que é ungida — Ester tenta explicar à prima. — Quando uma pessoa se torna rei, é ungida com óleo precioso sagrado.

— Jesus é esse salvador? — pergunta Micha. — Deus ungiu-o a rei?

— Sim — respondeu Marta.

— Mas ele não quer que o tratemos assim — objectou Daniel.

— Então como é que o tratam? — quis saber Rebeca.

— Os adultos tratam-no por Mestre ou Senhor — respondeu Daniel.

Rute voltou-se para o marido: — Já sabias deste Messias? — perguntou.

— Pouco — disse Jonatan em voz baixa.

— Porque é que nunca falaste dele?

— Não levei tudo isto muito a sério.

— Amanhã ele vem a Jerusalém! — exclamou Ester. — Os amigos vão arranjar-lhe um burro ainda hoje.

— Vai entrar pela porta de Jerusalém montado num burro — os olhos de Daniel brilhavam. — Vai entrar pela porta como um verdadeiro rei.

— Se calhar nem vai haver muita gente a reparar nele — Marta esfriava-lhe o entusiasmo. — Vai ser discreto como sempre. Ninguém vai pensar que aquele homem tão simples é um rei.

Ester olhou para a mãe, admirada.

— Mas os amigos dele aqui em Jerusalém de certeza que vão recebê-lo com júbilo.

Marta fez-lhe uma festa na cara e disse a Jonatan:

— Jesus queria reunir-se à noite com os amigos em Jerusalém e festejar a Páscoa — pensou um pouco. — Não há ali no cimo da cidade aquela sala bonita?

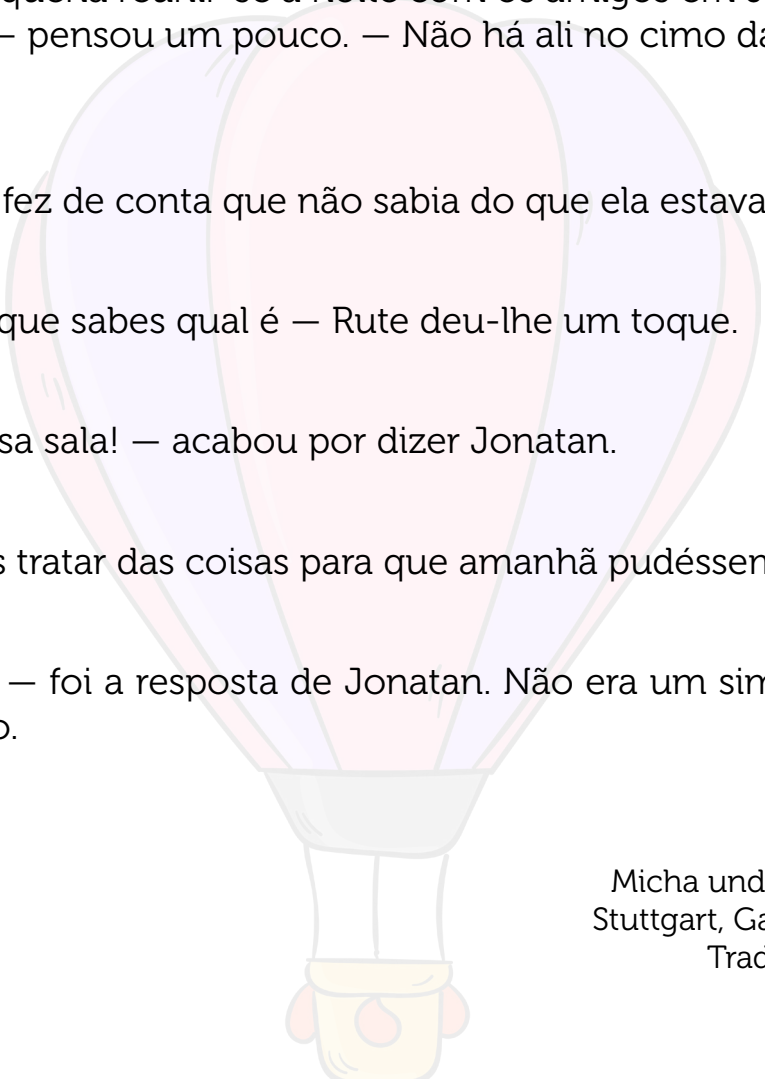
Jonatan fez de conta que não sabia do que ela estava a falar.

— Claro que sabes qual é — Rute deu-lhe um toque.

— Ah, essa sala! — acabou por dizer Jonatan.

— Podias tratar das coisas para que amanhã pudéssemos tê-la?

— Hmm — foi a resposta de Jonatan. Não era um sim, mas também não era um não.



Rolf Krenzer
Micha und das Osterwunder
Stuttgart, Gabriel Verlag, 2003
Traduzido e adaptado

Micha e o Mistério da Páscoa – Conversas Noturna

Já era tarde. No pequeno quarto, as esteiras tinham sido arrastadas de forma a haver lugar para as crianças todas. Pouco depois, aconchegavam-se umas às outras e sentiam prazer em adormecer tão quentinhas e em segurança. Claro que primeiro cochicharam umas com as outras a dizer disparates, guincharam e riram até Rute impor silêncio com uma palavra enérgica. Só Micha e Daniel segredavam ainda um com o outro. Micha queria saber muito mais sobre o que Daniel tinha vivido nos últimos três meses com Jesus. E Daniel contava com agrado.

Os rapazes assustaram-se quando voltaram a bater à porta de casa. Jonatan tornou a ir à porta e abriu após ligeira hesitação.

Os rapazes só ouviam segredar. Não puderam perceber nada mas, mesmo assim, Micha reconheceu algumas vozes.

— São vizinhos e amigos dos meus pais — segredou ao ouvido de Daniel.

Estavam deitados lado a lado de olhos fechados, com a respiração suspensa, a escutar a conversa dos adultos que se tinham sentado à volta da mesa.

— Ouves? Também estão a falar de Jesus — disse Daniel em voz baixa.

— Chiu! — Micha tinha medo que os outros pudessem acordar. — Estão a dizer que amanhã de manhã, Jesus vai entrar pela porta da cidade como um rei.

Daniel acenou com a cabeça.

E, aos poucos, foram ficando a saber que muita gente estava contente com o que ia acontecer no dia seguinte, mas outros, e esses eram os poderosos de Jerusalém, os altos sacerdotes e todos os que tinham poder, não estavam nada de acordo. Viam nele um instigador da desordem e queriam ver-se livres dele o mais rápido possível.

— O imperador fez da nossa terra uma parte do império romano — disse alguém. — Pilatos vai prendê-lo imediatamente, quando souber que as pessoas exaltam Jesus.

— Quem é? — perguntou Daniel em voz baixa.

— O nosso vizinho Macabeus — respondeu Micha.

— Não, Pilatos. Quem é Pilatos?

— O governador do imperador romano. O representante dele em Jerusalém.

— Nós já tínhamos os nossos reis em Jerusalém — dizia agora alguém na sala ao lado. — Muitos. Mesmo que não tenham muito a dizer e tenham de obedecer aos romanos.

— Isso é o que o meu pai está sempre a dizer — murmurou Micha.

— E os altos sacerdotes do templo — disse agora uma mulher.

— E os rabinos que ensinam a lei de Deus e cuidam para que não seja infringida — acrescentou a mãe de Micha. — Eles são os piores.

— Nem tudo são leis de Deus

— Marta, como podes pensar assim? — Micha sentiu censura na voz da mãe.

— É Jesus que diz.

— É outra vez a minha mãe — sussurra Daniel com orgulho.

— Jesus assim diz — volta ela a repetir energicamente. — Ele di-lo em

nome de Deus.

— Como é que sabes? — perguntam várias vozes ao mesmo tempo em confusão.

— Eu estava lá — respondeu Marta.

— Eu também — Daniel deu um toque ao primo.

A voz da mulher na sala ao lado, soava clara e distinta. E os dois rapazes escutavam-na com a mesma atenção que os outros homens e mulheres.

— Eu estava lá — dizia — quando ele curou doentes. De repente, os paralíticos puderam andar. Os mudos voltaram a falar. Os cegos voltaram a ver. Eu estava lá quando ele, em Nain, acordou um rapaz da morte. As pessoas abraçaram-no de tão felizes que estavam, mas Jesus repetia: “Não me agradeçais a mim, mas a Deus. Ele enviou-me para vós.” — Marta calou-se um momento, depois prosseguiu. — Jesus perdoa os pecados aos homens. Isso é o mais importante.

— Não! — respondeu tão alto o pai de Micha, que ele sentiu a sua indignação. — Perdoar os pecados. Só um pode fazer isso, e esse alguém é Deus.

— Isso é o que dizem os altos dignitários e os Doutores da Lei — disse Daniel a Micha, esquecendo-se de falar baixo. — Eles afirmam que ele blasfema contra Deus, por isso é que preferem matá-lo.

Num ápice, as mães estavam ao lado deles com lamparinas.

— Vocês já deviam estar a dormir há muito — disse Rute em voz baixa.

— Não acordeis os pequenos — acrescentou Marta.

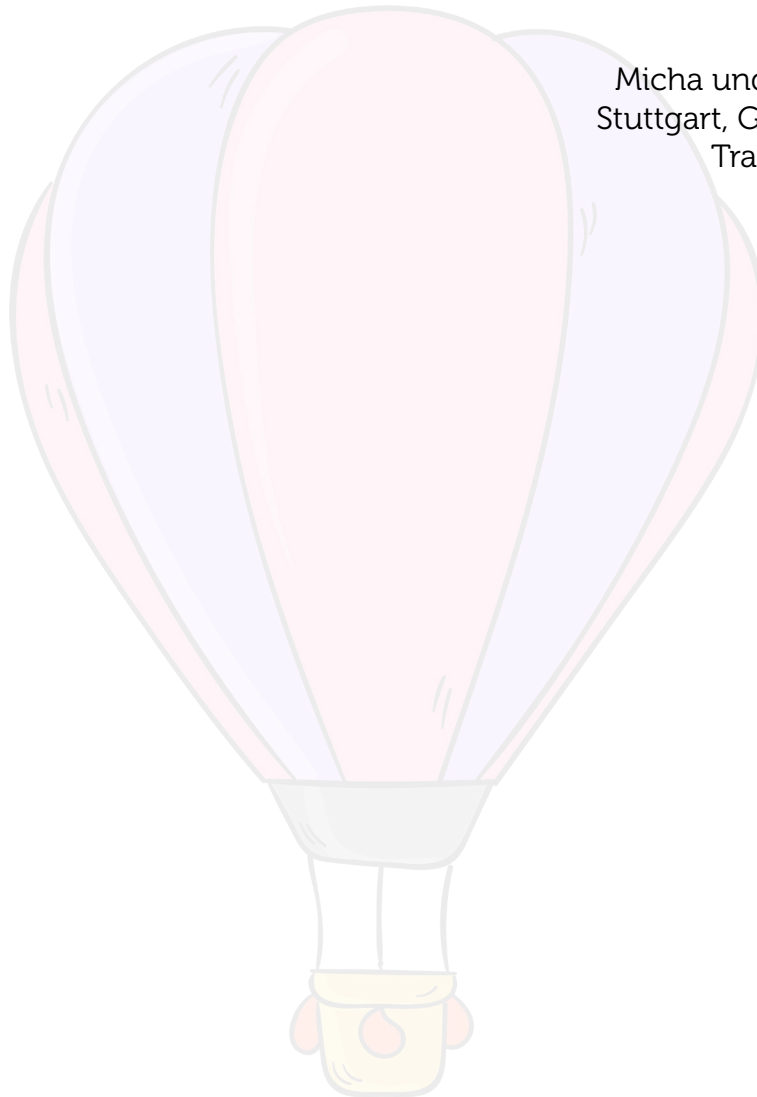
— Boa noite — respondeu Micha tão baixinho, que mal se ouviu.

– Boa noite – disse Daniel também baixinho.

– Durmam bem – disseram as duas mulheres ao sair.

Mas Micha esteve acordado ainda muito tempo, enquanto o primo, ao lado dele, já dormia profundamente. Aquilo que ouvira hoje não lhe saía da cabeça.

Rolf Krenzer
Micha und das Osterwunder
Stuttgart, Gabriel Verlag, 2003
Traduzido e adaptado



Micha e o Mistério da Páscoa – Em Casa dos Avós

Hoje estavam todos convidados para ir comer a casa dos avós. Assim que Tomás chegou, Rute abriu a porta

— Mara, os nossos netos de Canã já chegaram — gritou Josha, correndo para a porta.

De início, Daniel e Ester estavam um pouco intimidados quando se viram tão de repente em frente dos avós. Mas o avô, com a longa barba, era exactamente como Daniel e Ester o tinham imaginado. Ele observou-os longamente, meneou a cabeça, pousou-lhes as mãos carinhosamente na cabeça.

— Eu vos abençoo, Ester e Daniel — disse. — Deus seja louvado por me permitir ver-vos e receber-vos em minha casa.

Micha reparou que o avô tinha lágrimas nos olhos, de tão feliz que estava.

A avó tomou os dois netos nos braços sem grandes cerimónias, apertou-os a si e deu a cada um beijo efusivo. Não é de admirar que os dois se sentissem logo em casa.

— Fizeste comida a mais! — exclamou Marta, abraçando Mara. — Tanta comida boa de uma só vez. Nem vamos conseguir comer tudo.

— Espera só — disse Josha a rir, indicando a cada um o lugar à mesa. — Na verdade, cada um devia ocupar à mesa um lugar de honra — disse — mas não temos assim tantos na nossa mesa.

Apontou para Tomás.

— Tu sentas-te com a Marta à minha direita. Recebo Jonatan e Rute mais vezes em casa. Hoje vocês têm de contentar-se com a minha esquerda. O meu filho David está sempre comigo e hoje pode, excepcionalmente,

afastar-se um pouco mais para o lado.

— E a avó? — pergunta Micha. — Ela senta-se sempre à tua beira!

— Hoje vai sentar-se à minha frente — disse o avô. — Assim temos os filhos todos à nossa volta.

David trouxe para dentro dois jarros, para que houvesse água que chegasse para todos lavarem as mãos antes de comer. Assim, passaram a água e as toalhas em roda até todos estarem prontos para comer.

Mara começou por colocar na mesa pão de trigo fresco, para celebrar o dia. Rute tinha-o cozido de manhã no pequeno forno, com erva seca, palha e carvão. Só às vezes é que havia pão de trigo. De resto, contentavam-se com simples pão de cevada, como a maioria das pessoas.

De seguida, Mara trouxe uma grande panela com guisado. Entusiasmado, Micha gritou "Ah!" quando descobriu que era carne de carneiro com lentilhas. Além disso, havia outra comida de festa: pombos assados.

Quando todos os pratos estavam em cima da mesa, Josha abençoou tudo o que iam comer:

— Bom Deus, abençoado Deus — disse. — Reuniste-nos aqui hoje e estamos-te agradecidos por isso. Todos os dias nos dás de comer e de beber. Quando comermos, não nos esqueceremos de te agradecer pelas tuas dádivas — Depois ergueu as mãos e estendeu-as sobre a comida.

— Graças a Deus — disse Mara.

— Graças a deus — disseram depois todos em coro.

Rolf Krenzer
Micha und das Osterwunder
Stuttgart, Gabriel Verlag, 2003
Traduzido e adaptado

Micha e o Mistério da Páscoa – A Favor ou Contra Jesus?

Durante a refeição, pouco se falou. Mas Micha sentia claramente que aquela calma era aparente. Era como a atmosfera antes de uma tempestade.

Quando as mulheres levantaram a mesa, o silêncio era quase insuportável. Josha olhava em volta, calado, olhava um após outro e finalmente dirigiu-se a Tomás, o genro.

— Estamos muito contentes por ter-vos finalmente connosco — disse ponderadamente. — A ti, à Marta e aos vossos dois filhos.

E pigarreou.

— Ouvi dizer que vocês, em Canã partiram precipitadamente e abandonaram tudo.

— O meu irmão e os meus pais estão a tomar conta das nossas coisas — respondeu Tomás calmamente.

— Vocês vieram mesmo com esse filho de um carpinteiro de Nazaré? — continuou Josha.

— Sim, com Jesus — respondeu Marta.

Agora era David que não conseguia manter-se calmo mais tempo.

— Esse Jesus é um falso profeta, Tomás! — exclamou, inclinando-se para a frente. — Ele blasfema contra Deus!

— Foi Deus quem no-Lo enviou. Só faz o que Deus lhe manda — respondeu Tomás.

Josha interrompeu-o com uma voz cortante.

— E Deus pede-lhe que entre em Jerusalém como um rei? Como se fosse o Messias de quem estamos à espera há anos?

— Ele é o Messias.

— Quem é que disse isso? — Josha levantou-se agitado.

— Ele próprio — respondeu agora Marta.

— Ele blasfema contra Deus.

O velho deixou-se cair pesadamente no lugar. Respirava furioso.

— O Messias há-de salvar-nos e libertar-nos. É o próprio Deus que no-Lo vai enviar. Não acreditas no que dizem as nossas antigas escrituras, Marta?

— Eu acredito e confio em Jesus — respondeu Marta, olhando o pai firmemente nos olhos.

— Eu também — diz Daniel.

— Ele blasfema contra Deus, quebra as leis! É um falso profeta! — diz Josha em tom de lamento, enterrando a cabeça nas mãos.

— Ele é o rei do céu e da terra — diz Tomás em voz alta. — Veio a Jerusalém para a festa da Páscoa e vamos todos ver como ele se apresenta como rei e Messias.

— Ele vai atirar-nos a todos para a perdição! — disse Josha, levantando-se. — Deixa-me — disse ele, rejeitando Marta, que queria segurá-lo.

— Pai!

— Deixa-o ir — disse Mara calmamente, detendo Marta. Josha já tinha deixado a sala. — Quer estar sozinho. Vai reflectir naquilo que vós lhe disses-tes.

— O que é que Jesus quer provar-nos, aqui em Jerusalém? — pergunta Jonatan.

— Ele também disse que tem de morrer — Micha ouviu claramente a voz da tia a tremer.

— A minha irmã tinha de se deixar enganar por um falso profeta — exclamou David, batendo com o punho na mesa.

— Meninos — a voz amedrontada de Mara soou no meio deles. — Hoje não vamos discutir por isso. Hoje, que estamos todos juntos em casa, após tanto tempo.

E começou a chorar. Rute abraçou-a.

— Como é que ele quer provar que é o profeta? — pensou Rute em voz alta.

— Devia-se obrigá-lo a isso — observou Jonatan. — Pelo menos foi o que disse um dos discípulos que eu encontrei há pouco.

— Quem é que encontraste? — perguntou Tomás.

— Ele ia contigo esta manhã atrás de Jesus. Acho que se chama Judas.

— Também o conheço — Rute olhou para a irmã. — Não era aquele com a caixa do dinheiro, que encontrámos esta manhã?

Marta acenou com a cabeça. Depois pôs-se em pé com um salto.

— Oh! Eu tinha prometido ajudar. Temos de preparar a refeição para a festa desta noite!

Tinha chegado o momento certo para as crianças.

— Levas-nos contigo? — pediram. Após uma curta hesitação, Marta consentiu.

— Também vou — gritou Jonatan. — As mesas têm de ser armadas e de certeza que ainda há muito para fazer. Toda a ajuda vai ser precisa e duas mãos de homem, de certeza absoluta — e fez um sinal com a cabeça à mulher. — Eu trago os três quando vier para casa. Vá, vamos.

O pai de Micha dirigia-se para a porta.

Nesse momento, David levantou-se e agarrou Jonatan com força pelo braço.

— Queres mesmo ir, Jonatan? — perguntou-lhe. — Agora também andas a correr atrás desse falso profeta? Também já te convenceu a isso? Até ontem tinhas estado do nosso lado, vociferaste em voz alta contra todos os que quebram as leis e deste razão aos nossos doutores de leis e aos altos sacerdotes.

O tio David falava cada vez mais alto.

Jonatan libertou-se da sua mão, aborrecido. De um momento para o outro ficou vermelho de fúria.

— Quero ser eu mesmo a fazer uma ideia desse Jesus — disse — e isso só é possível se o conhecer de mais perto e souber mais coisas sobre ele. Talvez seja um falso profeta mas, se calhar, é mesmo o Messias. Eu quero descobrir por mim.

Micha ficou parado ao lado do pai, assustado. Nunca tinha visto o pai e o tio David discutirem. Gostava tanto do pai! E como adorava o tio! E ainda

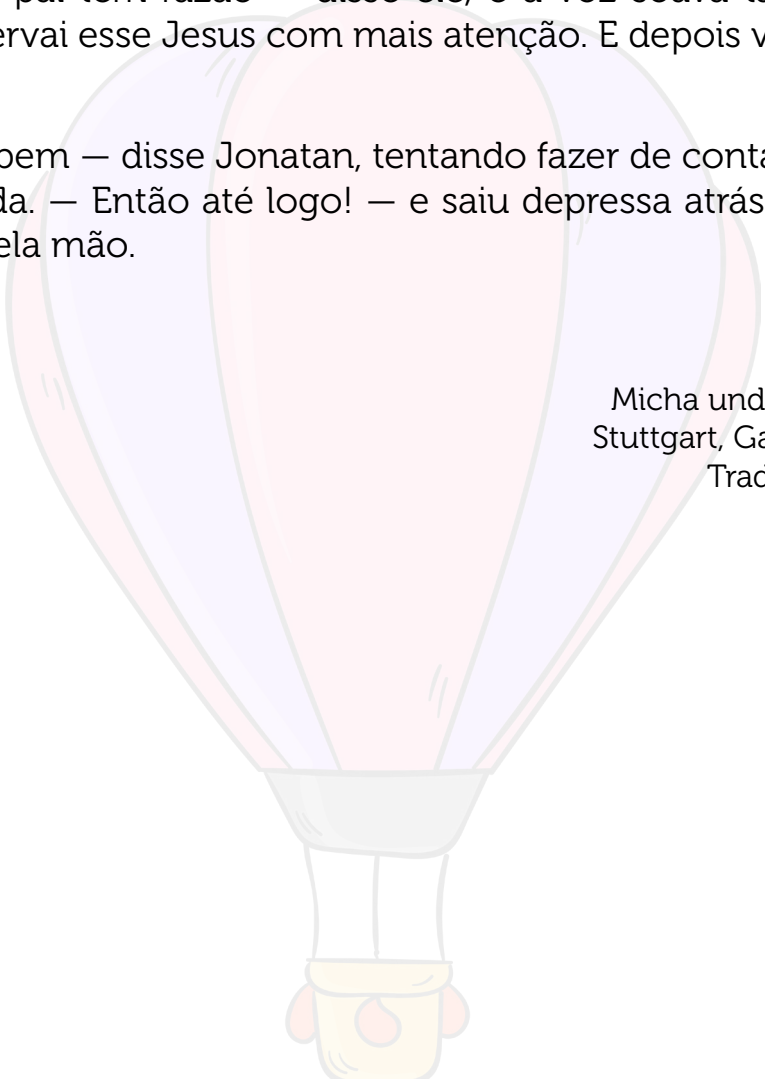
por cima tinham começado a discutir por causa de Jesus. Pegou na mão do pai e quis puxá-lo dali para fora.

— Papá — queixou-se, assustado.

David viu então como Micha estava infeliz.

— O teu pai tem razão — disse ele, e a voz soava tão afável como sempre — Observai esse Jesus com mais atenção. E depois voltamos a falar.

— Tudo bem — disse Jonatan, tentando fazer de conta que não tinha acontecido nada. — Então até logo! — e saiu depressa atrás dos outros, levando Micha pela mão.



Rolf Krenzer
Micha und das Osterwunder
Stuttgart, Gabriel Verlag, 2003
Traduzido e adaptado

Micha e o Mistério da Páscoa – Um Novo Dia

Quando Micha acordou na manhã seguinte, já era dia claro. Esfregou os olhos e sentou-se na cama. Rebeca e Ariel há muito que estavam acordados, Miriam e Ester também. Só Daniel, ao lado dele, dormia profundamente. A pouco e pouco, Micha lembrou-se do dia anterior e da noite.

Acordou por completo quando se lembrou do que acontecera a Jesus. Agora estava a lembrar-se novamente das muitas pessoas que tinham estado em casa deles, das suas preocupações e medos. E não pôde deixar de pensar em João, que tinha voltado a fugir durante a noite. Em nada lhe parecera o alegre João que ainda ontem de manhã tinha sido. Micha fechou os olhos outra vez. Agora iria voltar a acordar e tudo não passaria de um pesadelo. No entanto, quando reabriu os olhos, nada mudara. Não era sonho. Tinha de facto vivido aquela noite má!

Daniel, ao seu lado, sentou-se na cama, muito calado. De repente, tapou as mãos com a cara e começou a chorar. Marta e Rute foram ter com eles ao quarto. Marta apertou Daniel com força contra si e baloiçava-se de um lado para o outro. Micha também se apertava contra a mãe.

— Eles têm de libertar Jesus — dizia Rute, tentando que a voz soasse confiante e esperançosa. — Ele não fez nada de mal.

— Só disse e fez o que Deus quis que fizesse — acrescentou Marta. — Jesus curou doentes, deu de comer a quem tinha fome e falou aos homens sobre o grande amor de Deus.

— Não, não podem julgá-lo e matá-lo — disse Micha com determinação.

— Não digas coisas tão horríveis — repreendeu-o a mãe.

— Mas ele próprio disse que tinha de morrer — respondeu Micha em voz baixa.

Quando de se levantaram e Rute lhes serviu pão, mel e leite, repara-

ram que todos os outros já lá não estavam. Só Miriam com a mãe, Madalena.

— Todos têm amigos e familiares na cidade — explicou Rute. — Nos próximos dias vão ficar albergados em casa deles. Já foram embora de manhã cedo.

— E a mãe convidou Miriam e a mãe, Madalena, a ficarem em nossa casa! — exclamou Ester. Viraram-se todos para ela e viram o quanto se alegrava com aquilo.

— Quando o Daniel estiver pronto, também temos de ir em embora — disse Tomás, que se sentou à mesa com Jonatan. Tinham estado a falar um com o outro em voz baixa e só agora repararam que os dois rapazes tinham entrado.

— Não! — exclamaram Micha e Daniel ao mesmo tempo.

— Não pode ser — disse Micha. E Daniel fez coro: — Eu quero ficar aqui.

— Os vossos avós vão ficar zangados se os netos não quiserem morar com eles!

Marta estava mesmo descontente.

— Estão a contar que vamos agora todos morar em casa deles — confirmou Tomás.

— Os teus pais têm razão — disse Jonatan a Daniel.

— Vocês podem visitar-se um ao outro todos os dias — disse Rute.

— Os avós têm mais netos — exclamou Micha de repente e riu-se da sua própria ideia. — Talvez fiquem ainda mais contentes se agora dormirem três netos em casa deles.

— E nós precisamos de muito pouco espaço — acrescentou Daniel. — Apertamo-nos todos uns contra os outros.

Rute riu-se

— Vai e pergunta se também podes dormir em casa deles — disse a Micha, fazendo-lhe uma festa na cabeça. — Hoje estamos todos convidados a ir comer outra vez a casa deles. Depois perguntamos aos avós.

Virou-se para Miriam e para a mãe:

— Venham também!

Será que o avô ainda estava zangado com o tio Tomás? Micha não gostava nada de se lembrar da discussão. Será que o tio David ia voltar a pegar-se com o pai? Era bom que Miriam e a mãe também fossem. Se houvesse desconhecidos à mesa, de certeza que não iriam começar a discutir.

Rolf Krenzer
Micha und das Osterwunder
Stuttgart, Gabriel Verlag, 2003
Traduzido e adaptado

Micha e o Mistério da Páscoa – O Último Caminho

Neste ano, tinha havido novamente muita afluência a Jerusalém para a Páscoa. Todos os anos era festejada para recordar a saída da “prisão” no Egito e para agradecerem a Deus uma vez mais. Para muitos, aquela era uma boa oportunidade para visitar pais e familiares, por isso, naquela altura, havia muito mais gente na capital do que de costume.

Antes da grande festa começar, eram crucificados três condenados à morte. Já tinham sido levados dois criminosos para o local da sentença. Agora levavam Jesus, nas suas roupas esfarrapadas, pelas ruas da cidade até ao local. Ele arrastava-se com imensa dificuldade. Tinha de carregar a cruz onde ia morrer.

As ruas estavam orladas de pessoas. Havia algumas que insultavam e injuriavam Jesus. Outros, faziam troça dele. Mas também as havia que choravam. Tinham vindo para se despedir de Jesus. Estavam timidamente mais atrás, e só queriam que ninguém reparasse nelas. Homens, mulheres e crianças com olhos de choro, olhavam para o homem que já mal podia andar. A pesada cruz de madeira que levava às costas quase o fazia ir ao chão.

Micha estava entre os pais. Miriam e a mãe também lá estavam. Em silêncio e cheios de tristeza, olhavam para Jesus em silêncio, que vinha na sua direcção.

— O tio David também veio — sussurrou Micha baixinho, ao mesmo tempo que, com a cabeça, saudava imperceptivelmente Daniel, em frente com a família, do outro lado da rua.

Quando Jesus estava quase a chegar junto deles, tropeçou e sucumbiu. Com dificuldade ainda conseguiu apoiar-se um pouco com a mão. As traves da cruz caíram ao chão com grande estrondo.

Jesus tentou levantar-se outra vez mas não conseguiu. Ali estava, caído, desamparado no meio da multidão, sem forças e indefeso.

Parece que agora os soldados também tinham percebido que ele não conseguia continuar, que Jesus estava no fim. Levantaram a cruz e olharam

à sua volta, como que procurando alguma coisa. Se Jesus não podia levar a cruz, então alguém tinha de carregá-la por ele. Alguém robusto e forte que aguentasse até ao local da sentença. Um homem forte estava, por acaso, ali perto. Correram para ele e tentaram persuadi-lo. Micha viu, com grande susto, que tinham escolhido um homem que estava ao lado do tio David. Sem cerimónias, os soldados arrastaram o homem até ao local onde Jesus sucumbira e ordenaram-lhe que pegasse na cruz aos ombros. Alguns soldados dirigiram-se novamente a Jesus e puxaram-no para cima. Mas tiveram de segurá-lo dos dois lados, pois sozinho já não era capaz.

A procissão prosseguiu, penosa e vagarosamente em direcção ao local da execução. À frente iam os soldados com Jesus entre eles. Seguia-se o homem com a cruz às costas. Logo atrás dele ia David. Parecia estar preparado para ajudar, caso o homem da cruz tivesse de pousá-la. E atrás dele, com passos lentos e graves, iam as pessoas que acompanhavam Jesus no seu último caminho.

Daniel, Ester e Micha estavam de mãos dadas. Quando chegaram, o local encontrava-se de tal forma cheio de gente, que só conseguiram colocar-se muito atrás. As cruces para os outros dois criminosos já estavam cravadas na terra. Só faltava a terceira. Mas, primeiro, ela foi colocada no chão com Jesus em cima. Queriam agora pregá-lo à cruz de pés e mãos. As pessoas recuaram. Só uma mulher, apoiada no braço de um homem, abriu caminho para a frente.

— Aquela é Maria — disse Marta em voz baixa. — A mãe de Jesus.

— João está a apoiá-la.

A voz de Rute tremia.

Ouviram-se marteladas impiedosas e cruéis. Gritos horríveis de aflicção chegavam até eles. As lágrimas rebentaram dos olhos de Micha. Daniel agarrou-lhe a mão. — Anda, vamos embora — disse-lhe.

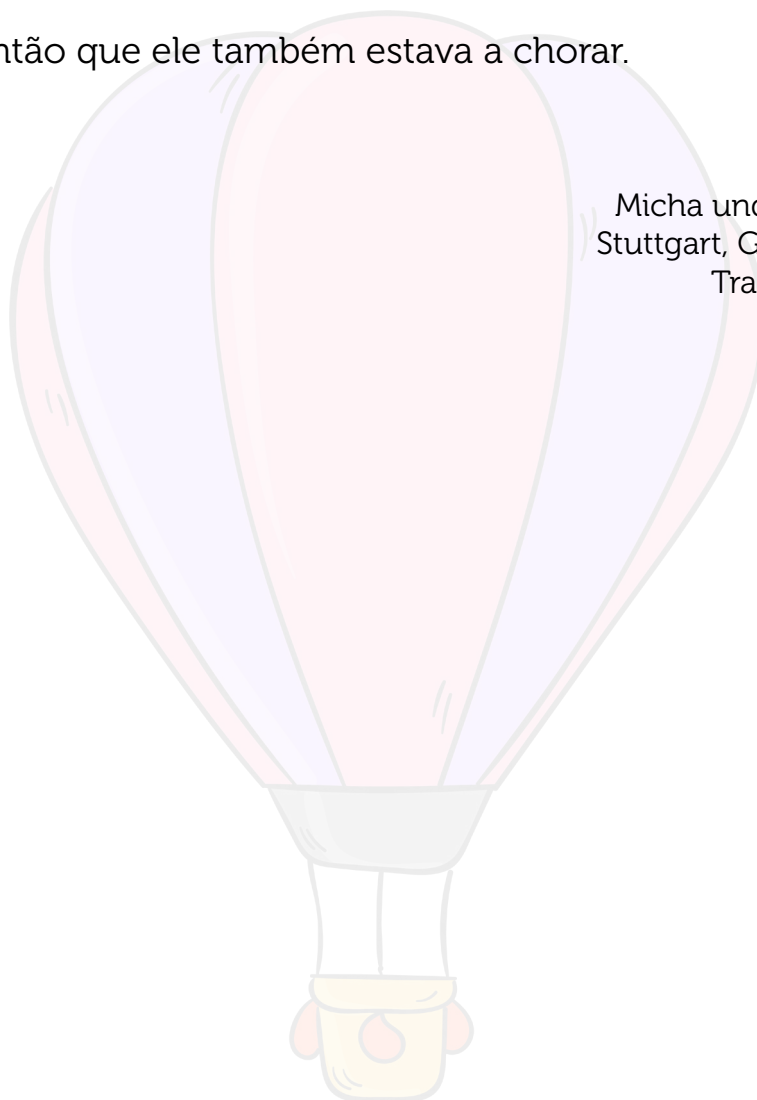
Micha olhou em redor à procura do pai. A multidão à sua volta era tal, que o tinham perdido.

Se se voltassem agora, veriam a cruz erguida e, na cruz, Jesus crucificado. Mas não olharam para trás. A chorar, regressaram à cidade. Quase não reconheciam o caminho à sua frente.

De repente, David apareceu ao lado deles.

— Vinde — disse ele. — Vamos todos juntos.

Viram então que ele também estava a chorar.



Rolf Krenzer
Micha und das Osterwunder
Stuttgart, Gabriel Verlag, 2003
Traduzido e adaptado

Um Pequeno Anjo - Natal

— NÃO VOU! — disse o pequeno anjo, batendo com o pé no chão.

Os outros anjos ficaram chocados.

— Tens de ir — sussurraram. — O Gabriel disse que todos tínhamos de ir. Disse que tínhamos de brilhar como estrelas no céu e depois ir saudar o bebé. Vão estar todos lá e ele vai ficar zangado se tu faltares.

— Mas ele não tem de saber, pois não? — perguntou o anjinho. — Se eu ficar aqui em cima até tudo estar terminado e vocês nada disserem, ele não vai saber.

— Vai, vai — disserem todos em coro. — O Gabriel sabe tudo. Não te recordas de que ele nos disse que sabia? Sabe sempre quando mentimos. Sabe se deitamos a língua de fora e sabe sempre se dizemos palavras feias. Por isso, vai descobrir que lhe desobedeceste. Anda daí!

Mas o anjinho não queria ir com eles. Então, deixaram-na ficar sozinha no escuro.

— Quero lá saber! — murmurou. — Não quero que todos olhem para mim e me vejam com este halo estúpido e com estas asas estúpidas. E, de qualquer forma, consigo ver tudo daqui de cima.

O anjinho olhou para a cena que se desenrolava a seus pés. Embora não quisesse ir, não queria perder o acontecimento. Viu os pastores com as ovelhas... Viu os três Reis Magos com as suas oferendas de ouro, incenso e mirra... Viu o estalajadeiro e a mulher, a vaca, o cavalo, o burro e os anjos.

Debruçou-se um pouco para conseguir vê-los a todos, a contemplar o bebé minúsculo num silêncio deslumbrado.

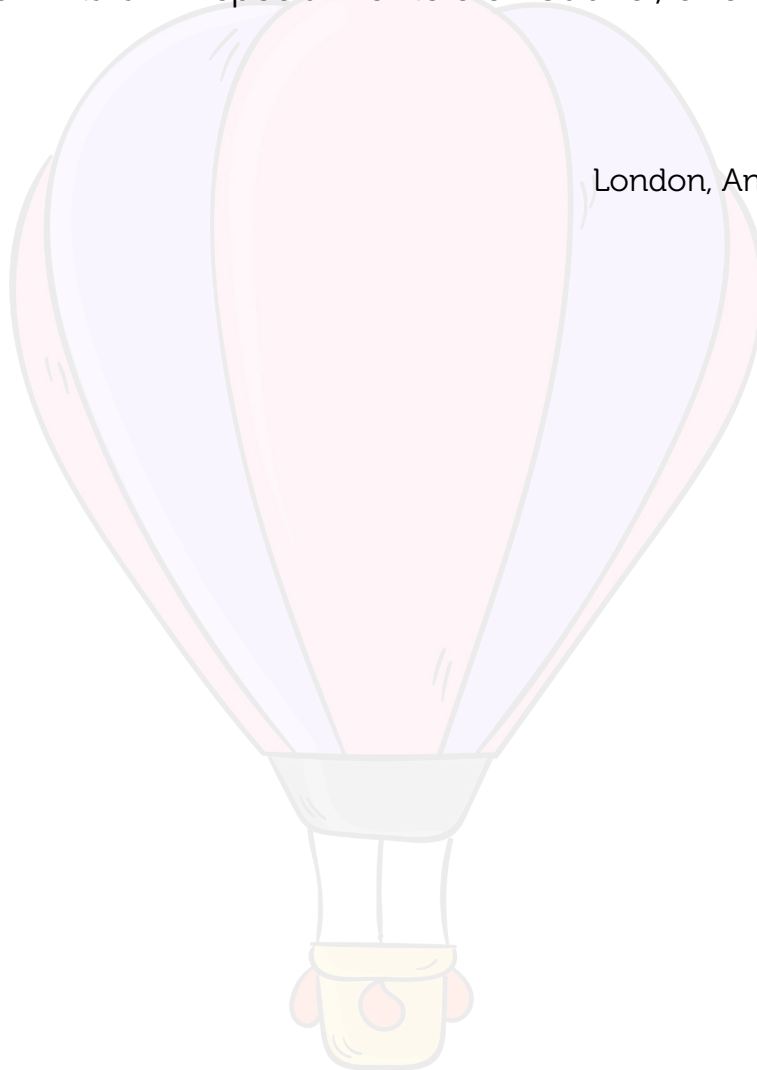
De repente, a escuridão desvaneceu-se.

Todos olharam para cima. O pequeno anjo estava banhado em luz, a luz que emanava de baixo.

Mas ela nem se mexeu. Não se podia mexer. Estava petrificada. Quando a sua boquinha começou a tremer, o silêncio foi quebrado por uma salva de palmas que ecoou em todo o auditório da escola.

O pequeno anjo, que brilhava mais do que a estrela mais brilhante, sorriu e todos o imitaram. Especialmente o Sr. Gabriel, o reitor.

Ruth Brown
One Little Angel
London, Andersen Press, 1998



Um Natal Muito Especial

Era o primeiro Natal da Rita Ratinha. O céu rasgava-se de rosas e dourados e o ar era frio.

Algo cintilava através da janela de uma casa, brilhando na escuridão da noite.

— O que é aquilo, mamã? — guinchou a Rita.

— Chama-se árvore de Natal — respondeu a mãe. — As pessoas enchem-na de bolas brilhantes, luzes e estrelas.

— Quem me dera ter uma árvore de Natal — suspirou a Rita.

— E se fôssemos à floresta procurar uma? — sugeriu a mãe. — Podes pô-la tão bonita como aquela que se vê na janela.

A Rita achou a ideia maravilhosa. Chamou os irmãos e as irmãs, e lá foram todos à procura.

Pelo caminho, encontraram um celeiro e os ratinhos aventuraram-se lá dentro, à procura de alguma coisa para colocar na sua árvore. Debaixo de um enorme monte de palha, a Rita encontrou uma boneca.

— É igual à que está no cimo da árvore de Natal que se vê à janela — comentou. — É perfeita para a nossa árvore!

Mas a boneca já tinha dono.

— Grrrrr! — rosnou o velho cão da quinta. — Essa boneca é minha!

— Não corras atrás de nós — pediu a Rita. — Só pensei que a boneca ficaria bem na nossa árvore de Natal.

O velho cão bocejou. É verdade que, por vezes, corria atrás de ratinhos. Mas, talvez por ser Natal, ou por se lembrar da altura em que brincava com as crianças, junto da árvore de Natal da quinta, o cão disse aos ratinhos que podiam levar o brinquedo emprestado.

Os ratos saíram da quinta, levando consigo a boneca, e chegaram ao outro lado da floresta.

— Vejam! Encontrei outra coisa para colocarmos na nossa árvore! — exclamou a Rita.

Era uma fita dourada, que pendia de um ramo de um carvalho. A Rita trepou pelo tronco acima, agarrou a fita e puxou...

Mas a fita pertencia a uma gralha, que queria usá-la para forrar o seu ninho.

— Por favor, não te zangues — pediu a Rita. — Só a queria para enfeitar a nossa árvore de Natal.

Ora, normalmente, as gralhas perseguem ratinhos. Mas, talvez por ser Natal, ou por também ter ficado a admirar a árvore de Natal que se via à janela, ela largou a fita e a Rita levou-a consigo.

Ao longe, a Rita viu umas coisinhas vermelhas a brilhar, caídas no chão. Eram muito parecidas com as bolas penduradas na árvore de Natal que se via à janela.

— É mesmo disto que precisamos! — exclamou a Rita, correndo para apanhar uma delas. — Agora, já temos uma boneca, uma fita dourada e uma bola brilhante!

Mas as bolas brilhantes pertenciam a uma raposa.

— Essas cerejas são minhas — resmungou. — Estou a guardá-las para ter o que comer no Inverno frio.

— Nós só achamos que uma ficaria bem na nossa árvore de Natal — disse a Rita, tremendo de medo.

A raposa cheirou-a. Já corraera atrás de muitos ratinhos. Mas, talvez por ser Natal, voltou para o interior da floresta, deixando que a Rita escolhesse uma cereja e a levasse com ela.

O sol começava a pôr-se, à medida que os ratinhos avançavam cada vez mais para o interior da floresta. Por fim, numa clareira, encontraram uma árvore verde muito grande.

— A nossa árvore de Natal! — gritou a Rita.

E, nos seus ramos, penduraram a boneca, a fita e a cereja.

— Oh — disse a Rita, quando terminaram. — Não se parece nada com a árvore de Natal que eu vi.

Tristes, os ratinhos voltaram as costas e, desiludidos, caminharam de regresso a casa, para se deitarem.

A meio da noite, a Senhora Rato acordou os seus pequenotes.

— Venham comigo — sussurrou. — Quero mostrar-vos uma coisa.

Os ratinhos apressaram-se para junto da mãe, seguindo-a em direcção à floresta.

Pelo caminho, viam alguns animais que passavam por eles, cheios de pressa.

Por fim, os ratinhos chegaram à clareira. A Rita parou de repente e os seus olhos começaram a ficar mais e mais redondos e brilhantes.

— Oh, vejam aquilo! — exclamou.

Durante a noite, os animais da floresta tinham acrescentado mais enfeites à árvore e a neve começara a cair, cobrindo tudo com o seu brilho. A pequena árvore piscava sem parar na escuridão.

— A nossa árvore é ainda melhor do que a que se vê à janela. — sussurrou a Rita, muito feliz.

E, talvez por ser Natal, todos os animais se sentaram à volta da árvore, tranquilos e em paz.

Christine Leeson
Um Natal muito especial
V. N. Gaia, Edições Gailivro, 2006



Tenho Um Tigre

- Eu tenho um cão — diz Tobias.
- Eu tenho um porquinho-da-índia — diz Ana.
- E nós temos um gato! — exclama Sandra.
- E eu tenho uma tartaruga — diz Fernando.
- Nós temos peixes e um coelho! — exclama Marco.
- E eu tenho dois canários — diz Jorge.
- E eu tenho um hamster que se chama Fips — diz Catarina.
- O meu cão chama-se Bola.
- O meu porquinho-da-índia gosta de se esconder.
- O nosso gato brinca comigo.
- A tartaruga hiberna.
- Durante a noite, o coelho vai para debaixo da minha cama.

Todas as crianças falam numa grande confusão. Só Mário está sentado em silêncio a ouvir.

— E eu — diz de repente — eu tenho um tigre que dorme na minha cama.

— O Mário está maluco! — exclama Catarina.

As crianças desatam à gargalhada.

— Não acreditamos.

— Mas é verdade — diz Mário. — Amanhã vou trazê-lo para a escola. É de pano, foi a minha mãe que mo fez.

Era Uma Vez Um Dia

Nunca fui navegar num barco de piratas, ou usei uma argola de ouro na orelha, ou tive um papagaio no ombro poisado, ou desenterrei um tesouro assinalado num mapa secreto com uma.

Mas já fui pescar com uma rede, e não apanhei peixe algum; apenas uma rã, verde como a relva e húmida como um sabonete, e tentei apanhá-la. Só que escorregou-me das mãos e aterrou num charco.

Nunca persegui um fantasma por um corredor assombrado, ou vi morcegos bater asas de couro, enquanto voavam através de teias de aranha, ao som do pio dos mochos.

Mas já levei a minha avó às compras sozinho e tive muito cuidado a atravessar a rua. E ela deu-me um copo de leite e um bolo numa loja bem grande.

Nunca fugi de casa para ir para o circo, ou pintei a cara como um palhaço, ou guiei um carro a cair aos bocados, ou sequer atirei água à minha irmã.

Mas já estive junto de uma fogueira, tão quente como as férias e tão grande como uma casa, e vi os foguetes estalarem por cima de mim no céu outonal. Ouvi os estalidos e vi as faíscas coloridas saltarem como água da fonte, cheirei o fumo e provei as explosões.

Nunca corri com os lobos numa floresta, ou trepei com os ursos por entre árvores tão direitas que parecem feitas a pique, ou vi a lua cavalgar pela noite.

Mas já acampeei numa tenda no jardim, e o meu pai dormiu junto a mim. Ficou assustado quando um coelho nos acordou, porque achava que estava na cama. Mas ambos rimos e adormecemos de novo.

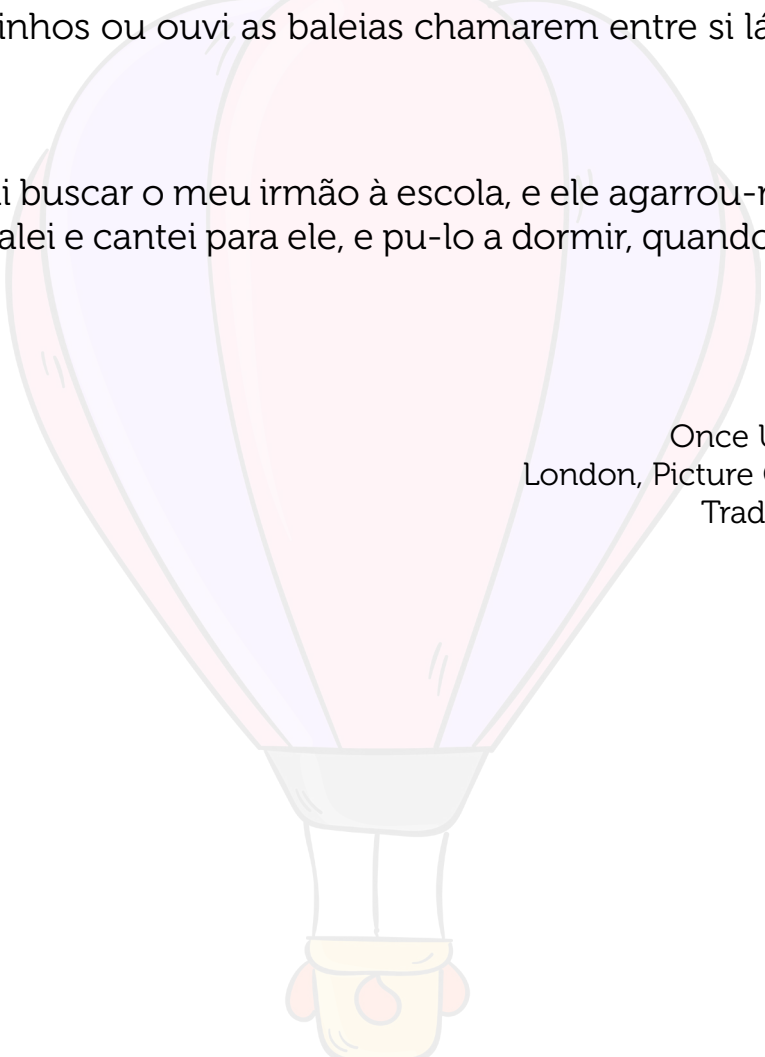
Nunca respirei o fumo da boca de um dragão, ou vi as suas escamas de prata, ou ouvi as suas garras rasparem no chão empedrado e cinzento

de uma caverna escura, ou cortei as cordas de um prisioneiro, enquanto o dragão nos sobrevoava.

Mas já fiz um anel de prata em papel para dar à minha mãe, com um botãozinho de vidro macio, tão vermelho como os lábios e tão claro como o dia, e ela levou-o a uma festa.

Nunca andei no mar numa prancha de surf, ou vi, através da água às risquinhas, o fundo do oceano, onde as medusas nadam com os amigos. Ou nadei com golfinhos ou ouvi as baleias chamarem entre si lá nas profundezas.

Mas já fui buscar o meu irmão à escola, e ele agarrou-me o dedo com força. Já o embalei e cantei para ele, e pu-lo a dormir, quando ninguém conseguia.



Toby Forward
Once Upon an Everyday
London, Picture Corgi Books, 2001
Tradução e adaptação

O Sono e o Sonho

A noite tem dois filhos: um chamado Sono e o outro chamado Sonho. Gosta, quando o tempo está frio, de os agasalhar debaixo do manto de veludo negro que, umas vezes, enfeita com estrelas brilhantes e, outras, com nuvens carrancudas.

O Sono e o Sonho, como todos os irmãos, têm as suas brigas e aborrecimentos. E porquê? Ora, por tantas razões! Mas a principal é esta: é que o Sono gosta de dormir a bom dormir e o Sonho tem o hábito de aparecer pelo meio a meter-lhe fantasias na cabeça.

Quando isso acontece, a mãe, que gosta que a tratem apenas por Noite, sem dona nem senhora atrás do nome, aparece, faz uma festa na cabeça de cada um, dá razão aos dois e depois aconselha:

— Agora vamos dormir, porque amanhã é dia de trabalho.

De quem os dois irmãos não gostam nada é de um primo que têm chamado Pesadelo, porque é feio, irritante, e tem o costume de contar histórias de arrepiar, que deixam os dois muito trémulos debaixo do manto da Noite.

Um dia destes, o Sono e o Sonho decidiram pregar uma partida ao primo Pesadelo. Sabem como? Fingiram que estavam a dormir muito descansados e deixaram-no aproximar-se. Quando ele se preparava para lhes contar uma daquelas histórias de pôr os cabelos em pé, saltaram os dois da cama com lençóis brancos na cabeça, mascarados de fantasmas, e pregaram um tremendo susto ao primo mal-encarado, que passou muitos meses sem aparecer.

Nesse dia, a Noite cobriu-se com o seu manto de estrelas brilhantes e dormiu até de manhã com os dois filhos enroscados e felizes a seu lado.

José Jorge Letria
Histórias do Sono e do Sonho
Editorial Desabrochar, 1990

Castelos de Areia

Junto a uma serra há uma praia pequenina, de areia macia, onde as crianças gostam de brincar. É ali que se encontram muitas vezes a Rita, o Miguel e o André, três primos, cuja melhor brincadeira é construir castelos, ali à beira do mar. Mas são sempre uns senhores castelos! Altos, com torres e torreões, com portas e portões! E é ver quem faz o castelo mais alto, mais complicado, mais... tudo!

Um dia, os primos resolveram construir um castelo com pessoas, cavalos, portas, janelas, árvores e tudo o mais que lhes viesse à cabeça. E o castelo ali se ergueu, maior do que todos os outros.

— Castelo sem princesa, nunca se viu! — disse a Rita. E logo os primos puseram uma princesa à janela.

— Castelo sem bandeiras, nunca se viu! — disse o Miguel. E logo apareceram bandeiras de papel na torre mais alta, a ondular ao vento.

— Castelo sem fosso, nunca se viu! — queixava-se agora o André. E lá fizeram um fosso cheio de água.

— Um castelo deve ter bruxas! — continuou a Rita. E ela mesma fez uma bruxa a saltar da torre, montada numa vassoura.

— Um castelo deve ter fadas! — pediu o André. E a fada entrou pela ponte levadiça.

— Um castelo deve ter um gigante! — E o Miguel ria-se enquanto fazia um gigante ao lado da fada.

— À noite, as tempestades metem medo! — E a Rita salpicava o castelo com água do mar, como se fosse uma grande chuvada.

— E o vento sopra forte... — E todos sopravam e riam, riam e sopravam.

— E um dragão, um castelo precisa de um dragão! — gritou o Miguel — Vamos fazer um dragão.

— Não vamos fazer dragão nenhum; o Fofinho serve. — E a Rita puxou o cão para junto do castelo.

— E agora chega o príncipe e mata o dragão. — anunciou o André.

— Mata nada! O cão é meu! — gritou o Miguel, agarrado ao Fofinho, que não parecia interessado em fazer o papel de dragão.

Entretanto, o mar tinha subido devagarinho e já destruíra uma porta do castelo.

— Meninos, são horas do almoço! — chamava a tia Isabel. — Já estão há muito tempo aí ao sol.

— É isso! É isso! — disse o Miguel, muito sisudo. — É o tempo, é o tempo! Não há castelo que escape aos ataques do tempo! Ele passa e as muralhas irão cair, as paredes abrirão fendas; do castelo em ruínas fugirão fadas e dragões, bruxas e gigantes! Amanhã será a altura de reconstruirmos o nosso castelo.

— Amanhã faremos novas torres — garantia o André.

— Amanhã teremos novas fadas — afirmava o Miguel.

— Pois é, e hoje teremos novo almoço! Vamos comer.

E a Rita correu para casa com os primos e o cão-dragão atrás dela.

O castelo ali ficou na luta com o mar. Aos poucos, as torres caíram, o fosso desfez-se, a fada já não era mais do que um montinho de areia, arredondado pelas ondas. O mar ia deixar a praia de novo lisa e macia, pronta para que as crianças viessem construir os seus castelos de areia com dragões, gigantes e feiticeiros.

Amanhã, recomeçará a brincadeira do mar e das Ritas, dos Migueis e dos Andrés que sonham e constroem castelos de areia.